

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

DISSERTAÇÃO

**Um clássico fora de seu quadrado: contos de Machado de Assis
dos originais aos quadrinhos lidos por estudantes do Ensino Fundamental.**

Elizabeth Vicente Monteiro dos Santos

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

**UM CLÁSSICO FORA DE SEU QUADRADO: CONTOS DE MACHADO DE ASSIS DOS
ORIGINAIS AOS QUADRINHOS LIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

ELIZABETH VICENTE MONTEIRO DOS SANTOS

Sob orientação do professor

Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Curso de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Área de Concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica, RJ
2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

s237c

Santos, Elizabeth Vicente Monteiro dos, 1969-
Um clássico fora de seu quadrado: contos de
Machado de Assis dos originais aos quadrinhos lidos
por estudantes do Ensino Fundamental. / Elizabeth
Vicente Monteiro dos Santos. - Rio de Janeiro, 2020.
308 f.

Orientador: Marcos Estevão Gomes Pasche.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Letras/Profletras, 2020.

1. Leitura. 2. Literatura. 3. Conto. 4.
Quadrinhos. I. Pasche, Marcos Estevão Gomes, 1981-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Letras/Profletras III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ELIZABETH VICENTE MONTEIRO DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 26/06/2020.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche (UFRRJ)
Orientador

Prof. Dr. Ana Crélia Penha Dias (UFRJ)
Avaliador externo

Prof. Dr. Claudia Barbieri Masseran (UFRRJ)
Avaliador interno

Dedico este estudo a Deus, que rege a minha vida e me conduz em vitórias, concedendo-me muito além do que eu possa imaginar e à minha família que tanto me apoia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois tudo o que tenho, tudo o que sou e o que vier a ser vêm dele. A Ele, que me ama incondicionalmente, o meu louvor e toda a minha gratidão!

Ao meu esposo Getúlio e minha amada filha Isabela, que mesmo sentindo a minha ausência em determinados momentos, por conta da realização deste trabalho, souberam me entender e aguardar a finalização desta fase tão importante em minha vida. Que juntos possamos colher os frutos resultantes desta conquista e de outras que ainda virão.

À minha amada mãe Luzia, que apesar das muitas dificuldades pelas quais passou para criar seus seis filhos, nunca abriu mão de nossa educação, mesmo não tendo tido a oportunidade de receber o ensino formal, por ter sido obrigada a trabalhar no roçado para ajudar seus pais.

À minha querida irmã Maria de Lourdes, que durante todo o período deste curso, soube entender como ninguém minhas ausências e que nunca duvidou de minhas justificativas para elas, entendendo este momento tão sublime em minha vida.

Ao meu orientador, professor Marcos Pasche, o que dizer?

Acredito que no momento em que você aceitou o convite para me orientar nesta dissertação, não imaginava os percalços que teríamos de enfrentar. Contudo, você se mostrou uma pessoa generosa e amiga, orientando-me nas dificuldades, transmitindo serenidade e companheirismo. Eu já externei minha gratidão, mas o faço aqui novamente: Muito obrigada!

Às professoras da banca avaliadora, Ana Crélia Penha Dias e Claudia Barbieri Masseran, meus sinceros agradecimentos pela atenção dispensada à leitura deste trabalho e pelas preciosas recomendações para o seu aperfeiçoamento.

Sou grata aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que compartilharam seus conhecimentos e experiências, levando-me à reflexão e ao aprimoramento de minha prática docente.

Agradeço à direção do Colégio Estadual Marcílio Dias onde esta pesquisa foi aplicada, que tão atenciosamente colaborou em tudo o que foi solicitado.

Por fim, aos meus queridos alunos da turma 901, que, mesmo com muitas dificuldades, procuraram, de alguma forma, contribuir para que esta pesquisa pudesse ser realizada e com os quais vivi experiências enriquecedoras que levarei para toda minha vida.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

Vimos que a leitura é uma experiência singular. E que, como toda experiência, implica riscos, para o leitor e para aqueles que o rodeiam. O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus 'pertencimentos'. Perde algumas plumas, mas eram plumas que alguém havia colado nele, que não tinham necessariamente relação com ele. E às vezes tem vontade de soltar as amarras, de mudar de lugar.

Michèle Petit

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Antonio Candido

E eis que os anos se passaram e vivemos e esquecemos tanto; mas esses pequenos, insignificantes contos, esses grãos de areia no imenso mar da literatura continuam aí, palpitando em nós.

Cortázar

RESUMO

SANTOS, Elizabeth Vicente Monteiro dos. **Um clássico fora de seu quadrado: contos de Machado de Assis dos originais aos quadrinhos lidos por estudantes do Ensino Fundamental**. 2020. 308p. Dissertação (Mestrado profissional em Leitura e Letramentos) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

Esta pesquisa pretende contribuir, por meio da leitura e análise dos contos de Machado de Assis, tanto na sua forma original quanto na transposta para os quadrinhos, para a formação do leitor literário no Ensino Fundamental. Com esse objetivo, foi proposta uma sequência didática com os contos machadianos em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental no ano de 2019, em um colégio da rede pública do estado do Rio de Janeiro, localizado no município de Belford Roxo. A sequência incluiu a leitura de vários contos de Machado, o estudo dos elementos narrativos, a estrutura do gênero conto e, ao final, a leitura e reescrita do conto "Uns braços" e a análise de quatro adaptações para os quadrinhos do conto "O alienista". Ao término da pesquisa, verificou-se a pertinência ou não do uso de clássicos em quadrinhos como instrumento de aproximação do aluno ao texto literário, isto é, se os recursos oferecidos pelos quadrinhos podem ser um suporte viável para promover essa aproximação, e se as atividades propostas realmente contribuíram para sua formação como leitor literário. A ideia fundamental deste trabalho está calcada no pensamento de Antonio Candido, que entende o acesso à literatura como um direito de todos. Além disso, busca-se considerar a formação literária como um processo subjetivo e contínuo, que pode se realizar mediante a exposição dos alunos a variadas experiências literárias ao longo de sua trajetória escolar. Para iluminar teoricamente essa reflexão, foram discutidos textos de Michèle Petit, Cecília Bajour, Jorge Larrosa, Teresa Colomer, Tzvetan Todorov, Júlio Cortázar, entre outros.

Palavras-chave: Contos machadianos, leitura, literatura.

ABSTRACT

SANTOS, Elizabeth Vicente Monteiro dos. **A classic out of your square: Machado de Assis tales from originals to comics read by elementary students.** 2020. 308p. Dissertation (Master's degree in Reading and Literature) - Institute of Human and Social Sciences of Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

This research intends to contribute, by reading and analyzing Machado de Assis' tales, both in their original form and in the transposed to comics, for the formation of the literary reader in Elementary School. With this objective, a didactic sequence was proposed with Machado's tales in a class from the 9th grade Elementary School in 2019, in a public school in the state of Rio de Janeiro, located in the municipality of Belford Roxo. The sequence included reading several Machado's tales, studying the narrative elements, structure of the tale genre and, at the end, reading and rewriting of the tale "Uns arms" and the analysis of four adaptations of from the tale "The alienist ". At the end of the research, it was verified the pertinence or not of the use of classics in the comics, as an instrument of approximation of the student to the literary text, that is, if they are resources offered by comics are able to be a viable support to promote this approximation of the student to the literacy text, that is, if the resources offered by the comics can be a viable support to promote this approximation, and if the proposed activities really contributed to his formation as a literary reader. The fundamental idea of this work is based on the thought of Antonio Candido, who understands access to literature as a right of all. In addition, we seek to consider literary formation as a continuous, subjective process that can be accomplished through the exposure of students to various literary experiences throughout their school trajectory. To theoretically illuminate this reflection, texts by Michele Petit, Cecília Bajour, Jorge Larrosa, Teresa Colomer, Tzvetan Todorov, Júlio Cortázar, among others, were discussed.

Keywords: Machado's tales, reading, literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FORMAÇÃO DE LEITORES	19
2.1 A Formação do Leitor Literário	19
2.2 Literatura no Ensino Fundamental	24
2.3 O Conto literário	28
2.4 O Conto Machadiano	36
2.5 Em Defesa do Cânone	44
3 OS QUADRINHOS	50
3.1 Origens das histórias em quadrinhos	50
3.2 Evolução das histórias em quadrinhos	52
3.3 Os elementos constituintes das histórias em quadrinhos	71
3.4 As adaptações dos clássicos da Literatura para os quadrinhos no Brasil	101
4 METODOLOGIA	107
4.1 As Atividades Realizadas com a Turma	108
4.2 A Sequência Didática	119
4.2.1 Pré-leitura	119
4.2.2 Leitura	119
4.2.3 Pós-leitura	120
4.2.3.1 O questionário proposto	121
5 EM PRÁTICA (Uns Braços)	122
5.1 “Uns Braços”	122
5.2 A Leitura em Voz Alta	125
5.3 A Reescrita do Conto	130
5.4 Da leitura à Autoria	134

5.4.1 Situação Inicial	135
5.4.2 O enredo	141
5.4.3 O desfecho	156
6 EM PRÁTICA (O Alienista)	166
6.1 A sequência didática realizada com o conto	166
6.1.1 Pré-leitura	169
6.1.2 Leitura	170
6.1.3 Pós-leitura (Análise das adaptações)	170
7 CONCLUSÃO	209
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216
APÊNDICES	222
A - Diagnose sobre os quadrinhos	222
B - Roteiro usado na diagnose sobre o conto	226
C – Roteiro para o seminário	227
D - Questões sobre o conto “Uns Braços”	228
E – Roteiro para análise das adaptações do conto “O Alienista”	229
ANEXOS	232
A - Termo de consentimento livre e esclarecido	232
B - Termo de anuência	234
C - Redação do aluno A01/37	235
D - Redação do aluno A02/37	237
E – Redação do aluno A03/37	239
F – Redação do aluno A04/37	245
G – Redação do aluno A05/37	250
H – Redação do aluno A06/37	251

I – Redação do aluno A07/37	252
J – Redação do aluno A08/37	256
K – Redação do aluno A09/37	257
L – Redação do aluno A10/37	259
M – Redação do aluno A11/37	261
N – Redação do aluno A12/37	263
O – Redação do aluno A13/37	265
P – Redação do aluno A14/37	266
Q – Redação do aluno A15/37	268
R – Redação do aluno A16/37	269
S – Redação do aluno A17/37	272
T – Redação do aluno A18/37	273
U – Redação do aluno A19/37	276
V – Redação do aluno A20/37	277
W – Redação do aluno A21/37	278
X – Redação do aluno A022/37	280
Y – Redação do aluno A23/37	282
Z – Redação do aluno A24/37	285
AA – Redação do aluno A25/37	287
BB – Redação do aluno A26/37	288
CC – Redação do aluno A27/37	289
DD – Redação do aluno A28/37	292
EE – Redação do aluno A29/37	293
FF – Redação do aluno A30/37	295
GG – Redação do aluno A31/37	296
HH – Redação do aluno A32/37	297
II – Redação do aluno A33/37	299
JJ – Redação do aluno A34/37	300
KK – Redação do aluno A35/37	302
LL – Redação do aluno A36/37	305
MM – Redação do aluno A37/37	307

1. INTRODUÇÃO

O objeto de minhas pesquisas não é tanto como podemos “construir” leitores, [...], mas principalmente como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos.

Michèle Petit

No meio acadêmico muito já se tem estudado e pesquisado sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras, porém, a ampliação e o aprofundamento a respeito desse assunto precisam ser priorizados, pois o que se observa na maioria das instituições de ensino, nas aulas de literatura, é a ênfase, no Ensino Médio, na periodização historiográfica e na leitura de trechos de obras de alguns autores, e o estudo de alguns gêneros literários na segunda etapa do Ensino Fundamental, fase da escolarização básica que sequer dispõe de uma sistematização do ensino literário, e esta é também a realidade dos alunos de minha unidade escolar situada no município de Belford Roxo, no bairro de Maringá, no Estado do Rio de Janeiro.

O maior espaço do tempo destinado às aulas de literatura precisa ser ocupado pelos textos, ampliando a convivência dos estudantes com eles, oferecendo-lhes acesso, formação e oportunidades de construírem experiências de leitura e, possivelmente, a sensibilização para a leitura das obras literárias e de gêneros diversos. Sobre esta realidade, na apresentação à edição brasileira do livro *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov, Caio Meira fez a seguinte observação:

O perigo mencionado por Todorov não está, portanto, na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou da criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional (TODOROV, 2009, p.10).

Embora a Literatura não conste como disciplina formal no currículo escolar do Ensino Fundamental da maioria das redes, bem como nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, se faz presente por meio da proposta de estudo dos gêneros textuais, como o conto e a crônica. Porém, como tem sido feito este estudo? Ou melhor, como a Literatura tem sido ministrada para esta etapa da escolarização? O que tem sido priorizado?

As reflexões que tenho feito a respeito de minhas práticas em sala de aula, somadas às leituras realizadas antes e principalmente durante o mestrado, me impulsionaram a ter um olhar mais atento em relação tanto ao conteúdo ensinado, isto é, o que priorizava no ensino desta disciplina, como ao modo de se ensiná-lo e como deveria fazê-lo. Assim, entendendo que a Literatura mostra-se presente no Ensino Fundamental, como seria a forma mais adequada de explorar os gêneros literários propostos? Continuar a abordá-los por seus aspectos estruturais apenas ou proporcionar aos estudantes a possibilidade de ler diversos textos, inclusive canônicos, para que eles possam ter, e muitos, pela primeira vez, contato com o texto literário?

A partir destas considerações procurei pensar se seria possível realizar um trabalho de formação de leitores de literatura no Ensino Fundamental, e como realizar a abordagem do texto literário na sala de aula para este nível de ensino. Formulei, assim, algumas estratégias que resultaram na elaboração de um projeto de mediação didática com a turma do 9º ano para a qual lecionei no ano de 2019, com o intuito de tentar fazer com que os alunos entrassem em contato com o texto literário, entendendo que a literatura, além de ser um direito, é necessária para a sua formação, e não um mero apêndice das aulas de língua portuguesa. Sobre este assunto, Antônio Candido afirma que “A literatura é uma necessidade imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade [...]” (1988, p.180). Este mesmo autor ressalta a existência da necessidade de fabulação de todos os povos e culturas, e enquadra a literatura dentro do que se considera uma necessidade universal, e que, por isso, deve fazer parte dos direitos considerados indispensáveis para o ser humano.

[...] verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (1988, p.186).

Candido, além disso, defende o papel humanizador da literatura, cujo efeito das produções atua sobre nós de modo simultâneo sobre três aspectos: por ser uma construção de objetos autônomos, como estrutura e significado e por ser uma forma de expressão e de conhecimento, “inclusive como incorporação difusa e inconsciente” (1988, p.176). Ainda segundo este autor, quando o poeta ou o narrador elaboram uma obra literária, a estrutura criada nos propõe um modelo de coerência que nos capacita a ordenar nossa própria mente e sentimentos. Uma espécie de modelo de “superação do caos”, que se propõe a articular, humaniza e permite que os sentimentos passem do estado de mera emoção para o da forma construída.

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 1988, p.177).

A formação do leitor, e, em especial, do leitor de obras literárias, precisa, pelo que se tem observado no meio escolar, ser objeto de mais atenção, pois se trata, a priori, como temos visto, de uma necessidade humana. Esta formação, ainda que não garanta que muitos jovens se interessem pela leitura, sempre valerá a pena, pois, “[...] ainda que seja impossível prever quais são os livros aptos a ajudar a alguém a se descobrir ou a se construir (2013, p.48)”, como disse a antropóloga francesa Michèle Petit, em seu livro *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, a leitura:

[...] pode ser um recurso para dar sentido à experiência de alguém, para dar voz a suas esperanças, a suas desventuras, a seus desejos; a leitura pode também ser um auxiliar decisivo para que se recupere e encontre a força necessária para sair de algo; e, finalmente, outro elemento fundamental, a leitura é uma abertura para o outro, pode ser o suporte para os intercâmbios. Estas várias dimensões, segundo a experiência de cada um, são muitas vezes uma única e mesma coisa (2013, p.66-67).

Após apontar aquele que considera ser o grande obstáculo à formação de leitores: o medo do livro e suas implicações, esta mesma autora afirma que “[...] embora a leitura seja com frequência uma história de família, é também uma história de encontros (2008, p.144)”. Outras pessoas além da família, como professores, bibliotecários, entre outros, podem promover o encontro com o livro.

O gênero literário escolhido para a realização deste projeto é o conto, por ser menos extenso que, por exemplo, o romance, e mais viável em relação a custos. Apesar da extensão, é possível, no entanto, que não se perca nada em qualidade, pois os efeitos de um bom conto no leitor podem ser os mesmos provocados por um bom romance.

Mas, de que forma explorar este gênero? Realizando apenas a abordagem de seus aspectos formais ou proporcionando a leitura de vários contos, inclusive de algum autor canônico, para que os alunos tenham contato com o texto literário? Diante destas questões, elaborei uma sequência didática com contos de Machado de Assis, entre os quais selecionei dois para serem usados no trabalho final desta pesquisa, que foram: “Uns braços” e “O Alienista”.

O trabalho com o conto “Uns braços” consistiu na leitura, na realização de exercícios com roteiro de perguntas e na sua reescrita, em que deveria ser modificado o foco-narrativo. Passaria de narrador-onisciente para narrador-personagem, sob o ponto de vista de D. Severina, casada com um homem mais velho chamado Borges, e que se sentiu atraída por Inácio, um jovem de 15 anos, o qual foi morar na casa do casal. Na reescrita, os alunos deveriam mudar o “objeto do desejo” do rapaz, que no conto original, eram os braços de D. Severina, para outra parte do corpo que, atualmente, chame mais a atenção dos jovens deste século, e, em especial dos próprios alunos da turma.

Também foi realizada uma atividade com o conto “O Alienista”, que consistiu na leitura e análise de quatro adaptações diferentes deste conto para os quadrinhos. Nesta atividade os alunos tiveram que analisar a forma como cada quadrinista utilizou suas habilidades e estilo próprios de desenhistas ao lançar mão dos recursos quadrinísticos para transpor o conto para a narrativa gráfico sequencial.

Para o propósito desta pesquisa, a utilização dos contos machadianos como *corpus* tornou-se bastante pertinente, pois Machado de Assis, em suas obras, primava por nelas expor manifestações diversas de conflitos sociais cujas motivações podem se aproximar muito das que ocorrem hoje em dia. Sobre este aspecto, Alfredo Bosi faz a seguinte observação: “O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império” (BOSI, 1999, p.11).

Assim, algumas condutas recorrentes em seus contos também são observadas em nossos dias, por isso são tão atuais, pois apesar de não nos serem contemporâneas, têm significado para

nosso tempo. Sobre isso Cosson (2018, p.34) afirma: “Obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim e para meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação”. E este fato pode fazer com que os estudantes, de alguma forma, se identifiquem mais com o texto, por verificarem, apesar de terem sido escritos há tanto tempo, comportamentos humanos que não são tão diferentes dos que apresentamos hoje e, por isso, próximos da percepção de sua realidade.

Sua escolha também se deu devido a Machado ser um autor canônico, e, por isso, muito possivelmente algumas de suas obras serão estudadas em séries posteriores, aparecerão em vestibulares e em provas de avaliação externas ou internas. Ainda que muitos estudantes resistam aos seus textos, assim como a outros textos de autores clássicos, por sentirem dificuldades principalmente com a linguagem e com a estrutura de suas narrativas, é importante que se inicie os alunos na leitura destes autores considerados “difíceis” para que possam se apropriar, de alguma forma, de nossa herança cultural. Também é necessário que se ressalte que a escola, como lugar privilegiado de ensino, precisa considerar que se não for dada esta oportunidade ao aluno, muito provavelmente ele passará a vida sendo leitor apenas de livros de apelo comercial ou religioso, por exemplo.

Procurando atrair a atenção do estudante com formas pertinentes, criativas e interessantes de transmissão de conteúdo, de modo que eles tenham real interesse em ler e explorar o universo que a leitura do texto literário pode lhes oferecer, utilizei, além dos contos no formato original, os clássicos adaptados para os quadrinhos, como uma ferramenta promissora para possibilitar este resultado e ainda vir a abrir espaço para a aproximação dos alunos dos textos literários em sua forma primária.

A maioria das pessoas, principalmente as crianças e os adolescentes, têm ou já tiveram contato com alguma história em quadrinhos e, dessa forma, o trabalho com o formato quadrinizado, mesmo sendo alvo de discussões em relação à viabilidade de seu uso como recurso pedagógico, apresenta-se como uma possibilidade didática que pode ser promissora, pois além de ser um gênero com o qual os alunos estão mais familiarizados, poderá facilitar a compreensão dos textos devido às suas características peculiares e atrativas.

Desse modo, as versões em quadrinhos dos contos de Machado de Assis, que não pretendem substituir as obras originais, mas sim interagir com elas de modo complementar, permitindo a abertura de novas possibilidades de condução da narrativa e recepção da mensagem,

apresentam-se como uma possível via de acesso à obra primária, podendo assim, se tornar fortes aliadas para os propósitos deste trabalho.

Sobre o poder enriquecedor da literatura e sua capacidade de nos aproximar mais dos outros e de nós mesmos, Todorov afirma que:

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (2009, p.23,24).

Se a literatura é tão importante e pode contribuir tanto para o enriquecimento intelectual, interpessoal e emocional das pessoas, não restam dúvidas de que a escola precisa oferecer uma formação literária que contribua tanto na sensibilização para o valor estético das obras como para sua formação cidadã. Desse modo, pretende-se, além da reescrita do conto “Uns Braços” e da análise comparativa das quatro adaptações de “O Alienista”, trabalhar a identificação de alguns conflitos sociais encontrados na obra machadiana, abordando também aspectos de composição literária do gênero em estudo.

2 FORMAÇÃO DE LEITORES

Uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer nenhuma muralha fortificada de conhecimentos preliminares em torno do livro. [...] Leitura presente. Ler e esperar. Não se força uma curiosidade, desperta-se. Ler, ler e ter confiança nos olhos que se abrem, nas cabeças que se divertem, na pergunta que vai nascer e que vai puxar uma outra pergunta.

Daniel Pennac

2.1 A Formação do Leitor Literário

Em sua obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, a educadora espanhola Teresa Colomer traça um itinerário do ensino de Literatura através dos tempos (COLOMER, 2007). Na trajetória do ensino literário, a literatura teve um papel determinante como eixo do ensino linguístico, cuja formação se prestava a moldar o gosto pelo viés da cultura clássica greco-latina, permanecendo assim até nossos dias; no entanto, isso não significa que as obras literárias tenham sido, de fato, lidas pelos estudantes nas aulas, muito menos que a literatura lida tenha sido adequada ao interesse e à capacidade leitora dos estudantes, não apresentando, assim, uma presença consistente e sólida nas atividades escolares.

Com a perda do centralismo da literatura nas escolas, ocasionado pelas transformações ocorridas nas sociedades ocidentais, as quais, decepcionadas com o ensino literário que há mais de um século regeu o esforço escolar efetuado, passaram a redefinir a formação que desejavam que a escola oferecesse, assim, o ensino de literatura foi afetado, deixando de ser um dos pilares da educação, e um novo modelo educativo fez com que seus objetivos de ensino desaparecessem.

Mesmo a substituição da aprendizagem para criar discursos orais e escritos, pelo estudo da evolução cronológica literária nos estudos secundários no século XIX, não inseriu os estudantes na leitura dos textos em si, pois se recorria principalmente à leitura de fragmentos de obras para comprovar os juízos de valor e as características do período estudado (COLOMER, 2007, p.17).

Esta autora dispensa especial atenção ao período após a Segunda Guerra Mundial, momento histórico em que ocorreu a explosão demográfica que acabou por modificar o perfil dos estudantes e, conseqüentemente o modelo de ensino de literatura, de modo que o uso da biblioteca e a leitura de obras completas passaram a ter lugar de forma mais generalizada nos ambientes escolares, e em meados do século XX, começaram a ser escritos livros idealizados para a utilização escolar, ainda que com a função de instruir moralmente os estudantes. Assim, como afirma Colomer: “[...] o nascimento da literatura infantil e juvenil como objeto de estudo produziu-se apenas em tempo recente, e a pesquisa nesse campo só começou a desenvolver-se, realmente, depois da Segunda Guerra Mundial” (2003, p.13).

Com a modificação da composição social dos alunos no pós-guerra, provocados pela contribuição mútua da explosão demográfica e a necessidade de ampliação do período de escolaridade, a escola passou a formar alunos procedentes de todos os setores sociais, acabando por criar um contexto responsável pelo desajuste em relação ao ensino de literatura. Porém, este “modelo educativo que havia sido concebido para os setores minoritários da população, resultava inoperante e ineficaz para enfrentar uma escola de massas” (COLOMER, 2007, p.21), pois o fracasso de educação leitora começou a dar seus sinais a partir da década de 1960.

Esta autora aponta ainda outras causas que contribuíram para este desajuste: o uso intenso e variado da palavra escrita e o surgimento e avanço da comunicação audiovisual, que, segundo esta autora: “[...] contribuiu para satisfazer a necessidade de fantasia própria dos seres humanos, além de fornecer outros canais para a formação do imaginário coletivo [...]” (2007, p.13). Além da cultura do audiovisual, a difusão dos livros pelo mercado editorial igualmente interferiram na antiga função escolar de apresentar a literatura aos estudantes. A escola passa a encontrar-se, então, diante da necessidade de modificar seus objetivos, incorporando a leitura de diversos gêneros textuais, bem como a ampliação do *corpus* literário com obras não canônicas.

A partir da segunda metade do século XX, as concepções sobre os processos de ensino-aprendizagem e as teorias linguísticas e literárias que estavam em voga nos anos sessenta, passam a reivindicar o acesso direto à leitura das obras e sua análise enquanto construção textual. Há uma mudança de foco do autor para o texto como objeto de estudo. Quando o final do século XX se aproximava, ocorreu uma ampliação em duas vertentes: as teorias da recepção e as teorias pragmáticas. Ademais, começam a se desenvolver e avançar estudos na área da cognição e da psicolinguística. Essas diversas linhas de pesquisa levaram à noção de que a formação literária no

contexto escolar se presta a promover o debate sobre a cultura, tornando-se mais clara a necessidade de desenvolver, no aluno, uma capacidade interpretativa, e isso deveria ser feito a partir da leitura das obras.

A partir dos anos de 1990 a aceitação das teorias da recepção no meio escolar, por exemplo, contribuiu, como diz Annie Rouxel no artigo “Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?”: “[...] para definir a norma de recepção a partir do ‘leitor modelo ou implícito’: o aluno, instituído leitor” (2012, p.274), porém, ainda segundo esta autora, somente a partir de 2004 a noção de “sujeito leitor” passa a ser abertamente discutida e levada em conta na esfera didática.

Um dos principais objetivos da escola deve ser a formação literária do aluno, tendo como base a leitura, já que, como afirma Colomer: “[...] o que a escola deve ensinar, mais do que ‘literatura’, é ‘ler literatura’” (2007, p.30). Todorov, sobre o modo como as aulas de literatura têm sido conduzidas, afirma que, assim: “[...] a literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública” (2009, p.10). Deste modo, a leitura do texto tem primazia sobre a literatura e os estudos sobre literatura. O texto deve ocupar o centro das aulas nas escolas.

Também é fundamental que todos os que pretendem investir na formação do leitor literário, entendam que essa formação não acontece de um dia para o outro; na verdade, como nos diz Colomer, não se deve ter “[...] a ideia de que ‘se chega’ um dia à literatura, mas que se desfruta e que se aprende sempre no presente” (2007, p.63). Portanto, trata-se de um processo complexo e que, como tal, não acontece de uma só vez, mas, pelo contrário, aos poucos e de maneiras distintas. Sobre esta realidade que não pode ser ignorada, Cademartori afirma que:

Quando se trata de leitura [...] é importante ter presentes os diversos estágios por que passa um leitor, porque a formação não se dá de uma só vez, nem de modo único ou mecânico. Tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas (2012, p.24).

Enfim, é um processo que depende de algumas variáveis para viabilizar sua continuidade e a obtenção dos resultados pretendidos. Em relação aos alunos de todas as esferas e etapas educativas, por exemplo, é preciso que tenham acesso aos textos literários, desejem participar das

experiências de leitura a despeito de viverem em uma geração que privilegie excessivamente a comunicação digital, instantânea e atrativa, tenham de alguma forma, acesso a estes textos, e sejam motivados através da realização de atividades escolares que possam permitir a aproximação dos estudantes com os textos, e oportunizar a possibilidade de partilha de experiências que possam aproximá-los da leitura literária.

Apesar de se reconhecer que mesmo após muitos esforços, não se possa garantir que os alunos se tornem leitores, é fundamental que a escola, como ambiente privilegiado para se promover a leitura e que tem o dever de estimulá-la (COLOMER, 2007, p.11), não se abstenha desta tarefa tão sublime e importante para a formação dos estudantes, independentemente da recepção destes para com os textos e da realidade em que estão inseridos. A escola é, segundo Coenga, “[...] sem sombra de dúvida, o lugar onde a maioria das crianças e jovens tem a chance para se familiarizar com a leitura” (2010, p.52).

Michael McKenna destaca que, embora haja muitos fatores de impedimento ao incentivo da leitura, nenhum professor deve negá-la aos seus alunos:

Nenhum professor negaria a importância de incentivar-se uma atitude positiva em relação à leitura. Inúmeros fatores, entretanto, conspiram para tornar esse objetivo inatingível no caso de muitos estudantes. Forças fora do controle do professor (em casa e em grupos de iguais, por exemplo) podem destruir aos poucos os esforços do docente (2001, p.29).

Ainda que as atividades iniciais de leitura sejam realizadas com textos curtos, ou até mesmo fragmentos de textos, a possibilidade de permitir que os alunos construam sentidos a partir deles e vislumbrar novos horizontes é real, como afirma Michèle Petit:

No final das contas, vemos que através dos textos, ou melhor, de fragmentos de textos, de trechos recolhidos aqui e ali, esses jovens constroem sentido, e elaboram uma margem de manobra ou de liberdade a partir da qual encontram às vezes a energia necessária para se desprender daquilo que os bloqueava (Petit, 2013, p. 113).

Sobre a margem de manobra que a leitura possibilita criar, Petit ainda menciona que: “Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra” (2013, p. 13).

A partir da concepção de que a formação do leitor competente, isto é, que saiba construir sentidos nas obras lidas, depende em grande medida do desenvolvimento de uma competência específica, e de se possuir alguns conhecimentos determinados, é que se pode afirmar que o objetivo primeiro da educação literária é o de contribuir para a formação da pessoa (COLOMER, 2007, p.31). Petit, sobre esta formação, diz:

O objeto de minhas pesquisas não é tanto como podemos ‘construir’ leitores, para retomar essa expressão, mas principalmente como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavoráveis (2013, p.31).

Esta autora ainda afirma que: “[...] a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.” (2008, p.72).

A formação do leitor literário, precisa, portanto, como diz Silva: “[...] ser iniciada o mais cedo possível, antes da alfabetização escolar, pela audição de história e poemas [...]” (2009, p.29), no entanto, quando isso não acontece ou ocorre de forma deficiente, este trabalho precisa ser realizado por adultos próximos, como, por exemplo, o professor, que como mediador, precisa, além de vontade, formação adequada para realizar esta tarefa de aproximação do aluno ao texto literário, e esta formação depende, por sua vez, de uma reflexão atenta sobre teoria e prática, isto é, entre o que se lê na formação do professor e o que este leva para as salas de aula.

Há uma necessidade de investimento maior na formação do professor e uma bagagem de leitura considerável e constante, para que este possa estar melhor preparado e assim, influenciar seus alunos e possivelmente inculcar neles o desejo de ler através das atividades e experiências compartilhadas em sala de aula. Sobre transmitir a paixão de ler aos alunos, Coenga pontua que: “[...] para que o leitor possa interagir com o universo dos textos literários, é fundamental ser competente em leitura. Essa competência é aprendida na escola, através da orientação de um leitor experiente, no caso, o professor” (2010, p.77).

Diante de tudo isso, Raquel Marques Villardi, ressalta que: “[...] afóra a luta para que se criem condições ideais – que o professor se disponha a não abrir mão do trabalho com a leitura. Porque isso é possível, mesmo com um mínimo de recursos, desde que se tenha muita determinação” (1999, p.108).

2.2 Literatura no Ensino Fundamental

*Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe – que faz a palma.
É chuva – que faz o mar.*

Castro Alves

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental a leitura é, geralmente, bem recebida pelas crianças, as quais convivem juntamente com seu professor e colegas de turma, em um ambiente onde podem “[...] imaginar mundos mágicos, fantásticos, alternativos, sobrenaturais (Cademartori, 2012, p.35)”. Um ambiente em que, segundo esta autora, existe uma literatura que sempre encontra uma passagem “[...] por caverna, toca, espelho ou ventania – para um mundo encantado, território do maravilhoso, em que as leis ordinárias do mundo real entram em suspensão (2012, p.35)”.

Nesta fase da escolarização no Brasil, a escola e a Literatura infantil sempre estiveram relacionadas e atreladas e, através da mediação de seu professor, a criança, em um espaço lúdico, passa a ser submetida a situações de leitura com textos que trazem ilustrações e sugerem sonoridade e que lhe despertam o interesse e a curiosidade. Além disso, como afirma Petit (2008, p.73), é nesta fase “[...] que a leitura começa a desempenhar o importante papel na construção de si mesmo”.

Discorrendo sobre o papel que a leitura pode desempenhar na construção daquele que lê, Petit citou o relato de um jovem de origem argelina chamado *Ridha*, que descreveu a experiência marcante que teve com a leitura ainda na infância. Ao ouvir um bibliotecário ler um determinado livro, algo se abriu dentro dele. Segundo a autora, o jovem confessou que: “[...] compreendera que

existiam outras coisas ao seu redor, que nada era fatal, que podíamos nos tornar outra coisa, que podíamos construir uma cabana na selva, encontrar um lugar” (2008, p.73). A leitura, além de representar “[...] o espaço de abertura para o campo do imaginário”, também pode se tornar “[...] o lugar de expansão do repertório das identificações possíveis” (2008, p. 74).

Nesta etapa da educação formal é muito comum as crianças gostarem de contar, ouvir e criar histórias, no entanto, passados os primeiros anos da educação infantil, ao chegarem às séries finais do Ensino Fundamental, (muitas vezes bem antes) a maioria desses alunos passa a manter uma relação de distanciamento e enfado em relação aos livros. A esse respeito, Villardi assevera que:

[...] à medida que os alunos avançam na escolaridade, menor a ligação que têm com a leitura, como se os procedimentos pedagógicos adotados, ao invés de aproximar os estudantes, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros, criando entre eles uma relação de enfado e desinteresse (1999, p. 4).

A esse respeito, Colomer afirma que, em relação à Educação Infantil e às primeiras séries do Ensino Fundamental, há uma substancial presença do mundo escrito nas escolas, disponibilizados através das bibliotecas, narração de contos etc. Porém, em relação às outras séries: “Lamentavelmente, nessas aulas para adolescentes, o ambiente continua desoladoramente despovoado” (2007, p.15).

No Brasil, a situação é bastante semelhante, e esta descrição pode ser aplicada à realidade de nossos alunos. Conforme avançam na escolaridade, e isso acontece de forma mais acentuada a partir no 6º ano do Fundamental, retrocedem em relação à leitura de textos literários, pois a apresentação destes para os alunos é muito precária, surgindo desprovidos dos artifícios e dos recursos empregados na Educação Infantil e que tanto os atraíam, de modo que, a leitura que anteriormente apresentava-se como uma experiência prazerosa e lúdica, torna-se algo desinteressante e enfadonho, reflexo da utilização prioritária de livros didáticos com questionários, textos longos e até mesmo menos extensos, mas seguidos por fichas e roteiros de leitura, resumos ou qualquer outra aferição de leitura ou de sua compreensão.

Daniel Pennac, em seu livro *Como um romance*, descreve sobre a diferença de comportamento do leitor quando este ouvia as histórias que lhe eram contadas quando criança, e posteriormente, a que passa a ter quando precisa realizar as leituras obrigatórias de livros

indicados pelo professor em sua fase adolescente, exemplificando bem o que temos observado em relação à leitura e sua recepção pelo leitor nestes dois momentos. Escreve este autor: “[...] naquele tempo em que ele não sabia ler. Nós o abrimos à infinita diversidade das coisas imaginárias, o iniciamos nas alegrias da viagem vertical, [...] mergulhado na solidão fabulosamente povoada de leitor...” (1993, p.19). Posteriormente, quando adolescente e sendo obrigado a ler um livro, que, segundo o jovem é “Grosso, é compacto, é um objeto contundente, o tal livro” (1993, p.23), apresenta uma atitude negativa diante de algo que rechaça: “Ei-lo agora, adolescente recluso em seu quarto, diante de um livro que não lê. Todos os seus desejos de estar longe erguem, entre ele e as páginas abertas, uma tela esverdeada que perturba as linhas” (1993, p.22).

A leitura que tem sido realizada na maioria das aulas de Literatura tem priorizado tudo, menos o essencial, que é a ampliação de horizontes por meio da abertura do imaginário, a construção de sentidos e de si mesmo através da leitura. Sobre esta ampliação possível, Todorov assim descreve a literatura: “Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (2009. Pág. 23). Petit nos diz que a leitura que precisa ser prestigiada, deve ser aquela que:

[...] permite descobrir que existe outra coisa, e lhe dá a ideia de que poderá se diferenciar do seu entorno, participar ativamente de seu destino. E tudo isso graças à abertura do imaginário, graças também ao acesso a uma língua diferente da que serve para a designação imediata ou para o insulto, graças ao descobrimento, essencial, de um uso não imediatamente utilitário da linguagem (2013, p. 108 e 109).

Como afirma Villardi (1999, p.5), somos levados a concluir com tudo isso que: “[...] durante este percurso, algo falha, impedindo que os objetivos propostos para as atividades de leitura sejam alcançados”. Motivos estes, que precisam ser identificados em busca de uma mudança do atual cenário.

Uma das razões para esta realidade adversa pode ser o tempo disponível para os professores lecionarem e estarem, assim, com os alunos em sala de aula. Até o 5º ano do Ensino Fundamental, os alunos têm um mesmo professor em todas as aulas, podendo este dispor de mais tempo com os estudantes para realizar as atividades. A partir do 6º ano, no entanto, a rotatividade

dos professores é maior e o tempo em sala do professor com os alunos é menor. Além disso, os docentes que lecionam para as séries finais do Fundamental encontram, muitas vezes, salas lotadas, onde não há espaço físico para a organização das aulas e condições de atendimento a tantos alunos juntos, os quais, muitas vezes apresentam dificuldades comportamentais que interferem diretamente nas atividades.

Outro motivo possível é a necessidade de se cumprir as exigências do currículo estabelecido para cada série, o qual, geralmente valoriza os conteúdos, inviabilizando a realização de atividades que possam constituir uma experiência de leitura enriquecedora e que, de fato, faça sentido para os estudantes. Somados a estes fatores, sem que seja necessário aprofundamento deste assunto neste momento, ainda existem inúmeros outros elementos que atuam como obstáculos ao exercício do magistério, funcionando como agentes que desestimulam os profissionais, como os baixos salários, a falta de formação continuada, de reconhecimento etc.

É possível notar, sem que se precise realizar muito esforço para isso, que tudo parece fazer com que as mudanças necessárias e urgentes não aconteçam. Sobre isso, Larossa declara estar “cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça” (2016, p.23).

O interesse pela leitura, hoje tão estudado e investigado, e a busca por encontrar meios de realizá-la no contexto escolar, teve início em tempo recente. Coenga relata que, na segunda metade do século XX, passou a ocorrer um crescente interesse pela leitura, impulsionado pelas mudanças no cenário sociocultural do Brasil. Em sua política de alinhamento ao capitalismo internacional, houve um grande fomento da indústria brasileira de modo que o processo de aceleração da indústria brasileira foi iniciado. Com o aumento da classe média operária, os trabalhadores passaram a necessitar de um letramento mínimo para desempenharem suas funções, assim, neste contexto de mudança, o interesse pelo ensino da leitura ganha espaço nas escolas e nas universidades (2010, p.14).

Com a massificação do ensino público no Brasil, também neste período, passou-se a acreditar que a falta de leitura dos alunos, principalmente aqueles oriundos de famílias menos favorecidas, ocorria por que não tinham acesso aos livros. Imaginou-se que bastaria simplesmente encher as bibliotecas escolares de livros que os alunos passariam a ler. Não foi isso que acabou acontecendo, pois muitas escolas têm suas bibliotecas com quantidades razoáveis de livros e nem por isso os alunos se tornaram leitores. A maioria dos alunos continua mantendo

uma postura de distanciamento dos livros e de desinteresse. Isso nos leva a entender que nem sempre o acesso aos livros pressupõe acesso à leitura dos textos literários.

A solução possível para esta necessidade tão urgente, que pode fazer com que a leitura literária faça sentido no contexto escolar é, em boa medida, a intervenção do professor, como mediador privilegiado, como citou Cademartori:

[...] mediando a relação entre professor e alunos, sobre o significado que a literatura pode ter para crianças e jovens: a literatura como alternativa a uma realidade dura, como criação de um mundo paralelo, que não é fuga, mas compreensão do ‘tumulto do mundo’ (2012, p. 11).

Sabe-se que nem todas as pessoas desejam ler literatura ou vão desejar ler um dia. Há aquelas que têm interesse em outros tipos de leituras, e aquelas que não gostam e não querem ler nada. Independentemente dos fatores ou circunstâncias que levaram estas pessoas a terem esta postura, o iniciador à leitura tem um papel tão importante na aproximação com o livro que, por exemplo, “[...] quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo” (Petit, 2008, p.148). Também não se pode ignorar que existe uma quantidade imensa de crianças, jovens e adultos que tiveram seu encontro com a leitura a partir do acesso e de um contato significativo com o livro, através da mediação bem realizada por um professor, que se torna um construtor de pontes que permitem o acesso ao imaginário oferecido pelos livros. E este imaginário “[...] algo que se elabora, se desenvolve, se enriquece, se trabalha, ao longo dos encontros” (Petit, 2008, p.179).

2.3 O Conto Literário

Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória.

Júlio Cortázar

O gênero narrativo conto figura no currículo mínimo da secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro nos conteúdos propostos para Língua Portuguesa e Literatura para o 6º e 9º anos. Este documento apresenta-se como referência às escolas da rede estadual e expõe as competências e habilidades que devem constar nos seus planejamentos e nos planos de aulas. Para a SEEDUC-RJ, este currículo:

[...] serve como referência a todas as nossas escolas, apresentando as competências e habilidades que devem estar nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino-aprendizagem. Em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre (RIO DE JANEIRO, 2011, p.2).

Língua Portuguesa e Literatura		6º ANO / ENSINO FUNDAMENTAL
3º Bimestre		
Eixo	Contos de fadas e contos maravilhosos	
	LEITURA <ul style="list-style-type: none"> - Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador. - Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real; - Identificar e interpretar a "moral da história", explorando as relações de causa e consequência; - Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna; - Inferir o significado de uma expressão a partir do contexto. 	

Figura: 01. Currículo mínimo para o 6º ano do Ensino Fundamental, p.7.

2º Bimestre		
Eixo	Crônica e conto	
	LEITURA <ul style="list-style-type: none"> - Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito. - Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho. - Distinguir texto ficcional e não-ficcional; fato e opinião. - Identificar e comparar os gêneros em questão. - Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e o africano. - Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional. 	

Figura: 02. Currículo mínimo para o 9º ano do Ensino Fundamental, p. 12.

Apesar de o conto se fazer presente no currículo mínimo estadual, a grande maioria dos alunos, ao chegar ao último ano de escolaridade do Ensino Fundamental, além de não conhecer os aspectos estruturais, elementos e características que são peculiares a este gênero, possui um

repertório de leitura bastante reduzido, tanto em relação à leitura de contos como de outros gêneros textuais, sejam eles literários ou não.

Nos PCN's direcionados para as séries finais do Ensino Fundamental, o conto se faz presente entre os gêneros sugeridos como referência básica a partir da qual o trabalho com textos deve ser organizado nas práticas de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos. Dentro da grande variedade de gêneros existentes, foram privilegiados aqueles que, segundo o documento, aparecem mais frequentemente no convívio social e nas atividades escolares dos estudantes.

A grande diversidade de gêneros, praticamente ilimitada, impede que a escola trate todos eles como objeto de ensino; assim, uma seleção é necessária. Neste documento, foram priorizados aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social [...] (PCN, 1998, p.53).

GÊNEROS PRIVILEGIADOS PARA A PRÁTICA DE ESCUTA E LEITURA DE TEXTOS	
LINGUAGEM ORAL	LINGUAGEM ESCRITA
LITERÁRIOS: -cordel, causos e similares. -texto dramático. -canção.	LITERÁRIOS: -conto. -novela. -romance. -crônica. -poema. -texto dramático.

Figura: 03. PCN para o terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – p. 54.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o conto encontra-se entre os gêneros que deverão ser utilizados nas atividades de leitura, oralidade e produção textual. No objeto de conhecimento de construção de textualidade, dentro da prática de linguagem “Produção de textos”, por exemplo, a proposta é que os estudantes produzam, entre outros, o gênero conto, e utilizem conhecimentos de sua estrutura e os recursos expressivos que lhes são peculiares.

Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos

expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa (BNCC, 2018, p.184).

A ênfase na importância da utilização deste gênero nas aulas de literatura no segundo segmento do Ensino Fundamental se observa claramente nos documentos oficiais, porém não há clareza sobre o que se pretende com a prática da leitura literária nesta etapa da escolarização básica, que carece de sistematização didática e teórica sobre literatura e leitura literária. Ao contrário do primeiro segmento, em que o livro costuma estar bastante presente nas salas de aula, e do Ensino Médio, que apresenta uma sistematização, embora não se leia muito, nas séries finais do Ensino Fundamental os alunos encontram-se distanciados do ensino de Literatura, e os conteúdos literários são tratados pontualmente dentro das aulas de língua portuguesa, como se pode observar na competência de leitura e produção textual do Currículo Mínimo da SEEDUC.

2º Bimestre	
FOCO DO BIMESTRE	Crônica e conto
Habilidades e Competências	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagem e conflito. - Contemplar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho. - Usar adequadamente a paragrafação e a pontuação. - Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação. - Usar conjunções coordenativas variadas, relacionando-as aos sentidos produzidos nas Sequências. - Utilizar discurso direto e indireto.

Figura: 04. Currículo mínimo de produção textual para o 2º bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental, p.15.

Tendo em vista tal ausência de clareza em relação à concepção de literatura, o que se pretende em relação a esta disciplina para estas séries, e, principalmente, a necessidade de levar o aluno à prática da leitura do texto literário e colaborar com sua formação como leitor, esta pesquisa se utiliza do gênero literário conto, que, apesar de apresentar semelhanças com outros gêneros, como o romance e a novela, comporta características próprias que o distingue dos demais, como, por exemplo, a extensão mais breve que a do romance e, geralmente, mais longa que a da crônica.

A ideia da reescrita do conto “Uns Braços” surgiu como uma possibilidade tanto de autoria para os alunos, como de exercício de criatividade, pois tiveram que, além de reescrevê-lo mudando o foco narrativo de terceira pessoa para primeira, dando voz à D. Severina, tiveram que trocar os braços por outra parte do corpo considerada, pelos alunos, mais atraentes para os jovens

do século XXI e especificamente para os alunos da turma participante desta pesquisa. Já o trabalho final em que foi realizada a análise dos estilos de desenhistas nas diferentes adaptações do conto “O Alienista”, surgiu após uma observação feita pela professora Cláudia Barbieri Masseran, que durante a qualificação deste projeto, em março de 2019, sugeriu que fosse ressaltada a figura dos autores e dos aspectos que cada um usa ao criar suas HQs.

Apesar de no Ensino Fundamental não haver o estudo sistemático da literatura como ocorre no Ensino Médio, devido à necessária formação literária dos estudantes e ao fato de constar a cobrança do tratamento deste gênero no currículo mínimo, o gênero conto foi escolhido como *corpus* de estudos para a realização deste trabalho. Sua escolha não ocorreu somente pela economia de sua extensão ou por ser esta forma de expressão alvo de minha preferência, mas também, e principalmente, pelo efeito que sua leitura pode causar.

Fazendo referência a isso, Gotlib (2001, p. 20) afirma: “Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido.” Julio Cortázar, ao ressaltar a influência de um bom conto sobre o leitor a despeito da brevidade deste gênero, sugeriu a seguinte reflexão:

Pensem nos contos que não puderam esquecer e verão que todos eles têm a mesma característica: são aglutinantes de uma realidade infinitamente mais vasta que a do seu mero argumento, e por isso influíram em nós com uma força que nos faria suspeitar da modéstia do seu conteúdo aparente, da brevidade do seu texto (1974, p.155).

Ainda que sua extensão seja breve, é possível que não se perca nada em qualidade, pois os efeitos de um bom conto no leitor podem ser os mesmos provocados por um bom romance. Sobre o poder apaixonante e os efeitos do conto no leitor, este autor realiza a seguinte comparação:

Um escritor argentino, muito amigo do boxe, dizia-me que nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por *knock-out*. É verdade, na medida em que o romance acumula progressivamente seus efeitos no leitor, enquanto que um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases. Não se entenda isto demasiado literalmente, porque o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais sólidas do adversário (2006, p.152).

Contar é narrar, e narrar estórias é uma atividade que se realiza no seio das sociedades de todos os tempos, ainda muito antes da tradição escrita e nas mais diversas relações de convivência, e continua sendo, resistindo ao tempo e acompanhando a evolução das sociedades. Massaud Moisés, em *A criação literária* (1999), elenca algumas teorias que têm buscado encontrar uma explicação sobre a origem do conto. Como exemplo, cita a indo-europeia, de autoria dos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm que, posteriormente, foi retomada pelo linguista Friedrich Max Müller. Segundo esta teoria, a gênese do conto estaria nos mitos arianos que circulavam na pré-história da Índia, considerada o nascedouro do povo indo-europeu. Já o escritor Andrew Lang, por sua vez, defende que o conto é uma forma anterior ao mito e que surgiu simultaneamente em várias culturas afastadas. Paul Saintyves propõe a teoria ritualista, que postulava que as personagens dos contos seriam uma espécie de “lembranças” de personagens cerimoniais de ritos populares caídos no esquecimento.

Massaud apresenta também a teoria marxista de Vladimir Propp, que, ao falar especificamente sobre o conto maravilhoso, afirma que este “[...] é uma superestrutura e sua análise permite reconhecer sinais dos modos de produção e dos regimes políticos (sistemas de clãs) que assistiram ao seu imemorial aparecimento” (MOISÉS, 1999, p.32). Tais teorias, no entanto, são consideradas inflexíveis, relativas, insatisfatórias e não conseguem delimitar a origem de um gênero narrativo cujas raízes históricas são formadas por inumeráveis tradições diferentes.

Nádia Batella Gotlib, em *Teoria do conto*, realiza um levantamento dos estudos teóricos até então existentes sobre este gênero e traça uma trajetória das suas fases evolutivas. Partindo do pressuposto de que dificilmente se possa apontar sua origem, diz que “Embora o início do contar estórias seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem estórias” (2001, p. 6). Assim, inicia a enumeração destas fases com o exemplo da estória bíblica de Caim e Abel, que seria um exemplar do gênero, passa pelos textos literários do mundo clássico greco-latino, chega aos contos do Oriente e finalmente ao século XVI, momento em que o conto afirma sua categoria estética. Nesta fase ocorre a tradução de muitos contos para várias línguas como, por exemplo, os contos eróticos de Bocaccio, em seu *Decameron* (1350).

No século XVII começam a surgir as *Novelas Ejemplares* de Cervantes, publicadas em 1613 e no fim deste mesmo século surgem os registros de contos de Charles Perraut. No século

XVIII surge no cenário literário La Fontaine, que, segundo Gotlib, é “um exímio no contar fábulas” (2001, p.7).

Foi no século XIX o nascedouro do conto moderno tal como nós o conhecemos hoje na cultura ocidental, que tem como grandes precursores Edgar Allan Poe e Anton Tchecov. Este gênero nasceu junto à acentuada expansão da grande imprensa, inclusive fazendo parte dela, o que permitiu que fossem publicados em grande número e em diversas revistas e jornais. Poe, neste cenário, se afirma como contista e teórico, inspirando e influenciando a muitos outros que lhe sucederam ou que lhe eram contemporâneos. Na segunda metade deste século, a publicação de obras no gênero cresce de forma considerável, principalmente devido ao surgimento do Realismo, vivendo assim, segundo Massaud Moisés “uma época de esplendor” (1999, p.34) em que seu “reinado” instala-se ao lado do romance, dividindo espaço com este.

No século XX este estilo narrativo permanece em voga e de forma mais vigorosa, atingindo seu apogeu destacando-se como forma literária. No Brasil, por exemplo, passa a ter bastante destaque e a ser cultivado por diversos escritores, entre os quais, Mário de Andrade, Aníbal Machado e Monteiro Lobato.

Tentativas diversas de definição para este gênero e de enquadramento dentro de uma forma têm sido realizadas do século XIX até os dias atuais. Mário de Andrade, na introdução de seu conto “Vestida de preto” (1999, p.19), fazendo referência à persistência em se encontrar parâmetros que definam o que caracteriza o conto, afirmou: “Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade.” Tal insistência em encontrar uma teoria na qual este gênero narrativo seja inserido pode ser evidenciada nas palavras de Alfredo Bosi, quando disse: “Esse caráter plástico já desnorteou mais de um teórico da literatura ansioso por encaixar a foma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros” (1997, p. 7).

Como afirmou Machado de Assis, o conto: “é um gênero difícil a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor” (1959, p. 4).

Mas então o que é o conto? Existem valores constantes que os caracterizam? Para entender o que é um conto, isto é, quais são as características comuns a todos eles, o autor percebe e destaca neste gênero aspectos que não variam e que estão sempre presentes. Para Cortázar, não

existem leis que precisem ser conhecidas para se criar os contos e sim pontos de vista comuns “que dão uma estrutura a esse gênero tão pouco classificável” (1974, p. 150).

Tenho a certeza de que existem certas constantes, certos valores que se aplicam a todos os contos, fantásticos ou realistas, dramáticos ou humorísticos. E penso que talvez seja possível mostrar aqui esses elementos invariáveis que dão a um bom conto a atmosfera peculiar e a qualidade de obra de arte (1974 p. 148).

As muitas concepções sobre o que é o conto apresentam-se como um sintoma da busca insistente de uma definição que o enquadre em um determinado formato. Sua aproximação com outros gêneros narrativos como, por exemplo, a crônica, a novela e o romance, sua evolução histórica e, inclusive, sua própria história, como afirmou Massaud Moisés (1999, p. 32), fazem com que este gênero “[...] mergulhe num remoto passado, difícil de precisar, suscitando, por isso, toda sorte de especulações”.

As investigações acerca das suas características têm apresentado dificuldades em encontrar uma teoria específica que possa classificá-lo. Porém, apesar de existirem variáveis no modo de se escrevê-lo, resultando em traços que distinguem uns contos de outros, é possível se observar uma invariável que demonstra haver sim uma teoria específica que os classifique: a brevidade de sua narrativa. Alfredo Bosi, a respeito desta economia do estilo, afirma que: “[...] se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção” (1997, p.7).

Além desta característica, é possível que se aponte outro aspecto fundamental, que é provocar no leitor certo “efeito” que o obrigue a lê-lo, isto é, que o leve à leitura irresistível e que o atraia de modo que não se separe do conto, a não ser que esteja no seu fim. Sobre esta característica, Poe apresenta uma proposta de teoria sobre a existência de uma relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor em relação ao que a leitura pode lhe causar. Segundo Gotlib, tais proposições:

[...] atentam já, sistematicamente, para uma característica básica na construção do conto: a economia dos meios narrativos. Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido (2001, p. 20).

Ainda sobre esta unidade de efeito, a autora deixa evidente que não importa o que se pretende provocar no leitor, isto é, que sensações ou reações se almeja causar, pois o mais importante é que se consiga “fisgar” o leitor através de uma tensão que não dá ensejo a interrupções. Um conto precisa apresentar uma estória que provoque no leitor o desejo de lê-lo de uma só vez e que sua extensão seja dosada de forma que não seja nem muito breve, nem muito longa, mas que permita “prender” a atenção do leitor durante determinado espaço de tempo. Sem tal equilíbrio, esta composição literária pode ter sua ação sobre aquele que a lê diluída e comprometida. Segundo Gotlib, “Torna-se imprescindível, então, a leitura de uma só assentada, para se conseguir esta unidade de efeito” (2001, p.19).

Na verdade, existe, quando se cria um conto, a intenção de atrair o leitor para a sua leitura, isto é, de conquistar seu interesse. Assim, como existe esta intencionalidade, o conto é resultado da criação de um trabalho consciente, segundo Poe, citado por Gotlib:

Concebido, com cuidado deliberado, um certo efeito único e singular a ser elaborado, ele então inventa tais incidentes e combina tais acontecimentos de forma a melhor ajudá-lo a estabelecer este efeito preconcebido. Se sua primeira frase não tende à concretização deste efeito, então ele falhou em seu primeiro passo. Em toda a composição não deve haver nenhuma palavra escrita cuja tendência direta ou indireta, não esteja a serviço deste desígnio preestabelecido. (Poe *apud* Gotlib, 2001, p.20).

O que se observa, a priori, é que existem, de fato, traços constantes que caracterizam o conto como tal. A brevidade e a noção de efeito no leitor, por exemplo, são traços peculiares que evidenciam a existência de características básicas na construção deste texto narrativo que o distingue de outros. Ressalvadas algumas teorias existentes, a brevidade da narrativa e a totalidade de efeito, esta tendo como elemento importante a ênfase no desfecho, são em geral, as características que podem ser consideradas constantes em todos os contos considerados bons.

2.4 O conto Machadiano

Se hoje podemos incorporar à nossa percepção do social o olhar machadiano de um século atrás, é por que este olhar foi penetrado de valores e ideias cujo dinamismo

não se esgotava no quadro espaço-temporal em que se exerceu.

Alfredo Bosi

Machado de Assis, criador dos contos escolhidos para a realização deste trabalho, é considerado um dos autores mais emblemáticos de nossa literatura. Sobre sua obra, pairam muitas especulações e qualificações muitas delas equivocadas e precipitadas. Na verdade, a compreensão desta realidade torna-se possível se partirmos do pressuposto de que entender Machado e seu olhar, isto é, a perspectiva de que lançava mão ao escrever sua ficção e criar seus personagens, ao que parece, não tem sido uma tarefa muito fácil, e, por isso mesmo, pesquisas e estudos já foram e ainda têm sido realizados no intuito de tentar entender o autor e sua escrita.

Apesar de justificáveis, nenhuma das dificuldades encontradas por estudiosos das obras de Machado devem ser encaradas como empecilhos que desencorajem os estudos e afastem os pesquisadores e estudantes, pois as contribuições dos seus escritos para a literatura sobrepõem e muito todo e qualquer tipo de obstáculo que possa surgir.

Em relação à crítica literária, a obra de Machado de Assis parece não ter sido bem recebida por alguns críticos de seu tempo, principalmente pela chamada “tríade naturalista”, composta por José Veríssimo, Araripe Junior e Sílvio Romero. Este último, assumindo o papel de defensor das principais correntes teóricas em voga, nas quais os intelectuais, com seu desejo de mudanças no cenário intelectual do país, procuravam encontrar uma identidade para a literatura brasileira e a valorização do nacional, se constituiu o mais ferrenho crítico e depreciador de suas obras.

Em uma tentativa de esclarecer o que privilegiava em sua escrita, Machado publicou o ensaio “Instinto de nacionalidade” em 1873. Nele afirmou que: “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1959, p.3). Esta afirmação nos leva a compreender que ele, ao contrário da maioria dos autores que lhe eram contemporâneos, tratava as peculiaridades nacionais de modo bem distinto da maioria dos escritores de então.

De fato, quando escrevia, buscava evidenciar em seus personagens aspectos inerentes ao comportamento da sociedade brasileira e se referia ao que havia na alma de seu povo; e isso é tão nacional quanto se escrever sobre as características físicas de nosso país. Barreto Filho, em seu

livro *Introdução a Machado de Assis*, em defesa do autor escreveu: “Que ocultas teclas de nossa sensibilidade pôde ele percutir na sua surdina? Que filões recônditos veio a descobrir na alma brasileira, para ficar assim tão entranhado no gosto comum?” (1980, p. 7).

Apesar de tão pouco compreendido em relação à valorização da nação em suas produções escritas, como faziam os que enfatizavam, por exemplo, os índios, a natureza ou o regionalismo, foram as suas obras que mais ressoaram e repercutiram através dos tempos e perduram em nossos dias.

Evitando o brasileirismo pictórico e primitivista dos românticos, para nos dar uma visão menos idílica de nós mesmos, foi a sua versão que veio a convencer e repercutir duravelmente. Enquanto o Brasil dos românticos e dos indianistas nos parece cada vez mais distante da realidade, o de Machado ganha em propriedade à medida que passam os anos (FILHO, 1980, p.8).

Na revista *Teresa*, encontra-se uma definição a respeito do que Machado esperava em relação à literatura nacional:

É evidente que Machado não vê a solução para a busca de uma literatura única e nacional nos aspectos objetivos e empíricos que distinguem o Brasil dos demais países. Embora reconheça que há um lugar para a flora e a fauna brasileiras, os costumes e as práticas populares, o indígena ou os tipos identificáveis com o Brasil, Machado não encontrou nesta via a direção para a criação de uma literatura autenticamente nacional. A resposta para Machado está numa realidade bem menos objetiva, uma essência da alma brasileira, um “certo sentimento íntimo” (TERESA, 2004/2005, p.187).

Para se tentar adentrar o universo ficcional machadiano, faz-se necessário entender que seu foco é o comportamento humano, e que as atitudes comportamentais evidenciadas em seus personagens são inerentes às pessoas como um todo e de todas as épocas. Sob esta perspectiva, ele costumava analisar criticamente a sociedade brasileira e se interessava em reproduzir nelas, através dos tipos sociais, condutas que a caracterizavam.

Nos relacionamentos que mantinha com o outro, ou mesmo na própria observação da sociedade, “Machado encontrou-os, aos pedaços ou inteiros, no seu convívio com homens e mulheres que se agarravam como podiam, com unhas e dentes, à própria sobrevivência social” (BOSI, 1999, p.17). Algumas condutas que eram tão recorrentes em seu cotidiano e que levaram Machado de Assis a transpô-las para seus personagens, também são comuns em nossos dias, por

isso são tão atuais, pois apesar de não nos serem contemporâneas, têm significado para nosso tempo.

Apesar das dificuldades em relação à linguagem e a pouca aceitação pelos estudantes, a leitura dos contos machadianos provocou em muitos dos alunos, de alguma forma, algum tipo de identificação, por perceberem nela comportamentos humanos que não são tão diferentes dos que apresentamos hoje e, por isso, próximos da percepção de nossa realidade. Um exemplo disso foi verificado na reação de vários alunos sujeitos desta pesquisa, os quais se mostravam surpresos e empolgados em relação à leitura do conto “Singular ocorrência”, em que depois de ser traído pela amante Marocas, Andrade, o personagem principal, reata com ela como se nada tivesse acontecido. Alguns alunos disseram que hoje em dia isso acontece bastante e que, inclusive, conhecem casos de pessoas que fizeram o mesmo.

Desse modo, a utilização dos contos machadianos como *corpus* torna-se pertinente em relação ao propósito deste trabalho, pois Machado de Assis primava em expor neles manifestações diversas de conflitos sociais e a análise do caráter de seus personagens, denunciando não somente o comportamento humano, mas também as instituições sociais que lhe dão sustentação, ainda que de forma sutil. Eliane, em seu artigo intitulado “O conto de Machado de Assis a partir de uma perspectiva sociológica” afirma que:

[...] ao lidarmos com os contos machadianos percebemos a relevância de sua obra ainda hoje, não só pela crítica contida nas entrelinhas de seus escritos, mas também pela atualidade de seus contos que nos permitem perceber na ficção machadiana uma crítica social que a torna contemporânea, haja vista os questionamentos que sua obra suscita (SILVA, 2008, p.99).

Sua carreira como escritor de contos foi praticamente toda vivida nos jornais e revistas de seu tempo, nos quais publicava intensa e rotineiramente. “[...] a obra machadiana durante o século XIX e XX foi massivamente veiculada na forma impressa, seja através de periódico ou livro” (LIMA, 2017, p.34). No século XIX, mais especificamente, o processo editorial acontecia primeiramente em folhetins e depois em livros, como aconteceu com as obras de Machado. Além deste gênero discursivo, publicou poesias, romances, crônicas e escreveu peças teatrais.

Em relação à produção poética, *Crisálidas*, surgida em setembro de 1864, é considerada a sua obra inaugural. Segundo Lúcia Miguel, os amigos de Machado “[...] teimavam em ver nele, sobretudo, o poeta” (PEREIRA, 1936, p. 138), porém, como ressaltou a autora, ainda que ele

tenha sido inegavelmente um poeta, encontrou um melhor espaço para suas criações literárias na prosa, pois “A poesia é síntese, é emoção integradora, e Machado era analista, era dissecador” (1936, p. 138).

Segundo Lúcia, as informações biográficas de Machado de Assis são as mais diversas e até mesmo contraditórias. A maioria dos dados biográficos existentes sobre ele afirma que nasceu na casa grande de uma chácara no morro do Livramento, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Esta chácara pertencia à Ana Teresa Angélica da Cunha e Souza, uma senhora rica com muitos escravos e uma série de agregados, em geral pardos forros, como os pais de Machado. Alguns, porém, afirmam que ele nascera em São Cristóvão. Sobre o local exato de seu nascimento, Barreto Filho é categórico em apontar a chácara no morro, afirmando que “Houve dúvidas quanto a esse local, porém as pesquisas recentes mais autorizadas parecem estabelecê-lo com segurança” (1980, p.10).

Como os alunos participantes desta pesquisa, a grande maioria dos estudantes do colégio onde trabalho apresenta, provavelmente devido ao contexto desfavorável em que vivem, pouca ou nenhuma perspectiva de futuro. Por este motivo, durante as aulas sobre a vida de Machado, busquei destacar sua origem pobre, o local onde ele nasceu que muito se assemelha com a comunidade onde meus alunos vivem, e as muitas dificuldades pelas quais este autor passou, mas que mesmo assim perseverou em seguir seus objetivos. Fiz isso para tentar incentivá-los e estimulá-los a acreditar que eles são capazes de mudar sua própria realidade.

Seus progenitores, Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis eram escravos livres e apesar de muito pobres e humildes, distinguiam-se da maioria das pessoas da época, pois sabiam ler. Seu pai era pintor de paredes e móveis e consta, que “[...] passava por homem inteligente e de alguma leitura” (FILHO, 1980, p. 190). Sua mãe, além de lavadeira, realizava trabalhos de renda e bordado.

No dia 21 de junho de 1839, nasceu Joaquim Maria Machado de Assis. Sobre sua vida familiar há poucas informações, porém, não há dúvidas de que teve uma infância pobre. Teve uma irmã – Maria – que morreu de sarampo aos 4 anos de idade. Em 1849 morreu sua mãe de tuberculose, e em 1854 seu pai se casou novamente. Machado passou a ter como madrasta a doceira Maria Inês.

É possível afirmar que todas as experiências de perda precoces fizeram com que Machado aprendesse a lidar com a solidão e bastar-se a si mesmo. Sobre tantos infortúnios vividos por ele ainda tão moço, afirma Barreto Filho:

Esses três desligamentos forçados, cada qual atingindo uma esfera particular da afetividade e do estímulo vital, criaram nessa sensibilidade delicada a predisposição ao alheamento e uma tendência a desfazer as aparências, para ver a face trágica da vida (1980, p.11).

O pai e Maria Inês foram responsáveis, na medida do possível, pela instrução de Machado. A madrasta foi sua primeira mestra, ensinando-lhe o pouco que sabia, porém, não demoraram a pô-lo na escola pública onde passou algum tempo. Francisco, preocupado com a saúde frágil do filho, que era epilético, considerou que seria melhor encontrar uma vaga para ele no comércio e o colocou como caixeiro em uma papelaria, ofício que durou apenas alguns poucos dias, pois o impulso pelas letras fez com que ele continuasse a estudar, principalmente de forma autodidata, e desenvolver sua vocação literária.

Quando tinha apenas 12 anos de idade, seu pai faleceu e provavelmente foi por esta época que se mudou com a madrasta para um sobrado em São Cristóvão. Em dificuldades financeiras, tiveram que encontrar um meio de subsistência. Assim, passaram a viver da caridade alheia em um colégio cujas donas possuíam poucos recursos e, por isso, também produziam, com a ajuda de Maria Inês, balas e doces para fora. Machado ficava encarregado de vendê-los e assim garantir a permanência no local.

Mais ou menos por este tempo, Machado estabeleceu relações com pessoas que muito influenciaram seu destino, como, por exemplo, a dona de uma padaria chamada madame *Gallot* e de seu forneiro francês. Tudo indica que ao ir às compras para suas patroas do colégio, conversava com o francês e, por ter mostrado interesse em aprender este idioma, o funcionário prontificou-se em tornar-se seu mestre. Foi assim, nas horas vagas, que ele aprendeu a ler e a escrever neste idioma.

Uma grande parcela dos alunos da turma 901 tem demonstrado acentuado desinteresse pelos estudos de uma forma geral. Em relação à leitura de textos, este comportamento se acentua. Para tentar estimulá-los aos estudos, uma das estratégias que adotei foi enfatizar o interesse por conhecimento e o autodidatismo de Machado a despeito de sua origem e realidade social. Ao

buscar oportunidades de aprender, não se detinha por causa das adversidades, mas, ao contrário, persistia em acrescentar à sua vida aquilo que poderia mudá-la: conhecimento através da leitura.

Em suas idas e vindas, passou a visitar com frequência a *Livraria Paula Brito* que se tornou o centro da vida literária da época no Rio de Janeiro. Os intelectuais de então costumavam frequentar a loja e conversar sobre os mais variados assuntos, mas principalmente sobre os literários. Machado, também conhecido como Machadinho em sua juventude, costumava ficar por perto, observando as pessoas e seus hábitos, mas principalmente aquilo de que mais gostava: os livros. Neste lugar, encontrou o ponto de apoio de que necessitava para o início de sua carreira literária, começando assim sua atividade intelectual por volta de 1855 a qual se manteve sem interrupções até sua morte em 1908.

Em 1858 deixou seu cargo de tipógrafo na *Imprensa Nacional*, e exercendo a função de revisor de provas na casa de Paula Brito, com quem cultivou uma sólida amizade, começou um ano depois a fazer o mesmo trabalho no *Correio Mercantil*, estando sempre sobre a proteção de algum intelectual. Neste mesmo ano começou a colaborar no jornal *Paraíba*, editado em Petrópolis por Emilio Zaluar, escritor português que vivia no Brasil.

Fez parte da *Sociedade Petalógica* de cunho litero-humorista e em 1859 fundou com Eleutério de Sousa uma revista de vida efêmera chamada *O espelho*. Por esta época passou a frequentar também outra sociedade literária chamada o *Clube Literário Fluminense*. Algum tempo depois entrou para o *Diário do Rio*, onde trabalhou como redator e também se tornou encarregado das resenhas dos debates do Senado.

O primeiro livro que publicou foi a tradução de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, em 1861, e sua obra costuma ser dividida em duas fases, a romântica cuja ênfase é dada aos relacionamentos amorosos dos personagens, e a realista em que Machado se volta para as questões psicológicas. As principais obras românticas são: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), entre outras. As obras realistas são: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) e *Memorial de Aires* (1908). Machado também foi crítico literário e escreveu peças para o teatro. Em 1862, exerceu o cargo de censor teatral, que, apesar de não remunerado, dava-lhe direito a ingressos livres nos teatros.

Aparentemente na época em que entrou para *O Diário*, melhorou sua situação financeira e se mudou de São Cristóvão para o centro da cidade. Começava a fazer nome e já tinha uma

situação de destaque no meio intelectual. Até mesmo a epilepsia parece ter-lhe dado uma trégua, de forma que Faustino Xavier de Novaes, seu amigo que depois passou a ser seu cunhado, não lhe notou a doença e parece que não comentou isso com sua irmã Carolina que em novembro de 1869 veio a casar-se com Machado e até então também não havia percebido nele nenhum sinal da enfermidade.

Foi nomeado primeiro oficial da *Secretaria da Agricultura* em 1873, deixando seu cargo no *Diário Oficial*. Nesta época foi intensa a atividade intelectual de Machado. Além de colaborar na *Semana Ilustrada* e no *Jornal das Famílias*, começou a traduzir um folhetim para o *Jornal da Tarde* e publicou vários de seus livros.

Em 20 de julho de 1897, realiza seu desejo de criar um local em que pudesse tratar das questões relacionadas à língua e à literatura brasileira e funda a *Academia Brasileira de Letras*, chamada também de “Casa de Machado de Assis”, e escolhe como patrono seu grande amigo José de Alencar, que morrera 20 anos antes da fundação da Academia. Machado de Assis ocupou a cadeira de número 23 por mais de dez anos.

Conhecer a origem humilde de Machado e toda a trajetória que teve de percorrer rumo a uma nova realidade de vida, fazendo aquilo que desejava e pelo qual havia superado dificuldades diversas, foi importante tanto pela possibilidade de incentivar os alunos a acreditarem em sua capacidade como para aproximá-los mais dos contos que seriam lidos, pois ocorreu uma identificação dos alunos com ele no que diz respeito à origem humilde e às muitas adversidades.

Com o estado de saúde precário e se agravando, Machado de Assis deixou de sair e se recolheu em sua casa no Cosme Velho, vindo a falecer no dia 29 de setembro de 1908. O legado cultural que deixou oferece-nos uma fonte de onde se pode extrair tanto o conhecimento sobre a sociedade de então com seus tipos representativos, como destaca Alfredo Bosi: “[...] repartida grosso modo em proprietários, funcionários, agregados e escravos” (1999, p.13), como por nos apresentar, por exemplo, as motivações e os efeitos de algumas relações sociais na estrutura da sociedade.

A traição, a ingratidão e o interesse, são exemplos destes efeitos e podem ser facilmente observado nas obras machadianas. O conto “A carteira” traz um exemplo disso e causou um grande impacto entre os alunos participantes desta pesquisa, pois se surpreenderam quando no desfecho deste descobriram que Honório, o personagem principal, estava sendo traído por sua mulher com seu amigo Gustavo e dentro de sua própria casa. Também se indignaram pelo fato de

Honório ter tido a honestidade de entregar a carteira que encontrou, que por coincidência era de Gustavo, seu amigo traidor. Os alunos não só se mostraram inconformados com o desfecho, como começaram a citar exemplos de casos parecidos que ocorreram com conhecidos seus.

Parte deste legado foi selecionada para a elaboração deste trabalho e analisado tanto em seus aspectos composicionais, no nível da superfície textual, como foram objeto de um olhar mais apurado dos participantes da pesquisa quando realizaram a reescrita do conto “Uns Braços”. Também foram verificados, nas adaptações para os quadrinhos, aspectos inerentes a este gênero, ressaltando os diferentes recursos utilizados pelos cartunistas, tendo em vista a aproximação do aluno ao universo literário. Com estas atividades, os estudantes tiveram a oportunidade de relacionar os episódios narrados aos da vida real, observando assim a atualidade dos assuntos neles explorados, estabelecendo possíveis relações com o seu contexto e as mais diversas situações vividas por eles ou por outras pessoas de seu cotidiano. Espera-se também, que os alunos, a partir destas experiências literárias, possam ser estimulados a ler e a desenvolver sua competência leitora.

2.5 Em defesa do Cânone

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.

Ítalo Calvino

Lúcia Miguel Pereira fez a seguinte afirmação se referindo à época em que começou a escrever seu estudo crítico e biográfico sobre Machado de Assis: “Quando comecei a reunir dados para este estudo - velha aspiração, fruto de uma longa convivência com a minha mais antiga admiração literária – não faltou quem me desanimasse” (PEREIRA, 1936, p.13). Vê-se que não é de hoje que a intenção de se realizar alguma pesquisa ou qualquer outra atividade cujo *corpus* escolhido o tenha como autor é encarado como um verdadeiro desafio, ainda mais quando

se propõe a realizar um trabalho de iniciação à leitura literária com estudantes do Ensino Fundamental nos nossos dias.

Apesar de distanciado no tempo e na linguagem em relação aos estudantes da maioria das escolas brasileiras do século XXI, fiz a opção por este autor canônico, não apenas por que conhecer obras de autores desta categoria não é algo que tem sido realidade para a maioria das pessoas – e entre elas incluo meus alunos – mas, principalmente por acreditar que todos devem ter acesso a todo e qualquer tipo de cultura, tanto popular como erudita, não deixando ninguém segregado a apenas uma parte dela, como se houvesse uma seleção de autores e obras para cada camada da sociedade. Como ressaltou Antonio Candido em “O direito à Literatura”:

O Fausto, o Dom Quixote, Os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular (1988, p.190).

Nesta mesma obra, Candido citou alguns exemplos que demonstram o poder universal que os clássicos têm de aguçar o interesse daqueles que os leem. Entre eles, relatou a experiência de um escritor francês chamado Jean Guéhenno, o qual deu para um grupo de pessoas simples e de pouca instrução romances populistas, porém não houve muito interesse por sua leitura. No entanto, quando lhes foram dados livros de Balzac, Stendhal e Flaubert, eles ficaram fascinados. Esta experiência, aparentemente simples, comprova que é possível o acolhimento dos clássicos pelas pessoas, desde que tenham acesso a eles.

A respeito deste assunto e fazendo referência à experiência de leitura acima citada, este autor ainda teceu a seguinte observação:

Este belo exemplo leva a falar no poder universal dos grandes clássicos, que ultrapassam a barreira da estratificação social e de certo modo podem redimir as distâncias impostas pela desigualdade econômica, pois têm a capacidade de interessar a todos e, portanto devem ser levados ao maior número (CANDIDO, 1995, p.189).

Quando se discorre sobre os grandes clássicos, costuma-se fazer referência a obras que, de alguma forma, têm, ao longo do tempo, recebido e mantido um *status* diferenciado em relação às

demais. Muitas delas, inclusive, fazem parte de um conjunto de obras consideradas superiores e modelares, cujas funções seriam, entre outras, prover modelos, inspiração e transmitir a herança do pensamento (MOREIRA, 2003, p.93), e que, por isso mesmo, garantiram a denominação de canônicas.

O termo cânone tem origem no latim *canōn-onis*, derivado do grego *kanón*, e era utilizado para designar uma vara que servia como unidade de medida e que os carpinteiros usavam para mensurar o espaço de trabalho. No dicionário *Michaelis online* encontramos, entre outras, a seguinte definição: “regra geral de onde se inferem regras especiais”. No dicionário, também virtual, *DICIO*, encontra-se sentido parecido, em que cânone pode ser definido como: “regra, padrão, princípio absoluto do qual são retiradas diversas regras específicas”. Já em *Houaiss* (2009, p. 388), trata-se, entre outras acepções ligadas à esfera da religião e da música, a de cânone como “norma, princípio geral do qual se inferem regras particulares; maneira de agir, modelo, padrão; lista, catálogo, coletânea”.

Com o passar dos anos, o termo passou a significar lei ou norma de conduta. Quando chegou à área da filosofia, os filósofos alexandrinos o usavam para identificar as obras consideradas exemplares, portanto dignas de servirem de modelo de imitação para orientar o uso da língua. Na esfera da religião, e, em especial no que concerne às Escrituras sagradas, o termo cânone foi empregado a partir do terceiro século depois de Cristo.

À vista disso, as ideias de regulamento, da arte e do sagrado permeiam as diversas definições de cânone ao longo de seu percurso histórico. Com o tempo este sentido foi sendo modificado, de modo que, em determinados contextos, a palavra adquiriu significados mais específicos, como o de textos-modelo até ao conjunto de autores da literatura consagrados pela tradição ocidental e, por isso, considerados canônicos.

Harold Bloom, ao abrir o prefácio de seu *Cânone ocidental*, busca explicar o que o motivou a selecionar os vinte e seis escritores analisados em seu livro, ou seja, quais as qualidades que fazem com que um escritor se torne canônico, isto é, obrigatório em nossa cultura e eterno do ponto de vista secular. Para ele, além da sublimidade e da natureza representativa: “A resposta, na maioria das vezes, provou ser a estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (1995, p. 12).

Discorrer sobre o cânone literário é sempre uma atividade controversa, ainda mais quando se busca compreender a eleição de alguns poucos para a formação do cânone de Bloom, que

defende a necessidade de assim fazê-lo, pois, segundo ele, além de outros motivos, a impossibilidade humana não permite a ninguém ler todos os livros que estão disponíveis, por isso a necessidade de se fazer uma seleção. Para este autor, “Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo, mesmo que não se faça mais nada além disso”(1995, p.23). Assim, já que se dispõe de pouco tempo para se ler é necessário que se faça uma seleção do que se considera e se consagra como melhor na literatura.

Ainda sobre a longa discussão em torno da lista, apesar das justificativas para tal seleção, ela não comporta, de fato, toda a obra produzida, e, por isso torna-se injusta por deixar de fora autores bons ou, talvez, até melhores que muitos daqueles que ora figuram na relação dos considerados canônicos.

Na esfera escolar, quando se trata da adoção do cânone, também não há consenso no que diz respeito à sua pertinência ou não, assim como não há entre os grandes teóricos que se dedicam ao seu estudo. Cosson afirma que “Até pouco tempo atrás [...] o professor precisava apenas seguir o cânone, ou seja, aquele conjunto de obras consideradas representativas de uma determinada nação ou idioma” (2018, p.32). Porém, isso começou a se modificar quando o cânone passou a ser questionado nas universidades as quais colocavam sob suspeita a sua representatividade, de forma que a seleção de obras literárias para a escola passou a seguir direções variadas: aquelas que ignoram as discussões recentes e mantêm o cânone, as que defendem a contemporaneidade dos textos como critério para a seleção da leitura escolar, e as que defendem a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros na seleção dos textos, de forma que a leitura na escola seja uma prática democrática e diversificada. Frente a estas diferentes direções, esse autor reconhece que:

[...] se tomadas isoladamente, não conduzem ao fim que se propõem. Dessa maneira, têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la (COSSON, 2018, p. 34).

No colégio em que trabalho e onde realizo esta pesquisa o uso das obras canônicas é bastante valorizado, ainda que encontradas em pequenos trechos nos livros didáticos, e quando se adquire livros para a biblioteca, muitos também são de autores considerados canônicos. Ainda

que estas obras predominem em muitas escolas, é importante ressaltar que não devem ser tidas como superiores culturalmente, nem as únicas fontes de leitura, mas, ao contrário, é necessário que sejam diversificadas e que prevaleça o bom senso, de modo que tanto nosso patrimônio literário continue sendo cultivado, como também uma literatura mais próxima do aluno, pois, o que importa mesmo é que este, no encontro com estas obras, possa “entender quem somos e aonde chegamos”, como deseja Calvino (2014, p.16).

Não se trata, portanto, de depreciar e rejeitar o cânone ou, pelo contrário, supervalorizá-lo, mas sim proporcionar aos estudantes a possibilidade de entrarem em contato com obras que, principalmente por constituírem uma herança cultural e funcionarem como uma espécie de memória literária, poderão transformá-los em “sujeitos da experiência”, os quais, segundo Jorge Larossa, em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (2016), podem ser tocados e transformados pelas experiências possibilitadas pela leitura. “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LAROSSA, 2016, p.18).

Ítalo Calvino, entre as muitas propostas de definição dos clássicos, assim os qualifica: “Aquilo que distingue o clássico no discurso que estou fazendo talvez seja só um efeito de ressonância que vale tanto para uma obra antiga quanto para uma moderna, mas já com um lugar próprio numa continuidade cultural” (CALVINO, 2014, p.14).

No que diz respeito a sua adoção ou não no ambiente escolar, é importante que ofereçamos aos alunos um tesouro cultural de que possivelmente ele estaria privado se essa oferta não lhe fosse feita no ambiente escolar. Se a escola dá aos alunos a possibilidade de conhecer ao menos uma pequena parte de nosso patrimônio literário, isso não garantirá que eles irão se tornar leitores ou leitores de clássicos, mas, poderão, posteriormente, eleger seus próprios livros, de acordo com seus interesses.

[...] a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola (CALVINO, 2014, p.13).

Portanto, apesar das discussões e controvérsias em torno do cânone e sua forma de organização, e de toda a discussão que tem suscitado em relação à sua adoção pelas escolas, não existe a possibilidade de se pensar nele como algo homogêneo e imutável. Na verdade, ele deve ser aberto, flexível, de forma que além de nele existirem obras que constituam nosso legado literário, também haja espaço para a variedade e diversidade de obras e autores contemporâneos e mais próximos da realidade dos estudantes.

3 OS QUADRINHOS

A HQ assim pensada surgiu, portanto, do momento em que se trouxe do mundo das ideias toda a riqueza de detalhes que se pode capturar para o mundo das sensações. A ciranda criadora entre autor, tradutor e leitor se completa, uma vez que o leitor, tanto de textos como de HQS, é também um coautor que empresta ao mundo suas emoções e transforma aquilo que recebe em algo particular.

Andreza Caetano

3.1 A origem das histórias em quadrinhos

Narrar histórias, reais ou fictícias, sempre foi uma necessidade dos homens de todos os tempos e culturas e esta inclinação por contar, transmitir algo a outros naturalmente os impulsionou a buscar meios em que pudessem expressar-se, e, com este intuito, lançaram mão dos recursos que lhes eram disponíveis para este fim. Roland Barthes (2011, p.19) afirma que a narrativa sempre esteve presente nas sociedades de todos os tempos e de todos os lugares, pois começou com a história da própria humanidade, de modo que não há e nunca houve sequer um povo que não narrasse.

Nossos ancestrais, no início de suas representações artísticas, além da comunicação efetuada por meio de uma linguagem rudimentar, passaram a elaborar registros através de desenhos (símbolos), o que evidencia que a prática de utilização das imagens como recurso expressivo e que possibilita ao ser humano manifestar-se de forma criativa e abstrata, não é algo novo, pois remonta à nossa pré-história.

As paredes rochosas e as cavernas serviam, para o homem primitivo, como suporte material para o registro de narrativas de experiências, costumes e crenças às gerações seguintes através de imagens, e estas, como nos quadrinhos, possuíam uma sequencial visual que permitia a leitura dos fatos que pretendiam narrar. Estas representações simbólicas, registros pictográficos

que configuram a manifestação dos processos comunicativos de que nossos primórdios dispunham e que são conhecidas como arte rupestre, ainda podem ser encontradas em sítios arqueológicos em diversos lugares no mundo.

Há muito vivemos o mundo das imagens e embora elas sempre tenham feito parte da história das sociedades, pois sempre as acompanharam através dos tempos, seja por pinturas, desenhos, fotografias e até rabiscos, atualmente, devido à contribuição dos inúmeros recursos da informática, elas têm estado cada vez mais presentes. Antonio Luiz Cagnin, sobre a imensa profusão de imagens em nossos dias, nos diz que:

Antes, nossos antepassados se deslumbravam com umas poucas gravuras publicadas em alguns livros e mesmo em jornais e revistas ilustradas. Hoje nos vemos cercados de imagens por todos os lados, a todo o momento e em tal profusão que, nelas engolfados, mais conhecemos a imagem das coisas que as coisas da realidade (2014, p. 28).

Barthes, em alusão a diversas narrativas existentes no mundo, destaca a imagética, que pode ser encontrada também nos quadrinhos:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há, em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, [...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...], no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, [...] (2011, p.19).

Em consonância com estas afirmações, Cagnin assevera que narrar, desde tempos muito remotos, é uma ação comum das sociedades de todas as épocas e culturas, e estas, por sua vez, apresentam suas formas narrativas. Este teórico também inclui os quadrinhos como uma forma de narração:

[...] em todas as épocas temos narrativas, em todos os lugares habitados há histórias. As diversas artes estão aí, há séculos, narrando fatos e feitos, tudo serve para contar: a língua escrita e falada, o teatro, a coreografia, o cinema, os monumentos, a música, o bailado, a mímica e, naturalmente, as histórias em quadrinhos (CAGNIN, 2014, p.30).

Através dos tempos, as imagens têm intensificado sua presença devido, principalmente, à sua veiculação constante de todo tipo e forma, pelos mais diversos meios de comunicação, acentuando-se a importância e a presença do visual. Entre as incontáveis narrativas existentes em todo o mundo e nos mais diversos gêneros em que elas se manifestam, há várias que trazem em seu bojo a contribuição da imagem, como, por exemplo, as histórias em quadrinhos.

3.2 A evolução das histórias em quadrinhos

As HQs, também chamadas de arte sequencial, nona arte, *graphic novel* ou simplesmente *gibi*, e conhecidas como *Comics* nos Estados Unidos, *Fumetti* na Itália, *Bande Dessinée* ou BD na França e Banda desenhada em Portugal, são citadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de língua estrangeira, por, principalmente, ser um tipo de texto com o qual os alunos se identificam mais, tanto por serem mais próximos deles desde a infância como pelo conteúdo imagético. Além de promover uma experiência estética, os quadrinhos podem auxiliar no processo do incentivo do gosto pela leitura dos estudantes. Segundo os PCN: “As HQs são textos com os quais os alunos estão mais familiarizados como usuários de sua língua materna: pequenas histórias, quadrinhas, histórias em quadrinhos” (PCN-LE, 1998, p.74).

De fato, na diagnose sobre os quadrinhos, realizadas com a turma 901, verifiquei que a maioria dos alunos já teve algum contato com este gênero e principalmente na infância, ainda que de modo bem limitado. Os quadrinhos mais lidos pela turma foram os da *Turma da Mônica*, pois eram os *gibis* aos quais eles mais tinham acesso.

No que diz respeito à origem das histórias em quadrinhos, faz-se necessário neste estudo, que lancemos uma luz sobre sua trajetória desde sua forma mais rudimentar, não pretendendo esgotar o assunto, que é vasto e segue sendo estudado, mas simplesmente promover um breve panorama visando ao melhor entendimento sobre o tema.

Segundo Scott McCloud (1995, p.10-14), a origem das histórias em quadrinhos, em sua forma primitiva, pode ser encontrada tanto na arte pré-colombiana, como na tapeçaria de *Bayeux* e nas pinturas que os egípcios antigos faziam em seus murais.

Desenhos pré-colombianos



Figura: 05.

Tapeçaria de Bayeux.

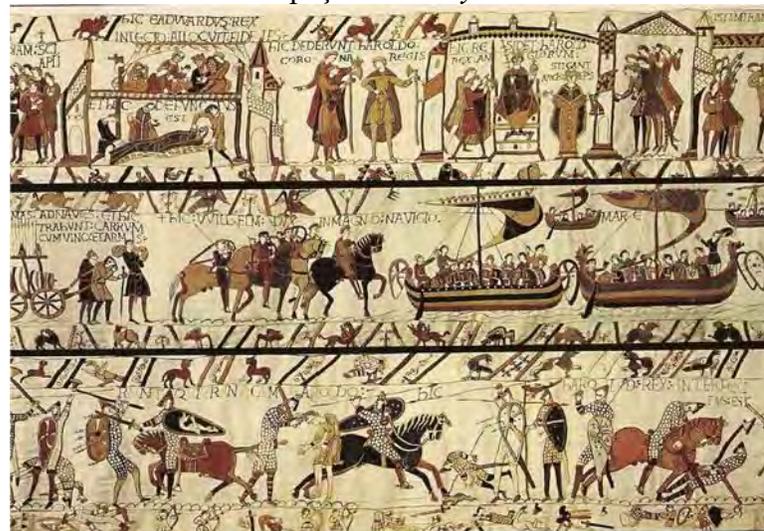


Figura: 06.

Pinturas egípcias em murais.



Figura: 07.

Afirma-se, no entanto, que a primeira história em quadrinhos, como tradicionalmente a conhecemos, com balões de falas, foi, segundo aponta Bárbara Postema (2018, p.177) o *Yellow Kid*, personagem principal de *Hogan's Alley*, do norte-americano Richard Felton Outcault,

publicada como entretenimento de massa no suplemento dominical do jornal *New York World* a partir de 17 de fevereiro de 1895.

Yellow Kid



Figura: 08.

Por muito tempo as tiras incluídas nos jornais diários e semanais eram amplamente lidas, e os quadrinhos neste suporte perduraram. O sucesso dos suplementos foi tão grande que os editores passaram a produzir revistas, que surgiram nos anos 1930 como resultado tanto da evolução das reimpressões das tiras dos suplementos como das histórias originais que os estúdios passaram a criar. Moacy Cirne (1977, p.38) diz que “Os quadrinhos nasceram dentro do jornal” e são “frutos da revolução industrial... e da literatura”. Segundo Postema, este período passou a ser conhecido como “Era de Ouro dos quadrinhos”, pois “As revistas em quadrinhos prosperaram da metade dos anos 30 até os 50, com grandes tiragens” (2018, p. 178).

É interessante que se ressalte que, à medida que novos formatos foram sendo criados, os anteriores continuavam a existir, de forma que, hoje, a linguagem dos quadrinhos abrange vários gêneros e seus formatos peculiares de publicação. A respeito deste assunto, Paulo Ramos afirma que os quadrinhos são:

[...] um grande rótulo que agrega vários gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos. Podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos (RAMOS, 2018, p.21).

Na metade dos anos de 1950, porém, as HQs, que apresentavam uma boa receptividade por grande parte de sociedade, passaram a ser alvo de muitas críticas, e vistas, principalmente por grupos conservadores e teóricos críticos, como prejudiciais principalmente ao público infanto-juvenil, seja por, segundo os que os estigmatizavam, ser um produto prejudicial às crianças e

jovens, ou como considerados de baixo nível cultural, percebidos como um material destinado meramente ao entretenimento barato para um público com pouca ou nenhuma instrução, uma espécie de arte menor.

Moacy Cirne, em seu livro *A explosão criativa dos quadrinhos*, cita que as HQs por bastante tempo, eram consideradas como prejudiciais para as crianças, e de tal modo, que, segundo aqueles que as hostilizavam, eram comprometedoras do desenvolvimento cognitivo infantil e a principal causa de delinquência entre os jovens.

Durante muito tempo as histórias em quadrinhos foram tida e havidas como uma subliteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças. Sociólogos apontavam-nas como uma das principais causas da delinquência juvenil. Aos poucos, porém, foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos [...]. (1977, p.11).

Um dos mais empedernidos e dedicados a atacar as HQs foi o médico psiquiatra-chefe do maior hospital psiquiátrico de Nova York, o Dr. Fredric Wertham, que no final da década de 1940 promoveu uma campanha difamatória contra os quadrinhos. Wertham combatia veementemente as HQs, apontando-as como “guia para a delinquência”, definição, que, inclusive, intitidou um dos capítulos de seu livro *seduction of the innocent* (Sedução dos Inocentes) publicado em 1954 no qual o médico associava a leitura de quadrinhos à delinquência juvenil e à violência pungente. Esta publicação acabou provocando a censura das revistas nos Estados Unidos. Os principais editores criaram um código dos quadrinhos que atribuiria um selo de aprovação para aquelas que seguissem o código que lhes daria a qualificação de “seguras”. Somada a esta manifestação de rejeição às HQs convivia o temor dos responsáveis e de educadores de que os quadrinhos criassem leitores preguiçosos e desinteressados por textos sem ilustrações (POSTEMA, 2018, p.179).

Segundo Waldomiro Vergueiro (2015, p.10), após este período sombrio de ataques desferidos pelo médico alemão, “As décadas de 1960 e 1970 foram especialmente promissoras para as histórias em quadrinhos”, pois a partir do aparecimento da produção *underground* nos Estados Unidos, em que publicações independentes de HQs desvinculadas da indústria editorial começaram a surgir e deram um novo alento à produção da arte sequencial. Encabeçada pelo artista Robert Crumb, as *underground comix* representaram uma reação contra o tradicional e vigente, afrontando o Código dos Quadrinhos e lidando de maneira experimental com questões

adultas que haviam sido banidas pelo Código, como sexo e drogas, e evitadas nos quadrinhos como raça e religião.

De acordo com Cagnin (2014, p.203), no continente europeu, com a invenção da litografia por Aloys Senefelder no início do século XIX, a imprensa periódica passou a publicar histórias com imagens e estas se multiplicaram. Este processo foi iniciado com a publicação da revista *La Caricature* em 1830, que, em seus primeiros números publicou histórias em quadrinhos e inovou na forma e nos temas.

Em solo brasileiro as HQs se desenvolveram a partir, principalmente, da influência da Europa e dos Estados Unidos; e apesar das manifestações de humor gráfico impressos que já as precediam, como, por exemplo, a produção de charges, nada pode se comparar ao que hoje conhecemos como histórias em quadrinhos cujo precursor no Brasil foi o ítalo-brasileiro Ângelo Agostini (1843-1910). Ao contrário da maioria dos teóricos sobre a nona arte, Cagnin aponta este autor como um dos primeiros desenhistas do mundo a adotar a linguagem sequencial dos quadrinhos (2014, p.20), com *As Aventuras de Nhô-Quim ou impressões de uma viagem à Corte*.

Publicada pela primeira vez no número 57 da revista *Vida Fluminense* em 1869, no Rio de Janeiro, *As aventuras de Nhô-Quim* conta a história de um caipira em viagem à cidade do Rio de Janeiro e as dificuldades que enfrenta para se adaptar à capital da Corte brasileira. A principal diferença entre esta história e a de Outcault (considerada a primeira do mundo mesmo tendo sido publicada depois da de Agostini) está relacionada aos balões, ausentes na de Ângelo e presentes na do norte-americano. Na verdade, a ausência de balões não descaracteriza *As aventuras de Nhô-Quim* como linguagem narrativa sequencial e segundo Vergueiro este recurso ainda não era comum e por isso não havia sido utilizado: “Apesar de Agostini não utilizar balões, pois eles não eram comuns em seu tempo, suas histórias em quadrinhos deixam evidente um soberbo domínio da técnica de contar graficamente uma história (2017, p.25)”.

As Aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à Corte.

**As Aventuras de "Nhô-Quim",
ou impressões de uma viagem à corte**

Ângelo Agostini (30 de janeiro de 1869 - Jornal Vida Fluminense)

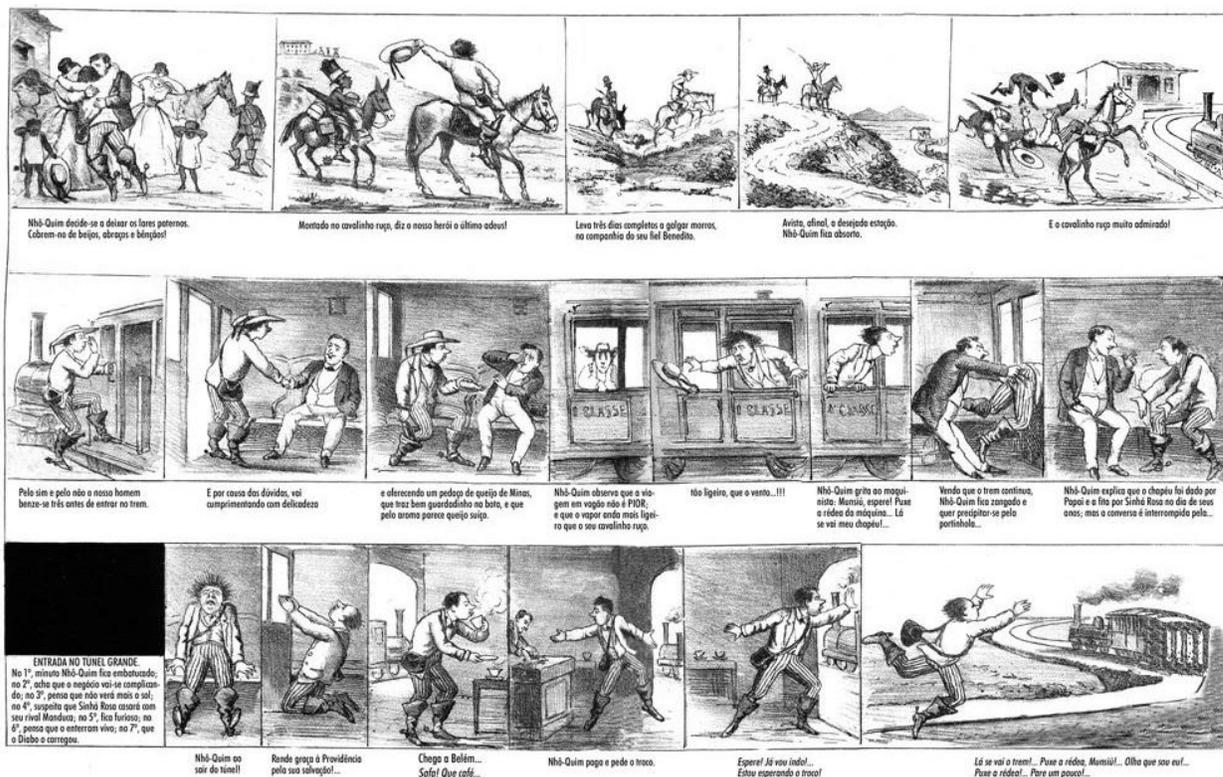


Figura: 09.

O italiano também foi responsável pelo logotipo da publicação infantil mais conhecida no início do século XX no Brasil, a revista *O Tico-Tico*. Considerada a primeira revista brasileira a publicar regularmente narrativas em quadrinhos de vários autores, mas também era composta por “contos infantis, passatempos, poesias e matérias sobre datas comemorativas” (Vergueiro, 2017, p. 27). Em relação ao pioneirismo e à importância desta revista no contexto brasileiro, que inclusive teve vida longa (1905 a 1962) em uma época em que as HQs não eram reconhecidas por grande parcela da sociedade, Vergueiro afirma que:

A revista *O Tico-Tico* é um marco entre os títulos regulares dirigidos à infância no Brasil. Em primeiro lugar, por ter sido a pioneira em trazer regularmente histórias em quadrinhos, em uma época em que a arte gráfica sequencial não tinha absolutamente qualquer reconhecimento por parte dos intelectuais, dos pais ou dos professores (2017, p.32, *apud* VERGUEIRO, 2005, p.14).

Capa da ed. nº1916 – jul/1945

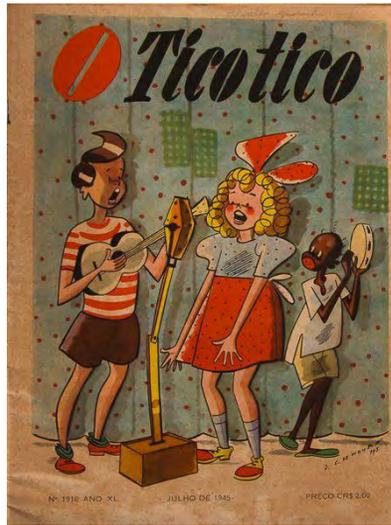


Figura: 10.

Por volta de 1930 duas publicações ligadas a jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro possibilitaram a introdução das histórias em quadrinhos norte-americanas no Brasil. O jornal paulista *A Gazeta* serviu, segundo Vergueiro (2017, p.35), como uma espécie de “reconhecimento de terreno de uma potência estrangeira sobre o ambiente a ser dominado”. Desse modo, quando o jornal começou a publicar o suplemento *Gazeta infantil* em setembro de 1929, além das histórias de autores brasileiros, os quadrinhos norte-americanos foram introduzidos no país sendo seguidos posteriormente por histórias de outros países. Porém, uma maior expansão das HQs norte-americanas ocorreu com a publicação exitosa do *Suplemento Infantil* do jornal *A Nação*, cujo nome foi mudado para *Suplemento Juvenil* pouco tempo depois. Este suplemento, fruto da iniciativa do jornalista Adolfo Aizen (1907-1991), foi lançado na cidade do Rio de Janeiro em 1934.

Devido ao grande sucesso do *Suplemento Juvenil*, outras publicações infantis foram lançadas no mercado e tornando cada vez mais populares e conhecidos os quadrinhos norte-americanos. Neste sentido, o título que teve maior destaque foi o tabloide *Globo Juvenil*, também do Rio de Janeiro e publicado pelo jornal *O Globo*. Em 1930 este jornal criou como concorrência ao tabloide Mirim do *Suplemento Juvenil*, a revista *Gibi*, cuja popularidade no Brasil acabou tornando este nome uma forma metonímica de designação para qualquer história em quadrinhos, nomenclatura que permanece viva entre nós. Com o tempo, da revista *Gibi* se originou a *Gibi*

Mensal, que foi publicada até o início da década de 1960 “com mais de 300 edições e divulgação de dezenas de personagens norte-americanos” (VERGUEIRO, 2017, p. 40).

Capa da ed. nº21 – jun/1939.



Figura: 11.

Capa da ed. nº252 – dez/1940.



Figura: 12.

O fim das atividades do *Suplemento Juvenil* e o surgimento de editoras especializadas na publicação de revistas em quadrinhos modificaram o cenário das HQs no Brasil, dando início a uma nova fase no mercado quadrinístico. Estabelecidas principalmente no sudeste do país, estas editoras distribuíam revistas que, pelo seu conteúdo e por seu alcance nacional, se tornaram bastantes populares entre o público infantil brasileiro e também entre a maioria dos jovens, que na época, ainda não dispunham da televisão, que, no seu início, era um meio de entretenimento mais restrito às classes mais abastadas.

Uma das maiores editoras brasileiras foi a EBAL (Editora Brasil-América Ltda.), fundada por Adolfo Aizen em 1945, depois do encerramento das atividades do *Suplemento Juvenil*. A primeira revista que publicou chamava-se *Seleções Coloridas*, lançada em 1946 e foi a responsável pelo início das publicações periódicas dos personagens da *Disney* no Brasil e sua popularização. Segundo Vergueiro a EBAL “[...] foi, durante mais de trinta anos, uma das maiores produtoras de revistas de histórias em quadrinhos da América do Sul” (2017, p.43).

Capa da ed. nº12 – set/1947.

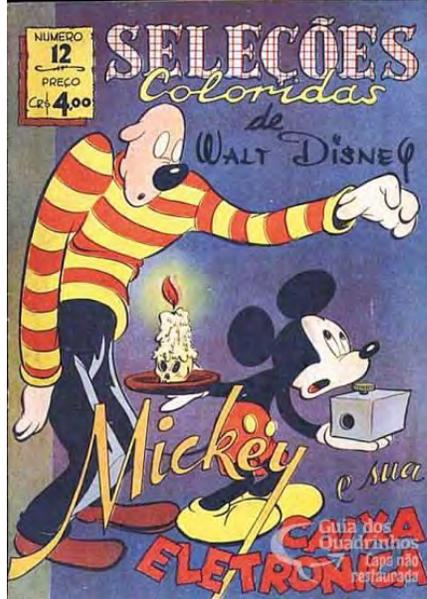


Figura: 13.

O desejo de que a linguagem narrativa sequencial fosse aceita pela sociedade brasileira, principalmente pelos pais e educadores, motivou Aizen a empreender diversas iniciativas cujo objetivo era ampliar a popularização e aceitação das HQs. Entre elas, publicou revistas com histórias feitas por artistas brasileiros, principalmente adaptações de clássicos da literatura durante os anos de 1950 e 1960 tanto no *Álbum Gigante*, como na *Edição Maravilhosa*.

A *Edição Maravilhosa* era a versão brasileira da série *Classics Illustrated*, traduzida e publicada no Brasil a partir de 1948 pela EBAL. A publicação massiva de material estrangeiro foi um dos principais motivos de críticas aos quadrinhos no contexto brasileiro, por isso, em 1950 o número 24 da revista trouxe a primeira edição de *O Guarani*, de José de Alencar, com a quadrinização do haitiano radicano no Brasil André Leblanc. Em janeiro de 1951 foi publicada *Iracema* no número 31 da revista, e em julho de 1971 o romance brasileiro *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, quadrinizado por Gutemberg Monteiro. Posteriormente a edição continuou publicando obras de autores americanos, e vez ou outra uma obra nacional (Guerini, *et al.*, 2013, p.93).

Ed. nº24 – jun/1950



Figura: 14.

Ed. nº31 – jan/1951.

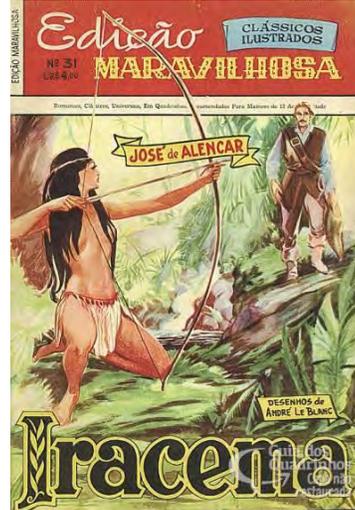


Figura: 15.

Ed. nº71 – jul/1953

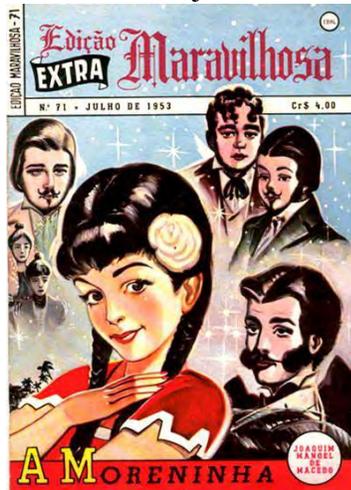


Figura: 16.

Ed. nº28 – dez/1956



Figura: 17.

A *Edição Maravilhosa*, que durou até 1961 e teve mais de 200 edições publicadas procurava, em relação às quadrinizações de clássicos da literatura brasileira, valorizar as obras que vinham ao encontro das aspirações ufanistas do público leitor do momento e os acontecimentos e personagens da história do Brasil. Desse modo, escritores da época do Romantismo, principalmente José de Alencar (o preferido da editora EBAL) tinham algumas de suas obras transpostas para os quadrinhos, enquanto os principais escritores do realismo, como

Machado de Assis e Lima Barreto nunca tiveram sequer uma de suas obras adaptadas por esta editora.

Posteriormente, durante a década de 1970, a EBAL produziu a coleção chamada *Clássicos Ilustrados da Literatura Brasileira*, também voltada para a adaptação de clássicos para os quadrinhos; porém, esta coleção, constituída totalmente por reedições de obras que já haviam sido publicadas na *Edição Maravilhosa* ou no *Álbum Gigante*, não teve o êxito esperado, sendo, por isso, publicadas apenas algumas poucas dezenas de edições.

Ed. nº14 – 1982

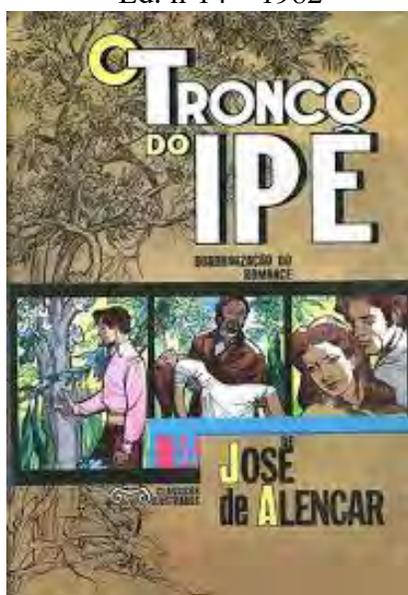


Figura: 18.

Ed. nº09 – 1959.

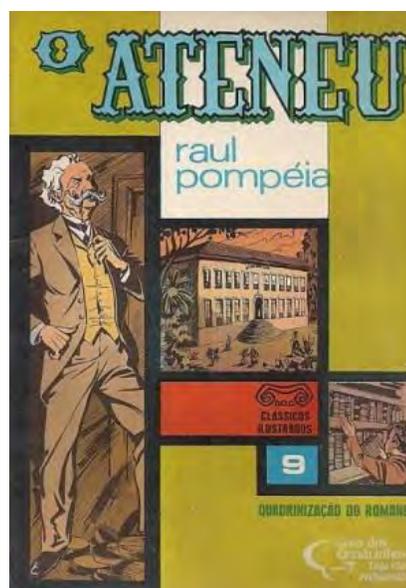


Figura: 19.

Também foi publicada a revista *Grandes Figuras em Quadrinhos* que apresentava a biografia de grandes personalidades brasileiras como, por exemplo, Machado de Assis, Oswaldo Cruz, José Bonifácio entre outros; a *História do Brasil em Quadrinhos* que narravam os fatos mais marcantes da história brasileira, como a chegada da família real e a Independência, e a *Série Sagrada*, com conteúdo religioso e que se concentrava principalmente na vida dos santos católicos e na quadrinização de histórias bíblicas.

Ed. nº08-jun/1974

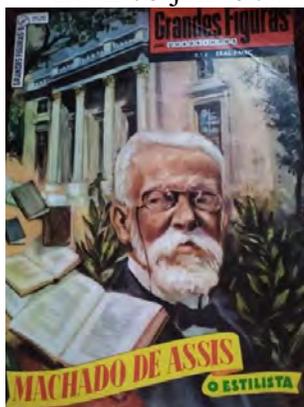


Figura: 20.

Ed.01-jun/1979.



Figura: 21.

Ed. esp. abr/1955.



Figura: 22.

Após mais de 40 anos de contribuições para mercado editorial quadrinístico no Brasil, e de dar aos quadrinhos a importância e o valor que lhe era devido, após os anos 1940 e 1950 em que eram vistos como perniciosos, a EBAL, devido a dificuldades econômicas abandonou seu trabalho com este meio de comunicação em massa, após enfrentar dificuldades econômicas nas décadas de 1970 e 1980.

Em relação às adaptações literárias, além da iniciativa da EBAL, há pouco a ser dito sobre as transposições para os quadrinhos no Brasil. Somente em 1977 é que se passou a publicar a revista *Sítio do Pica-Pau Amarelo* pela editora RGE (Rio Gráfica e editora), que representava o setor de histórias em quadrinhos das organizações O Globo e que durou até 1987. Esta editora costumava priorizar os quadrinhos norte-americanos, porém, em algumas oportunidades publicou histórias com personagens criados por autores brasileiros, como, por exemplo, o personagem Jerônimo, da obra *Jerônimo, o Herói do Sertão* de Edmundo Rodrigues (1935-2012).

Ed. nº06 – jan/1958.



Figura: 23.

Nos anos 1980 a RGE passou a se chamar Editora Globo. Ampliou seu catálogo de revistas distribuídas para as bancas de jornal, e acrescentou os títulos produzidos pela empresa Maurício de Sousa produções Artísticas. Em meados da década de 1990, porém, foi reduzindo sua participação no mercado de quadrinhos. Com a saída de Maurício da editora, a empresa ficou com poucas publicações regulares, entre as quais se podem destacar *O Menino Maluquinho*, *O sítio do Pica-Pau Amarelo* e *Cocoricó*.

Ed. nº10- maio/2007.



Figura: 24.

Ed. nº18-2006.

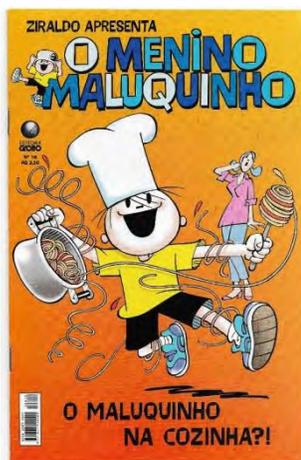


Figura: 25.

Ed. nº01-out/2008.



Figura: 26.

Durante a primeira metade do século XX a editora gráfica *O Cruzeiro*, localizada na cidade do Rio de Janeiro, se tornou bastante famosa pela publicação da mais importante revista de variedades que levou o mesmo nome da editora. Na década de 1940, iniciou a publicação de revistas em quadrinhos voltadas principalmente para o público infantil, como *Luluzinha*, (*Little Lulu*), *Bolinha* (*Tubbie*), *Gasparzinho* (*Casper*), *Manda-Chuva* (*Top Cat*) e *Zé Colmeia* (*Yogi Bear*), entre outros. Porém, no ano de 1959, *O Cruzeiro* lançou a revista de histórias em quadrinhos *Pererê*, que até então eram publicadas em tirinhas na revista. Ao contrário das outras publicações, esta foi a primeira a ser toda escrita e desenhada por um autor brasileiro e com personagens nativos do Brasil. O cartunista Ziraldo, para escrevê-las, se inspirava nos índios, nos animais e nos personagens das lendas e do folclore brasileiros, e acabou criando aquela que seria considerada a mais autêntica e importante contribuição brasileira para a indústria dos quadrinhos.

A revista trazia histórias que giravam em torno das ações do *Saci Pererê*, personagem do folclore brasileiro, que juntamente com um grupo de amigos, lutava pela causa ecológica. Segundo Vergueiro: “[...] os temas ressaltados [...] tinham abordagem muito regional e, principalmente, tratavam aspectos bastante peculiares da herança cultural brasileira (2017, p.56, *apud* VERGUEIRO, 1990)”.

Ed. nº08-ago/1963



Figura: 27.

Ed. nº05-maio/1961.

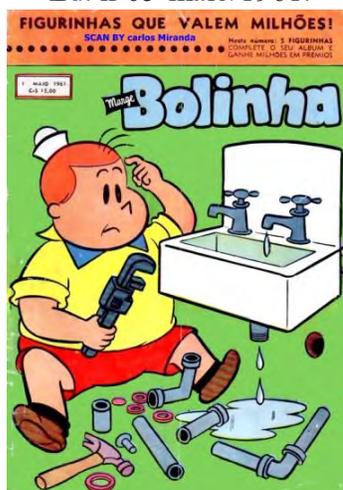


Figura: 28.

Ed. nº06 -jun/1964.

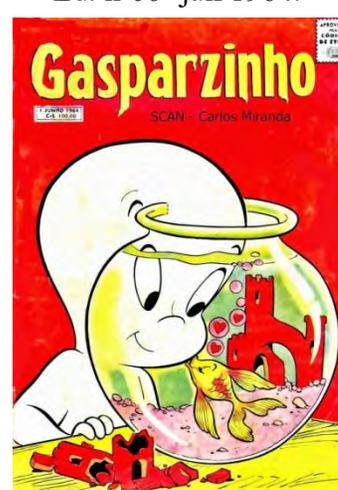


Figura: 29.

Ed. nº03-mai/1964



Figura: 30.

Ed. nº07-jul/1971.

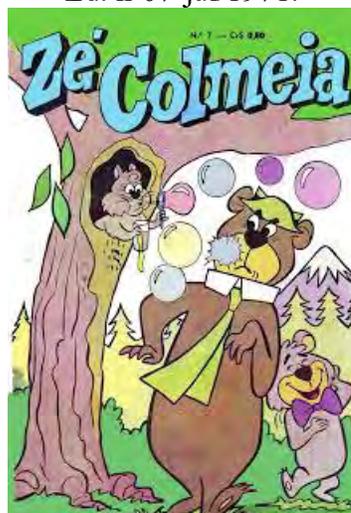


Figura: 31.

Ed. nº01- jan/1961.



Figura: 32.

No ano de 1950 foi criada na cidade de São Paulo a editora Abril, cujo início no Brasil tem estreita relação com a publicação de histórias em quadrinhos da *Disney*, começando com *O Pato Donald* (*Donald Duck*), porém, devido a grande aceitação dos leitores, *Mickey* e *Tio Patinhas* (*Uncle Scrooge*) também surgiram no cenário nacional brasileiro.

Ed. nº01-jul/1950.

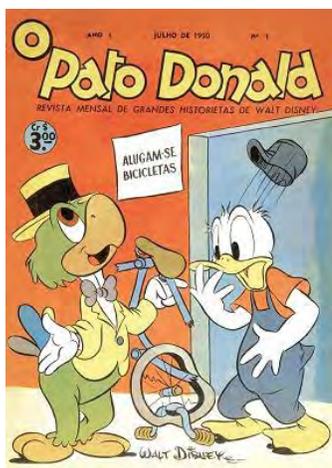


Figura: 33.

Ed. nº220-fev/1971.



Figura: 34.

Ed. nº71-out/1971.



Figura: 35.

Em 1970, intencionando ampliar sua participação no mercado dos quadrinhos, a Abril deu início a publicação da revista *Mônica*, criada por Maurício de Sousa, que, posteriormente, passou a se chamar *A Turma da Mônica*, título bem mais apropriado para uma revista cujas histórias apresentavam, além da personagem principal, um grupo fixo de crianças que interagem com ela. Com o tempo e o êxito deste título, a editora passou a publicar mais obras deste autor, assim, posteriormente surgiram a revista *Cebolinha* em 1973 e *Cascão* e *Chico Bento* em 1982.

As revistas com os personagens de Maurício de Sousa ultrapassaram em vendas as revistas da *Disney*, que, então, eram publicadas pela mesma editora, convertendo Maurício no mais bem-sucedido e conhecido quadrinista brasileiro. No final de 1986, no entanto, deixou a *Abril* e passou a publicar suas HQs pela Editora Globo.

A revista da *Turma da Mônica* foi, para a maioria dos alunos desta pesquisa, a primeira e até mesmo, em alguns casos, a única história em quadrinhos com a qual tiveram contato na infância. Foi principalmente através desta revista que conheceram alguns poucos recursos das HQs, como balões, onomatopeias e linhas cinéticas, ainda que não conhecessem a maioria das

nomenclaturas, que hoje, depois das atividades oportunizadas pelas sequências didáticas, já conhecem.

Ed. nº01 – mai/1970.



Figura: 36.

Ed. nº01 – jan/1973.



Figura: 37.

Ed. nº01 – ago/1982.



Figura: 38.

Ed. nº01 – ago/1982

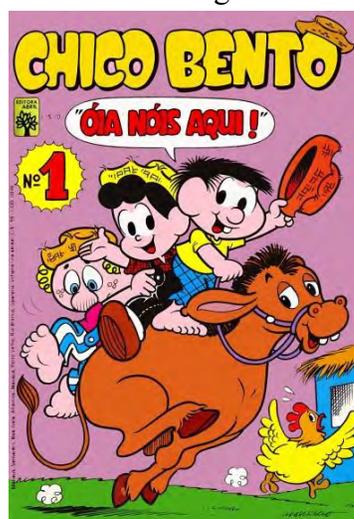


Figura: 39.

De 1977 a 1987 a Editora Rio Gráfica passa a publicar a revista *Sítio do Pica-pau Amarelo* a qual, posteriormente, se tornou uma publicação da Editora Globo. Em 1979, a Abril trouxe as histórias em quadrinhos de super-heróis da *Marvel Comics* para o Brasil e, no ano de

1984, as histórias dos personagens da *DC Comics*, outra gigante norte-americana dos quadrinhos, que, inclusive, produziu em 1940 a primeira revista em quadrinhos de *Batman*, seu personagem mais conhecido. Esta editora dominou o mercado brasileiro de quadrinhos até o final de 2001, quando desistiu de publicar as histórias da *Marvel* e logo depois as da *DC Comics*.



Figura: 40.



Figura: 41.

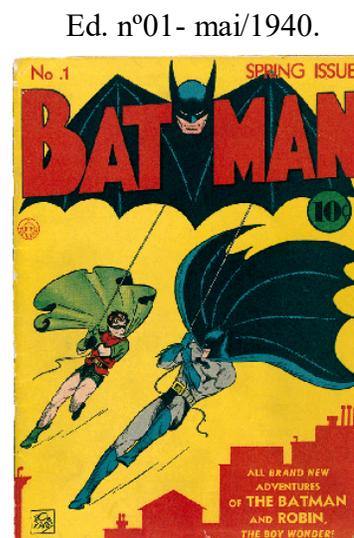


Figura: 42.

Ambas as publicações foram assumidas pela editora *Panini Comics* no Brasil, que se tornou, assim, a principal publicadora de revistas em quadrinhos no país. Em sua expansão, esta editora não se limitou apenas aos títulos de super-heróis, absorvendo também, em 2007, os títulos produzidos por Maurício de Sousa, quando este encerrou seu contrato com a Editora Globo.

No Brasil, ainda segundo Vergueiro, (2017, p.61), desde 1934, uma grande quantidade de editoras de revistas em quadrinhos surgiu e desapareceu, publicando títulos que acabavam sumindo do mercado quando as condições econômicas ficavam desfavoráveis. Durante as décadas de 1950 e 1960 a cidade de São Paulo abrigou várias pequenas editoras, que se estabeleceram e produziram uma variedade de títulos de quadrinhos.

Editoras como a Outubro, Continental, Triste, *Edrel*, *La Selva* entre outras, tiveram um importante papel para o desenvolvimento dos quadrinhos nacionais, uma vez que muitos artistas puderam produzir suas HQs e, ao mesmo tempo, possibilitaram o acesso dos brasileiros a histórias que tratavam de temas mais próximos de sua realidade e cultura. Algumas das revistas

que se destacaram nesta fase foram a revista de terror *Spektro* e a versão brasileira da revista norte-americana *Mad*, ambas da editora Vecchi.

Ed. nº05-mar/1978.

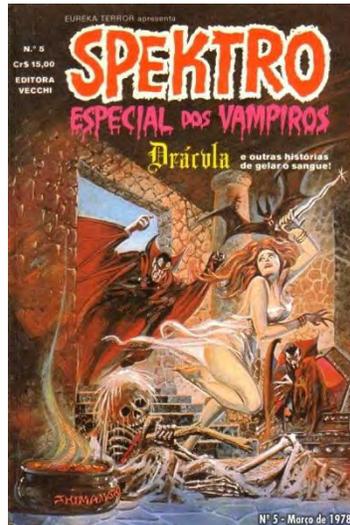


Figura: 43.

Ed. nº01-jul/1974



Figura: 44.

O cenário atual das histórias em quadrinhos no ocidente e, mais especificamente, no Brasil, é o resultado das sucessivas transformações pelas quais passaram visando sua adaptação a uma realidade diferente. Após terem enfrentado tempos difíceis em sua trajetória, como o preconceito e a rejeição por grande parte da sociedade e terem se firmado alcançando credibilidade, o novo desafio passou a ser o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação eletrônicas, que havia iniciado em meados do século XX com o advento da televisão, que conseguia conquistar com muito mais facilidade a atenção de seu público e as dificuldades econômicas pelas quais vários países passaram. Os desafios eram muitos, mas os quadrinhos precisavam encontrar alternativas que viabilizassem sua permanência no mercado. Como afirmou Eisner:

[...] a arte sequencial merece ser levada a sério pelo crítico e pelo profissional. O rápido avanço da tecnologia gráfica e o surgimento de uma era muito dependente da comunicação visual tornam isso inevitável (1999, p.5).

Desse modo, a indústria dos quadrinhos precisou encontrar alternativas que as possibilitassem concorrer de modo eficiente com estes meios de comunicação e informação.

Assim, passando a diversificar as características dos produtos e redirecionar seus esforços de disseminação de revistas para um público que se mostrasse mais receptivo a elas, a indústria quadrinística brasileira passou a publicar, por exemplo, nas duas últimas décadas, materiais provenientes da indústria oriental, investindo em títulos diferenciados, como os *mangás* publicados pela editora *Panini*, de modo que, a partir da criação da linha editorial *Planet Mangá*, em 2002, foi ampliando paulatinamente seu leque de publicações até que, em 2006 já disponibilizava oito títulos, fechando 2016 com mais de vinte títulos. De acordo com Vergueiro (2017, p.135), o total de títulos desta editora disponível nas bancas brasileiras chega à cifra de várias dezenas por mês.

As novas tendências impactaram significativamente a realidade da indústria das HQs brasileira, provocando a necessidade de criação de quadrinhos diferenciados, que alcançassem um público diferente do tradicional e que passaram a ser redirecionados para outros pontos de venda além das bancas de jornal, como grandes livrarias e gibiterias (*comic shops*), ampliando assim, a visibilidade da arte sequencial no país. Estas estratégias provocaram uma maior expansão do mercado editorial dos quadrinhos no Brasil, principalmente a partir do segmento de títulos destinados ao público adulto.

Graças às mudanças que ocorreram no âmbito da educação brasileira no final do século XX, e em especial, a inclusão das histórias em quadrinhos nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCN) na década de 1990, as HQs, passaram a ser mais estudadas de modo que as pesquisas começaram a ganhar força no país. O cenário melhora ainda mais para as adaptações literárias, devido à sugestão de inclusão dos quadrinhos nas listas de livros do programa do MEC de compra e distribuição de livros às escolas públicas do país o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola); e em 2006, observa-se uma retomada editorial dos quadrinhos nacionais.

Os quadrinhos já fizeram e ainda fazem parte dos gêneros textuais mais apreciados pelos alunos, porém, embora a maioria dos estudantes da turma 901 já tivesse tido algum contato com as HQs em algum momento, a atividade diagnóstica realizada com a turma revelou que todos os alunos apresentavam pouco conhecimento dos recursos das narrativas gráfico-visuais, por isso, antes de qualquer atividade relacionada aos quadrinhos e das análises das adaptações do conto *O alienista* fez-se necessário fornecer-lhes este conhecimento.

Ainda sobre a importância dos elementos formais que compõem as HQs, Postema nos afirma que: “Ao escrevermos sobre quadrinhos, seja com o objetivo de tratar da sua história ou de

analisar o seu conteúdo de um ponto de vista social, cultural ou narrativo, chega-se, inevitavelmente, à discussão de suas características formais” (2018, p.15). Desse modo, em sala, após adquirirem os conhecimentos necessários, os alunos analisaram, sob minha mediação, a estrutura narrativa dos quadrinhos e seus diversos recursos imagéticos e expressivos. Paulo Ramos afirma que (2009, p. 17) “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos”.

Segundo Cagnin (2014, p.34) em síntese, pode-se afirmar que os elementos constituintes das histórias em quadrinhos são as imagens e figuras e o texto, e este com formas de apresentação distintas. Postema (2018, p.28) identifica tais elementos como códigos, os quais se classificam como convencionais, que são os signos arbitrários e com significados a partir de convenções, como, por exemplo, o código verbal e o uso de molduras. O código das expressões faciais, gestuais e da linguagem corporal e o código icônico ou pictórico que trazem significado pela representação e não pela convenção. Neste trabalho, no entanto, será utilizada a nomenclatura mais usualmente encontrada nas principais teorias sobre os quadrinhos.

Durante a pesquisa procurou-se enfatizar que, assim como o conto em seu formato original é uma narrativa, os quadrinhos também o são, pois reúnem todos os elementos constituintes deste tipo de texto, apresentando, entre outras, a sequência das imagens nas vinhetas, as quais uma após outra promovem o desenvolvimento e a continuidade da ação. Segundo McLoud:

[...] a história em quadrinhos caracteriza-se por ser uma narrativa que parte de imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada. Cada vinheta estabelece uma relação de continuidade com o quadrinho que a sucede, criando a sequencialidade. Por isso, os quadrinhos podem ser considerados uma narrativa sequencial (1995, p.9).

3.3 Elementos constituintes das histórias em quadrinhos

Vinheta ou quadro

É a menor unidade narrativa e o espaço onde acontecem as ações. É conhecida também por quadro (Eisner, 1999. Postema, 2018). Sua função é emoldurar as ações e os elementos que

as compõem. Eisner afirma que as vinhetas também podem ser usadas como parte da linguagem não verbal da arte sequencial. As linhas que compõem os quadros são chamadas de requadros, e, de acordo com a intenção do desenhista podem assumir formas diversas. Para Postema, as vinhetas deveriam ser encaradas como unidades que criam uma estrutura maior, uma espécie de sintagma. Neste sentido ela afirma que:

Os quadros (vinhetas), nos quadrinhos, deveriam ser vistos de forma sintagmática, como unidades criando uma estrutura maior. Internamente, a unidade do quadro sustenta todos os códigos visuais mais importantes, entre eles o código icônico, assim como os códigos de expressão facial, gestual, de perspectiva, e outros. As imagens dentro dos quadros se tornam unidades de significação discretas que devem ser abordadas e decodificadas uma de cada vez. Esses códigos são intensificados pelo contorno dos quadros ou molduras, embora os quadros não necessitem estar circundados por molduras formais para que possam executar sua função (2018, p. 20).

Vinheta/ Quadro – (Missa do Galo)



Figura: 45. (ASSIS, 2018, p.20).

Geralmente as formas mais comuns dos quadros que compõem as narrativas quadrinhográficas são retangulares ou quadradas, porém existem ainda formatos distintos de apresentação como as dos signos de contorno (RAMOS, 2018, p. 98). Estes signos são chamados por Cagnin (2014, p.99) de signos indicadores de leitura que envolvem a imagem, que às vezes é inexistente, mas subtendida entre um quadrinho e outro. Sua principal função é emoldurar as ações e objetos. Eisner afirma que as bordas também podem ser usadas como parte da linguagem não verbal da arte sequencial, de forma que, ainda que não haja uma convenção de consenso universal sobre este assunto, os requadros retangulares com traçado reto (A) em geral sugerem que as ações contidas nos quadrinhos estão no tempo presente. O traçado sinuoso (B) ou

ondulado (C) são os indicadores mais comuns de passado e pensamento ou sonho, e o (D) de som e emoção. (1999, p.44).

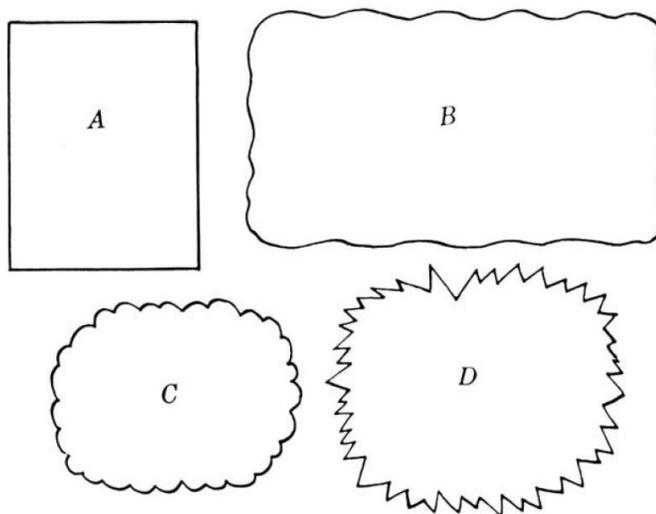


Figura: 46. (1999, p.44).

Os formatos distintos dos signos de contorno podem assumir valor expressivo, isto é, podem colaborar atribuindo significado à ação expressa no quadro. Segundo Paulo Ramos, os quadros ou vinhetas podem “[...], entretanto, assumir outros contornos menos convencionais [...]” (RAMOS, 2018, p.90), como os das vinhetas abaixo:

Contorno em diagonal



Figura: 47.

Contorno assumindo valor expressivo



Figura: 48.

Calha ou sarjeta

É o espaço em branco entre as linhas do requadro, também chamado de lacuna (POSTEMA, 2018, p.16). Segundo Vergueiro, esta distância entre as vinhetas “[...] torna-se um campo propício para que a imaginação do leitor complete as elipses existentes entre uma vinheta e outra, acrescentando detalhes inexistentes nas imagens e textos, mas reais no imaginário do público” (2015, p.28). Neste mesmo sentido, Fabiano Azevedo Barroso afirma que a sarjeta “[...] incita o leitor a criar momentos da história que não estão desenhados, mas estão implícitos, ‘escondidos’ entre dois quadrinhos” (2013, p.90).



Figura: 49. (ASSIS, 2006, p.03)

Balões

Os quadrinhos possuem recursos variados para representar as falas, porém o balão, considerado por Moacy Cirne: “Uma das principais características criativas dos quadrinhos (1977, p.25)”, é o mais utilizado quando se trata de meio no qual o texto se apresenta, e, as falas são quase que predominantemente representadas por meio de balões, pois esta é uma de suas funções (RAMOS, 2018, p. 32). Sobre este signo de formas variadas, indicador de leitura, que é o elemento mais característico das HQs, Cagnin faz a seguinte afirmação: “O balão tornou-se um dos traços distintivos dos quadrinhos, o seu logotipo é a marca registrada desse instrumento de

comunicação de massas” (2014, p. 150) e possivelmente “[...] o recurso que mais identifica os quadrinhos como linguagem” (RAMOS, 2018, p. 34). Segundo Postema, os balões são “códigos convencionais com os quais temos mais familiaridade na língua, consistindo em signos que são arbitrários e com significados a partir de convenções (2018, p.28)”.

O balão pode ser compreendido a partir do signo de contorno que o envolve, de modo que tanto podem sugerir a fala como o pensamento dos personagens. Além de ser um dos modos de representação do texto podendo variar de acordo com a vontade dos autores, pode servir também como uma espécie de invólucro para imagens que representam diversas reações e emoções pelas quais passam os personagens (CAGNIN, 2014, p.140).

O recheio, ou conteúdo dos balões pode ser constituído de apenas uma letra (grafema), um ponto de interrogação, exclamação, de figuras ou de outros sinais que traduzem os significados próprios desses signos linguísticos. Teríamos, neste caso, o que é chamado de balão - mudo, pois não contém nenhuma fala, apenas sinais diversos, letras, rabiscos, desenhos de animais peçonhentos e asquerosos e assim por diante. Estes sinais são índices do estado emocional da personagem (CAGNIN, 2014, p.150).

Revista da *Magali*, nº347. São Paulo: Globo, 2002, p.29.



Figura: 50.

Eisner, a respeito tanto da ampliação do uso dos balões como de suas funções, faz a seguinte afirmação: “À medida que o uso dos balões foi se ampliando, seu contorno passou a ter uma função maior do que simples cercado para a fala. Logo lhe foi atribuída a tarefa de acrescentar significado e de comunicar a característica do som à narrativa (1999, p.27).

(1999, p.27).



Figura: 51.

Apêndice ou rabicho

Outro elemento importante é o apêndice do balão. Há dois tipos principais, a flecha e a bolha. Difere do balão no valor e na função que desempenha, indicando o personagem que fala. Sobre este índice e sua importância em associação com o balão, Ramos (2018, p.43) destaca que: “Os dois elementos do balão - balão e apêndice - estão umbilicalmente associados. Trata-se de uma extensão do balão, que se projeta na direção do personagem”.

O apêndice pode apresentar sua formação em bolhas, no caso de acompanhar o balão pensamento ou sonho, tracejado para acompanhar o balão-cochicho, e em forma de uma espécie de flecha no caso da maioria dos balões. Alguns quadrinistas não desenharam o balão, mas somente o rabicho que se projeta na direção do personagem que pronuncia a fala.

Exemplos de apêndices

“O Alienista” em quadrinhos.



Figura: 52. (ASSIS, 2006, p.45)

“Uns braços” em quadrinhos.



Figura: 53. (ASSIS, 2006, p.08)

Alguns tipos de balões

Existem como afirma Cagnin, (2014, p.132) dois tipos gerais de balões que são o balão-fala e o balão-pensamento, os quais, segundo este autor, foram convencionados por todos os desenhistas; porém, há muitos outros tipos de balões frutos das criações individuais e que são muito fáceis de serem decifradas pelo leitor. Os contornos destes signos sofrem variações ao contorno do balão de fala para adquirir um sentido expressivo diferente. Sobre este assunto, Ramos faz a seguinte colocação:

Tudo o que fugir ao balão de fala adquire um sentido diferente e particular. O balão continua indicando a fala ou o pensamento do personagem, mas ganha outra conotação e expressividade. O efeito é obtido por meio de variações no contorno, que formam um código de sentido próprio na linguagem dos quadrinhos (2018, p.36).

Robert Benayoun (1968 *apud* Cirne, 1977, p.27) aponta o registro de 72 espécies de balões, entre os quais, o atômico, o censurando, o glacial, o onomatopaico, o interrogativo e o

mudo. Porém, nesta pesquisa um recorte foi realizado de modo que apenas os mais usuais foram destacados.

Balão-fala

É o mais comum e segundo Ramos (2018, p. 37) “expressivamente o mais neutro”. O contorno do traçado além de contínuo e bem nítido, pode ser reto ou curvilíneo. Geralmente este molde simula a fala dita em tom de voz mais normal.

Exemplo de balão-fala em “O Espelho”.



Figura: 54. (ASSIS, 2012, p.27).

Exemplo de balão-fala em “A Cartomante”.



Figura: 55. (ASSIS, p.34)

Balão-pensamento

Apresenta linha de contorno irregular, geralmente ondulada lembrando a forma de uma nuvem. O seu apêndice é formado por pequenas bolhas, indicando pensamento, mas também pode indicar que o personagem está sonhando. É possível representar os pensamentos com textos

escritos ou imagens em seu interior. Cagnin fazendo uma espécie de comparação entre este tipo de balão e o balão-fala, afirma que:

[...] enquanto o balão-fala representa o texto escrito do que a personagem fala como também o diálogo mantido entre as personagens, o balão-pensamento é uma informação exclusiva para o leitor e pode ser considerado como uma intromissão do *narrador onisciente* (personagem fictícia da história), que sabe o que pensa a personagem, que lê até o pensamento dela (2014, p.141).

Exemplos de balão-pensamento. Conto “Uns braços”.



Figura: 53. (ASSIS, 2006, p.09)



Figura: 54. (ASSIS, 2006, p.32)

Balão-cochicho ou sussurro

Seu contorno é pontilhado e possui indicação de que os personagens falam em tom de voz baixo para que não sejam ouvidos por outros.

Balão-berro ou *splash*.

Também apresenta traço contínuo, porém não é retilíneo, mas sim com extremidades para fora, como uma explosão ou em um zigue-zague. O sentido deste balão pode indicar, entre outros, voz alta, grito ou som eletrônico em volume alto.

Exemplo de balão-grito em “O Enfermeiro”.



Figura: 55. (ASSIS, 2010, p. 21).

Exemplo de balão-grito em “Uns Braços”.

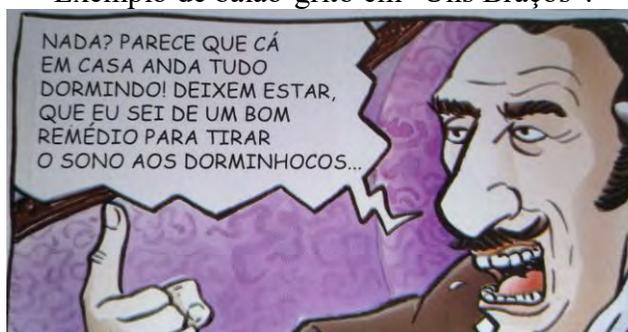


Figura: 56. (ASSIS, 2006, p. 17).

Balão-unísono

Balão curvilíneo com vários rabichos voltados cada um para um personagem, indicando a reunião da fala única e simultânea de todos eles.

Exemplos de balão-unísono em “O Espelho”.



Figura: 57. (ASSIS, 2012, p. 08)



Figura: 58. (ASSIS, 2012, p. 51)

Balões-intercalados

Acontece quando as falas se alternam em um diálogo entre dois ou mais personagens, ou nas pausas no discurso de alguém, ou seja, enquanto um personagem está falando seu interlocutor também pode emitir sua fala alternadamente.

Exemplo de balões-intercalados em “Uns Braços”.



Figura: 59. (ASSIS, 2006, p.39).

Balões-duplos

Indica momentos de fala de um personagem. São ligados por uma espécie de estreitamento dos balões que informam que a fala foi dividida por breve silêncio e depois continuada.

Exemplo de balão-duplo em “Será o Benedito!”



Figura: 60. (ANDRADE, 2018, p. 31).

Balão-zero ou ausência de balão

Não existe linha de contorno do balão. O texto fica sem o signo de contorno, e como diz Cagnin “[...] fica desguarnecido em um canto qualquer do quadrinho” (2014, p.144). Pode ou não apresentar apêndice (rabicho).

Exemplo de balão-zero em *Vidas Secas*.

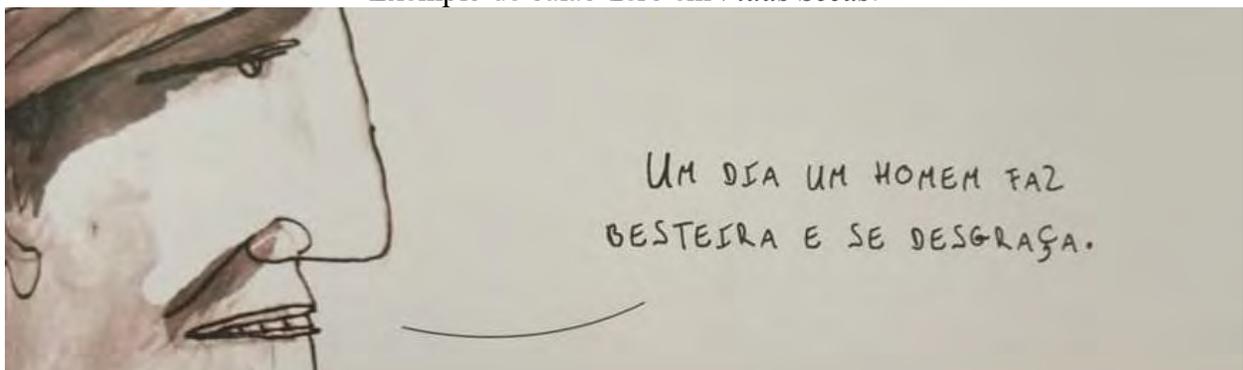


Figura: 61. (RAMOS, 2017, p.81).

Balões-especiais

Apesar dos balões estarem diretamente associados aos textos, há alguns que só contêm imagens. Postema, sobre esta possibilidade, caracteriza estes recursos como “[...] veículo comum para as palavras, [...] igualmente adequados para transmitir imagens ou qualquer combinação das duas (2018, p.121)”. Segundo Ramos (2018, p. 41) “[...] ocorrem quando assumem a forma de uma figura e conotam o sentido visualmente representado”. Muitos são os balões-especiais utilizados pelos desenhistas para conferir mais expressividade às histórias.

Alguns destes balões são os que contêm a imagem de um ou mais corações evidenciando que o personagem está apaixonado, e os que trazem em seu interior uma série de caracteres indicando improperios ou bronca. Em relação às figuras no interior dos balões, Cagnin afirma que “[...] expressam o que pensa a personagem: uma lâmpada, por exemplo, corresponderia à expressão verbal corrente, ‘ter uma ideia luminosa’ (2014, p.153).

Exemplos de balões-especiais

Turma da Mônica, nº07, p.09. *Mônica y sus amigos*, nº19, p.81. *Mônica y sus amigos*, nº19, p.32.



Figura: 62.



Figura: 63.



Figura: 64.

Legenda

Recurso de linguagem que, assim como os balões, tem a função de abrigar os textos. Também chamada de caixa de texto e recordatório em português, são painéis geralmente retangulares que ficam situados, na maioria das vezes, na parte superior das vinhetas. Tem a função de abrigar a narração, marcando o tempo e o espaço da história, ou a expressão da voz interior dos personagens, e apresenta as informações necessárias para a compreensão da história

pelos leitores. Este último nome lhe foi atribuído porque, segundo Cagnin (2014, p. 157), “[...] na primeira vinheta das tiras de aventuras contínuas publicadas em jornais, eles eram usados para alojar a síntese da história até aquele momento, servindo para trazer à memória dos leitores os fatos passados anteriormente”. Enquanto os personagens dialogam por meio dos balões, o narrador se dirige ao leitor através das legendas e do título da história.

Vergueiro acrescenta que os elementos verbais inseridos nas legendas “[...] ganham novos significados dependendo do tamanho e do estilo da fonte – letras em negrito ou em cores, como o vermelho, evidenciam o estado emocional do personagem [...] (2015 p. 30)”. Ramos, em interessante contribuição sobre o uso das cores e da legenda pelo narrador, defende que: “[...] não é apenas o narrador onisciente que tem direito ao uso da legenda. O narrador-personagem também pode se apropriar do recurso (2018, p.49)”. Um exemplo disso e que também é mencionado por este autor (2018, p.50), é a identificação pela cor diferenciada na legenda do personagem que fala. Nas histórias da revista do *Superman* e do *Batman*, os dois heróis alternaram o papel de narrador e cada vez que isso acontecia a cor da legenda mudava, de maneira que quando a fala da legenda é do *Superman* é de cor amarela, a de *Batman* é da cor azul escura.

Exemplo de Legenda/recordatório em “A Cartomante”.

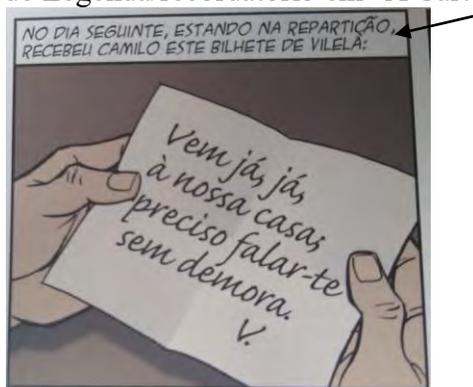


Figura: 65. (ASSIS, 2006, p.20)

Onomatopeia

É um signo de som que pode ser constituído por letras e palavras e recriam e representam os sons e os ruídos, como diz Vergueiro: “[...] em um produto cultural midiático ‘silencioso’(2015, p.31)”. Os sons das onomatopeias, que nos quadrinhos são representados pela

Alguns exemplos de onomatopeias

Toc toc toc em: “A Cartomante”.



Figura: 67. (ASSIS, 2006, p.29)

Clect! Clect! Clect! (Som da matraca)
“O em: Alienista”.

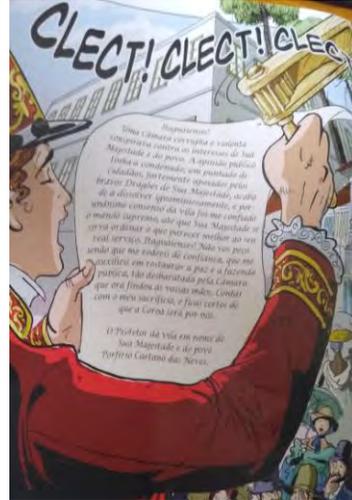


Figura: 68. (ASSIS, 2013, p. 44)

Tap em: “O Enfermeiro”.



Figura: 69. (ASSIS, 2006, p. 12)

Tic-tac em: “O Espelho”.



Figura: 70. (ASSIS, 2012, p. 41)

Linhas cinéticas

A imagem é estática e carece de recursos que, quando for necessário, sugira e indique, como menciona Cirne: “[...] um movimento aparente, que será tanto maior quanto for a capacidade inventiva do desenhista (1977, p.36)”. Para dar movimento e noção de deslocamento

à imagem, há vários recursos, e, entre eles, a linha cinética, que é um signo visual gráfico indicador de ações e os movimentos dos elementos estáticos (Cagnin, 2018, p.99).

Classificadas por MccLoud como linhas de movimento (1995, p.110), e chamadas de linhas expressionistas por Postema (2018, p.30), são usadas com frequência para indicar também as emoções dos personagens e, segundo Ramos é: “[...] uma forma de reproduzir o momento de um gesto (2018, p.116)”. Sobre o modo como estas linhas contribuem para aumentar a expressividade dos quadrinhos, Scott MaccLoud afirma que: “Todas as linhas carregam consigo um potencial expressivo (1995, p.124)”, e Vergueiro, sobre a atuação destas linhas em relação às imagens, assevera que

Expressar deslocamentos espaciais em uma mídia caracterizada por imagens fixas exige o aproveitamento de linhas cinéticas (traços, normalmente paralelos) que indicam o movimento do personagem ou de algum objeto circunscrivendo uma ação ou sendo arremetido. Esses ‘sensogramas’ acompanham o percurso do actente pelo cenário ou de um objeto lançado por alguém. O desenho, congelado, ganha um simulacro de ação que faz com que o leitor tenha a impressão de movimentação onde ela inexiste (2015, P.32).

O modo mais comum do uso das linhas cinéticas é como signo de contorno ligado a um objeto ou personagem, indicando um movimento ou uma trajetória (RAMOS, 2018, p.116). Este recurso é tão importante que pode representar tanto coisas visíveis como invisíveis. Maccloud, em seu livro *Desvendando os quadrinhos* (1995, p.128), exemplifica estas diferentes representações afirmando que as linhas podem representar, por exemplo, tanto a fumaça, que é algo visível, como o cheiro, que é algo invisível.

Exemplos de linhas cinéticas

Linha cinética indicando trajetória em: “O Enfermeiro”.



Figura: 71. (ASSIS, 2006, p.18)

Linha cinética indicando movimento em: “O Alienista”.



Figura: 72. (ASSIS, 2013, p. 09)

Linha cinética indicando movimento e trajetória em: “O Alienista”.



Figura: 73. (ASSIS, 2013, p. 42)

Linha cinética indicando movimento em: “O Espelho”.

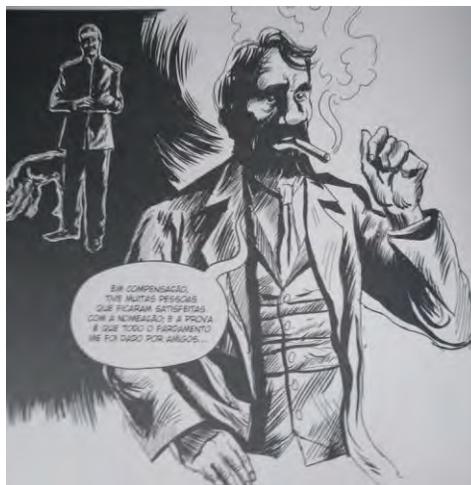


Figura: 74. (ASSIS, 2012, p. 14)

Metáforas visuais

Chamadas de signos convencionais de ações e movimentos por Cagnin (2014, p.99), e de metáforas visuais por Vergueiro (2015, p.32), são imagens que, ainda segundo este autor, além de serem facilmente identificáveis e compreendidas, “[...] são aceitas pelos leitores e se tornam convenções”, de modo que, durante a leitura, a ação evocada por estas metáforas é facilmente decodificada e compreendida. Acevedo afirma que estes recursos seriam uma “convenção gráfica que expressa o estado psíquico dos personagens mediante imagens de caráter metafórico” (RAMOS, 2018, p.112, *apud* ACEVEDO, 1990).

As metáforas visuais podem aparecer em qualquer lugar dos quadrinhos, dentro e fora dos balões, e são importantes para atribuir às imagens, ainda segundo este autor, a sugestão de movimento de que carecem. Ramos, em sua obra *A Leitura dos Quadrinhos*, relaciona uma série de exemplos de metáforas visuais, entre as quais é possível destacar:

- Pregos, raios, estrela, bomba, caveira e outros signos que sugerem palavrões ou termos/pensamentos agressivos (p. 112);
- Corações indicando amor ou paixão (p.113);
- Nota musical indicando assobio ou canto (p.113);
- Letra “z”, escrita uma ou várias vezes, com conotando alguém dormindo (p.113);
- Lâmpada sugerindo que o personagem teve uma ideia (p.114).

Exemplos de metáforas visuais

Metáforas visuais indicando dor e suor em: “O Enfermeiro”.



Figura: 75. (ASSIS, 2006, p. 20)

Metáfora visual indicando paixão ou amor em: “O Peru de Natal”.



Figura: 76. (ANDRADE, 2018, p. 10)

Metáfora visual indicando suor em: “O Alienista”.



Figura: 77. (ASSIS, 2013, p. 42)

Indicando raiva. Alm. Mônica nº07, p. 17



Figura: 78.

Indicando ideia. Alm. Mônica nº07, p. 09.



Figura: 79.

Contribuição das letras

Embora a letra tradicional, escrita de maneira linear, sem negrito e, em geral, de cor preta, seja a mais comumente utilizada nos quadrinhos tanto dentro como fora dos balões, é possível, segundo Ramos (2018, p.56), que apresente diferentes valores expressivos, passando a agregar outro sentido, variando de acordo com o contexto da história. Este autor ainda ressalta vários exemplos de alterações nas letras resultando em sentidos diferenciados, como, por exemplo, a expressividade “neutra” da letra tradicional, o emprego do negrito ou o tamanho maior para sugerir um tom de voz mais alto ou um tamanho menor para indicar fala baixa ou sussurrada etc.

Maccloud, ao discorrer sobre este assunto, afirma que: “A aparência das palavras e letras nos quadrinhos é manipulada com frequência para somá-la ao sentido puramente linguístico das palavras, construindo uma fonte de significação da dimensão visual do texto” (1995, p.121). Vergueiro nos diz que as palavras, em relação aos novos sentidos que podem assumir, ainda acrescentam as diferentes tipologias e a cor diferenciada das letras:

As palavras que são inseridas em balões e recordatórios ganham novos significados dependendo do tamanho e do estilo da fonte – letras em negrito ou em cores, como o vermelho, evidenciam o estado emocional do personagem; nesse caso, raiva ou espanto. Tipologias diferentes, estilizadas, como a letra-fantasia, podem representar diálogos românticos ou discurso pedante. A cor dos balões ou dos recordatórios acrescenta ou muda os significados dos discursos (2015, p. 30).

Exemplos de expressividade diferenciada das letras.

A palavra “fogo” em negrito e tamanho maior sugerindo tom de voz mais alto em: “O Alienista”.



Figura: 80. (ASSIS, 2013, p. 36)

Palavras em tamanho maior sugerindo tom de voz mais alto.

“Uns Braços”.



Figura: 81.

(ASSIS, 2006, p. 03).

“O Alienista”.



Figura: 82.

(ASSIS, 2006, p. 29).

Vidas Secas.

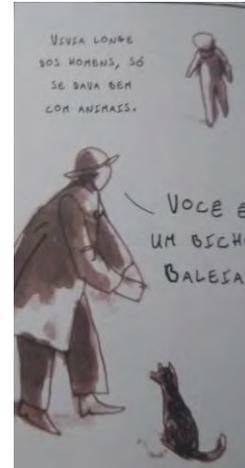


Figura: 83.

(RAMOS, 2017, p. 22)

O tempo narrativo

Como toda narrativa, os quadrinhos apresentam a noção de tempo, que, segundo Eisner (1999, p.25): “[...] é uma dimensão essencial da arte sequencial”, pois “[...] não só tem um enorme impacto psicológico, como também nos permite lidar com a prática concreta do viver”. Segundo este autor, é necessário que o desenhista tenha habilidade para expressar a ideia de tempo, pois é algo decisivo para o sucesso de uma narrativa visual (1999, p.26).

Ramos assevera que o tempo na linguagem dos quadrinhos “É percebido pela disposição dos balões e dos quadrinhos. Quanto maior o número de vinhetas para descrever uma mesma ação, maior a sensação e o prolongamento do tempo (2018, p.128)”. Cagnin, em sua obra *Os Quadrinhos-Linguagem e semiótica* apresenta as noções de tempo, que, a seu ver, são muito importantes para a narrativa icônica:

- ✓ **Tempo enquanto sequência de um antes e um depois** (2015, p.72): obtido, geralmente, com a sequência das ações na passagem de um quadro a outro. Há, também, a possibilidade de se sugerir o tempo passado e futuro com apenas uma imagem, mas não é o mais comum. Quando se comparam os dois momentos, percebe-se a sucessão temporal entre as vinhetas;

- ✓ **Tempo enquanto época ou era** (2015, p.72): pode ser informado pelos índices encontrados na imagem, como, por exemplo, a indumentária das figuras ou qualquer outro índice;
- ✓ **Tempo astronômico** (2015, p.73): representado por símbolos que indicam metonimicamente períodos do dia, como a noite, o dia ou a tarde. É o caso da representação do sol e da lua, podendo significar o amanhecer, o entardecer, o dia ou a noite;
- ✓ **Tempo meteorológico** (2015, p.74): está relacionado com o clima - calor, frio, chuva, neve etc. (2015, p.74): é traduzido por figuras específicas como, a figura da neve caindo ou a sol nascendo, ou por situações que envolvem diretamente os personagens, como agasalhos no frio ou ventiladores ligados no calor, entre outros;
- ✓ **Tempo da narração** (2015, p.74): as histórias em quadrinhos não são uma simples narração, mas sim a representação imitativa que torna presente de novo um acontecimento, porém, por meio das ilustrações. A ação vai se tornando presente à medida que se vai lendo. O tempo é reproduzido pela sucessão dos quadros, durante a leitura;
- ✓ **Tempo de leitura** (2015, p.74): há certa linearidade na sequência dos quadros ainda que tenhamos contato com todos os quadros da página. À medida que a leitura é realizada, um mesmo quadrinho passa, assim, pelo tempo que foi lido (passado), pelo tempo presente (momento de leitura) e futuro (o que ainda não foi lido).

Exemplos de tempos narrativos

Indumentária, carruagem, arquitetura e escrava como índice de época em: “A cartomante”.



Figura: 84. (ASSIS, 2006, p. 37)

Indumentária, mobiliário e escravo como índice de época em: “O Alienista”.



Figura: 85. (ASSIS, 2008, p. 37)

Arquitetura das casas e indumentária como índice de época em: “A Cartomante”.



Figura: 86. (ASSIS, 2006, p. 14)

Tempo astronômico: lua e escuridão como símbolos da noite em: “O Espelho”.



Figura: 87. (ASSIS, 2012, p. 05)

Tempo meteorológico: chuva em: “O Alienista”.



Figura: 88. (ASSIS, 2013, p.56)

O espaço narrativo: planos e perspectivas visuais.

Planos visuais

O espaço nas HQs pode variar e os quadrinhos, segundo Ramos (2018, p.136), “[...] possibilitam a percepção de uma série de elementos, como distância, proporção, volume”. Ainda segundo este autor, a percepção visual permite observar que há, nas histórias em quadrinhos, diferentes planos e ângulos e que, a referência, geralmente, é o corpo do ser humano. O quadrinista escolhe um ponto de vista e posiciona os elementos que compõem a cena dentro do espaço narrativo buscando um resultado estético ou enriquecimento semântico.

Os planos pictóricos traduzem na cena onde se encontra a imagem, a distância entre o observador e o espaço que ele observa. Quanto aos tipos de planos, Cagnin e Ramos (2015, 2018) apresentam os mesmos tipos, com as mesmas nomenclaturas, inclusive, segundo este último autor, “[...] parece haver consenso entre os diferentes teóricos dos quadrinhos quanto aos tipos de planos (2018, p.136)”.

Planos visuais nos quadrinhos segundo Cagnin (2015, p.106-109) e Ramos (2018, p.137-141).

- ✓ **Plano geral ou panorâmico:** é a localização geográfica da cena. É bastante ampla, de forma que engloba tanto os personagens como o cenário. A figura humana é vista por completo;



Figura: 89. (RAMOS, 2017, p.15)

- ✓ **Plano Total ou de conjunto:** O ser é representado de maneira mais próxima e de corpo inteiro, porém o espaço para o cenário é mínimo;

“A Cartomante”.



Figura: 90. (ASSIS, 2006, p.09)

“O Enfermeiro”.



Figura: 91. (ASSIS, 2006, p.23)

- ✓ **Plano Americano:** mostra o personagem do joelho para cima;

“Vestida de Preto”.



Figura: 92. (ANDRADE, 2018, p.41)

“O Alienista”.



Figura: 93. (ASSIS, 2013, p.45)

- ✓ **Plano médio ou aproximado:** mostra o personagem da cintura ou do peito para cima. É bastante usado em cenas de diálogos e reforçam os traços no rosto do personagem, mostrando em detalhes sua fisionomia;

“O peru de Natal”.



Figura: 94. (ANDRADE, 2018, p.15)

“Missa do Galo”.



Figura: 95. (ASSIS, 2018, p.25)

- ✓ **Primeiro plano:** mostra o personagem dos ombros para cima, o foco encontra-se nas expressões faciais;

“Umás férias”.



Figura: 96. (ASSIS, 2018, p.69)

“Conto de escola”.



Figura: 97. (ASSIS, 2018, p.33)

- ✓ **Plano em detalhe ou pormenor (close-up):** A atenção é para detalhes do rosto ou de objetos. Este plano permite que se entre em contato com a personagem por algum aspecto de parte de seu rosto;

Vidas Secas.



Figura: 98. (RAMOS, 2017, p.26)

Vidas Secas.



Figura: 99. (RAMOS, 2017, p.62)

- ✓ **Plano em perspectiva:** é mencionado apenas por *Cagnin* e ocorre quando há uma soma de diferentes planos na cena. Há uma espécie de *continuum* de planos em uma mesma cena, indo de imagens mais próximas ao leitor a outras, mais distantes.

“O Alienista”.



Figura: 100. (ASSIS, 2008, p.46)

Cagnin segue sua classificação com ainda outros dois planos, o plano *plongé*, que é a visão do alto para baixo, e o plano *contre-plongé*, que é o inverso, porém Ramos apresenta uma diferenciação entre planos e ângulos de visão. Neste trabalho será realizada a distinção feita por este autor, o qual afirma que “Os planos podem ser vistos de diferentes ângulos” (2018, p.142). Assim, o ângulo de visão, que, como diz Acevedo, é “o ponto a partir do qual a ação é observada (RAMOS, 2018, p.142, *apud* ACEVEDO, 1990)”, têm, segundo Eisner, a função primordial de manipular a orientação do leitor, além de permitir a produção de seus vários estados emocionais (1999, p. 89).

Ângulos de visão segundo Ramos

- ✓ **Ângulo de visão médio (2018, p.142):** a cena é observada como se ocorresse à altura dos olhos de quem lê. É o ângulo de visão mais comum nos quadrinhos;



Figura: 101. (ASSIS, 2013, p.09)

- ✓ **Ângulo de visão superior [ou *plongé*, ou *picado*] (2018, p.143):** o enfoque da ação é de cima para baixo; A opção por esta perspectiva em geral serve para mostrar o contexto em que irá se desenvolver a narrativa em toda a sua amplitude. Nos quadrinhos a mudança de pontos de visão apresenta semelhanças com os movimentos das câmeras no cinema, entretanto, ao contrário deste, o leitor pode controlar a velocidade da leitura e antecipar a cena.

“O soldado Jacob”.



Figura: 102. (ALBUQUERQUE, 2008, p.75)

“O Alienista”.



Figura: 103. (ASSIS, 2013, p.34)

- ✓ **Ângulo de visão inferior [ou contra-plongé ou contrapicado] (2018, p.143):** de baixo para cima.

“O homem que sabia Javanês”.



Figura: 104. (BARRETO, 2008, p.33)

“O Alienista”.



Figura: 105. (ASSIS, 2013, p.34)

Desenhista/ Quadrinista

Os desenhistas dos quadrinhos, também chamados de quadrinistas, que, no Brasil, até pouco tempo sequer eram citados nos créditos das revistas (Barroso, 2013, p.99), têm tido sua atividade autoral muito mais valorizada. Se, antes, nas décadas de 1940 e 1950 valorizava-se, em especial, o cânone e o escritor da obra, hoje, como afirma Barroso (2013, p.98): “[...] é dada

atenção à atividade autoral do quadrinista: sua originalidade em transpor linguagens, sua força expressiva, sua capacidade de se relacionar de forma criativa com a obra original, oferecendo um novo olhar e propondo uma nova leitura poética”.

Cada desenhista tem suas habilidades e estilo próprio. Isso é tão evidente que, como afirma Vergueiro: “[...] enche e salta aos olhos do leitor” (2015, p.43), de modo que se é possível falar em desenho deste ou daquele desenhista. Ainda, segundo este autor “[...] entende-se o estilo gráfico do desenhista a maneira como ele utiliza técnicas e recursos, como o traço [grosso ou fino], as hachuras, as sombras e as cores, objetivando personalizar seu trabalho (2015, p.44)”.

Em seu livro *Estrutura narrativa dos quadrinhos*, Postema afirma que:

[...] o estilo é tão penetrante que abrange toda a experiência da história – os personagens, o enredo, a aparência – até mesmo o formato das letras. O estilo, com efeito, deixa de ser estilo, uma vez que não é mais uma questão superficial de aparência. O estilo se torna a matéria dos quadrinhos, através da qual cada texto se expressa em uma voz que é completamente sua. O estilo significa nos quadrinhos (2018, p.165).

Para Eisner, o desenhista deve “olhar” para os elementos básicos com os quais precisa lidar em seu trabalho para que sejam compreendidos, pois “O modo como o artista ‘vê’ a vida e os objetos com os quais tem de lidar constitui o núcleo da técnica que emprega (1999, p.145)”. Durante a realização da análise dos contos em quadrinhos, um dos primeiros aspectos que saltou aos olhos dos alunos foi, exatamente, o estilo próprio e diferenciado de cada desenhista do conto analisado.

3.4 As adaptações dos clássicos da Literatura para os quadrinhos no Brasil

No que diz respeito às adaptações literárias para os quadrinhos, produção comum no Brasil durante os anos de 1950 e 1960, que não eram escritas, em sua grande maioria, por autores nacionais, mais consistiam na tradução de obras clássicas em quadrinhos de autores estrangeiros famosos, pode-se afirmar que foram, aos poucos, perdendo seu atrativo entre os leitores e chegaram a sofrer uma considerável diminuição no mercado.

Segundo Barroso (2013, p.92), a primeira publicação feita no Brasil foi uma adaptação literária de *Tarzan*, história em quadrinhos de autoria do norte-americano Hal Foster a partir do

livro homônimo de Edgar Rice Burroughs, e que saiu em capítulos a partir de 1934 no *Suplemento Juvenil*. De acordo com este pesquisador, embora o Brasil tivesse dado o pontapé inicial na adaptação de textos clássicos para os quadrinhos, seu início significativo se deu mesmo a partir de 1941 nos Estados Unidos, o maior produtor e exportador mundial de quadrinhos daquela época.

Capa da ed. nº1402-out/1943



Figura: 106.

Capa da ed. nº1437-jan/1944



Figura: 107.

No início dos anos 2000, porém, algumas iniciativas relacionadas às adaptações continuaram a ser tomadas, e algumas obras foram produzidas, ainda que de forma bastante esporádica. Além da iniciativa da EBAL na segunda metade do século XX, há pouco o que se dizer em matéria de adaptações literárias para os quadrinhos no Brasil, pelo menos antes do período que se iniciou em 2006.

Entre as poucas adaptações deste período, destaca-se o livro *Contos em quadros* (2002), que reunia a adaptação de três contos de escritores nacionais: “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), “O bebê de Tarlatana Rosa”, de João do Rio (1881-1921) e “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, de Alcântara Machado (1901-1935). A adaptação foi realizada por Célia Lima e J. Rodrigues. Em 2005, Caco Galhardo produziu a adaptação para os quadrinhos da obra de Miguel de Cervantes *Dom Quixote*, que mereceu destaque por apresentar uma abordagem fiel do texto original.

Capa da ed. nº01-2015

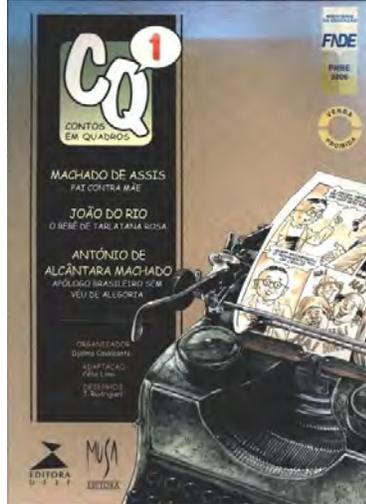


Figura: 108.

Capa da ed. nº01-2006.

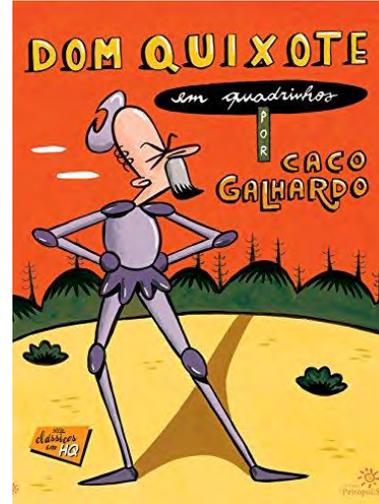


Figura: 109

Graças às mudanças que ocorreram no âmbito da educação brasileira no final do século XX, e em especial, a inclusão das histórias em quadrinhos nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) na década de 1990, o cenário começou a mudar para as adaptações.

A partir destas mudanças de tamanha relevância para a história e destino das HQs no país, o ensino de língua que privilegia o trabalho com gêneros discursivos variados começou a ser valorizado e, neste cenário, as histórias quadrinizadas, que por muito tempo foram encaradas e classificadas simplesmente como entretenimento, supostamente desprovidas, assim, da capacidade de instruir ou de contribuir para a formação do leitor e que costumavam ser evitadas nas escolas, passaram a ganhar espaço nas salas de aula, além de serem incluídas em materiais utilizados na educação formal, principalmente nos livros didáticos. E, em curto período, de 2006 a 2012, o mercado brasileiro de quadrinhos produziu diversas adaptações literárias com grande diversidade gráfica e liberdade de estilo.

Segundo Vergueiro, a partir do incentivo do PNBE para a edição de obras em quadrinhos e em obediência a uma lógica de mercado de se produzir algo que tenha grande possibilidade de ser adquirido por um grande comprador, no caso o governo:

[...] ocorreu um verdadeiro frenesi de adaptações literárias para os quadrinhos no país. [...] os casos esporádicos que ocorriam no início do século subiram para mais de trinta produções do gênero no final da década, abrangendo não apenas

editoras tradicionais de quadrinhos, mas também aquelas sem nenhuma tradição na área (2017, p.161).

Além de vários outros autores nacionais que tiveram suas obras transpostas para os quadrinhos, Machado de Assis, ao contrário do que acontecia na época da *Edição Maravilhosa* em que os romances e contos machadianos não respondiam às aspirações daquele momento, e que por isso, não havia interesse pelas editoras em adaptá-los, foram as mais adaptadas para o formato sequencial quadrinístico. Vergueiro afirma, referindo-se a este período de grande e intensa produção de adaptações, que as obras de Machado, que até então haviam sido objeto de pouquíssimas adaptações, em menos de uma década receberam cerca de quinze versões em quadrinhos (2017, p.161). Entre elas, podem-se destacar os romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *A mão e a luva* e os contos “A Cartomante”, “O Enfermeiro”, “Uns Braços”, “A Causa Secreta”, “Contos de Escola”, “O Alienista”, “Um Esqueleto” e “O Espelho”.



Figura: 110. (ASSIS, 2008)



Figura: 111. (ASSIS, 2011)



Figura: 112. (ASSIS, 2013)



Figura: 113. (ASSIS, 2006)

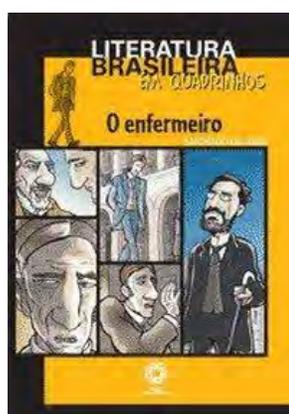


Figura: 114. (ASSIS, 2010)



Figura: 115. (ASSIS, 2004)



Figura: 116. (ASSIS, 2006)



Figura: 117. (ASSIS, 2015)



Figura: 118. (ASSIS, 2008)

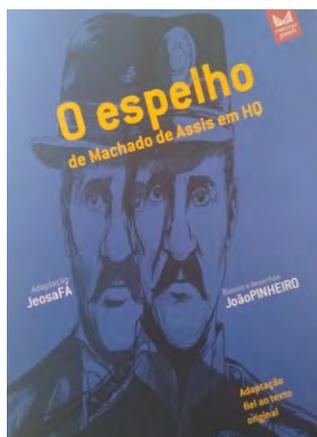


Figura: 119. (ASSIS, 2012)



Figura: 120. (ASSIS, 2018)



Figura: 121. (ASSIS, 2015)

Apesar de tudo isso, segundo o panorama traçado por Vergueiro em sua obra *Panorama das histórias em Quadrinhos no Brasil* (2017, p.163), os efeitos produzidos pela inclusão de vários títulos de histórias em quadrinhos no PNBE, se esvaíram bastante devido, principalmente, a interrupção das compras junto às editoras devido à crise econômica em que o país mergulhou em 2014, porém, apesar disso, a porta que foi aberta pelos PCN para a utilização de histórias em quadrinhos em ambiente didático representa, em longo prazo, a possibilidade de ampliação do número de leitores.

O que se observa atualmente é que cada vez mais textos adaptados para os quadrinhos, principalmente os clássicos de nossa literatura e de outros países, têm chegado às mãos dos estudantes e leitores diversos, entre os quais há muitos que, não raro, não as têm lido em seu

formato original. Muitos são os romances e contos de autores nacionais e internacionais que podem ser encontrados nas livrarias e que têm servido tanto para o entretenimento como para a utilização como via de acesso aos textos em seu formato original.

Com tantas obras adaptadas para a linguagem sequencial em quadrinhos no mercado e, muitas delas, ao alcance do grande público, foram selecionados e utilizados nesta pesquisa os contos de Machado de Assis em quadrinhos “A cartomante”, “O Espelho”, “O Alienista” e “Uns Braços”. Estas adaptações foram utilizadas não como facilitadoras de aprendizagem, pois, como menciona Teresa Barbosa na obra *Pescando Imagens com rede textual- HD como tradução* esta estratégia pode vir a ser:

[...] um tiro no próprio pé da educação em qualquer patamar que ela estiver. Sem grande esforço, pode-se perceber desde agora que, no emprego de “facilitadores”, além da necessidade de se ter sempre um facilitador novo para manter a motivação do educando, um outro problema surge com o uso de instrumentos pedagógicos sem a complexidade adequada para o nível do aprendiz. Ocorre que, em pouco tempo, o aluno se acostuma com facilidades e se põe, por vários motivos e apelos, a andar à cata de facilitadores pelo resto de sua vida escolar (2013, p.8,9).

Partindo deste pressuposto, os contos utilizados neste trabalho, não foram usados para facilitar a aprendizagem ou substituir a leitura da obra em seu formato original, mas sim como meio de acesso e aproximação do leitor com o texto, e em especial, com o texto literário canônico e, posteriormente, se assim o estudante desejar, com outros gêneros textuais. Como não havia condições de comprar um exemplar para cada estudante, digitalizei as obras e lhas apresentei através do projetor que adquiri especialmente para este projeto. Antes, porém lhas apresentava o conto impresso para que pudessem folheá-lo e apreciá-lo.

4 METODOLOGIA

Um dos inúmeros aspectos positivos de um trabalho como este é, sem dúvida, fundamentalmente, o reconhecimento do direito que o povo tem de ser sujeito da pesquisa que procura conhecê-lo melhor.

Paulo Freire

Levando-se em consideração as reflexões de Antônio Cândido em seu artigo intitulado “O direito à literatura” (CANDIDO, 1988) e dos autores citados na introdução, elaborei uma sequência didática envolvendo contos machadianos a ser aplicada e desenvolvida ao longo do ano letivo de 2019, em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Marcílio Dias, onde leciono.

O tipo de pesquisa adotado para a realização do presente trabalho é a pesquisa-ação, uma vez que o professor é o pesquisador envolvido em sua prática de sala de aula e os pesquisados são os sujeitos sobre os quais se espera conhecer melhor a fim de colaborar para, ao menos, minimizar as dificuldades que apresentem em algum aspecto relacionado à aquisição de saberes necessários para sua formação escolar, em um processo cooperativo. Segundo Michel Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (1985, p.14).

O colégio está localizado no município de Belford Roxo, situado na região da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro e fica a 30 km da capital do Estado. Segundo estatísticas do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada para 2017 era de 495.783 habitantes (IBGE, 2018). O bairro da localização do colégio chama-se Maringá, na estrada Capim Melado, sem número, cuja população foi estimada no último censo em 18.263 habitantes.

A unidade escolar atende a turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio em dois turnos. Os alunos são oriundos, em sua maioria, do próprio bairro onde está localizado o colégio.

Nas transcrições das redações dos alunos, mantive o modo como escreveram, sem alterar os desvios ortográficos, de pontuação, regência, concordância, entre outros. Todas as redações transcritas encontram-se digitalizadas e em anexo.

Na identificação das redações, utilizei como critério a letra “A” inicial de “aluno”, em maiúscula, o primeiro número correspondente ao seu nome na ordem alfabética e o número após a barra ao da quantidade total de alunos participantes da pesquisa. Assim, A01/37 refere-se a “aluno 01 de 37”.

Todas as produções textuais, questionários, análises e depoimentos citados neste trabalho pertencem a alunos da turma 901 que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, cujo modelo consta no anexo A, e o modelo da carta de anuência da escola para a realização da pesquisa está no anexo B.

4.1 As Atividades Realizadas com a Turma

Para essa pesquisa, realizei uma série de atividades com a turma 901 na qual lecionei no ano de 2019. A proposta final da sequência compreende a leitura e a reescrita do conto “Uns Braços”, e a análise de quatro adaptações para os quadrinhos do conto “O Alienista”, ambos de Machado de Assis.

A sequência didática foi realizada nesta turma do nono ano do Colégio Estadual Marcílio Dias, ao longo do ano letivo de 2019. A turma, ao início do ano, era composta de quarenta e quatro alunos e ao final, quarenta e dois.

As atividades foram realizadas da seguinte maneira: no primeiro bimestre, apliquei um questionário que visava a aferir os conhecimentos que a turma tinha sobre literatura, características do texto narrativo e do conto. Assim também como suas experiências e preferências de leitura.

No segundo bimestre, disponibilizei dois encontros para aplicar uma primeira diagnose (APÊNDICE A) com a qual pude verificar os conhecimentos que os alunos tinham sobre as características e recursos das histórias em quadrinhos. Com os resultados desta diagnose, elaborei

uma sequência didática e, mediante aula expositiva com apresentação em slides, mostrei-lhes alguns dos principais recursos usados na elaboração da arte sequencial. Procurei enfatizar os elementos que eles mais desconheciam e que pude aferir na atividade diagnóstica.

Slide título do arquivo em slides para ensinar sobre os recursos dos quadrinhos.



Figura 122.

Alguns slides que compõem a apresentação em *Powerpoint* sobre os quadrinhos.

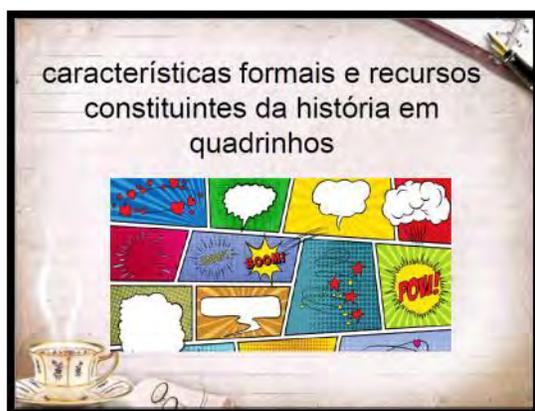


Figura: 123.



Figura: 124.

Na aula seguinte, realizei um encontro de leitura de HQs, no qual havia muitas histórias em quadrinhos disponíveis para os alunos. Nesta ocasião, os estudantes puderam escolher e ler o *gibi* que quisessem. Orientei, apenas, que prestassem atenção nos recursos de que havíamos falado e visto na aula anterior, e como tais elementos podem contribuir ou não para a compreensão do enredo e para melhor ilustrar as ações.

Depois, pedi que, em folha separada, anotassem os tipos de balões e as onomatopeias encontradas. Foi bastante produtivo, pois eles puderam verificar na prática o que havíamos visto na teoria e perceberam assim que, de fato, estes recursos colaboram para o enriquecimento e compreensão da obra, como muitos deles já haviam assinalado na diagnose, mesmo antes da sequência didática, em que foi realizada a seguinte pergunta baseada na imagem abaixo:

“Para você estes elementos são importantes para a compreensão do texto? Por quê?” (Os elementos são os recursos dos quadrinhos presentes na imagem, como onomatopeia, linhas cinéticas, metáforas visuais, os desenhos dos personagens e as expressões faciais).

Magali, nº357. p.21.



Figura: 125.

Respostas dos alunos:

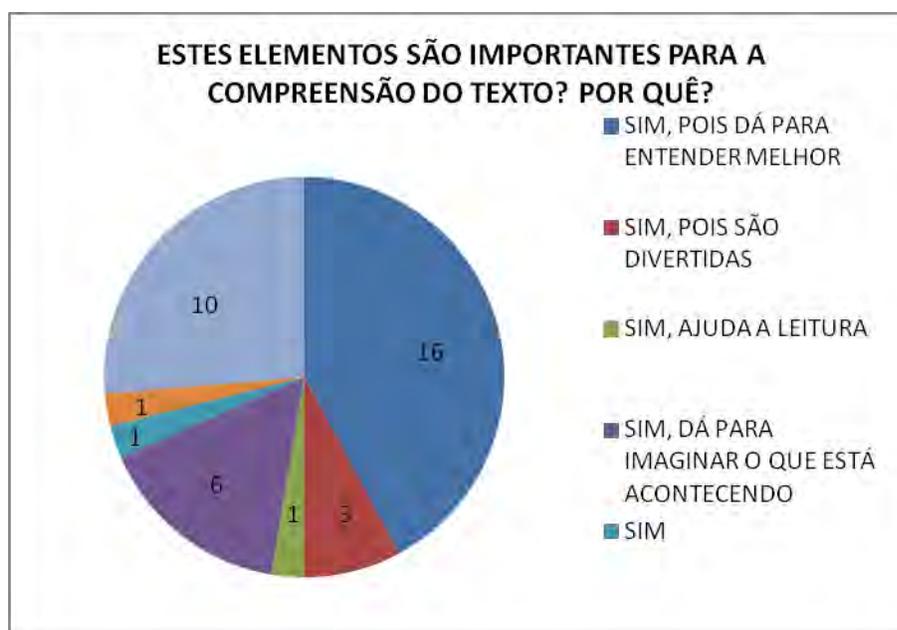


Figura: 126.

Alunos realizando atividades de identificação dos recursos dos quadrinhos nos *gibis*.



Figura: 127.



Figura: 128.



Figura: 129.

Estas atividades compreenderam duas aulas, porém não puderam se estender mais porque neste bimestre, houve festa junina no colégio. No entanto, apesar do pouco tempo que tivemos para sua realização, estes passos foram importantes para que os alunos pudessem, além de entender melhor estas narrativas, a partir da noção que passaram a ter de complementaridade do sistema linguístico e imagético envolvidos nas HQs, tiveram a oportunidade de conhecer os vários elementos constituintes das narrativas sequenciais.

Antes, como constatado na diagnose, eles, em sua grande maioria, só conheciam alguns poucos balões, como o balão-cochicho e o balão-sono. Elementos importantes para os quadrinhos, como as linhas cinéticas (de movimento) e as metáforas visuais não eram conhecidas

pelos alunos, com raras exceções, e as onomatopeias, que eles já deveriam conhecer, pois faz parte do Currículo Mínimo do Estado para o 6º ano do Ensino Fundamental, foram pouco citadas.

Em resposta à pergunta da diagnose, baseada também na figura número 125: “Além da linguagem verbal, quais outros elementos há nestes quadrinhos?”, obtivemos os seguintes resultados que confirmam o pouco conhecimento dos alunos sobre os recursos deste gênero.

Respostas à pergunta: “Além da linguagem verbal, quais outros elementos há nestes quadrinhos”?



Figura: 130.

Estas atividades aproximaram bastante os alunos dos recursos dos quadrinhos de modo que possibilitaram a ampliação de seus conhecimentos, tornando-os mais capazes de entender o conteúdo e os recursos peculiares a este gênero. Segundo Vergueiro (2015, p.63), “O leitor familiarizado com as histórias em quadrinhos é capaz de interpretar tais signos e suas combinações, de acordo com as convenções da linguagem. É por esse motivo que a leitura dos quadrinhos exige uma ‘alfabetização’ específica [...]” (*apud* Vergueiro, 2004).

No encontro seguinte, apliquei uma segunda diagnose (APÊNDICE B). Esta visava a aferir os conhecimentos dos alunos sobre o texto narrativo, o gênero conto e suas peculiaridades. Para tal utilizei o conto “A carteira” de Machado de Assis. Antes da aplicação, porém, fizemos uma leitura compartilhada que foi precedida de uma preparação em que busquei aguçar a curiosidade e o desejo dos alunos para sua leitura, conversando com eles sobre coisas que

podemos por dentro da carteira, se já haviam encontrado alguma, e se devolveram ao dono etc. Também falamos sobre dívidas, traição, amizade, fidelidade etc. Posteriormente dei-lhes um caça palavras para que encontrassem os nomes dos personagens do conto.

Percebi que ao notarem, durante a leitura, que havia elementos os quais já tínhamos debatido e que, inclusive, não lhes eram estranhos pelo fato de expressarem comportamentos que são comuns também nos dias atuais, a recepção foi satisfatória, pois se mostravam entusiasmados e ansiosos por saber como seria o final. O desfecho surpreendente da história provocou vários protestos e aparente indignação, pois o consideraram injusto. Temas como amizade, traição e honestidade foram identificados pelos alunos e puderam perceber que, embora se trate de um texto antigo, apresenta situações e comportamentos que são comuns em seu cotidiano.

Alunos respondendo a segunda diagnose.



Figura: 131.



Figura: 132.

Na aula seguinte lecionei sobre o conto e busquei esclarecer todas as dúvidas a respeito deste gênero. Para isso usei material que elaborei e que foi baseado na leitura das bibliografias que usei para a dissertação. Distribuí cópias do conteúdo para ganhar tempo, pois ao pedir que copiassem, poderíamos ficar atrasados em nossa pesquisa.

Ainda neste bimestre, tentei ler para eles o conto “O Espelho” e, mesmo realizando a preparação durante a pré-leitura em que os alunos se envolveram bastante, a leitura em voz alta, orientada por mim, não pôde ser realizada, pois eles, ao verem a extensão do conto e a complexidade do enredo, somados às muitas palavras desconhecidas, as quais eu lhes explicava o significado, se recusaram a ouvir e também não quiseram fazer a leitura silenciosa, não tendo

assim, uma boa receptividade. Para que eles não perdessem a oportunidade de conhecer o conto, li uma parte da história e o restante eu contei procurando fazer uma analogia com o enredo do conto e comportamento apresentado hoje em dia nas redes sociais, em que muitos procuram mostrar outro “eu” diferente do que realmente se é. No conto há uma alma interior e outra exterior que caracterizam exatamente este tipo de comportamento.

No terceiro bimestre apresentei um vídeo da TV Escola que faz parte da série “Mestres da Literatura” cujo episódio retrata a vida e a obra de Machado de Assis e uma aula com projeção de *slides*. Após a apresentação levei os alunos em dois grupos para a biblioteca, um grupo por vez, pois além de a turma ser numerosa, o espaço é reduzido. Falei um pouco mais a respeito das obras de Machado e lhes apresentei alguns exemplares de seus romances e coletâneas de contos. Não pude usar os computadores, como havia previsto, pois estes, apesar de já estarem na unidade escolar, ainda não haviam sido instalados. Para esta atividade utilizamos duas aulas.

Alunos na biblioteca.



Figura: 133.

Slides sobre Machado de Assis.



Figura: 134.

Na aula seguinte, dividi a turma em grupos novamente, os levei para a biblioteca e li em voz alta o conto “A cartomante” em seu formato original. Durante a pré-leitura, porém, procurei prepará-los para a recepção do conto, em um bate-papo bem participativo e que eles demonstravam gostar. Geralmente este momento é bem recebido pelos alunos, porém, a leitura foi difícil e eles não demonstraram muito interesse se dispersando com facilidade. O final, ao contrário do conto “A carteira”, que os surpreendeu, foi, segundo os estudantes, “muito previsível” e eles não gostaram.

Ainda no terceiro bimestre, realizei uma atividade que foi dividida em duas etapas e que pudesse contemplar um número maior de contos. Na primeira etapa separei a turma em cinco grupos e sorteei cinco contos entre os grupos: “Missa do Galo”, “O caso da vara”, “Noite de Almirante”, “O enfermeiro” e “Singular ocorrência”. Pedi que lessem os contos em sala e respondessem ao roteiro (APÊNDICE C). Eles deveriam ter lido em casa, porém, não o fizeram. Assim, pedi que lessem em sala e respondessem as perguntas relacionadas aos contos obedecendo aos comandos do roteiro. Levaram duas aulas para fazê-lo.

A segunda etapa desta atividade consistiu em cada grupo preparar um seminário no qual apresentassem uma encenação sobre o conto, e compartilhassem com os colegas dos outros grupos os principais elementos da narrativa como solicitado no roteiro que lhes foi dado: foco narrativo, tipos de personagem, espaço, tempo etc.

A apresentação dos seminários ocupou duas aulas e cada grupo dispunha de trinta minutos para se apresentar. Os alunos de todos os grupos se mostraram muito acanhados durante a apresentação e não houve muito empenho em se realizar um bom trabalho, pois, ao contrário do que havia sido solicitado, quatro dos cinco grupos apenas leram um resumo do conto em vez de contarem a história por meio de uma encenação. Apenas o grupo que apresentou o conto “Singular Ocorrência” realizou uma apresentação de acordo com o que se esperava e ainda foi além, preparando um vídeo em que os alunos realizaram um debate muito interessante sobre o comportamento da personagem Marocas, que vive uma relação amorosa com Andrade, homem casado.

Vídeo criado pelos alunos do grupo “Singular ocorrência”.



Figura: 135.

Apresentação dos seminários



Figura: 136.



Figura: 137.



Figura: 138.



Figura: 139.

A aluna A14/37 que fez parte do grupo “Singular Ocorrência”, sobre as experiências que teve ao preparar e apresentar o seminário respondeu o seguinte à pergunta: “Como foi a experiência de ter lido este conto e ter preparado este trabalho sobre ele?”

(A14/37) “Devo assumir que meu conto favorito foi ‘Singular Ocorrência’, nossa, aqueles personagens, aquelas traições, simplesmente perfeito. O vídeo que meu grupo fez contando a história ficou muito engraçado. Consegui descobrir em nós uma criatividade enorme que eu não sabia que existia. Esse projeto carregarei comigo sempre, junto também todos os ensinamentos”.

Neste bimestre, que foi bastante curto, ocorreram imprevistos, em alguns dias, como uma operação policial que impediu que houvesse aula, e uma aula preparatória para a avaliação do Estado chamada “Conhecer”, ambos em dias em que leciono.

O quarto bimestre, além de ter sido ainda mais curto por causa da semana de revisão, avaliação e de recuperação, foi marcado por diversas atividades como o torneio intersalas, a gincana do *dia de Consciência Negra*, a recreação por causa da semana do dia das crianças e a preparação para a formatura do 9º ano. Além disso, houve dois feriados nos dias em que leciono para esta turma. Os eventos, em especial, tomaram bastante tempo de preparação nas aulas, o que dificultou a realização de outras atividades. A maioria dos alunos já estava aprovada por nota, mas, mesmo assim, não deixaram de ir ao colégio até o último dia, ainda que com menos interesse e empenho.

Apesar de todas estas dificuldades, iniciei o bimestre lendo para a turma o conto “Pai contra mãe”. Como a turma é numerosa, desde o começo do projeto senti dificuldades em ler para todos juntos na sala de aula, pois se distraíam com facilidade. Mesmo sendo orientados a se manter em silêncio, era bastante difícil, pois um grupo de alunos costumava conversar bastante e em voz alta e acabavam por prejudicar o andamento das aulas e, em especial, a leitura dos contos. Assim, os levava em grupos para a biblioteca e realizávamos a leitura. Enquanto um grupo estava em sala realizando alguma atividade relacionada à pesquisa, o outro estava na biblioteca, local que eles passaram a sentir grande satisfação em estar e desejo de frequentar depois que começamos a realizar as leituras naquele ambiente; antes, eles não tinham o hábito de frequentá-lo.

Na biblioteca, ainda que alguns permanecessem agitados, o número mais reduzido de alunos depois da divisão em dois grupos e o fato de nos sentarmos ao redor de uma mesa também colaborou para que os alunos se mantivessem mais atentos à leitura e às atividades propostas, sendo possível realizar as atividades da pré-leitura, leitura e pós-leitura. Após as atividades na biblioteca, os alunos voltavam para a sala de aula para responderem às questões do roteiro sobre o conto.

Grupo de alunos na biblioteca realizando a leitura do conto “Pai contra mãe”.



Figura: 140.



Figura: 141.

A fim de preparar os alunos para o trabalho final de reescrita de “Uns Braços”, elaborei um roteiro sobre o conto “Pai contra mãe” que serviu como uma espécie de treino. Antes da leitura, explorei o título e conduzi os alunos a levantarem hipóteses sobre o enredo, porém, em aula anterior, conversei com os alunos sobre a escravidão no Brasil e levei *slides* com imagens dos instrumentos de suplício mencionados no texto, entre outros. Um aluno fez a seguinte menção sobre o impacto deste assunto para ele: (A01/37) “Muito interessante, não sabia que as pessoas eram tão maltratadas dessa maneira...”.

Realizamos um bate-papo sobre este assunto e eles se mostraram muito interessados, principalmente quando percebiam a ironia em alguns trechos. Juntos, levantamos os elementos narrativos do conto: narrador, personagens, tempo, espaço e enredo; bem como sua estrutura: situação inicial, complicação, clímax e desfecho, além da existência ou não de discurso direto.

Na aula seguinte, a turma respondeu ao roteiro no qual havia perguntas como:

“-Qual sua impressão sobre a atitude da tia Mônica em insistir que a criança fosse deixada na roda dos enfeitados?”

“-Em quais momentos do conto o narrador se mostrou irônico? Cite ao menos um exemplo de ironia.”

“-Você achou justo o comportamento de Cândido ao ignorar o sofrimento da escrava diante de sua captura e do aborto? Justifique.”

Devido à falta de tempo, a agitação da turma e à dificuldade da maioria dos alunos em escrever, não foi possível realizar a reescrita deste conto, ainda que coletiva. Quanto aos dois trabalhos finais, um sobre o conto “Uns Braços” no formato original e outro sobre o conto “O Alienista” em quadrinhos, realizaram-se no mês de novembro de 2019. Para conseguir finalizá-los utilizei também tempos vagos de outros professores em dias diferentes dos que leciono.

4.2 A Sequência Didática do conto “Uns Braços” em 2019

Por causa da quantidade de alunos na turma e a agitação de parte deles, considerei que seria mais viável levá-los em grupos para a biblioteca da escola. Como não dispomos de muito tempo, tive que dividir a turma em dois grandes grupos. Enquanto um grupo estava na biblioteca realizando a escuta da leitura, o outro aguardava em sala realizando a cópia do questionário sobre o conto.

4.2.1 Pré-leitura

Conversei com a turma sobre o que eles imaginavam em relação ao tema. O que seria narrado sobre braços? Uma aluna disse (A14/37): “pensei que alguém iria sofrer um acidente e iria perder os braços após uma cirurgia”. Outra aluna (A29/37) respondeu: “Pensei que eram braços que ficaram famosos”.

Falamos sobre o que mais os atrai em alguém, como eram os costumes e hábitos na segunda metade do século XIX, antecipei o significado de palavras e expressões possivelmente desconhecidas pelos estudantes, como, por exemplo, “solicitador”, “impropérios”, “foro”, “canapé”, “algibeira” etc. Após a conversa, deixei que folheassem os poucos exemplares do conto que havia na biblioteca, e distribuí as cópias impressas para cada estudante.

4.2.2 Leitura

A leitura foi feita por mim, na biblioteca escolar, ao longo de duas aulas de cinquenta minutos cada. Fiz a opção de eu mesma ler o texto para os alunos, acreditando que, assim, dispersaria menos a atenção da turma e ajudaria àqueles que sentem dificuldades de realizar a

leitura solitária. Por dispor de pouco tempo, a turma ser numerosa e devido à complexidade e a extensão do texto, fiz a leitura e os alunos acompanharam com as cópias impressas, pois não havia coletânea de contos para todos e nem houve condições de usar os computadores da biblioteca, pois não foram instalados como se esperava. Embora eu tenha enviado o conto pelo celular para que o lessem em casa, isso não aconteceu, pois a maioria não leu anteriormente. As atividades de leitura e pré-leitura ocuparam o espaço de três aulas (cada aula de 50 minutos).

4.2.3 Pós-Leitura

Bajour afirma que “Para aqueles que são mediadores entre os leitores e os textos, é enriquecedor pensar como leitura esse momento do bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós” (2012, p.23). De fato, este momento posterior à leitura, também pode ser considerado de leitura, pois compartilhamos nossas impressões e, ao mesmo tempo, ouvimos o outro.

Assim, ao final da leitura, conversamos sobre o conto lido e partilhamos nossas impressões sobre o enredo. Fiz algumas perguntas que também estavam no questionário o qual, posteriormente, eles iriam responder. As respostas evidenciaram que a maior parte da turma, além de ter entendido a trama como um todo, também conseguiu perceber os elementos da narrativa estudados durante a sequência didática, e descreveram os aspectos físicos e psicológicos dos personagens.

Na aula seguinte, pedi que respondessem ao questionário. Como eu havia pedido que copiassem do quadro enquanto eu estivesse lendo com um grupo na biblioteca, e isso não aconteceu, levei cópias impressas para todos os alunos. Antes, porém, lhes mostrei o conto “Uns Braços” em quadrinhos, para começar a prepará-los para a atividade com o conto “O Alienista”. Depois, assistimos ao curta-metragem “Uns Braços”, disponível na internet, no canal: “Festival Taguatinga Canal 2”, publicado no dia 11 de fevereiro de 2014, visualizado dia 17/11/19 através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=HXxxfWCj1WQ&t=419s>.

Durante a veiculação do curta, percebi muito interesse da maioria dos alunos, que prestaram bastante atenção. O fato de já terem lido o conto em seu texto-fonte pode ter colaborado para que, através da veiculação do filme, eles rememorassem o enredo, e por lhes vir

à memória a história, prestassem mais atenção. Este curta é fiel ao enredo original, com exceção apenas do detalhe de que Inácio dorme em uma cama, já no texto original, dorme numa rede.

4.2.3.1 Questionário proposto

Após este momento, distribuí os questionários (APÊNDICE D), o qual é composto por vinte perguntas sobre o conto, e eles começaram a respondê-lo na sala de aula. Como não deu tempo de terminá-lo, os alunos levaram para casa e trouxeram na aula seguinte. Para uma das perguntas (questão 20) cuja resposta é pessoal e consiste em o aluno dizer o que achou da leitura deste conto, obtive a seguinte declaração de um aluno: (A01/37): “Foi bem interessante, tive sim dificuldade, mas achei bem interessante”.

Quando D. Severina beijou Inácio, imediatamente se mostrou arrependida e saiu às pressas do quarto do rapaz. No dia seguinte, estava completamente diferente, tratando-o com severidade; inclusive, seus braços estavam cobertos pelo xale. Pensando no motivo que poderia ter levado D. Severina a agir assim após o beijo, que sequer ela tinha certeza que Inácio percebera, pois este estava dormindo, elaborei a seguinte pergunta: “Por que será que D. Severina passou a tratar mal o jovem Inácio?”. Mostrando que, de fato, prestaram atenção à leitura do conto, a maioria dos alunos respondeu como o aluno (A35/37), que disse: “Por medo de que ele (Inácio) estivesse fingindo que estava dormindo, e que poderia contar para o Borges”.

Para a pergunta: “Apesar de desejar e pensar, várias vezes, na ideia de deixar a casa do solicitador, Inácio não tem coragem e permanece ali. Por quê?”. Mostrando ter compreendido a motivação do rapaz para continuar naquela casa, uma aluna (A09/37) respondeu: “Por que ele não queria se afastar de D. Severina”. Outra disse (A27/37): “Por causa dos braços de D. Severina”.

Em relação ao desfecho, elaborei a seguinte pergunta: “Você gostou do desfecho? Qual foi a sua impressão sobre ele?”. Uma das alunas respondeu (A31/37): “Não, porque o Borges mandou o Inácio embora”. Outra disse (A27/37): “Não muito, eu acho que Borges não precisava mandar Inácio embora”. Outra estudante declarou (A29/37): “Não, queria que o Inácio visse que foi realidade (o beijo)”.

5 EM PRÁTICA (UNS BRAÇOS)

Ler, no sentido de saber ler, de compreender o que se lê para além do que está escrito, perceber a significação do que as palavras simplesmente veiculam, tem suas sutilezas específicas, porque a leitura assim encarada já é uma escrita, escreve-se a si mesma durante o processo, projeta-se sobre o futuro texto que ainda está por ser escrito. A leitura é uma forma de escrita, assim como a escrita é uma forma de leitura.

Wilson Martins

5.1 O conto “Uns Braços”

[...] sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e frescos.

Machado de Assis

“Uns Braços” foi publicado pela primeira vez no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro em 1885; e, posteriormente, em 1896, no livro *Várias histórias*. Trata-se, desse modo, de um texto que teve sua primeira publicação quando ainda vigorava no Brasil do segundo reinado o sistema escravocrata, e, a segunda, no período pós-escravista recém - republicano.

Como em outros contos, Machado apresenta a figura do agregado na pessoa de Inácio, personagem que vive do favor do solicitador Borges, morando em sua casa e alcançando deste a oportunidade de auxiliá-lo em seu ofício no foro. Assim como em outros contos, em que as relações assimétricas existentes no seio da sociedade de então se fazem presentes em seu enredo, em “Uns Braços” há uma das figuras mais recorrentes nas estruturas sociais da época, que é a do agregado. Roberto Schwarz, em seu livro *Ao vencedor as batatas*, faz alusão a esta classe da população que habitava o Brasil do século XIX e que viviam de favor, os quais, segundo ele não são: “Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto de um grande” (1977, p.16).

Porém, apesar da relação assimétrica entre o agregado Inácio em relação a Borges e D. Severina, o jovem recebe de Machado a possibilidade de olhar, ainda que de baixo para cima, pois, apesar da relação estereotipada em que as hierarquias separam os homens: “Os agregados, vistos à distância, como seres redutíveis à escala das relações hierárquicas, tendem a parecer-se uns com os outros. Mas Machado sabe que agregados também olham” (BOSI, 1999, p.32).

Inácio é um jovem de 15 anos que vive há cinco semanas na casa de uma família composta pelo solicitador Borges e sua esposa D. Severina. Seu pai é um barbeiro da Cidade Nova que, com esperança de ver o filho no foro, colocou-o como auxiliar do solicitador, e este o abriga em sua casa. Longe de sua família, não tendo intimidade na casa e sendo alvo das grosserias do patrão, sua vida se resume em trabalhar, e quando em casa, manter-se em silêncio.

O enredo se constrói em torno das angústias de Inácio diante de seu objeto de desejo: os braços de D. Severina, que segundo o jovem nunca vira “outros tão bonitos e frescos” (ASSIS, 2007, p.379), e das inquietações desta senhora diante dos olhares do jovem, da dúvida sobre os sentimentos dele em relação a ela, e da atração que esta passou a sentir pelo rapaz, que, ainda que fosse considerado “uma criança” por D. Severina, também passou a ser desejado por ela.

O conto é narrado em terceira pessoa e o narrador é onisciente. Segundo tipologia de Norman Friedman, ainda pode ser classificado como narrador onisciente intruso, que narra à vontade, com toda a liberdade e que segundo este autor é: “[...] um *eu* que tudo segue, tudo sabe e tudo comenta, analisa e critica, sem nenhuma neutralidade” (LEITE, 1985, p.29). O traço mais característico deste tipo de narrador, de acordo com *Friedman*, é a intrusão e “[...] como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções” (LEITE, 1985, p.27).

No trecho “Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa [...]” (ASSIS, 2007, p.378), percebe-se a intromissão deste narrador, que, ao tecer este comentário sobre D. Severina e sua “culpa” por ter, através dos braços, atraído Inácio, demonstrando, assim, além de sua intromissão, o predomínio de suas percepções. O trecho “Verdade é que seria agora muito arriscado” (ASSIS, 2007, p. 378), citado pelo narrador em resposta ao desejo do rapaz em olhar para os braços da mulher de Borges, demonstra “[...] provavelmente de cima, dominando tudo e todos, até mesmo puxando com pleno domínio as nossas reações de leitores e driblando-nos o tempo todo” (LEITE, 1985, p.29).

Neste conto, os personagens machadianos não são, como afirma Barretto Filho em seu livro *Introdução a Machado de Assis*: “[...] uma estrutura moral unificada”, mas sim:

[...] seres divididos consigo mesmos, embora sem lutas violentas, já naquele estado em que a cisão interna entra no declive dos compromissos e da instabilidade de caráter. O homem não é mais aquele ser responsável dos romances anteriores; é um joguete de forças desconhecidas. O seu livre-arbítrio está limitado não só pelos obstáculos que a natureza indiferente oferece, mas pelas contradições e perplexidades internas. A duplicidade da consciência moral é revelada a cada passo, e encontra uma esplêndida expressão (FILHO, 1980, p.105).

Esta duplicidade de consciência permeia toda a trama e fica evidente no comportamento de D. Severina, que luta contra a atração que sente pelo jovem adolescente. Um dos sintomas desta tentativa constante de negar o que lhe acontecia era afirmar uma ou outra vez para si mesma a impossibilidade de tal situação: “Uma criança! Disse ela a si mesma, naquela língua sem palavras que todos trazemos conosco. E esta ideia abateu-lhe o alvoroço do sangue e dissipou-lhe em parte a turvação dos sentidos. Uma criança! (ASSIS, 2007, p. 383)”.

Deste modo, tentando negar para si mesma o que sentia e a impossibilidade da aproximação, como afirma Bosi, vivia “[...] a contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida” (1999, p.84).

A atração mútua culmina com um beijo. D. Severina, na ausência de seu marido, aproxima-se do quarto onde Inácio dorme e após muito relutar, o beija, sem que ele perceba ou acorde. Este, em sono profundo, sonha com D. Severina beijando-lhe. O sonho e a realidade se encontram, porém, o rapaz não sabe que, de fato, foi beijado pela mulher cujos braços lhe fascinam. Para ele, tudo não passou de um sonho, como declara ao final do conto: “E foi um sonho! um simples sonho!” (ASSIS, 2007, p. 384). A senhora de Borges, por sua vez, fugiu de cena arrependida e temerosa. Na mesma semana, o solicitador o dispensou e ele saiu da casa sem nada entender e sem se despedir de D. Severina, que, segundo Bosi (1999, p. 116) parece ter sugerido que o marido despedisse o rapaz, certamente por medo de que Inácio estivesse fingindo estar dormindo e que contasse tudo para o solicitador.

Este mesmo autor traz à tona uma questão que se sobressai no enredo, que, no caso, não é a paixão mútua, mas seu “necessário ocultamento”. Inácio não pode deixar patente seu fascínio e

nem ela e Borges devem sabê-lo. A paixão entre eles nunca poderá se realizar e, por isso, é preciso que se despistem os sentimentos para a proteção de todos. Sobre isso, Bosi, enfatiza que o despistamento é perfeito porque acaba envolvendo os próprios enamorados: “[...] A paixão não extravasará nunca da vida secreta dos amantes impossíveis. [...] O medo colocou em ambos a máscara da inocência; protegeu-os do marido e protegeu-os um do outro” (1999, p.117).

A pouca ou nenhuma familiaridade dos alunos do Ensino Fundamental com o texto literário, principalmente nos anos finais desta etapa da escolarização básica, faz com que tenham dificuldades de compreender e perceber todas as nuances que compõem um conto como “Uns Braços”. No entanto, por meio de uma mediação adequada, como ressaltou Petit, em relação aos efeitos que uma mediação eficiente provocou nos jovens de bairros marginalizados da França, que ela entrevistou e que passaram a ter uma relação positiva com a leitura: “Graças a mediações sutis, calorosas e discretas ao longo de seu percurso, a leitura começou a fazer parte de sua experiência singular” (2008, p.11).

É possível, que, ao proporcionar aos estudantes a oportunidade de repensar a narrativa sob a ótica de um dos personagens, no caso desta pesquisa, de D. Severina, exista a possibilidade de que eles percebam, ainda que intuitivamente, muitos dos recursos que foram construídos pelo autor. Assim, a construção dos personagens por meio do enfoque psicológico, as sutilezas da trama e da linguagem, as intenções, a ironia, que é uma marca típica da ficção machadiana, podem ser percebidos pelos alunos. Neste conto, observa-se em alguns momentos, por exemplo, um mecanismo de desmascaramento das relações sociais pelo viés da ironia.

5.2 A Leitura em Voz Alta

Faço alusão a uma espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade, energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita.

Paul Zumthor

O primeiro contato destes estudantes com os textos propostos na pesquisa foi através da leitura em voz alta. Percebi, desde as primeiras atividades de leitura, que esta seria a melhor forma de, pelo menos no início da sequência didática, conseguir fazer com que prestassem atenção. Mesmo assim, devido à quantidade elevada de alunos e a inquietação de grande parte deles, este momento, na maioria das vezes, se desenvolvia em um ambiente bastante barulhento. Com o tempo, apesar de ser bem mais trabalhoso, passei a dividi-los em grupos e levá-los para a biblioteca do colégio.

Posteriormente, tentei realizar outro tipo de leitura com eles, como a silenciosa, porém, a aula terminava e a maioria não lia, principalmente pelas muitas distrações em sala de aula. Desse modo, apesar do risco de não se conseguir obter a atenção de todos os estudantes, fazer a leitura em voz alta foi a melhor alternativa, já que durante sua realização, buscando chamar a atenção da turma para o texto, eu costumava fazer algumas intervenções levantando questionamentos ou comentários pertinentes sobre o enredo, personagem ou alguma palavra ou expressão, entre outros. Esta leitura em voz alta sempre acontecia de forma colaborativa, de modo que, na maioria das vezes, como “guia-leitor” (SILVA, 2009, p.29), conseguia manter a atenção dos alunos voltada para o texto. Sobre este tipo de leitura, Silva afirma que:

[...] com o texto em mãos, os leitores acompanham a leitura de um guia (normalmente o professor), que vai lendo em voz alta, transferindo para a voz as intenções do texto, demorando-se em explicações nas passagens mais sutis, chamando a atenção para os recursos estilísticos utilizados. Em outras palavras, ele vai desvendando junto com os leitores as entrelinhas do texto (2009, p. 30).

Bajour, em seu livro *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, enfatiza a construção de significados através do que as entrelinhas podem sugerir ou mostrar por meio de uma leitura em voz alta em que, ao ocorrer a escuta, os significados podem ser construídos: “Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual (2012 p.25)”.

Daniel Pennac, em seu livro *Como um romance*, evidencia a importância e o valor deste tipo de leitura e sua pouca valorização frente à leitura silenciosa, quando diz: “Estranho desaparecimento esse da leitura em voz alta. O que é que Dostoievski teria pensado disso? E

Flaubert? Não se tem mais o direito de pôr as palavras na boca antes de enfiá-las na cabeça? Não há mais ouvidos? Nem música? Nem saliva? Nem gosto nas palavras? (1993, p.165)”.

Não é que se deva desmerecer outros tipos de leitura ou deixar de praticá-las, mas entender que a leitura em voz alta oferece contribuições relevantes no processo de estímulo e na formação do leitor literário. Ela também se apresenta como uma alternativa nos casos em que não se é possível, ao menos em um primeiro momento, realizar outros tipos de leitura, como a leitura em casa ou silenciosa. A sua contribuição no sentido de facilitar a compreensão global do texto foi patente, pois ao socializar o texto com os alunos percebi que, inclusive, eles se sentiram à vontade para tirar suas dúvidas e fazer seus comentários.

A leitura em voz alta, efetivada com entonação adequada, em grupo, e de maneira atrativa, constitui um elemento que agrega valor ao texto literário, especialmente quando se refere a leitores jovens que estão iniciando a construção de suas habilidades leitoras. Rosemar Coenga, afirma que: “[...] se a leitura for trabalhada de forma dinâmica e diferenciada, ela será prazerosa e proporcionará alegria (2010, p. 10)”.

Além disso, pelo fato de o texto ser de autoria machadiana, a dificuldade em manter a atenção dos alunos se torna ainda maior, pois alguns, antes mesmo da leitura, demonstram desânimo e enfado. Quanto a este ponto, Silva nos alerta que:

Para ser devidamente apreciada, a leitura de textos de Machado de Assis precisa ser feita oralmente e, devido à complexidade de sua linguagem – precisa ter um guia capaz de esclarecer dúvidas. Um guia que se tenha detido com atenção (e talvez até munido de um dicionário) diante do texto, bem antes de lê-lo em voz alta para seus alunos (2009, p.30).

A proposta de leitura do conto “Uns Braços”, de Machado de Assis, foi realizada por mim em voz alta, na biblioteca escolar e com o auxílio de dicionários. Se essa tarefa fosse delegada aos alunos e em sala de aula, a dispersão poderia ser maior, impedindo, assim, a realização dessa atividade; por isso este tipo de leitura, que já vinha sendo realizado com outros textos machadianos durante a sequência didática, permaneceu sendo utilizado, uma vez que, sendo a linguagem dos textos de Machado não familiar aos alunos, a recepção dos contos poderia ficar comprometida.

Assim, para penetrar no texto proposto optei pela leitura em voz alta, e acredito ter sido uma escolha acertada, devido às respostas que obtive dos alunos em uma pequena pesquisa de opinião de pergunta única, posterior à aplicação da sequência didática.

A pergunta consistiu na seguinte indagação: “Você prefere realizar a leitura de textos literários propostos pela professora, sozinho, em leitura silenciosa, ou que seja realizada pela professora, em sala, em grupo, e em voz alta? Por quê?” As respostas obtidas apontaram para duas posições, já que há, nessa turma, alguns alunos que preferem a leitura silenciosa, por motivos diversos. A maioria dos alunos, no entanto, demonstrou preferência pela leitura realizada em sala, em grupo e em voz alta pela professora.

Resultado da pesquisa:

- ✓ Em voz alta pela professora: (A27/37), (A07/37), (A10/37), (A18/37), (A23/37), (A33/37), (A26/37), (A19/37), (A34/37), (A32/37), (A11/37), (A14/37), (A06/37), (A31/37), (A09/37), (A30/37), (A08/37), (A25/37), (A16/37), (A35/37), (A37/37), (A21/37), (A24/37), (A13/37).
- ✓ Leitura silenciosa: (A01/37), (A17/37), (A20/30), (A04/37), (A02/37), (A29/37).

Durante a realização da leitura, precisei interrompê-la algumas vezes tanto para solicitar a atenção de alguns alunos que se agitavam ou conversavam, como para explicar algum termo ou expressão que não tenha ficado bem claro durante a pré-leitura, ou para acrescentar alguma contribuição.

Eis algumas justificativas para a preferência pela leitura realizada pela professora, em grupo e em voz alta:

“Que seja realizada em sala pela professora, porque ajuda a compreender melhor” (A21/37).

“Pela professora e em voz alta. Porque a professora explica os detalhes do texto, os alunos prestam a atenção nela” (A35/37).

“Prefiro realizar a leitura de textos pela professora e em grupo, porque fica mais divertido” (A16/37).

“Para os alunos entenderem melhor a leitura e o assunto eu prefiro a leitura feita pela professora. É muito bom também para a comunicação entre professor e aluno” (A24/37).

“Pela professora porque fica mais fácil de entender a leitura” (A37/37).

“Prefiro realizar a leitura com a professora, porque ela, ao realizar a leitura em sala com a gente, nós podemos entender melhor” (09/37).

“Prefiro que seja realizada pela professora, pois consigo entender melhor e se eu tiver alguma dúvida pergunto para ela” (06/37).

“A leitura realizada em sala pela professora é bem melhor, na minha opinião fica mais fácil de fazer uma interpretação” (A14/37).

“Em sala da aula com a professora, porque é melhor, pois interagimos todos juntos” (A32/37).

“Em sala de aula com a professora, em grupo, porque é mais legal todos lerem juntos” (A34/37).

“Que seja realizada pela professora, porque as pessoas se comunicam e não ficam com vergonha” (A19/37).

“Que seja realizada pela professora. Porque é mais prático e mais legal” (07/37).

“Seja realizada pela professora, porque entendo mais a leitura” (A18/37).

Dos trinta alunos que responderam a esta pesquisa, vinte e quatro preferiram a leitura em voz alta realizada pela professora, e entre as justificativas para a preferência a que se sobressai é de que “facilita a compreensão”. Entre os que preferem a leitura silenciosa, quatro justificaram essa preferência por se concentrarem mais, e dois por gostarem de ficar sozinhos. Ao menos em relação aos alunos-sujeitos de minha pesquisa, acredito ter acertado em optar por realizar a leitura do texto canônico em voz alta, e penso que esta deve ser uma prática constante no contexto escolar, sem nos esquecermos de que, como diz Coenga:

Inseridos em ambientes de ensino, é necessário que, nesse espaço educacional, sejam dadas a crianças e jovens todas as condições essenciais à estimulação da leitura. E, no exercício do magistério das letras, é necessário que nós, professores, descortinemos horizontes, desvendemos mundos, ampliemos a imaginação, estimulemos o diálogo, formemos cidadãos. Tudo isso, com muito prazer! (2010, p.11).

5.3 A reescrita do conto

A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.

Jorge Larossa

Propor reescrever um texto encarando a reescrita não como cópia, mas como produção de textos, não é algo novo ou desconhecido. No entanto, pode tornar-se uma estratégia pedagógica muito proveitosa à medida que confere aos estudantes a possibilidade de repensar o enredo e seus encadeamentos. Enquanto mediava a criação das versões dos alunos, percebi que o momento de reescrita de “Uns Braços” foi o verdadeiro momento da leitura pelos estudantes, pois, na tentativa de criar meios para produzirem seus textos, eles tiveram que, de fato, realizar uma leitura com um olhar mais atento e mais preocupado com detalhes do conto para poderem realizar a reescrita. Assim, obviamente, para a realização deste trabalho, os alunos procuraram entender melhor o conto através de uma leitura mais cuidadosa.

A reescrita de texto, assim como a escrita, é um processo que não acontece do dia para a noite, mas constitui um ato complexo e contínuo que possibilita ao aluno construir sua própria autonomia em relação ao seu fazer literário. Como enunciadores, isto é, ao darem voz à D. Severina, procuraram ater-se ao enredo, porém, poderiam ter aproveitado mais as várias possibilidades e situações que ele lhes oferecia.

Pedi aos alunos que reescrevessem o conto fazendo as adaptações necessárias para que o foco narrativo mudasse, isto é, os estudantes teriam que fazer a conversão do ponto de vista de terceira pessoa para primeira e teriam que dar voz à D. Severina. Solicitei também que, considerando os jovens de nosso século e não os do século XIX, os braços fossem substituídos por outra parte do corpo que mais os atraem. Eles gostaram bastante da ideia e tiveram dificuldades para acreditar que já houve uma época em que braços poderiam despertar o desejo de alguém. Orientei que D. Severina se apresentasse, sem exigir que isso acontecesse na introdução, para que ficassem livres para fazê-lo em qualquer momento da reescrita.

Quanto aos nomes dos personagens não fiz nenhuma observação, porém, eles mantiveram os mesmos do texto base. Orientei que eles poderiam, se assim desejassem, acrescentar elementos

ou situações à narrativa. O desfecho também poderia ser mudado, de modo que o final ficasse do jeito que eles considerassem melhor.

Nas transcrições das redações dos alunos, mantive o modo como eles escreveram, inclusive sem alterar os desvios ortográficos, regência, pontuação, concordância, entre outros. Mesmo assim, como a maioria dos alunos, não respeitou o recuo do parágrafo e em muitos casos, não escreveram até a margem direita da folha e alguns até rasuraram, pedi que passassem a limpo acertando estas falhas. Todos aceitaram meu pedido, porém quando me devolveram as redações, em várias delas, ainda havia vários desvios. Como não tínhamos mais tempo, devido às muitas demandas do quarto bimestre, não foi possível pedir que acertassem o texto mais uma vez, mesmo a turma tendo ficado comigo algumas aulas a mais.

Os conhecimentos priorizados nas aulas de literatura estão voltados aos saberes sobre a disciplina em detrimento da leitura do texto literário. Quando acontece a leitura de textos, as práticas mais habituais “[...] são bastante ‘monológicas’”, já que a leitura realizada pelos professores reduz a participação dos alunos a “uma escuta muitas vezes passiva ou excessivamente pautada por sentidos sugeridos de antemão” (BAJOUR, 2012, p.62). Esta autora ainda afirma que “[...] olhados assim, os textos literários perdem sua singularidade, sua capacidade de nos interpelar e sua singularidade própria” (2012, p.53).

A reescrita, por sua vez, permite que o aluno, ao emprestar sua própria voz à personagem, tenha maior liberdade de colocar-se com sua subjetividade no texto. Esta atividade também possibilitou que eles buscassem referências em seu próprio repertório cultural e isto fez com que estabelecessem relações com o texto lido, facilitando a sua compreensão. Com esta atividade de reescrita os estudantes puderam usar sua criatividade, tendo a oportunidade de reescrever o conto da forma como desejavam, mostrando assim autoria; além disso, ao reescrever e compartilhar suas versões com as de outros alunos tiveram uma experiência literária inédita, uma vez que nunca tinham participado de uma atividade deste tipo antes, pois no contexto escolar onde leciono, ocorre o que, infelizmente representa a realidade de muitas outras escolas no Brasil, no qual “[...] ensina-se a dar respostas objetivas e a ocultar a subjetividade, passando à margem do enlace do texto com o mundo do leitor” (COLOMER, 2007, p. 64).

Em um mundo em que, como afirma Larrosa (2016, p.21): “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”, e que, segundo Walter Benjamin, em seu artigo “Experiência e pobreza”, está pobre em experiências, e esta pobreza é a mais nova forma de

miséria que assola a humanidade, temos ficado, segundo este autor “Mais pobres em experiências comunicáveis [...]” (BENJAMIN, 1987, P.115).

Larossa propõe uma educação cuja perspectiva se diferencie do tipo vigente. Hoje, segundo ele, o campo pedagógico divide-se entre os chamados técnicos e os críticos, no entanto, sua proposta é “[...] que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial [...] e mais estética [...], a saber, pensar a educação a partir do par experiência/sentido”. Quando fala sobre experiência, refere-se àquilo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, quando fala sobre sentido, aponta para o poder que as palavras têm de produzi-lo e de “[...] criar realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (2016, p.19).

Em uma sociedade abarrotada de informações em que, na verdade, se busca saber coisas e não ter experiências com elas, ao reescrever o conto, ainda que com dificuldades, pois estes alunos apresentam muitas, e buscar alcançar o objetivo proposto que é reescrever o texto sob outro ponto de vista, o conto finalmente lhe acontece. Este aluno se torna assim, sujeito da experiência, pois de certa forma, durante a elaboração de seu texto, em um gesto de interrupção, pararam para realizar sua atividade:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes [...] (LAROSSA, 2016).

Tanto a reescrita do conto “Uns Braços”, como a análise comparativa entre as adaptações do conto “O Alienista” em quadrinhos, representaram uma experiência literária que lhes aconteceu e por isso, pode tê-los tocado, acrescentando-lhes algo de que talvez eles ainda não tenham percebido. Além disso, para esta turma, foi uma experiência singular, pois ainda não tinham tipo experiências literárias significativas. O que estavam acostumados a fazer era a leitura de fragmentos de textos do livro didático e, posteriormente, os exercícios propostos.

Não há como afirmar que os alunos envolvidos no projeto voltarão a ler Machado de Assis. É bastante provável que se esqueçam do enredo dos contos lidos e de seus detalhes. Mas a experiência aconteceu e como afirmou Larossa: “Podemos ser sim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo, pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação” (2016). Petit,

também ressalta, sobre as leituras que fazemos que: “Ao final de uma leitura, o mundo apresentado pelo livro continua tendo uma vida autônoma dentro de nós” (2008, p.35).

Ainda que não seja garantia da formação dos alunos como leitores, e principalmente de literatura canônica, para que haja a possibilidade de que isso se torne real, é preciso que eles sejam expostos a outras experiências com este tipo de leitura e também com a leitura de textos de gêneros variados, pois, assim, poderão ampliar seu conhecimento textual e, acima de tudo, através da leitura e da escrita, sua experiência literária, que, por sua vez:

[...] pode ser um recurso para dar sentido à experiência de alguém, para dar voz a suas esperanças, a suas desventuras, a seus desejos; a leitura pode também ser um auxiliar decisivo para que se recupere e encontre a força necessária para sair de algo; e, finalmente, outro elemento fundamental, a leitura é uma abertura para o outro, pode ser o suporte para os intercâmbios. Estas várias dimensões, segundo a experiência de cada um, são muitas vezes uma única e mesma coisa (PETIT, 2013, p. 66 e 67).

Identifiquei, ao ler e analisar as produções finais, que a maioria dos alunos repetiu o enredo, porém o modificaram consideravelmente. Alguns acrescentaram informações novas àquelas dadas pelo autor original. Em relação ao tempo, uns mantiveram a organização temporal da narrativa original, outros, porém, fizeram modificações, como na versão da aluna (A02/37) que estendeu este tempo por mais três semanas: “três semanas se passaram”, e da estudante (09/37) que alongou o tempo por dois anos: “Dois anos depois eu já não aguentando mais [...]”. Outro aspecto observado nas produções de vários alunos foi a utilização da forma ficcional “Um belo dia” denotando noção temporal, mas que aparece em situações, nas quais Inácio está envolvido, e, geralmente, tem a ver com sua chegada na casa e a atração mútua entre ele e D. Severina. Um exemplo da colocação deste marcador é o da aluna (A29/37), que escreveu: “Um belo dia chegou um rapaz na minha casa”, e o da aluna (A19/37) “[...] um belo dia ele levou um filho de um amigo [...]”. O uso deste marcador temporal também parece ser resultado de uma reminiscência de leituras ou escutas de textos com os quais os alunos possam ter tido contato, como contos ou fábulas, por exemplo.

O comportamento agressivo de Borges contra Inácio influenciou bastante as produções de alguns alunos, e, de tal modo, que em várias versões observar-se a extensão deste comportamento de Borges à D. Severina, o que pode ser percebido nos seguintes trechos: (A06/37) “Ele é muito

mais velho que eu, também muito ignorante. Às vezes me sinto muito mal pelo fato de eu querer bastante carinho e ele me tratar somente na ignorância”, (A08/37) “[...] não posso dizer que meu casamento está indo bem, porque brigamos muito e ele já me ameaçou de querer me bater, mas só foi ameaça”. (A08/37) “Sou casada com o Borges, um homem rude que praticamente não me tratava do jeito que eu merecia”. (A09/37) “Meu marido nunca ligava *pra* mim sempre dava atenção *pro* trabalho, me tratava mal, quase não conversávamos direito (A11/37)”.

As palavras, como afirma *Colomer*, são representações do mundo da experiência (2007, p.52), os alunos envolvidos neste projeto, tornaram-se sujeitos de uma pesquisa que buscou conhecer melhor suas competências em relação à leitura e à Literatura, tendo como objetivo aproximá-los do mundo literário através de experiências com o texto, as quais eles ainda não haviam tido. Ao se envolverem com o projeto, durante a reescrita, puderam representar através das palavras um mundo de experiências diferenciadas. Percorrendo através de um caminho que lhes foi indicado, os estudantes conseguiram construir um sentido a partir do entendimento do sentido global do texto. Projetaram-se, como sujeitos da experiência, ousando acrescentar informações, retirar outras e enfatizar o que lhes parecia mais oportuno ou interessante.

Sobre a capacidade de construir sentidos e de entender o mundo permitindo que o leitor se projete, Colomer ressalta que:

A comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através dos caminhos assinalados. [...] a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre o indivíduo e a cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes [...] o trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler (2007, p.62).

5.4 Da Leitura à Autoria

Esta seção destina-se a análise das produções textuais dos alunos. Foram realizadas observações de aspectos pontuais: primeiramente, foi verificado se os alunos conseguiram fazer a

conversão de terceira para a primeira pessoa, dando voz à personagem Severina, designada por mim, para se tornar a protagonista da história, atuando como narrador-personagem; em seguida, realizo um levantamento dos alunos que: 1) criaram informações novas, não constantes do conto original; 2) modificaram o enredo; 3) parte do corpo escolhida para substituir os braços; 4) Títulos criados etc. Logo depois, o desfecho que criaram para suas versões, observando se houve alguma modificação em relação ao desfecho do conto original ou não.

5.4.1 Situação inicial

O conto “Uns Braços” têm início com uma situação que parecia rotineira na casa do solicitador Borges e que, inclusive, não havia hora para acontecer, pois durante uma das refeições, o solicitador, sentado à mesa com D. Severina e o jovem Inácio, protagonista da história, esbraveja, aos gritos, palavras ofensivas, ameaças e reclamações a respeito da conduta do rapaz em casa e durante as atividades que exercia como seu auxiliar. O rapaz, por sua vez, ouvia em silêncio, como sempre (ASSIS, 2007, p.377). Após o relato desta situação, o narrador descreve algumas características físicas e psicológicas de Inácio, filiação e função que exercia junto ao solicitador nas atividades do foro. Neste primeiro momento, destaca-se o tempo em que se situa a narrativa - ano de 1870, e o espaço principal onde ocorre a maior parte das ações, a Rua da Lapa, onde está localizada a casa da família do solicitador (ASSIS, 2007, p.378). A partir de então, a narração segue seu fluxo evidenciando onde estavam os olhos do rapaz antes de Borges iniciar suas reclamações e xingamentos, e onde permaneceram, em vários outros momentos da ação: os braços de D. Severina. “Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que se não se esquecesse de si e de tudo” (ASSIS, 2007, p.378). Abaixo transcrevo os trechos em que os alunos construíram a situação inicial de sua versão:

Olá, meu nome é Severina de Belmond, nasci em 24/11/1843, nasci e cresci no Rio de Janeiro; Rua da Lapa. Com 20 anos me casei e fui embora de casa, fui morar com meu marido “Borges”, meu marido era um ótimo companheiro, trabalhava de solicitador. Hoje, dia 08/04/1870 estava preparando o jantar e meu marido entrou pela porta e do lado dele estava um garoto, mui formoso à vista. (A01/37).

Conto uma história que aconteceu comigo, D. Severina. Morava na *rua* da Lapa, tinha apenas 27 anos, mas já era casada. Ele se chamava Borges. Ele era solicitador. Um dia, um grande amigo de meu marido pediu-lhe que Borges arrumasse um emprego para seu filho. Pois bem, Borges levou o menino para lhe

ajudar, então foi morar com a gente. Ele se chamava Inácio, tinha apenas 15 anos (uma criança ainda). (A02/37).

Eu cantava e dançava enquanto fazia os afazeres domésticos, comecei a ouvir vozes vindo da rua, me apressei e olhei pela janela, avistei Borges, meu marido com quem estava casada nos últimos anos, estávamos tão distante um do outro, mas eu o amava, acreditava que isso era só mais uma fase difícil. Vinha com ele também um rapaz Inácio, ele tem 15 anos, seu pai o enviou como agente ou alguma coisa parecida, a única coisa que eu sabia era que o rapaz iria passar alguns dias na minha casa. (A03/37).

Meu nome é D. Severina, tenho 27 anos e já sou casada com um solicitador chamado Borges, somos casados há quase 10 anos. Desde que *se* casamos, moramos na *rua* da Lapa.[...]. Um dia meu marido trouxe seu meio irmão chamado Inácio de apenas 15 anos para ajudar nos trabalhos que estavam bem atrasados e também para formar um homem bem sucedido. (A04/37).

Meu nome é D. Severina, tenho 27 anos, sou casada com um homem chamado Borges, ele trabalha como solicitador. Eu e ele já estamos casados a 5 anos juntos. Tinha um menino que trabalhava para nós e o nome dele era Inácio, e ele tinha apenas 15 anos. (A05/37).

Sou D. Severina, tenho 27 anos, meu marido é o Borges. Ele é muito mais velho que eu, também muito ignorante. Às vezes me sinto muito mal pelo fato de eu querer bastante carinho e ele me tratar somente na ignorância. Um dia chegou um menino chamado Inácio em minha casa, ele é filho do barbeiro de meu marido. (A06/37).

Essa é uma história, na verdade um fato que me ocorreu, meu nome é Severina, tenho 27 anos, sou casada com Borges, meu marido é um contador, tem 45 anos, 18 anos a mais que eu, porém isso nunca foi exatamente o problema do nosso casamento. Borges e eu vivemos na *rua* da Lapa [...] *Passou* os dias e enfim chegou o sobrinho de meu marido [...] O jovem que se chamava Inácio tinha apenas 15 anos, era de altura média, cabelos cacheados e cheios e era de pele morena. (A07/37).

Eu sou D. Severina. Sou casada com o solicitador Borges. Sou uma mulher de 27 anos e meu marido 38 anos. Temos 5 anos de casados e não posso dizer que meu casamento está indo bem, porque brigamos muito e ele já me ameaçou de querer me bater, mais só foi ameaça. [...] Depois de muito tempo um rapaz chamado Inácio, de 15 anos, muito atraente, veio trabalhar com Borges. (A08/37).

Sou D. Severina, uma mulher de 27 anos. Sou muito bonita, tenho os olhos bem encantadores, parecem um mar negro de tão lindos que são. Sou casada com o Borges, um homem rude que praticamente não me tratava do jeito que eu merecia. Um belo dia Borges precisava de um ajudante, então o menino escolhido para esta função foi Inácio, um menino de 15 anos, de boa índole, amava ler mas pensavam que ele era apenas um preguiçoso. (A09/37).

Olá, meu nome é D. Severina, tenho 26 anos e moro na Rua da Lapa. Como estamos em 2019, quase ninguém me chama pelo meu nome, eles costumam me dar apelidos como: Cabeluda, Rapunzel, D. Rina, etc...O único apelido que eu suporto é D. Rina, pois só dividiram meu nome pela metade. Em minha casa *vivem* só eu e meu marido Borges. [...] quando vi Inácio de primeira, jurava que era um galã de novela e me pergunto como alguém tão novo pode ter uma aparência deste nível, era impossível até eu achar este menino. (A10/37).

Meu nome é D. Severina, tenho 27 anos. Moro na Rua da Lapa, 1970. Sou casada, meu marido se chama Borges e ele é solicitador. Meu marido nunca ligava *pra* mim sempre dava atenção *pro* trabalho, me tratava mal, quase não conversávamos direito. Pedi a ele que arrumasse um ajudante *pra* ele poder me dá atenção já que sou mulher dele, passou meses e meses e ele continuava com a mesma atitude, até que o amigo dele queria que o filho arrumasse um emprego. Então Borges aceitou o menino como ajudante. O menino se chamava Inácio, tinha 15 anos e muito bonito. (A11/37).

Eu D. Severina tenho 27 anos, moro na Lapa com meu marido. Ele trabalha de solicitador e eu cuido da casa enquanto meu marido trabalha. *Mora* na Lapa é muito bom, lá eu saio, fico na praça, e tal, meu marido não fica muito em casa, nós *sai* e se diverte. O senhor Borges meu marido esta precisando de um ajudante, então ele foi *na* casa do seu amigo e chamou Inácio para ajudar ele, como Inácio não trabalhava ele aceitou, ai ele trouxe o Inácio. (A12/37).

Olá meu nome é D. Severina eu tenho 27 anos, sou casada com Borges, ele trabalha como solicitador. O meu casamento não está muito bem, meu marido é muito arrogante. Um filho do amigo de meu marido veio passar um tempo aqui em casa, o nome dele é Inácio e o menino somente tem 15 anos. (A13/37).

Me chamo Severina, tenho 27 anos. Moro na *rua* da Lapa, o ano que me aconteceu o maior conflito de minha vida foi 1870. Sou casada com o solicitador Borges, meu marido é muito rígido, meu casamento com ele não é muito feliz. Acho que não sinto mais o imenso amor que sentia quando nos casamos. Um certo dia quando meu marido trouxe *pra* viver conosco o filho de um amigo que também o ajudava no trabalho. Assim que ele chegou *em* minha casa, fiquei um pouco maravilhada. Ele tinha apenas 15 anos, mas tinha uma aparência madura, de alguém mais velho. (A14/37).

Bom tudo começou em uma rua, *rua* da Lapa morava lá um casal, Sr. Borges e sua mulher D. Severina, era ela linda, deslumbrante, gentil, uma ótima pessoa e tinha um belo corpo com apenas 27 anos. Estava tudo correndo bem até que Borges chega com o filho de seu barbeiro, o seu nome Inácio, D. Severina quando o viu ficou encantada, percebeu que tinha algo diferente no menino, tipo um “brilho”. (A15/37).

Meu nome é Severina, tenho 27 e sou casada com um solicitador chamado Borges. Borges era um homem sério e robusto, mas *as* vezes era um pouco carinhoso em seu tempo vago, já que vivia de cabeça cheia e ocupado na maior parte do tempo. Alguns dias se passaram e percebi que já não recebia aquele carinho de Borges, ele quase não jantava mais, chegava e ia direto para o quarto.

Borges estava me tratando de forma tão seca, eu nem o reconhecia mais... (A16/37).

Meu nome D. Severina, tenho 27 anos e sou casada com um marido chamado Borges. Sabe no começo ele me tratava bem, mas hoje em dia ele só se preocupa com seu trabalho de solicitador. [...] em sua chegada tive uma grande surpresa. Borges tinha contratado um jovem aprendiz de apenas 15 anos chamado Inácio. O mesmo moraria conosco enquanto trabalhasse. Não pude deixar de notar que o jovem era muito belo e encantador mesmo não falando muito. (A17/37).

Eu me chamo Severina, tenho 27 anos. Morava na *rua* da Lapa com meu marido Borges. Ele era muito chato. Há anos que estou com ele. No começo era tudo “em rosas”, carinhos, abraços, beijinhos, mas um dia o amor esfriou. [...] ele vivia viajando *pra* longe e como eu já estava acostumada a ficar sozinha tanto tempo em casa já estava conformada. Em um belo dia Borges ligou para meu celular pois estava na França a trabalho como sempre. Então perguntei a ele o que ele queria. Eu disse:

-Borges, pode falar. Ele respondeu: Você *lembra do* meu amigo barbeiro? O filho dele, o Inácio vai passar um tempo em nossa casa. Ele vai trabalhar para mim como ajudante. [...] Pouco tempo depois escutei o som de buzina de carro em frente a minha casa. Quando fui atender tinha um rapaz bonito na minha frente dizendo: Oi, sou o Inácio, filho do barbeiro amigo do doutor Borges. (A18/37).

Bom mais um dia se passou, eu sou D. Severina, moro na *rua* da Lapa, tenho 27 anos. Meu marido Borges que tem 35 anos, trabalha como solicitador, moramos juntos há 5 anos, um belo dia ele levou um filho de um amigo dele para morar com a gente e o menino tinha 15 anos e se chamava Inácio, ele era bem jovem.(A19/37).

Eu sou D. Severina, tenho 27 anos, sou casada com um homem chamado Borges. Ele é muito carinhoso comigo, atenciosos, ama me agradar com presentes como flores, chocolate, levar para jantares românticos. Esses dias um menino muito bonito chamado Inácio veio passar um tempo aqui em casa para ajudar meu marido. (A20/37).

Me chamo Severina, tenho 27 anos, sou casada com Borges e moramos na Rua da Lapa, em 1870. Borges trabalhava como solicitador, sua personalidade era forte, sempre vivia irritado e nunca me dava atenção ou carinho. [...] Um dia tudo começou a mudar em casa, o filho do barbeiro de Borges foi morar lá em casa. Ele se chamava Inácio, tinha 15 anos, tinha os olhos de quem sonhava muito, andava mal vestido e seu pai era barbeiro na cidade nova. (A21/37).

Oi, sou D. Severina, tenho 27 anos, moro na Rua da Lapa com meu marido Borges. Ele trabalhava como solicitador. Um belo dia, ele contratou um garoto chamado Inácio, ele tinha 15 anos. (A22/37).

Meu nome é Severina, tenho 27 anos e sou casada com um solicitador chamado Borges. Em minha casa moram eu, meu marido e um menino chamado Inácio, filho do barbeiro da esquina. Inácio era ajudante do meu marido e por isso morava em minha casa. (A23/37).

Oi, meu nome é Severina, tenho 30 anos, moro numa cidade pequena chamada Lapa. Moro como meu marido chamado Borges; conheci um rapaz chamado Inácio, ele tinha 23 anos. (A24/37).

Chegou meu marido Borges com um menino muito bonito. Eu perguntei o nome dele. Ele falou que era Inácio. Era um garoto muito novo, mas era bonito. Ele tinha olhos azuis com rosto refinado, forte. (A25/37).

Inácio estremeceu ouvindo os gritos do solicitador. Recebeu o prato que este lhe apresentou e tratou de comer. (A26/37).

Eu sou Severina, moro em uma casa humilde com meu marido Borges, ele trabalha como funcionário judiciário, mas vivemos uma vida normal, mas ultimamente tenho me sentido meio insatisfeita com tudo, e Borges é um homem meio frio às vezes. Recentemente ele tem conversado com um amigo sobre trazer o filho desse amigo pra ficar um tempo com a gente, e esse menino ser o seu aprendiz na profissão da procuradoria judiciária. No começo eu não achava ser uma boa ideia, pois não conhecíamos o menino, e eu e Borges não tínhamos filhos, nunca cuidamos de uma antes. [...] Um dia quando eu estava em casa, Borges tinha chegado, [...] logo depois que ele entrou, entrou mais uma pessoa, eu olhei e pude ver, ele era jovem, tinha o semblante de alguém inocente, ele olhava tudo bem tímido, meu marido nos apresentou e eu soube seu nome, Inácio, ele tinha apenas quinze anos, era realmente muito jovem. (A27/37).

Então D. Severina uma mulher alta, sorridente, mas o que chamava atenção *era* os cabelos [...]. Até que um dia estava lá Inácio, um cara alto de cabelos aparados. (A28/37).

Meu nome é Severina, sou casada. Tenho 27 anos. Moro na *rua* da Lapa. Meu marido é solicitador e estava muito atrapalhado em um dos seus trabalhos. Vivia estressado, me tratava mal, meu marido era muito ruim comigo. Um belo dia chegou um rapaz na minha casa. De rosto muito bonito, [...] O nome dele era Inácio, tinha 15 anos e ele veio *pra* ajudar meu marido com seus trabalhos, o menino iria ficar um bom tempo na minha casa. (A29/37).

Olá, meu nome é Severina e eu tenho 27 anos. Moro na Lapa faço aniversário no dia 09 de dezembro, eu era casada com um rapaz há dois anos. O tempo foi passando e nosso casamento não deu mais certo. Algum tempo depois Severina encontrou um rapaz chamado Borges. (A30/37).

Eu me chamo D. Severina, tenho 27 anos moro na Rua da Lapa com meu marido Borges que tem 54 anos, ele é solicitador. Já temos muitos anos de casados. Eu fui obrigada a casar com ele quando a minha mãe morreu eu morava na rua passava fome [...] depois dois anos se passaram e ele ficou diferente comigo, não me elogiava mais, não falava que acha as minhas sardas bonitas, agora ele sempre chega *em* casa bêbado e me batia. Ele tem um amigo que é *cabelereiro* e que tinha filho que se chamava Inácio que tem 15 anos, ele pediu para Borges para arrumar um emprego para Inácio. (A31/37).

Olá, meu nome é Severina. Tenho 27 anos e moro na *rua* da Lapa. Nasci dia 09 de dezembro de 1992 e sou casada com o Borges, que trabalha como solicitador e me trata muito mal. Eu não sou feliz com ele, pois ele só reclama de tudo. Um dia chegou uma visita em nossa casa. Era Inácio, filho do amigo de Borges, meu marido. (A32/37).

Meu nome é D. Severina, tenho 27 anos, sou casada com um homem chamado Borges, ele trabalha como solicitador. Um dia chegou um menino chamado Inácio que tinha 15 anos. (A33/37).

Olá meu nome é D. Severina, tenho 27 anos. Moro na Rua da Lapa. Tenho um marido chamado Borges. Ele é solicitador. Ele não era muito simpático, carinhoso e gentil... pois dava mais atenção ao trabalho e estava sempre de mau humor. Um dia chegou um menino chamado Inácio, tinha apenas 15 anos, uma “criança” ainda. Seu pai é barbeiro na cidade Nova. Seu pai o pôs de agente, escrevente, ou que quer que era do solicitador Borges.(A34/37).

Acordei num belo dia lindo com meu esposo chamado Borges, e o meu esposo Borges tinha que trabalhar, ele era um solicitador. Num belo dia o Borges foi ao barbeiro, e esse barbeiro era o pai de um menino chamado Inácio, era um jovem de 15 anos que morava com seu pai. [...] O barbeiro pediu que o Borges lhe ensinasse um pouco de ser um solicitador para o Inácio, e o Borges levou Inácio para nossa casa para aprender com o Borges como ser um solicitador. (A35/37).

Meu nome é D. Severina e eu moro com meu marido Borges na Rua da Lapa. Um belo dia meu marido chegou *em* casa com um menino de 15 anos chamado Inácio, ele ia trabalhar com Borges para aprender um ofício e ganhar algum dinheiro, seria seu auxiliar. (A36/37).

Meu nome é D. Severina, tenho 27 anos, vivo na rua da Lapa. Vivo com meu marido Borges, o solicitador, que tem um sobrinhos chamado Inácio. O menino tinha apenas 15 anos. Certo dia meu marido chegou com Inácio lá em casa e disse que ele seria seu ajudante no trabalho. (A37/37).

Nesses trechos das produções dos alunos há algumas observações: na maioria das versões, D. Severina, como nova narradora, se apresenta. Para isso, a maioria dos alunos usa dados recolhidos do próprio conto. Outros, no entanto, fazem algumas modificações em relação, por exemplo, ao ano em que o enredo do conto está ambientado, à idade de Severina (A24/37), acrescentando-lhe sobrenome (A01/37) e até a distância da idade entre D. Severina e Borges: (A08/37), (A06/37), (A07/37), (A19/37), (A31/37). Borges é descrito por D. Severina geralmente como homem severo, assim como se apresenta no texto base, no entanto esta severidade é direcionada a Inácio e nas produções da maioria dos alunos volta-se contra D. Severina. Em algumas produções, Borges é apresentado assumindo atitudes comportamentais diferentes: (A01/37), (A20/37).

5.4.2 O enredo

Nos contos escritos pelos alunos observei que ocorreram as seguintes situações em relação ao enredo: a mais comum foi o pouco aproveitamento do conteúdo do texto fonte. Ainda que eu tivesse os deixado livres para usar sua criatividade, mantendo apenas algumas informações, no conto havia várias situações que poderiam ter sido aproveitadas, como por exemplo, a desconfiança de D. Severina em relação aos sentimentos de Inácio por ela: “[...] No dia seguinte pôde observar melhor, e nos outros otimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem [...]” (ASSIS, 2007, p.381). A maneira diferente com que D. Severina passou a tratar Inácio quando teve certeza de que era amada: “D. Severina tratava-o desde alguns dias com benignidade. A rudeza da voz parecia acabada, e havia mais do que brandura, havia desvelo e carinho” (ASSIS, 2007, p.381). A espontaneidade de Inácio, quando este ousou sorrir à mesa diante de algo engraçado que havia sido contado pelo solicitador: “Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia à mesa, *cousa* que jamais fizera” (ASSIS, 2007, p.381). O momento em que D. Severina não resiste e beija Inácio enquanto este dormia, aparece na maioria das versões, com exceção apenas das redações dos alunos: (A15/37), (A26/37), (A28/37), (A30/37), (A31/37), (A32/37).

A segunda observação é que a maioria dos alunos repetiu o enredo original, fazendo adaptações necessárias para adequar sua escrita ao foco narrativo em primeira pessoa e realizando acréscimos ou supressões ao enredo. Em relação à mudança de terceira para primeira pessoa,

apenas poucos alunos não conseguiram fazer a conversão ou misturaram os focos, como os alunos: (A07/37), (A15/37), (A26/37), (A30/37) e (35/37). Em relação a esta atividade, considero o resultado bastante positivo, já que para fazer a conversão, além de demonstrarem conhecimento sobre foco narrativo, conhecimento este adquirido durante a sequência didática, para realizar a manipulação da perspectiva, tiveram que realizar uma leitura mais atenta do conto, ainda que não tenham aproveitado mais informações existentes no texto fonte.

Outro aspecto bastante positivo: a maioria conseguiu construir sua versão com início, meio e desfecho, mesmo que tenham ocorrido alguns equívocos em relação a alguns dados nas reescritas incompatíveis com o momento histórico em que se desenrola a trama no texto original. Esses equívocos estão relacionados principalmente às datas e a elementos ainda não existentes na época, como, por exemplo, o telefone celular (A04/37), (A24/37).

- 1- Como os alunos descreveram o momento em que os personagens Inácio e D. Severina, supostamente, demonstraram sentir-se atraídos, ou ter notado algo diferente a partir ou não da menção da parte do corpo considerada mais atraente pelos alunos:

Fiquei muito sem jeito, aquele jovem não parava de me olhar, e andava para lá e *pra cá* e os olhos dele estavam fitos em mim [...]. (A01/37).

Eu reparava que o menino não parava de olhar para meus lábios sempre que falava [...]. (A02/37).

[...] eu olhei para Inácio, nossos olhares se encontraram. Ele me olhava de um jeito tão diferente, parecia que tudo tinha parado, eu não sei explicar como eu me senti nesse momento [...]. (A03/37).

E nessa conversa o Inácio quis me confessar que era apaixonado pelo meu sorriso e que não tinha pedido para ir embora para casa dele por causa dele [...]. (A04/37).

[...] um dia eu percebi que ele ficava olhando para os meus cabelos. Eu perguntei a ele porque ele ficava olhando para os meus cabelos, ele não respondia. Mas um dia ele falou que estava apaixonado por mim e que não parava de pensar em mim, aí eu fiquei por muito tempo pensando nisso. (A05/37).

Inácio ficava pedindo para eu sorrir sempre. Percebi que estava gostando de me ver sorrindo. (A06/37).

Eu me apaixonei por aquele rapaz, que então depois ficou me reparando meu sorriso, meus braços e meus cabelos. (A08/37).

[...] me viu e olhou meus olhos negros e profundos, ele não parava de me olhar. (A09/37).

[...] qual motivo de ele ficar olhando para o meu cabelo. (A10/37).

[...] eu ficava o admirando, admirando seus lábios de chegar a *dá* arrepios! (A11/37).

Inácio ficou encantado com o sorriso de Severina, ficou rindo e ele ficou olhando o sorriso dela. (A12/37).

O menino fica olhando para os meus tornozelos [...]. (A13/37).

O pequeno Inácio vivia observando minhas pernas, como eu não saia muito, não as escondia. (A14/37).

Depois de um tempo, percebi que Inácio não tirava os olhos de meus delicados cabelos. (A16/37).

[...] notei que ele tinha uma admiração pelas minhas pernas. (A17/37).

[...] eu me senti diante dele *na* mesa. Eu não conseguia disfarçar, meu Deus! Eu não conseguia resistir *aqueles* olhos. (A18/37).

[...] ficou encantado com meu rosto, não parava de me olhar [...]. (A19/37).

[...] eu percebi que ele olhava muito para o meu sorriso, ficava admirando e admirando. (A20/37).

[...] toda vez que eu sorria ele parecia meio desnordeado, emocionado, mas achei que era coisa da minha cabeça. (A21/37).

Ele ficou olhando para as minhas pernas, senti uma coisa diferente no ar, ele me olha com um olhar diferente [...]. (A22/37).

[...] notei que Inácio não tirava os olhos das minhas mãos, mas não era um olhar qualquer, era com paixão. Seus olhos brilhavam [...]. (A23/37).

[...] logo percebi que ele se encantou com meu olhar. (A24/37).

Um belo dia perguntei por que ele ficava olhando meu sorriso, ele disse que estava achando bonito. (A25/37).

Eu pude perceber que *as* vezes ele me olhava de um jeito estranho, ele me olhava por muito tempo, e quando eu vi a direção em que ele olhava, muitas vezes era *pra* minha boca [...]. (A27/37).

[...] percebi que o rosto bonito que Inácio estava admirando era meu [...]. (A29/37).

[...] ele falou que eu tinha as sardas mais lindas que ele já viu. (A31/37).

[...] percebi que Inácio olhava para mim o tempo todo. Percebi que ele olhava para meu rosto, reparava meus lábios e seus olhos brilhavam com meu sorriso. (A32/37).

[...] um dia percebi que Inácio olhava muito para meus lindos e belos cabelos. (A3/37).

[...] quando eu via Inácio, ele estava olhando para os meus olhos [...]. (A35/37).

O olhar dele *brilhavam pros* meus olhos. (A36/37).

[...] logo no primeiro dia ele ficou olhando para meu sorriso. (A37/37).

Alguns alunos não tiveram seus trechos citados por não terem especificado a parte do corpo ou descrito este momento em que se evidencia o sinal de atração. São os seguintes: (A07/37), (A15/37), (A26/37), (A28/37), (A30/37), (A33/37). Em duas versões não há envolvimento amoroso entre o casal, como na redação da aluna (A04/37), em que Inácio até se sente atraído por D. Severina, mas esta não lhe corresponde neste sentido. Há também a versão feita pelo aluno (A10/37), em que a relação é apenas de carinho entre sobrinho (Inácio) e tia (D. Severina).

2- Sobre as características físicas de Inácio:

[...] bem bonito, muito bonito dormindo [...]. (A01/37).

[...] um belo menino [...]. (A02/37).

[...] não achei que fosse tão jovem e tão bonito [...]. Era de altura média, cabelos cacheados e cheios e era de pele morena. Jovem e bonito. (A07/37).

[...] rapaz chamado Inácio, de 15 anos, muito atraente [...]. (A08/37).

Quando vi Inácio de primeira, jurava que era um galã de novela e me pergunto como alguém tão novo pode ter uma aparência deste nível, era impossível até eu achar este menino. (A10/37).

O menino se chamava Inácio, tinha 15 anos e muito bonito. (A11/37).

Assim que ele chegou *em* minha casa, fiquei um pouco maravilhada. Ele tinha apenas 15 anos, mas tinha uma aparência madura, de alguém mais velho. (A14/37).

[...] ele era um rapaz belo, de pele branca, cabelos ruivos como folhas no outono e olhos azuis como as águas de um lago cristalino. (A16/37).

Não pude deixar de notar que o jovem era muito belo e encantador mesmo não falando muito. (A17/37).

[...] ele era realmente um rapaz bonito. (A18/37).

[...] ele era bem jovem. (A19/37).

Esses dias um menino muito bonito chamado Inácio [...]. (A20/37).

[...] andava mal vestido [...]. (A21/37).

Ele era um menino da pele clara, os seus olhos eram grandes e tinha um olhar encantador, seus cabelos eram macios e lisos, seu sorriso também era encantador. (A23/37).

[...] achando ele muito bonito [...]. (A25/37).

[...] era realmente muito jovem. (A27/37).

[...] um cara alto de cabelos aparados [...]. (A28/37).

De rosto muito bonito, sabe que por sinal me chamou muito a atenção. (A29/37).

Eu *achei ele* bonito [...]. (A37/37).

Quanto a sua aparência as descrições eram bem distintas do original que só informava ter o rapaz: “Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido” (ASSIS, 2007, p.377-378). Nas versões em que há alguma descrição sobre a aparência de Inácio, pelo fato de os alunos inferirem que o rapaz tinha boa aparência, fizeram a descrição mencionando, de alguma forma, sua beleza, acrescentando ou não detalhes, porém, alguns acrescentaram informações relacionadas à cor dos olhos, cabelos, altura, cor de pele: (A25/37), (A10/37), (A07/37), (A27/37) e (A28/37). Os demais alunos não descreveram nada a respeito da aparência física de Inácio.

3- Sobre as características psicológicas de Inácio:

[...] notei que ele é bem gentil e esperto também [...]. (A03/37).

Inácio era um menino bem tímido, quase não fala muito e é raro ele olhar no olho da pessoa que ele conversa. (A04/37).

[...] de boa índole, amava ler, mas pensaram que ele era apenas um preguiçoso. [...] (A09/37).

Inácio era um rapaz tímido, então quase não falava, e não fazia nada a não ser que eu pedisse. (A16/37).

[...] o jovem era tímido [...]. (A11/37).

[...] percebi que o menino é simpático, bem educado [...] cavalheiro. (A13/37).

[...] D. Severina estava admirando sua bondade e gentileza. (A15/37).

Inácio era um rapaz tímido, então quase não falava, e não fazia nada a não ser que eu pedisse. (A16/37).

Assim que ele chegou vi que era um observador [...]. (A19/37).

Inácio era um menino delicado, gentil e quase não falava. (A23/37).

Inácio tinha seu jeito meio quieto e misterioso [...]. (A24/37).

[...] e olhava tudo bem tímido [...]. (a27/37).

[...] ele era muito rápido, habilidoso, inteligente e etc. [...] ele era um pouco lerdo e ficava só no mundo da lua. (A35/37).

4- Considerações de D. Severina a respeito do modo como Borges era e a tratava e seu convívio com ele:

[...] fui morar com meu marido “Borges”, meu marido era um ótimo companheiro [...]. (A01/37).

[...] nosso relacionamento mudou bastante nos últimos anos, estávamos tão distante um do outro, mas eu o amava, acreditava que isso era só mais uma fase difícil. (A03/37).

Já não é de hoje que já não estou satisfeita com esse “casamento” que já está mais para colegas de quarto. (A04/37).

Ele é muito mais velho que eu, também muito ignorante. Às vezes me sinto muito mal pelo fato de eu querer bastante carinho e ele me tratar somente na ignorância. (A06/37).

[...] meu marido tem 45 anos, 18 anos a mais que eu, porém isso nunca foi exatamente um problema do nosso relacionamento. (A07/37).

[...] não posso dizer que meu casamento está indo bem, porque brigamos muito e ele já me ameaçou de querer me bater, mas só foi ameaça. (A08/37).

Sou casada com o Borges, um homem rude que praticamente não me tratava do jeito que eu merecia. (A09/37).

É bom viver ao seu lado, mas só fico com medo quando ele bebe demais e volta para casa bêbado, quando isso acontece eu tenho a sensação que vou ser espancada até a morte, mas tirando isso é maravilhoso viver ao lado dele. (A10/37).

Meu marido nunca ligava pra mim sempre dava atenção *pro* trabalho, me tratava mal, quase não conversávamos direito (A11/37).

Meu marido não fica muito em casa [...]. (A12/37).

O meu casamento não está muito bem, meu marido é muito arrogante [...]. (A13/37).

[...] meu marido é muito rígido, meu casamento com ele não é muito feliz, acho que não sinto mais o imenso amor que sentia quando nos casamos. (A14/37).

Borges era um homem sério e robusto, mas às vezes era um pouco carinhoso em seu tempo vago, já que vivia de cabeça cheia e ocupado a maior parte do tempo. (A16/37).

[...] no começo ele me tratava bem, mas hoje em dia ele só se preocupa com seu trabalho de solicitador. (A17/37).

Ele era muito chato. Há anos que estou com ele. No começo era tudo “em rosas”, carinhos, abraços, beijinhos, mas um dia o amor esfriou. Tanto que ele não fazia questão de mais nada que a gente fazia, ele vivia viajando *pra* longe e como eu não ligava muito para isso, eu já estava acostumada a ficar sozinha tanto tempo em casa já estava conformada. (A18/37).

Ele é muito carinhoso comigo, atencioso, ama me agradar com presentes como flores, chocolate, levar para jantares românticos. (A20/37).

[...] sua personalidade era forte, sempre vivia irritado e nunca me dava atenção ou carinho. Já estávamos casados há alguns anos, nosso casamento já não era o mesmo que antes. (A21/37).

[...] nós vivemos uma vida normal, mas ultimamente tenho me sentido meio insatisfeita com tudo, e Borges é um homem meio frio às vezes. (A27/37).

Vivia estressado, me tratava mal, meu marido era muito ruim comigo. (A29/37).

O tempo foi passando e nosso casamento não deu mais certo. (A30/37).

Eu fui obrigada a casar com ele [...]. (A31/37).

[...] e me trata muito mal. Eu não sou feliz com ele, pois ele só reclama de tudo. (A32/37).

Ele não era muito simpático, carinhoso e gentil. Pois dava mais atenção ao trabalho e estava sempre de mau humor. (A34/37).

As passagens dos contos acima, produzidos pelos alunos, demonstram que, embora, no conto original, Borges não tenha demonstrado ser rude e grosseiro com D. Severina, mas sim com Inácio, este comportamento foi tão marcante que se estendeu à mulher de Borges nas reescritas. Isso pode ser observado nas seguintes versões: (A06/37), (A09/37), (A11/37), (A21/37), (A29/37), (A32/37).

Alguns alunos, no entanto, descrevem Borges como um bom marido, homem carinhoso, atencioso etc., no entanto, no texto fonte também não se verifica isso, o que pode denotar o desejo, por parte destes estudantes, de que Borges tivesse um comportamento melhor em relação à sua esposa. Em um dos momentos de irritação de Borges, por exemplo, quando D. Severina “[...] fazia-lhe carinhos, a medo, que eles podiam irritá-lo mais” (ASSIS, 2007.p. 380), mesmo D. Severina tentando ser carinhosa com ele, fazia-o com medo e ele não correspondia.

5- Sobre o objeto que estava com Inácio na hora em que dormia:

[...] um belo dia estava o jovem moço deitado na rede com um livro na mão [...]. (A01/37).

[...] chegando me deparei com ele deitado em sua cama, com um jornal em cima de seu rosto [...]. (A03/37).

[...] entrei e vi *ele* a dormir com um caderno em mãos [...]. (A07/37).

Ele foi para seu quarto deitar para ler o livro que eu dei e dormiu lendo o livro. (A22/37).

Em “Uns Braços” Inácio adormece com um folheto nas mãos: “Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a *Princesa Magalona*, e começou a ler” (ASSIS, 2007, p. 382). Nenhum dos alunos fez referência a este folheto, ou a qualquer outro folheto ou livro, com exceção apenas dos alunos

(A01/37), (A22/37) que mencionaram um livro, da aluna (A07/37) que citou um caderno e da aluna (A03/37) que disse haver um jornal sobre o rosto de Inácio.

Quanto ao sonho de Inácio nas versões dos alunos, poucos foram os que inseriram o episódio em seu texto. Com a mudança de foco narrativo, tornou-se mais difícil inserir o momento considerado o clímax do conto, pois, ao darem voz à D. Severina na escrita em primeira pessoa, a narração de um sonho não da narradora personagem, mas de Inácio, foi impossibilitada. D. Severina só poderia contar o sonho que Inácio teve com ela por suposição, ou ficar sabendo que ele sonhou com ela, como os alunos abaixo apontaram:

[...] o menino ficou sem reação, depois de um tempo ele começou a falar, disse que não estava acreditando, falou que na mesma noite havia sonhado comigo (A03/37).

O que Severina não imaginava era que Inácio estava sonhando com ela, no sonho ela o beijava e o acariciava, os braços bem juntos ao dele e com uma roupa que mostrava bastante o corpo, “em vista do que ele dificilmente via no seu dia a dia”. (A07/37).

No dia seguinte ele acordou bem feliz porque tinha sonhado comigo e com meus belos olhos. (A09/37)

[...] e no sonho ela estava o beijando [...]. (A12/37).

[...] não sei por que, mas acho que ele estava sonhando comigo e provavelmente com meus olhos. (A24/37).

6- Quanto à relação de parentesco ou amizade de Inácio com a família:

Um dia, um grande amigo de meu marido pediu-lhe que Borges arrumasse um emprego para seu filho. (A02/37).

Seu pai o enviou como agente ou alguma coisa parecida [...]. (A03/37).

[...] um dia meu marido trouxe seu meio irmão chamado Inácio [...]. (A04/37).

Tinha um menino que trabalhava para nós e o nome dele era Inácio [...]. (A05/37).

Um dia chegou um menino chamado Inácio em minha casa, ele é filho do barbeiro de meu marido. (A06/37).

[...] na sua última visita ao irmão ele tinha pedido para que Borges levasse seu filho para trabalhar com ele [...]. (A07/37).

[...] um rapaz muito atraente veio trabalhar com Borges. (A08/37).

[...] então o menino escolhido para esta função foi Inácio, em menino de 15 anos [...]. (A09/37).

Hoje recebi a notícia que meu sobrinho irá nos visitar, acho que ele deve vir para ajudar [...]. (A10/37).

Pedi a ele que arrumasse um ajudante pra ele poder me dá atenção [...]. (A11/37).

O senhor Borges meu marido está precisando de um ajudante, então ele foi *na* casa de seu amigo e chamou Inácio para *ajudar ele* [...]. (A12/37).

[...] um filho do amigo de meu marido veio passar um tempo aqui em casa, o nome dele é Inácio [...]. (A13/37).

[...] meu marido trouxe pra viver conosco o filho de um amigo que também o ajudaria no trabalho. (A14/37).

[...] Borges chega com o filho de seu barbeiro, o seu nome Inácio [...]. (A15/37).

Contratei um menino de 15 anos, filho do barbeiro da esquina. (A16/37).

Borges tinha contratado um jovem aprendiz de apenas 15 anos chamado Inácio. (A17/37).

[...] você *lembra do* meu amigo barbeiro? O filho dele, o Inácio vai passar um tempo em nossa casa. (A18/37).

[...] um belo dia ele levou um filho de um amigo dele para morar com a gente e o menino tinha 15 anos [...]. (A19/37).

Esses dias um menino muito bonito chamado Inácio veio passar um tempo aqui em casa para ajudar meu marido [...]. (A20/37).

[...] um dia tudo começou a mudar em casa, o filho do barbeiro de Borges foi morar lá em casa. (A21/37).

Um belo dia ele contratou um garoto Inácio, ele tinha 15 anos. (A22/37).

[...] um menino chamado Inácio, filho do barbeiro da esquina. (A23/37).

Eu perguntei o nome dele. Ele falou que era Inácio. (A25/37).

Até que um dia estava lá, Inácio o nome dele [...]. (A28/37).

Recentemente ele tem conversado com um amigo sobre trazer o filho desse amigo para ficar um tempo com a gente, e esse menino seria o seu aprendiz [...]. (A27/37).

[...] e ele veio *pra* ajudar meu marido com os trabalhos, o menino iria ficar um bom tempo na minha casa. (A29/37).

[...] ele tem um amigo que é cabeleireiro e que tinha um filho que se chamava Inácio, que tem 15 anos, ele pediu *pro* Borges para arrumar um emprego para Inácio [...]. (A31/37).

Um dia chegou uma visita em nossa casa. Era Inácio, filho do amigo de Borges, meu marido. (A32/37).

Um dia chegou um menino chamado Inácio [...]. (A33/37).

Um dia chegou um menino chamado Inácio, tinha apenas 15 anos [...]. Seu pai é barbeiro na Cidade Nova. (A34/37).

O barbeiro pediu que o Borges lhe ensinasse um pouco de ser um solicitador para Inácio, e o Borges levou o Inácio para nossa casa para aprender [...]. (A35/37).

Um belo dia meu marido chegou *em* casa com um menino de 15 anos chamado Inácio. Ele ia trabalhar com Borges para aprender um ofício [...]. (A36/37).

Borges [...] tem um sobrinho chamado Inácio. Certo dia meu marido chegou com Inácio lá em casa e disse que ele seria seu ajudante. (A37/37).

Algumas versões não foram relacionadas, porque nelas não havia nenhuma descrição que indicasse se Inácio era parente da família, filho de amigos ou sem nenhum parentesco ou ligação de amizade com Borges ou sua esposa Severina. Alguns mantiveram o rapaz como filho do barbeiro, como no texto fonte, outros, porém, disseram ser ele filho de um amigo de Borges: (A02/37), (A11/37), (A12/37), (A13/37), (A14/37), (A19/37). (A27/37). (A31/37), (A32/37). Em relação à idade do jovem, a maioria dos alunos manteve a idade do conto original, 15 anos; alguns, não obstante, mudaram-na, como no caso da redação do aluno (A24/37) que descreveu o rapaz como tendo 23 anos.

7-Versões que fazem alusão à expressão “Uma criança!”:

[...] uma criança ainda. (A02/37).

[...] então eu estava a sós com a criança que eu havia beijado [...]. (A03/37).

[...] mas para mim era apenas uma criança... (A07/37).

-Meu Deus, eu beijei uma criança!Uma criança. (A09/37).

Inácio era apenas uma criança. (A16/37).

Confesso que também o admirava, mas ele era só uma “criança” [...]. (A17/37).

Quando ele disse que só tinha 15 anos eu gelei e pensei: O que? 15 anos? Uma criança? (A18/37).

[...] até porque ele só tinha 15 anos, era uma criança! (A21/37).

Inácio tinha apenas 15 anos, mas seu olhar me fazia esquecer que ele era apenas uma criança! (A23/37).

[...] estava me sentindo atraída por uma criança [...]. (A27/37).

A expressão “Uma criança!” mencionada dez vezes no conto original com clara demonstração de ironia, também aparece nas versões de dez dos trinta e sete alunos. Assim como no texto base, ela surge quando D. Severina tenta se convencer de que Inácio é novo demais e que, por isso, seria impossível qualquer tipo de sentimentos entre ambos, porém a atração permanecia latente. No conto também há outra expressão com conotação irônica “trabalhador de primeira ordem” direcionada a Borges, porém nenhum dos alunos inseriu, de alguma forma, em sua versão.

8- “Um belo dia” como forma ficcional de figurar o tempo:

Um belo dia estava o jovem moço deitado na rede [...]. (A01/37).

Um belo dia Borges precisava de um ajudante [...]. (A09/37).

Um belo dia eu estava na sala [...]. (A17/37).

Em um belo dia Borges [...]. (A18/37).

[...] um belo dia ele levou um filho de um amigo [...]. (A19/37).

Um belo dia ele contratou um garoto. (A22/37).

Um belo dia perguntei por que ele ficava olhando meu sorriso [...]. (A25/37).

Um belo dia chegou um rapaz na minha casa. (A29/37).

Acordei num belo dia lindo [...]. (A35/37).

Um belo dia meu marido chegou [...]. (A36/37).

A forma ficcional “Um belo dia” presente nas versões dos alunos acima, denota nas redações uma noção temporal bastante vaga, porém, na maioria das vezes em que aparece, Inácio está presente na ação, e, em especial, no momento de sua chegada a casa e parece sugerir que este acontecimento, para os alunos, foi muito importante para D. Severina.

Os títulos

Alguns alunos optaram por criar um título com o mesmo modelo do original, porém pondo o nome da parte do corpo que mais os atraem. Por exemplo: “Uns cabelos” (A10/37), (A34/37), “Um sorriso” (A20/37), (A21/37), (A25/37), (A32/37), (A37/37), “Uns olhos” (A35/37). Outros também puseram como título a parte do corpo, porém não necessariamente iniciaram com o mesmo pronome indefinido do conto original “Uns”, como os dos seguintes alunos: “Os lábios” (A01/37), (A02/37), (A11/37), “A boca” (A27/37), “Seus olhos” (A03/37), “Os olhos” (A09/37), (24/37), (A36/37), “O sorriso” (A12/37), “Sorriso bonito” (A06/37), “Os cabelos” (05/37), (28/37), “Os tornozelos” (A13/37), “Minha pernas” (A14/37), “As pernas” (A17/37), (A33/37), “O rosto” (A19/37), “As mãos” (A23/37), “As sardas” (A31/37). Outros alunos criaram títulos bem mais distanciados do modelo original, tais como: “O sonho de amor” (A07/37), “Vida de

casado” (A08/37), “Nossos olhares” (A15/37), “Amor proibido” (A16/37), “Troca de olhares” (A18/37), “Pernas atraentes” (A22/37), “Seu lindo sorriso” (04/37), “Um rosto bonito” (A29/37), “O elogio aos seus olhos” (A30/37). Importante ressaltar que a modificação do título era inevitável, devido a troca dos braços para uma parte do corpo que mais os atraíssem, desse modo, os alunos tiveram liberdade para criar o título de sua versão. A parte do corpo mais escolhida foram os olhos, com nove versões, depois o sorriso, com oito versões. Os lábios, os cabelos e as pernas tiveram quatro versões cada, o rosto, as mãos, o tornozelo e as sardas, apenas uma versão. Dois não especificaram a parte do corpo e outro não atenderam a proposta.

Olhos: (A03/37), (A09/37), (A15/37), (A16/37), (A18/37), (A24/37), (30/37), (A35/37), (A36/37).

Sorriso: (A04/37), (A06/37), (A12/37), (A20/37), (A21/37), (A25/37), (A32/37), (A37/37).

Lábios: (A01/37), (A02/37), (A11/37), (A27/37).

Cabelos: (A05/37), (A10/37), (A28/37), (A34/37).

Pernas: (A14/37), (A17/37), (A22/37), (A33/37).

Rosto: (A19/37), (A29/37).

Tornozelos: (A13/37).

Mãos: (A23/37).

Sardas: (A31/37).

Não especificaram: (A07/37), (A08/37).

Não atendeu a proposta: (A26/37).

Casos em que os estudantes modificaram grande parte do enredo:

[...] Somos um casal que não ligamos para ter filhos no momento, bom isso é o que ele diz, porque já eu sou doida para ter um menininho. [...] Já não é de hoje que já não estou satisfeita com esse “casamento” que já está mais *para um colegas de quarto*. Um dia meu marido trouxe seu meio-irmão chamado Inácio de apenas 15 anos para ajudar nos trabalhos [...]. Logo disse que o levaria para um quarto para poder dar um presente que eu havia guardado lá no quarto. [...] ele me olhou nos olhos com um sorriso lindo no rosto, agradeceu pelo celular [...]. Fui logo preparar um belíssimo jantar para receber o rapaz bem, já que o Borges só faz encher a cabeça do rapaz. Assim que desci, me deparei como Borges me esperando para me dar uma bronca por eu ter tratado bem o irmão dele [...]. Eu estava muito feliz com o Inácio conosco e por isso dediquei todo o meu tempo para ele. E o Borges não estava gostando nada disso, e com isso toda noite brigava comigo e eu cada vez mais perdia a vontade de continuar naquela casa [...]. Daquela noite em diante, o Borges pegou mais no pé de nós dois por *está* muito amigos [...]. Depois daquele jantar eu e o Inácio como de costume, ficamos para arrumar a cozinha e conversar [...]. Nessa conversa o Inácio quis me confessar que era apaixonado pelo meu sorriso e que não tinha pedido para ir embora por causa dele [...]. Eu em choque com aquilo, porque eu tinha criado um sentimento igual de uma mãe por ele, e não um romance. Eu não briguei com ele nem nada por consideração e medo de magoar o menino que estava sendo meu melhor amigo. E passei a pensar na possibilidade de fugir com ele para São Paulo [...] quando chegou a noite esperamos o Borges dormir profundamente, [...] e partimos para São Paulo tentar uma vida mais feliz e conseguimos, estamos morando como mãe e filho. Claro que a mãe biológica do Inácio ficou desesperada quando o Borges ligou para avisar que nós dois *tinham* fugido, mas como não estávamos ligando para mais nada, não respondemos a nenhuma mensagem e nem ligações. Borges continuou ligando para tentar entender o motivo da minha fuga com o Inácio. (A04/37).

Olá, meu nome é Severina, tenho 26 e moro na Rua da Lapa. Como estamos em 2019, quase ninguém me chama pelo meu nome, eles costumam me dar apelidos como: Cabeluda, Rapunzel, D. Rina etc...O único apelido que eu suporto é D. Rina, pois só dividiram meu nome pela metade. Em minha casa vivem só eu e meu marido Borges. [...] Hoje eu recebi a notícia que meu sobrinho irá nos visitar, acho que ele deve vir para ajudar, [...]. Nunca havia visto ele em minha vida. Estou ansiosa para isso acontecer. Alguém bate na porta [...] - É o nosso sobrinho, ora bolas! Eu te falei que ele iria vir hoje, o nome dele é Inácio. [...] - Vamos, entrem! Quando vi Inácio de primeira, jurava que era um galã de novela e me pergunto como alguém tão novo pode ter uma aparência deste nível, era impossível até eu achar este menino. Outra coisa que me perguntei é: qual motivo de ele ficar olhando para o meu cabelo. Vou tirar dúvida. - Me explique uma coisa, por que você fica olhando pro meu cabelo sempre que tem chance? [...]. Pode contar Inácio eu não vou contar *pra* ninguém. - Não tia, deixa eu dormir que é mais fácil para nós dois. [...] Vai entender essas crianças de hoje... Espera, tive uma ideia! Espero um tempinho para que Inácio pegasse em um sono profundo até sonhar. Dizem que dá para controlar uma pessoa pelo sono dela. [...] fico

observando ele e me sinto um pouco errada por estar vigiando uma criança e usando até artimanha para saber um segredo [...] decido dar um beijo em sua bochecha. Quando me aproximo para dar o beijo Inácio acorda e acaba acidentalmente virando seu rosto em minha direção. - Inácio! Como ousa? – Tia, me desculpa, não foi de propósito! –Meu Deus! O que digo para o Borges agora? – Tia... Que... que a senhora está fazendo, me vendo dormir. - Eu? - Sim. - É segredo... (A10/37).

[...] Alguns meses se passaram e Borges continuava a me tratar como se eu não existisse... *eu* já não sabia se o amava mais, eu não poderia me separar dele depois de anos de casada, e isso também poderia manchar a imagem da nossa família. *Aguentei ele* por mais uns meses. Saí *na* rua para comprar alguns alimentos, quando me deparei com Borges aos beijos com uma mulher formosa [...] Eu voltei para casa sem acreditar no que tinha acabado de ver. [...] Logo depois Borges chegou *em* casa e eu tentava disfarçar o choro e a decepção no meu olhar. [...] não aguentava mais tanto sofrimento ao lado de Borges, então [...] ele me disse que iria se casar com outra mulher, me deu um abraço e se despediu. Anos depois [...] resolvi contratar alguém para cuidar da casa por mim [...]. Contratei um menino de 15 anos [...] seu nome era Inácio [...] Quando olhei para Inácio, meu coração disparou como se eu tivesse me apaixonado novamente.[...] pedi para que ele entrasse e arrumasse as coisas em seu quarto. [...]. Depois de um tempo, percebi que Inácio não tirava os olhos de meus delicados pés, [...] eu também não tirava os olhos de Inácio. Um dia eu convidei Inácio para tomar um chá comigo, sentamos e conversamos muito [...]. Inácio adormeceu pois o chá era de camomila, eu adormeci também. [...] Inácio acordou e foi fazer compras quando voltou me ajudou a preparar o almoço, depois foi descansar [...] Ele levantou e veio até a sala de jantar, se sentou e comeu, conversamos até o sono chegar. [...] Inácio foi se banhar, logo depois adormece [...]. Toda vez que pensava nos momentos que tive com Inácio meu coração acelerava de tanta paixão. Enquanto lia o meu livro, pensei em ir *no* quarto ver Inácio. Fui até lá, fiquei *na* porta admirando sua beleza [...].fiquei *na* porta por alguns minutos, quando percebi já estava perto de sua cama, então eu me curvei e aproximei minha face perto do rosto de Inácio, então eu o beijei, seus lábios eram rosa e macios. Eu percebi que o que eu tinha feito era errado, então me afastei e fui para o meu quarto, fiquei a noite toda pensando no que eu tinha feito. Ao amanhecer botei meias para que Inácio não olhasse para eles [...]. Eu vendo aquilo [...] resolvi conversar com Inácio, disse que iria me mudar para outro estado, então teria que demiti-lo. Então o demiti e pedi para que pegasse as suas coisas e fosse embora. Inácio confuso, pegou suas coisas e foi embora [...]. (A16/37).

5.4.3 O desfecho

Entre o clímax e o desfecho do conto “Uns Braços” ocorrem os seguintes acontecimentos: Após certificar-se de que Borges havia saído D. Severina, muito inquieta, levanta-se do canapé e, de repente, ao lembrar-se de que Inácio comera pouco durante o almoço e tinha a aparência

abatida, e imaginando que talvez ele não estivesse bem, saiu da sala e foi até o quarto do rapaz onde encontrou a porta aberta e Inácio dormindo na rede. A partir de então, o fluxo narrativo é conduzido pela tentação de D. Severina, cuja imagem de Inácio, durante a madrugada, “andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica” (ASSIS, 2007, p. 382). Com o coração batendo com veemência e os sentidos turvos, D. Severina recua e volta diante de Inácio, que parecia dormir profundamente. Após contemplar o rapaz por alguns minutos, e tentando se convencer de que ele era “só uma criança”, não resiste e o beija. Ele, por sua vez, não desperta, porém neste mesmo instante, sonha com ela, e no sonho eles também se beijam “Aqui o sonho coincidiu com a realidade e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela” (ASSIS, 2007, p.383).

O final deste conto não correspondeu às expectativas de muitos alunos, os quais acharam que Inácio não deveria ter sido mandado de volta para casa, e muito menos sem se despedir de D. Severina. Dois alunos (A31/37), (A35/37) chegaram a responder no questionário proposto após a leitura, que não gostaram do desfecho porque “o Borges mandou o Inácio embora”. Mesmo assim, a maioria dos alunos manteve o final como no conto original, em que Inácio é obrigado a deixar a casa. A seguir, transcrevo os desfechos produzidos pelos alunos, para que se observem as modificações que realizaram. Os desfechos foram separados em dois grupos: o dos que mantiveram conforme o original e o dos que o modificaram, inclusive acrescentando informações:

1- Desfecho dos alunos conforme o original, porém com algumas modificações:

[...] um belo dia estava o jovem moço deitado na rede com um livro na mão aparentemente dormindo. Cheguei bem perto a olhá-lo, quando vi estava sorrindo e bem bonito, muito bonito dormindo, cheguei bem pertinho dele e lhe dei um beijo, no mesmo momento meu coração ficou *a milhões* não sabia o que fiz, muitos pensamentos me cercaram, o primeiro foi “ele estava fingindo dormir na hora do beijo”, aí se o Borges souber estou morta, só tenho 27 anos, sou imatura. Deitei a dormir, Borges chegou muito irritado por causa de Inácio. Perguntei: o que houve amor? – Inácio não quer fazer mais nada, virou um vagabundo. Levarei ele para casa ainda essa semana [...] chegou o dia da partida de Inácio, uma quinta-feira, Inácio se despediu de mim muito triste, nunca mais o vi. (A01/37).

Teve um dia que eu percebi que ele estava dormindo, aí eu subi em cima da cama e sem pensar eu *lhe dei um beijo na boca dele*. Antes que ele acordasse, voltei

para o meu quarto e antes que meu marido visse também. Mas uns dias depois meu marido *mandou ele* ir embora. (A05/37).

Entrei no quarto de Inácio para arrumar como, era de costume, entrei e *vi ele* a dormir com um caderno em mãos, fui chegando perto, parecia que meu corpo ia até ele por vontade própria. Inácio dormindo sem saber que ela estava ali, sonhando com aquele beijo. Fui chegando mais perto e aconteceu o tão esperado beijo. [...] No dia seguinte não parava de pensar no que tinha acontecido, [...]. Os dias passaram e Borges percebendo como os dois se olhavam, na manhã seguinte bem cedo, chamou Inácio e disse que iria levar ele para casa, sem muitas explicações, Severina nem o viu. (A07/37).

[...] meu marido mandou o Inácio dormir e saiu de casa e eu não aguentei e dei um beijo no menino e eu estou gostando dele. Em fim, amanheceu e o menino já foi embora e a minha vida voltou ao normal. (A13/37).

Após algumas horas pensando nele fui até o meu quarto ver se estava tudo bem. Inácio dormia como um anjo e eu fiquei ali admirando, vendo ele dormir até que uma vontade imensa moveu-me até a beira de sua cama e delicadamente dei um beijo bem suave em sua boca. Logo percebi que isso era errado e sai correndo e fui para o meu quarto e fiquei super nervosa com medo de Inácio estar fingindo dormir. Ao cair da noite Borges chegou, eu estava deitada em minha cama e percebi que Borges estava estranho me observando e ao mesmo tempo observando Inácio e começou a me fazer perguntas como: - Como foi seu dia? E isso não era mais normal da parte dele. Em suas falas tinha um som de suspense e desconfiança... No dia seguinte notei que Borges e Inácio tinham saído mais cedo e quando Borges voltou Inácio não estava mais com ele. [...] Borges me disse que Inácio teve um problema na família e pediu demissão para voltar para casa. (A17/37).

[...] um belo dia eu fui ao quarto dele, ele estava dormindo, eu dei um beijo na boca dele e logo fui deitar, meu marido chegou do trabalho e logo desconfiado de algo, logo mandou Inácio embora sem deixar ele se despedir de mim, e assim acabou nossa história de amor, e nunca mais *vi ele*. (A19/37).

Ele foi para seu quarto deitar para ler o livro que eu dei e dormiu lendo o livro. Eu cheguei até a porta do quarto e fui até a cama e dei-lhe um beijo na boca. Meu marido Borges chegou e mandou ele ir embora, ele não entendeu nada. Borges *tava* desconfiado com o que estava acontecendo entre *eu* e Inácio e *levou ele* embora, ele ficou muito triste e eu também que estava gostando dele. (A22/37).

Um dia *peguei ele* dormindo na rede e fiquei pensando será que ele está dormindo ou está fingindo? Aí eu dei um beijo nele e no meu pensamento pensei será que ele está dormindo. Eu fiquei pensando nele. Um dia marido Borges chegou e falou para o Inácio acabou seu trabalho aqui em casa pode ir embora. Inácio subiu e arrumou sua mala triste. (A25/37).

[...] eu não pude mais aguentar, eu precisava fazer aquilo, eu me aproximei mais de seu rosto e finalmente juntei nossos lábios dando um beijo em Inácio, depois de ter o beijado eu olhei e vi que tinha sorrido, eu acabei pensando no fato de que ele estaria acordado e sai dali imediatamente, fui para meu quarto com a consciência pesada, e me deitei na cama, e se ele estivesse acordado e contasse para o Borges? Meu Deus. [...] depois que acordei já era outro dia, olhei do meu lado e Borges não estava lá, fui até o quarto de Inácio e ele também não estava lá, eu olhei pela janela e pude ver o carro de Borges parado, ele estava entrando no carro junto com Inácio, [...] Borges estava levando Inácio para casa. Por um lado era bom, pois o menino ia voltar a ter sua vida normal, mas pelo outro toda a minha vida ia voltar ao normal. (A27/37).

Teve uma vez que ele estava dormindo e meu marido tinha saído. O menino estava dormindo e eu fui *em* sua cama e sem pensar lhe dei um beijo e fui para minha cama com medo que meu marido descobrisse e que o menino estivesse acordado e falado com ele isso. Eu me senti muito mal. (A33/37).

2- Desfecho dos alunos que modificaram o original:

Sai para arrumar a mesa do café, mas logo voltei ao quarto do menino Inácio e fui logo lhe apreciando de mais perto, e cada vez mais perto e lhe beijei, logo acordou e pedi logo desculpas a ele e pedi que fingisse que nada aconteceu e logo fui para o meu quarto, era cedo, mas logo dormi. Borges chegou e foi direto ao meu quarto e perguntou-lhe porque tudo estava como deixei. Disse-lhe que não passava bem. Foi até Inácio e está do mesmo jeito, estranhou. No dia seguinte Borges disse que não precisaria mais do menino e levou embora, nem sequer deixou me despedir. Três semanas se passaram, com muitos pensamentos na mente decidi me separar de Borges e viver uma vida mais feliz, fui embora para Minas Gerais recomeçar minha vida e até hoje não sei de Borges, mais estou muito feliz e também espero que o menino Inácio esteja. (A02/37).

A noite chegou, comecei a sentir uma coisa estranha, uma angústia, levantei da cama, e automaticamente eu fui direto para o quarto de Inácio, eu tentei não ir, tentei mesmo, mas esse desejo era mais forte, então eu fui, chegando me deparei com ele deitado em sua cama, com um jornal em cima de seu rosto, fiquei ali de pé o encarando, olhei seu cabelo, seus olhos, por fim olhei seus lábios, eram tão bonitos, carnudos, fiquei com vontade de beijá-lo, mas logo me vinha na mente - Ele é mais novo que eu, eu tenho marido, isso nunca poderia acontecer, eu tentei lutar contra essa vontade, mas não consegui, cheguei mais perto da cama me inclinei e o beijei, o beijo foi tão suave, meu coração quase explodiu, me afastei de seus lábios tão confusa, com medo, comecei a pensar em um milhão de coisas – como eu fui capaz de fazer isso ele tem apenas 15 anos, sai correndo, eu não sabia o que fazer, será que ele estava acordado? Eu não queria nem pensar nessa hipótese. [...] Borges havia saído, então eu estava a sós com a criança que eu havia beijado, não me aguentei fui ao quarto do menino, e lá estava ele na sua cama olhando pra nada, [...] falei tudo o que havia acontecido [...] depois de um tempo

ele começou a falar, disse que não estava acreditando, falou que na mesma noite havia sonhado comigo, falou que não conseguia ficar sem pensar nos meus olhos, disse que estava apaixonado por mim [...] propus sermos somente amigos ele concordou [...]. Na manhã seguinte acordei já recebendo a notícia de que Inácio tinha ido embora, eu não consegui me despedir, eu queria dizer um último adeus. Já *passou* dias e continuo pensando em Inácio, comecei a entender que eu tinha que tirá-lo do meu coração, e toda a sua paixão pelos meus olhos existiriam apenas em minha memória. (A03/37).

Depois daquele jantar eu e o Inácio como de costume, ficamos para arrumar a cozinha e conversar [...]. Nessa conversa o Inácio quis me confessar que era apaixonado pelo meu sorriso e que não tinha pedido para ir embora por causa dele [...] Eu em choque com aquilo, porque eu tinha criado um sentimento igual de uma mãe por ele, e não um romance. Eu não briguei com ele nem nada por consideração e medo de magoar o menino que estava sendo meu melhor amigo. E passei a pensar na possibilidade de fugir com ele para São Paulo [...] quando chegou a noite esperamos o Borges dormir profundamente, [...] e partimos para São Paulo tentar uma vida mais feliz e conseguimos, estamos morando como mãe e filho. Claro que a mãe biológica do Inácio ficou desesperada quando o Borges ligou para avisar que nós dois *tinham* fugido, mas como não estávamos ligando para mais nada, não respondemos a nenhuma mensagem e nem ligações. Borges continuou ligando para tentar entender o motivo da minha fuga com o Inácio. (A04/37).

[...] um dia, quando ele estava dormindo na rede eu *beijei ele* e me senti muito mal. Corri desesperada, porque ele era muito novo. No outro dia ele acordou meio estranho comigo e eu não estava entendendo muito. Borges, o meu marido viu que a gente estava próximo e brigou comigo. Ele disse que sabia que tudo isso ia acontecer entre *eu* e Inácio. Acabamos terminando e minha vida ficou péssima. (A06/37).

Um dia, na *rua* da Lapa, onde a gente morava, em nossa casa, o rapaz Inácio deitado e eu dei um beijo nele e o Inácio, como estava dormindo e sonhando que eu estava beijando ele. Ele imaginava que na própria vida real eu teria feito aquilo com ele. Ele acordou meio serelepe, feliz, muito feliz e não parava de pensar nela e eu D. Severina não me arrependo de fazer isso. Então ela se separa do solicitador Borges, que *viu ela* beijando o rapaz Inácio. (A08/37).

Borges saiu para beber e logo Inácio foi se deitar. Eu fui até o quarto dele, por coincidência ele parecia estar sonhando comigo. Eu acabei beijando ele enquanto ele dormia, mas logo depois me arrependi. - Meu Deus eu beijei uma criança! Uma criança”. No dia seguinte o tratei bem rude, ele sem entender nada ficou sem reação. Eu o tratei assim porque pensei que estava fingindo dormir e que contasse para o Borges, mas meu marido já desconfiado mandou Inácio embora. [...] Dois anos depois [...] me separei. Sem medo de mais nada, fui atrás do Inácio e me declarei [...] fiquei com Inácio e fomos morar juntos e depois de uns anos nos casamos [...]. (A09/37).

Vou e me sento ao lado de Inácio dormindo, sentada decido dar um beijo em sua bochecha. Quando me aproximo para dar o beijo Inácio acorda e acaba

acidentalmente virando seu rosto em minha direção. -Inácio! Como ousa? – Tia, me desculpa, não foi de propósito! –Meu Deus! O que digo para o Borges agora? – Tia...Que...que a senhora está fazendo, me vendo dormir. –Eu? –Sim. –É segredo... (A10/37).

[...] um dia Inácio adormeceu no sofá e não pude me conter, o desejo de beijar aqueles lábios era mais forte que eu, fui me aproximando e Inácio acordou, me olhou e disse: - o que você está fazendo? - Eu estava te admirando. - Me admirando? - Sim. Então Inácio veio me acariciando e me deu um beijo, parecia até que eu estava sonhando, fui criando um sentimento pelos lábios do Inácio. Depois do acontecido, Inácio nem sequer olhava na minha cara, quase não deixava eu admirar seus lábios. Até que numa madrugada ele resolver ir embora, sem ao menos se despedir. Nem do Borges ele se despediu. E tudo isso não passou de um simples conto de fadas *pra* mim. (A11/37).

[...] ela foi lá no quarto e viu que ele estava sorrindo dormindo, então ela se aproxima dele e acaba beijando ele, e no sonho ela estava o beijando, ela ficou surpreso com o que fez e foi *pro* quarto, seu marido chegou e percebeu que estava tudo igual, saiu, ele foi no quarto e viu que ele estava dormindo e sorrindo, foi no quarto da sua esposa e viu que ela estava dormindo, ele decidiu que o Inácio ia voltar *pra* onde morava com seu pai. Então ele se despediu e foi embora pensando no sorriso, e Borges e D. Severina *Ficou* mais perto um do outro e viveram *feliz*. (A12/37).

Enquanto Inácio dormia, fui *em* seu quarto. Quando cheguei, fiquei olhando de longe, logo depois me aproximei de sua cama e fiquei admirando seus lábios rosados e carnudos. Por um impulso eu não me agüentei e o beijei. Inácio acordou assustado, ficava me olhando, em seguida me puxou e retribuiu o beijo, milhares de emoções tomaram conta de mim. Foi incrível! Uns cinco anos depois eu não agüentei e pedi o divórcio a Borges. Por mais que tivesse passado tantos anos não tirava Inácio de minha mente. Fiz de tudo para reencontrar Inácio e consegui. Depois de muito tempo namorando, ele me pediu em casamento e é claro eu aceitei. [...] Meu casamento com ele foi muito feliz, finalmente estava com quem eu amava. (A14/37).

A noite chegou e todos foram dormir, mas D. Severina *esqueceu de* lavar a louça e levantou para lavar, nisso Inácio acordou e quis ajudar, eles conversaram por horas e horas e toda semana fizeram isso à noite, porque Borges não poderia saber, as conversas *foi* mais que isso... D. Severina começou a sentir mal e começou a dormir mais cedo, também Borges estava desconfiado. Depois de semanas, o fim do trabalho de Inácio, ele foi liberado para voltar para sua casa e à D. Severina como ela ficou? Com desejos das últimas noites? Será arrependimento por ter algo com um menino tão novo? Mas essas histórias já *foi* contada. (A15/37).

Enquanto lia o meu livro, pensei em ir *no* quarto ver Inácio. Fui até lá, fiquei na porta por alguns minutos, quando percebi já estava perto de sua cama, então eu me curvei e aproximei minha face perto do rosto de Inácio, então eu o beijei, seus lábios eram rosa e macios. Eu percebi que o que eu tinha feito era errado, então me afastei e fui para o meu quarto, fiquei a noite toda pensando no que eu tinha

feito. Ao amanhecer botei meias para que Inácio não olhasse para eles. Inácio parecia animado, parecia que ele sabia o que tinha acontecido naquela noite. Eu vendo aquilo me senti mais culpada ainda então resolvi conversar com Inácio, disse que iria me mudar para outro estado, então teria que demiti-lo. Então o demiti e pedi para que pegasse as suas coisas e fosse embora. Inácio confuso, pegou suas coisas e foi embora com um rosto triste. Eu estava com o coração partido, mas sabia que era o certo a fazer. Aliás, Inácio era apenas uma criança. (A16/37).

Inácio dormiu na sala e eu fiquei olhando ele dormir. Ele estava tão lindo. Como pode? Cheguei muito perto dele, beijei o rosto e depois a boca e ele acordou e sorriu. Quando ele sorriu eu vi que ele acordou e saiu correndo com vergonha, mas pela manhã nós ficamos juntos na sala conversando abraçados, eu acabei esquecendo que o Borges ia chegar cedo, a qualquer momento e ele chegou na hora errada. – O que está acontecendo aqui Severina? Eu tentei explicar mas o Borges expulsou o Inácio da casa e falou muitas coisas, disse que o Inácio era um traidor. O Inácio tentou ficar calado como sempre, mas disse: - Tá bom, vou embora, a casa é sua, mas você só trata a Severina mal. Vamos comigo, Severina! Então eu disse que sim. Eu não queria mais viver com o Borges, queria acompanhar o Inácio. Inácio e Severina foram embora e viveram felizes para sempre. Borges foi para Minas Gerais e se casou novamente. (A18/37).

Mas eu me apeguei muito a ele e ia visitá-lo sempre que podia sem meu marido saber, até que um belo dia, quando fui ver ele, estávamos sozinhos na casa desse primo, e acabou “rolando” um beijo [...] passamos a noite juntos. Quando anoiteceu eu fui para casa, quando cheguei meu marido estava em casa, e sentado no sofá ele me perguntou *aonde* eu estava, eu de cara disse que estava na casa de uma amiga, ele não acreditou muito, mas passou. Fui deitar e fiquei pensando que realmente era melhor eu me afastar de Inácio, pois eu amava muito o meu marido e não queria perder de jeito nenhum ele, então tirei Inácio da minha vida para sempre. (A20/37).

[...] Inácio chegou cedo e como todos os dias ele foi para o quarto descansar, eu estava na cozinha desfazendo a mesa e quando eu dei conta de mim, eu estava beijando Inácio no quarto, nem eu mesma estava acreditando nisso, logo em seguida Borges chegou em casa e notou que havia acontecido algo diferente, ele percebeu que eu estava diferente com Inácio. Alguns dias passaram e Inácio cada vez mais carinhoso e compreensivo comigo. Borges já estava mais irritado do que o normal, decidiu mandar Inácio embora da nossa casa, eu fiquei arrasada e surpresa com a notícia, Inácio ficou sem entender o motivo da mudança, mas aceitou e foi embora, ele só sabia que dentro de si um sonho se tornou realidade, e vai levar *contigo* o meu sorriso. (A21/37).

Até que tive coragem e fui *no* quarto de Inácio em silêncio sem fazer nenhum tipo de barulho, e olhei pela brechinha da porta e vi Inácio dormindo como um anjo. Meu coração acelerou quando vi seus lábios rosados. Não consegui me conter e fui até sua cama admirei seu rosto e toquei nele rapidamente, pensei que ia acordar, mas ele tinha um sono profundo por causa de seu trabalho. Inclinei-me e dei um delicado beijo em seus lábios. Senti seus lábios sobre os meus. Seus lábios eram macios. Eu nunca senti assim antes. Depois disso eu me assustei e me

perguntei: Por que eu fiz isso? Por que eu o beijei? Saí do quarto desesperada e corri para o meu quarto. Chegando lá sentei na escrivaninha e me olhei *sobre* o espelho e dei uma leve risada. *Se passava* a toda hora em minha cabeça a lembrança dos seus lábios. Até que fui interrompida com o barulho da campainha e corri para atender. Era o Borges. [...] Eu não tirava Inácio da minha mente e fiquei sem dormir. Na manhã seguinte Borges depois do café deu a notícia que não precisava mais da ajuda de Inácio e falou que depois do café era para ele arrumar suas malas. [...] Depois de Inácio ter arrumado suas coisas, vi pela janela Inácio entrando em um carro junto com Borges. Pela janela do carro, ele me viu na janela do segundo andar. Seus olhos brilhavam como da primeira vez que viu minhas mãos. E ele partiu. Senti que eu poderia estar apaixonada por ele, mas Inácio era apenas uma criança. (A23/37).

Um certo dia, Inácio estava dormindo em sua cama, sem fazer muito barulho, me aproximei e dei um beijo de boa noite nele, mas antes que eu fossa embora do quarto de Inácio percebi que o celular dele estava ligado, logo fui desligar quando vi que a foto de perfil que estava no celular de Inácio era minha, não aguentei de vergonha e saí correndo, não sei porque, mas acho que ele estava sonhando comigo e provavelmente com meus olhos; depois disso nunca mais mexi no celular de Inácio e nunca mais dei beijo de boa noite. (A24/37).

Então, enquanto eu dormia Inácio admirava eu dormir, sinto as mãos dele sobre meu rosto e então o esperado momento, ele me beijou. Depois disso, ele foi embora com medo do que fez, que eu contasse ao meu marido o que aconteceu. Inácio foi embora sem ao menos me dizer tchau. Então perguntei ao Borges: - Onde está Inácio? - Ele foi embora nessa madrugada, recebeu uma proposta de trabalho. - Sem se despedir? - Ele disse que um dia voltará para uma visita. Desde então Inácio nunca mais apareceu e eu percebi que todo esse tempo me iludi achando que eu iria ficar com Inácio, que ele tinha sentimento por mim. E isso foi apenas uma ilusão, uma simples ilusão. (A29/37).

[...] olhou para D. Severina e viu as lindas sardas que ela tem, ele se apaixonou e ela também gostou dele, depois amanheceu e Borges foi trabalhar, o Inácio não foi porque ele tava passando mal, mas era mentira depois eles dois *arrumou* a mala e foi embora. Inácio e D. Severina viveram *feliz* para sempre. (A31/37).

Certo dia meu marido saiu e eu e Inácio nos aproximamos, dançamos e acabamos nos beijando. Fiquei muito confusa e Inácio dormiu na sala. Borges chegou e notou alguma coisa, no dia seguinte meu marido ligou para o pai do Inácio para buscá-lo. Inácio foi embora e Borges não sabia de nada que *haverá* acontecendo. Eu depois de uma semana não queria mais fazer nada. Estava desanimada. Borges só sabia reclamar e me irritar. Tomei coragem e acabei com o meu casamento. Tudo acabou triste. Foram dois anos juntos. Algum tempo depois consegui um emprego, minha casinha e hoje sou feliz, não tive mais notícias de Inácio, mas nunca *esqueci daqueles* olhares e beijos. O Borges está bem. Casou-se de novo e assim vivemos felizes. [...]. (A32/37).

Um dia notei que Inácio não havia aparecido para o almoço e poderia *está* meio triste ou doente. Então resolvi ir até o quarto do menino e lá estava ele dormindo. Soltei meu cabelo e fui me aproximando do menino e até percebi que até que ele

era bonito, muito mais bonito dormindo do que acordado! [...] me aproximei de novo, porém o menino acordou e se deparou comigo no quarto dele, levantou da cama e veio caminhando até mim, ele ficou observando meu cabelo foi chegando cada vez mais perto de mim, eu já não sabia o que fazer, fiquei parada e quando ele chegou bem pertinho de mim tocou em meus cabelos e deu um sorriso, foi aproximando seu rosto do meu e finalmente ele me beijou. (A34/37).

Aí o Borges foi trabalhar sem o Inácio, e o Inácio estava dormindo no quarto de hóspedes e eu estava arrumando a cozinha quando fui ao quarto de Inácio, [...] ele estava dormindo com um sorrisinho, eu estava achando ele fofo, e eu andando devagarzinho sem acordar ele, e fui me abaixar lentamente, e olhei para os lábios dele, e beijei, eu fiquei desesperada por dentro e um pouco feliz, porque eu gostei do beijo, e eu fui dormir, e eu ouvi um barulho na sala, eu fui e me levantei, e fui a sala, e era o Borges sentado no sofá, que parecia que não tinha suspeitado nada sobre mim e o Inácio. E já era manhã, o Borges estava conversando com o Inácio [...] Borges levou o Inácio para sua casa e nunca mais eu o vi [...]. (A35/37).

[...] fui ao quarto de Inácio e vi que ele estava dormindo um sono pesado. Ele tinha um sorriso engraçado e parecia muito mais bonito dormindo, cheguei perto dele e dei um beijo. Depois do beijo nem consegui lavar a louça. Fiquei desesperada depois. Será que ele estava dormindo mesmo, de verdade, ou fingia? Borges chegou *em* casa e viu a louça na pia, eu dormindo sorridente e concluiu que tinha *avido* uma traição. No dia seguinte Borges expulsou Inácio de casa. Eu não entendi porque ele foi embora sem saber o que aconteceu e sem poder se despedir. (A36/37).

Eu fui *no* quarto dele e fiquei olhando ele dormir, me aproximei dele e dei um beijo em sua boca e sai correndo, depois ele acordou. Foi tomar café rindo á toa. Quando o Borges chegou disse para o Inácio: - Amanhã você vai embora. Eu fiquei sem reação. O Borges começou a dizer que a casa estava...com um clima muito estranho e perguntou o que tinha acontecido. Eu não disse o que aconteceu, só falei que o Inácio dormiu o dia todo. Ele aceitou, e fomos dormir. De repente algo inesperado aconteceu, o Inácio foi ao meu quarto, chegou com cuidado perto da minha cama e me beijou. Eu acordei, ele ficou sem reação e correu para o quarto dele. Eu fiquei pensando que ele devia me amar, mas isso nunca vai dar certo. No dia seguinte, ele foi embora e nunca mais eu *vi ele*. (A37/37).

Em todas as versões há modificações em relação ao conto original, desde uma cama que substitui a rede onde Inácio dorme até a modificação quase que total do enredo, assim, nenhum dos desfechos apresenta-se exatamente conforme o do texto base.

Na maioria das versões, é D. Severina que, de maneira irresistível, se dirige ao quarto onde Inácio está e o beija como no conto original. Outras, porém, creditam a Inácio a iniciativa do beijo, como na das alunas: (A11/37), (A29/37) e (A34/37). Um aluno (A10/37) mencionou que o beijo havia sido dado não na boca, mas na bochecha. Em outra versão, feita pela aluna

(A32/37) além de não registrar o quarto de Inácio como local do beijo, descreve que, ao se beijarem, estavam dançando.

No texto fonte, Inácio adormece em sua rede, pois não havia outra cama na casa: “Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama)” (ASSIS, 2007, p. 379). Vários alunos, no entanto, preferiram substituir a rede por uma cama, o que pode ser explicado, talvez, pelo fato da cama ser mais comum em sua realidade, e não a rede. Apenas os alunos (A01/37), (A06/37), (A25/37) disseram que Inácio estava dormindo na rede. Outra aluna (A11/37) colocou o sofá como cenário onde ocorrera o beijo, e outra (A20/37) que o beijo havia acontecido na casa de um primo.

A maioria dos estudantes manteve o mesmo destino para Inácio, que foi seu retorno para a casa de sua família, outros, no entanto, fizeram modificações. Entre os que mantiveram como no original, alguns fizeram pequenas modificações, como o acréscimo que descreve Inácio se despedindo de D. Severina, o que não ocorre no original (A01/37). Outros criaram novos motivos para a saída do jovem, como no caso da aluna que pôs como razão de Inácio ter ido embora o fato de ter sido demitido pela mulher de Borges (A16/37). Outra ressaltou uma possível desconfiança do solicitador como motivo da dispensa do rapaz (A19/37). Entre as versões mais diferentes a do conto original, pode-se destacar a da aluna (A09/37) na qual após a saída do jovem da casa, tempos depois Inácio e D. Severina se reencontram e se casam. Há outra versão em que a aluna (A20/37) narra que após Borges e D. Inácia conversarem sobre a atração de Inácio por D. Severina, decidem mandá-lo para a casa de um primo em comum. Em três outras, Inácio é quem toma a decisão de sair da casa (A11/37), (A29/37), (A17/37). Outra aluna descreveu que Inácio e D. Severina fugiram e um aluno (A36/37) citou que Inácio foi expulso da casa por Borges.

As produções de alguns alunos não foram relacionadas acima, por não haver descrição ou sequer indicação de reação da mulher de Borges após beijar Inácio. São os trechos dos seguintes estudantes: (A04/37), (A12/37), (A13/37), (A22/37), (A26/37), (A28/37), (A30/37), (A31/37).

6 EM PRÁTICA (O ALIENISTA)

6.1 A sequência didática realizada com o conto

O conto escolhido para o trabalho final sobre as adaptações para os quadrinhos foi “O Alienista”, publicado no volume “Papéis Avulsos” em 1882. Esta obra narra a história do doutor Simão Bacamarte, médico que alcançara boa fama no Brasil, em Portugal e nas Espanhas. Ao regressar de Portugal se instala em Itaguaí na cidade do Rio de Janeiro, local em que pretende “entregar-se de corpo e alma ao estudo da ciência” (ASSIS, 2007, p.38). Tal era a sua intenção que chegou a confessar: “- A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.” Casa-se com D. Evarista e após muitos esforços, não alcança filhos com ela. Por esta causa, aprofunda-se cada vez mais em seus estudos, e após observar a quantidade de loucos existentes em Itaguaí “[...] o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, - o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral” (ASSIS, 2007, p.39). Constrói com subsídios da câmara um asilo para acolher os doentes, que veio a receber o nome de Casa Verde, em alusão à cor de suas cinquenta janelas. A princípio Simão interna todos os que possuíam realmente algum tipo de loucura, no entanto, posteriormente, passa a internar pessoas que não apresentam problemas mentais, até grande parte da população de Itaguaí acabou internada. Isso provocou a revolta do povo, e um grupo liderado pelo barbeiro Porfírio se insurgiu contra o médico exigindo a liberação dos internados. A revolta acabou não dando em nada e ao final, muitos manifestantes também acabaram internados. Quando a maioria dos moradores de Itaguaí já estava na Casa Verde, o Dr. Simão notou que algo estava errado com seus critérios para diagnosticar os doentes, e percebendo que a maioria das pessoas tinha algum desvio de conduta, concluiu que quem tinha regularidade de ações e firmeza de caráter é que, de fato, devia ser considerado louco e precisaria ser recolhido e tratado, assim decidiu internar a minoria dos moradores. Por fim, ao constatar e ouvir da boca de outras pessoas que ele não apresentava nenhum desvio de caráter, se internou sozinho na Casa Verde, vindo a falecer dezessete meses depois.

A escolha deste conto se deu principalmente por haver quatro adaptações produzidas por desenhistas diferentes, o que nos permitiu realizar uma pesquisa com os alunos com mais

possibilidades de experiências estéticas enriquecedoras. Cecília Bajour lançou luz sobre a necessidade de se refletir sobre os textos que selecionamos para nossas práticas em sala de aula, ao citar, em seu livro o relato do trabalho final de uma das alunas do curso de pós-graduação em Literatura /infanto-juvenil em *Buenos Aires* entre 2001 e 2002, em que disse:

Como primeiro requisito, procurei em cada livro a presença de uma estética específica, pois desejava apresentar técnicas plásticas variadas, com diferentes relações entre cores, luzes e sombras, espaços em branco, com e sem tarja, e que, além disso, diferissem em formato, tamanho, distribuição do texto na página etc. (2012, p. 55).

As quatro adaptações de “O Alienista” além de inserirem o conto em um formato mais próximo da realidade dos alunos, lhes oferece, através de todo o potencial expressivo da arte da narração gráfica por meio do estilo, da habilidade e da maneira como cada desenhista utiliza as técnicas e recursos disponíveis, a possibilidade de tornar ainda mais rica a experiência de leitura tanto dos contos em quadrinhos como dos textos fonte. Ainda sobre a importância do desenhista e de sua habilidade no trato com as narrativas quadrinhográficas, Will Eisner afirma que:

Por meio do manejo habilidoso dessa estrutura aparentemente amorfa e de uma compreensão da anatomia da expressão, o desenhista pode começar a empreender a exposição de histórias que envolvem significados mais profundos e tratam das complexidades da experiência humana (1999, p.16).

Neste trabalho, portanto, pretende-se, ao realizar a análise comparativa das quatro adaptações deste conto para os quadrinhos, ressaltar a figura dos autores e dos aspectos estilísticos que cada um utilizou para criar suas obras, expondo as possíveis modificações resultantes da transcodificação, identificar as principais diferenças, possibilidades, e destacar as alterações e contribuições dos recursos dos quadrinhos na elaboração deste formato.

No conto quadrinizado observa-se o uso de dois tipos de linguagem: verbal e não verbal, numa relação de complementaridade. “O quadrinho condensa uma série de elementos da cena narrativa, que, por mesclarem diferentes signos, possuem um alto grau informativo” (RAMOS, 2018, p.90) e como em qualquer narrativa, há o cenário, as personagens, o espaço e o tempo, porém, “Tudo é encapsulado dentro de um conjunto de linhas, formando um retângulo, quadrado,

esfera ou outro formato. Os desenhistas criam nesse espaço uma síntese coerente e representativa da realidade” (RAMOS, 2018, p.89).

Nas HQs, os adaptadores buscam sintetizar com a utilização dos recursos linguísticos e das imagens o que lhes parecem elementos fundamentais para que mantenham a riqueza e o sentido da obra original. As ferramentas disponibilizadas pelos quadrinhos possibilitam que as narrativas e descrições sejam mínimas, pois se encarregam de sintetizar as partes mais importantes, mantendo o sentido do texto fonte, de forma que não o empobreça. Um bom exemplo disso pode ser observado no capítulo I: “De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates”, no qual, na adaptação de Vilachã, ocorre a substituição de parte da descrição da casa do texto original pela imagem, mantendo-se apenas um pequeno texto descritivo sobre ela. A narrativa gráfico-visual, com a associação entre texto e imagens reduziu consideravelmente o uso das palavras.

A Casa Verde na adaptação de Vilachã



Figura: 142. (ASSIS, 2006, p.07)

Abaixo segue a transcrição do fragmento do texto original, retirado do capítulo I do conto:

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na Rua Nova, a mais bela Rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela

consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa fraude, aliás, pia, que o Padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente. A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. (ASSIS, 2007, p.40).

6.1.1 Pré-leitura

A sequência didática com este conto se realizou da seguinte maneira: antes do momento da leitura, como o tema principal do texto é a loucura, assistimos ao documentário “Holocausto brasileiro”, exibido pelo Domingo Espetacular e disponível na internet, que mostra imagens e relata a situação do maior manicômio do Brasil, conhecido como hospício colônia, localizado em Barbacena, Minas Gerais. Os alunos ficaram muito impressionados e disseram desconheciam a existência deste hospício e o que costumava acontecer em seu interior.

Vídeo sobre o hospício colônia em Barbacena. Acesso em: 19/11/19. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=t8Hn-jWbAao&t=650s>



Figura: 143.

6.1.2 Leitura

Na aula seguinte, como o conto do texto fonte é muito longo (43 páginas), e não havia mais tempo para lê-lo na íntegra durante as aulas, e os alunos quando solicitado, não liam os contos em casa, resolvi contar-lhes a história, o que fiz utilizando como apoio um *slide* que preparei no qual havia a história e fotos de Itaguaí, os nomes dos capítulos, dos personagens, significados de algumas palavras ou expressões, como, por exemplo, “alienista” e “Casa de Orates” e os principais casos de loucura descritos no conto e imagens retiradas das adaptações para ilustração.

Durante esta atividade, aproveitei para conversar com os estudantes sobre a loucura e outros temas presentes no conto, como a análise psicológica dos personagens feita por Machado, a crítica à ganância pelo poder, os limites entre a sanidade e a loucura e a confiança absoluta na ciência. Procurei fazer com que ficassem atentos e, para isso, enquanto contava a história, caminhava entre as mesas e tentava fazer com que participassem. Os estudantes se mostraram receptivos e, inclusive, foram bastante participativos, citando exemplos de seu convívio, de pessoas que, segundo eles, são “loucas”, e fazendo perguntas sobre os personagens, Itaguaí, entre outras.

Os casos de loucura que povoavam a casa e que foram destacados por Machado, provocaram a curiosidade dos alunos e a perplexidade diante da grande quantidade de pessoas que foram internadas após serem diagnosticadas como loucas por Simão Bacamarte. O fato de qualquer gesto ou atitude suspeita também conferir à pessoa a condição de alienada e que, por isso, deveria ser levada à Casa Verde, também os impressionou.

Os alunos se surpreenderam com o desfecho, pois o fato de Simão Bacamarte liberar todos os supostos loucos da Casa Verde e ele mesmo se internar nela pareceu sem lógica, ainda que eu tivesse lhes contado e explicado o por quê de o Alienista tomar esta decisão.

6.1.3 Pós-Leitura (Análise das adaptações)

Na aula seguinte, levei a turma para o auditório da escola, lugar com espaço suficiente para todos os alunos e onde pude dispor as mesas de maneira diferente do habitual, para que

pudessem trabalhar em grupos. Como não havia condições de adquirir um exemplar de cada adaptação para todos, pois a turma é numerosa, dividi os alunos em quatro grupos e para cada grupo entreguei dois exemplares da adaptação de um dos desenhistas, dois do conto no formato original, além dos que eu já havia enviado pelo celular, um dicionário, um roteiro para a análise (APÊNDICE C), e material impresso com orientações para ajudá-los na análise, como os tipos de planos e ângulos de visão.

Adaptação de Luiz Antonio Aguiar e Cesar Lobo.

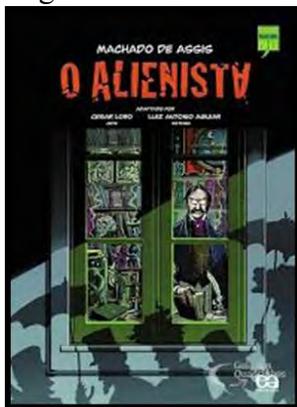


Figura: 144. (ASSIS, 2013)

Adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá.

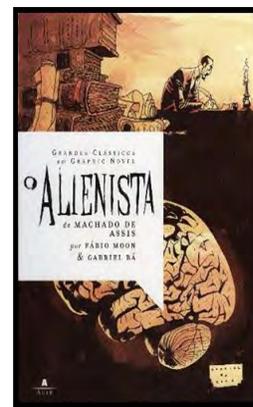


Figura: 145. (ASSIS, 2007)

Adaptação de Lailson de Holanda Cavalcanti.

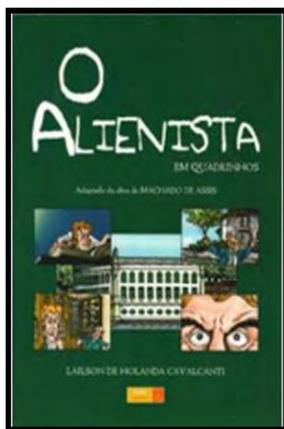


Figura: 146. (ASSIS, 2008)

Adaptação de Francisco Vilachã.

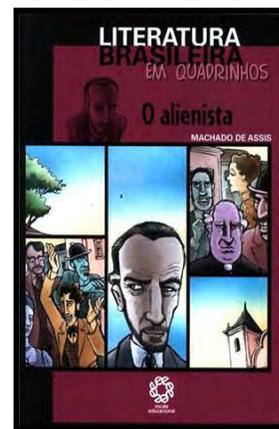


Figura: 147. (ASSIS, 2006)

Além do roteiro para análise, também fizemos, em material à parte, a comparação do ato de implorar de dona Evarista no capítulo VI: “A rebelião” em que ela diz que quer morrer ao lado

de Simão Bacamarte. Para esta atividade distribui para cada grupo uma cópia da página de cada adaptação em que se encontra este trecho e pedi que indicassem em qual delas a caracterização da personagem, isto é, a maneira como foi desenhada sua expressão facial, seus gestos, expressa melhor, o conteúdo do texto fonte.

Abaixo segue a transcrição do fragmento do texto original, retirado do capítulo VI do conto:

-Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte; e ainda que fosse, intimava-lhe, em nome da vida, que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa. (ASSIS, 1994, p.30).

Imagens correspondentes ao trecho acima, retiradas do trecho do capítulo VI das adaptações.

Ato de implorar na adaptação do desenhista Francisco Vilachã



Figura: 148. (ASSIS, 2006, p.30)

Ato de implorar na adaptação dos desenhistas de Fábio Moon e Gabriel Bá

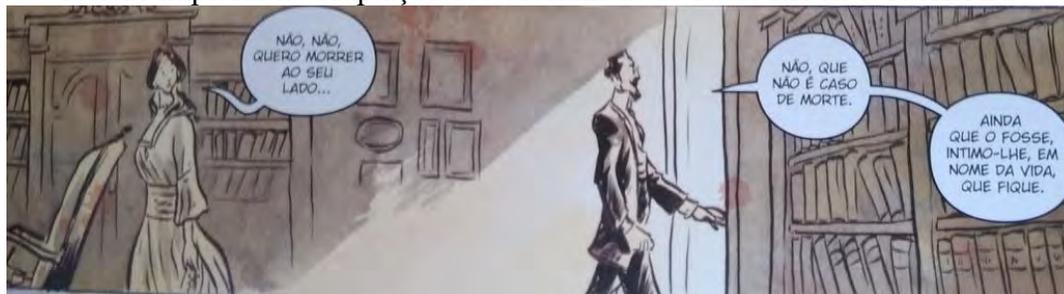


Figura: 149. (ASSIS, 2007, p.41)

Ato de implorar na adaptação do desenhista Lailson de Holanda Cavalcanti



Figura: 150. (ASSIS, 2008, p.38)

Ato de implorar na adaptação do desenhista Cesar Lobo e Luiz Antônio Aguiar

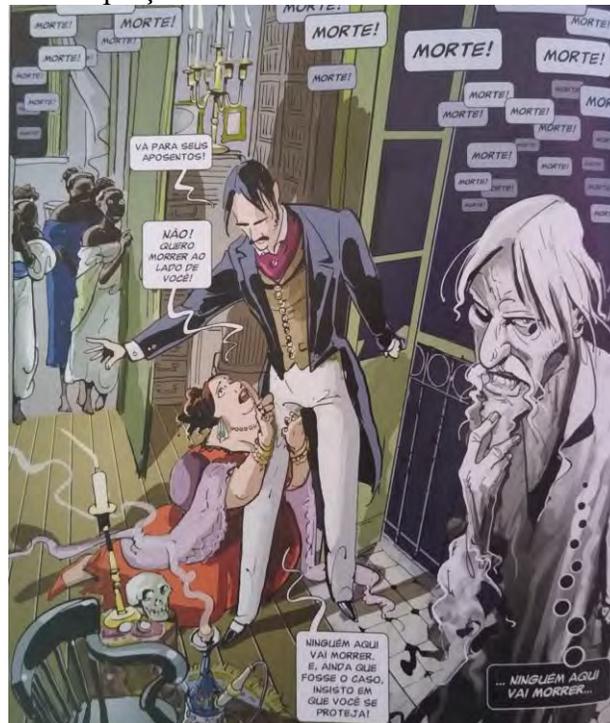


Figura: 151. (ASSIS, 2013, p.32)

O modo como os quadrinistas das adaptações de “O Alienista” buscaram caracterizar o momento em que dona Evarista implora para morrer ao lado de seu esposo Simão Bacamarte, é caracterizado de maneiras bem distintas. A principal diferença notada pelos estudantes foi a expressão do corpo e do rosto da personagem, que, segundo eles, a adaptação de Cesar Lobo e Luiz Antônio Aguiar, conseguiu representar melhor o sentimento de desespero de dona Evarista diante das ameaças de morte que Simão Bacamarte recebia. Já as outras imagens (148, 149, 150) não sugerem o desespero da mulher, mas apenas focam em seu semblante, que não parece

compatível com a descrição do conto em sua forma original. Uma das alunas assim escreveu em relação à mulher do alienista e o modo como foi desenhada na adaptação escolhida: “Ela se expressou muito intensamente” (A16/37).

Os alunos do grupo que analisou a adaptação de Cesar e Luiz, também observaram a existência de um personagem em preto e branco que abre a história e aparece algumas vezes, porém não existe no texto original. De fato, foi um acréscimo feito pelos quadrinistas, uma espécie de cópia de Simão Bacamarte. Em resposta à pergunta: “Há algo novo em relação aos personagens, ao cenário ou de sentido em relação ao conto no formato original?” Uma aluna respondeu: “Tem uma imagem nova, mais real” (A15/37).

Também, ainda com este objetivo, apresentei para os alunos um *slide* com desenhos que evidenciam o estilo e o modo como os desenhistas caracterizam os personagens do conto. Eles teriam que dizer, oralmente, qual desenho correspondia melhor à descrição do conto original.

Abaixo segue a transcrição do fragmento do texto original, retirado do capítulo I: “De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates”:

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. [...] D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte (ASSIS, 2006, p.38).

Figura: 152.



Fábio e Gabriel.

Figura: 153.



Cesar e Luiz.

Figura: 154.



Lailson de Holanda.

Figura: 155.



Vilachã.

Entre as figuras, a que foi considerada a melhor caracterização da aparência de dona Evarista de acordo com a descrição do conto no texto fonte foi a de Fábio Moon e Gabriel Bá.

Nesta adaptação o desenho criado para caracterizar a mulher de Bacamarte, ao contrário das imagens das outras adaptações, além de a mulher não apresentar uma aparência bela, também não demonstra ser simpática.

Abaixo segue a transcrição do fragmento do texto original, retirado do capítulo II “Torrente de Loucos”:

E tinha razão. De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. (ASSIS, 2006, p.42).

Vilachã.



Figura: 156. (ASSIS, 2006, p. 08)

Lailson.

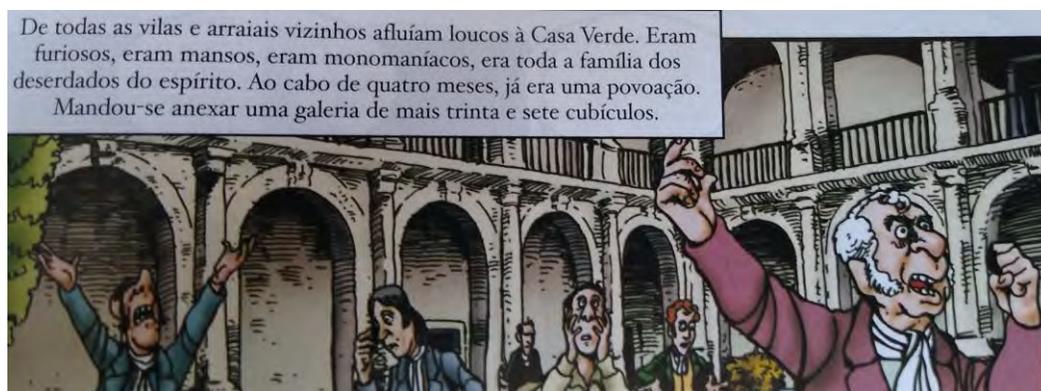


Figura: 157. (ASSIS, 2008, p. 11)

Cesar Lobo e Luiz Antonio

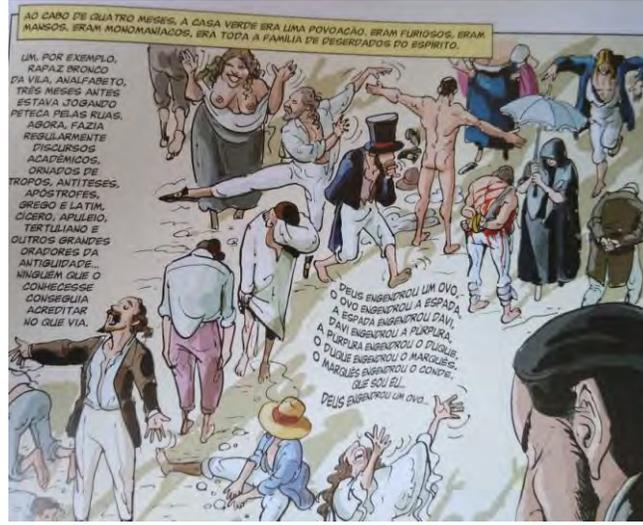


Figura: 158. (ASSIS, 2013, p. 13)

Fábio Moon e Gabriel Bá



Figura: 159. (ASSIS, 2007, p. 12)

Entre as figuras, a que foi considerada a melhor caracterização da chegada e do acolhimento dos loucos na Casa Verde, de acordo com a descrição do conto no texto fonte, foi a de Cesar Lobo e Luiz Antonio (figura 158). Além da expressividade intensa dos personagens, o colorido colaborou na caracterização dos internos. A imagem da figura 159, no entanto, também foi considerada uma boa ilustração, porém a cor fúcsia presente em toda a adaptação de Gabriel e Fábio, não destacou a expressão física e os gestos dos personagens. A adaptação de Vilachã, por sua vez, desenhou os alienados com uma cor diferenciada, aparentando dar-lhes destaque dentro do contexto do conto em quadrinhos. O desenho de Lailson, embora não apresente muita

expressividade dos personagens, denota equilíbrio entre a descrição do texto original e o desenho e também em relação à cor.

Abaixo segue a transcrição do fragmento do texto original, retirado do capítulo VII: “O inesperado”:

- Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí. Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. (ASSIS, 2006, p. 62).

Vilachã.



Figura: 160. (ASSIS, 2006, p.33)

Cesar Lobo e Luiz Antonio.



Figura: 161. (ASSIS, 2013, p.36)

Fábio Moon e Gabriel Bá.



Figura: 162. (ASSIS, 2007, p.44).

Lailson.



Figura: 163. (ASSIS, 2008, p.40)

A figura eleita como a que melhor caracterizou a chegada inesperada dos Dragões e a resistência dos rebeldes liderados pelo barbeiro Porfírio, diante da ordem de dispersão, foi a de Cesar Lobo E Luiz Antonio (figura 161). Além de ser a única em que os soldados estão montados em seus cavalos mostrando imponência, os gestos são mais expressivos.

Após esta atividade, foi iniciada, sob minha supervisão e mediação, a análise comparativa das adaptações dos contos. Neste dia alguns alunos faltaram por isso a atividade foi realizada apenas com 30 alunos e foi dividida da seguinte maneira:

-Análise da adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá (FB): grupo composto por sete alunos (A03/37, A01/37, A36/37, A14/37, A24/37, A09/37, A32/37);

-Análise da adaptação de Francisco Vilachã (V): grupo composto por dez alunos (A06/37, A31/37, A33/37, A35/37, A13/37, A11/37, A22/37, A30/37, A02/37, A20/37);

-Análise da adaptação de Cesar Lobo e Luiz Antônio Aguiar (CL): grupo composto por sete alunos (A10/37, A07/37, A21/37, A37/37, A23/37, A15/37, A19/37);

- Análise da adaptação de Lailson de Holanda (L): grupo composto por seis alunos (A26/37, A17/37, A34/37, A05/37, A25/37, A27/37).

Alunos realizando a comparação entre as adaptações do conto “O Alienista”.



Figura: 164.



Figura: 165.



Figura: 166.



Figura: 167.



Figura: 168.



Figura: 169.

Durante a análise comparativa realizada pelos alunos dos contos “O Alienista” em quadrinhos, de Machado de Assis, foram respondidas perguntas sobre divisão de capítulos, número de páginas, sequência de acontecimentos da narrativa, caracterização dos cenários, foco narrativo, possíveis mudanças em relação ao conto no formato original, elementos dos quadrinhos utilizados pelos desenhistas, valores expressivos das letras, uso estratégico das cores, planos e ângulos de visão, discurso direto e ainda opinaram sobre as possíveis contribuições dos quadrinhos para o enriquecimento e melhor compreensão do texto fonte.

Para os resultados das análises, foram substituídos os nomes dos desenhistas pelas letras iniciais de seus nomes a fim de facilitar o trabalho, e escolhidas as perguntas consideradas mais relevantes para esta pesquisa.

Tabela comparativa entre os contos em quadrinhos:

Perguntas	Adaptações			
	Vilachã (V)	Lailson (L)	Fábio Moon e Gabriel Bá (FG)	Cesar Lobo e Luiz Antônio (CL)
Está dividido em capítulos?	sim	sim	não	sim
Número de páginas	58	54	70	66

Sequência de acontecimentos igual ao original?	sim	sim	não	sim
Há algo diferente do texto fonte?	não	não	sim	sim

- ✓ A adaptação (FG) é a única que não está dividida em capítulos. Estes foram reunidos em apenas um, transformando o conto em um texto sem divisões. Todas as outras mantiveram a divisão em 13 capítulos, como no conto original;
- ✓ Todas as adaptações apresentam uma quantidade de páginas superior a do conto original, que é composto por 44 páginas, o que se explica pela utilização de grande quantidade de imagens, ainda que as mesmas tenham condensado bastante a representação de alguns trechos do texto fonte. A adaptação de Fabio Moon e Gabriel Bá (FG) é a que é composta por um maior número de páginas. Os estudantes chegaram à conclusão de que esta adaptação apresenta figuras bem maiores que as outras, inclusive, ainda que não interfira no número de páginas, esta obra é a maior tanto em extensão como em tamanho e largura das páginas;
- ✓ A adaptação (FG) é a única em que há modificação na ordem dos acontecimentos. No conto original, no capítulo I há a descrição sobre dona Evarista e seu casamento com Simão Bacamarte, só no final do capítulo II é que se é narrado que Bacamarte “ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra à dona Evarista (ASSIS, 2006, p.44)”;
- ✓ Na adaptação (FG), no entanto, o início do trecho pertencente ao capítulo I foi inserido logo depois da parte referente ao capítulo II.

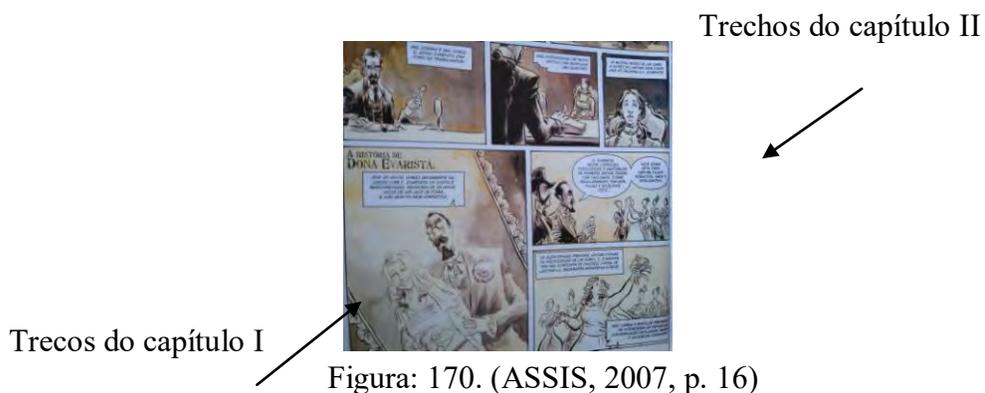


Figura: 170. (ASSIS, 2007, p. 16)

- ✓ Uma das vantagens dos quadrinhos, em relação aos textos em que só há linguagem verbal, é poder criar cenários, dispensando palavras para a descrição de alguns elementos. Nas quatro adaptações os cenários caracterizam a época histórica. No caso deste conto, está ambientado na segunda metade do século XIX, época em que ainda estava em vigência a escravidão no Brasil. Como já havíamos conversado bastante sobre a escravidão no Brasil na ocasião em que lemos o conto “Pai contra mãe”, os estudantes já estavam familiarizados com o assunto e puderam perceber, pelas imagens dos escravos, a época histórica.

Respostas às seguintes perguntas:

Pergunta n ° 04: A linguagem é a mesma do conto original?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): não.

Grupo da adaptação (L): não.

Grupo da adaptação (FG): não.

Grupo da adaptação (CL): não.

Comentário: na verdade, a linguagem permaneceu a mesma do conto original. Esta pergunta não foi compreendida pelos estudantes, porém, após as análises lhes esclareci a respeito disso.

Pergunta n ° 05: Os cenários caracterizam a época histórica?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): sim.

Grupo da adaptação (L): sim.

Grupo da adaptação (FG): sim.

Grupo da adaptação (CL): sim.

Pergunta n ° 06: Se sim, quais elementos mostram este tipo de caracterização?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): As casas, a roupa e coisas (objetos) que não se usam mais.

Grupo da adaptação (L): Os cenários antigos.

Grupo da adaptação (FG): As roupas usadas, as casas e a linguagem.

Grupo da adaptação (CL): As ruas, os lugares e o comércio.

Comentário: as respostas dos grupos a esta pergunta, com exceção do grupo (FG), que mencionou também a linguagem, demonstram que eles conseguiram perceber a caracterização da época nos cenários em cada adaptação.

Pergunta n^o 07: Como é descrita a *Casa Verde* nesta adaptação?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Está caracterizada exatamente como no conto original.

Grupo da adaptação (L): Com janelas verdes.

Grupo da adaptação (FG): Todas as janelas eram da cor verde.

Grupo da adaptação (CL): A casa mais bela de Itaguaí. Tinha cinquenta janelas de um lado, um pátio muitos cubículos para os hóspedes.

Comentário: a resposta dada pelo grupo (V) pode se estender a todas as outras adaptações, pois a casa, trazendo todos os detalhes descritivos do conto original ou não, não modificam a sua caracterização. Nenhum detalhe foi acrescentado às características da *Casa Verde* que não estivessem no texto fonte.

Pergunta n^o 08: Houve mudança de foco narrativo?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): não.

Grupo da adaptação (L): não.

Grupo da adaptação (FG): não.

Grupo da adaptação (CL): não.

Comentário: as respostas dos alunos de todos os grupos evidenciam que passaram a compreender o que é foco narrativo. Durante a diagnose realizada no início do projeto, nenhum deles sabia o que era quando tiveram de responder qual era o foco narrativo do conto “A carteira”, e quando

lhes ensinei, tiveram dificuldades para entender. Na reescrita do conto “Uns braços” esta compreensão também fica evidente, pois a maioria dos alunos mudou o foco da terceira para a primeira pessoa.

Pergunta n ° 09: Há algo novo em relação aos personagens, ao cenário ou de sentido em relação ao conto no formato original?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Não, está como no conto original.

Grupo da adaptação (L): Não.

Grupo da adaptação (FG): Sim, apenas duas cores meio marrons.

Grupo da adaptação (CL): Sim, tem uma imagem nova.

Comentário: as cores mencionadas pelo grupo (FG) se referem à cor fúcsia e ao marrom escuro que são as únicas usadas pelos desenhistas para esta adaptação. A imagem nova citada pelo grupo (CL) é a do segundo Alienista, uma espécie de alienista oculto que aparece em alguns momentos da história, ora enfatizando algumas falas do médico, ora completando-as.



Figura: 171. (ASSIS, 2013, p.17)

Pergunta n ° 11: Em relação às vinhetas, como são os quadros e requadros?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Alguns são retos e outros ondulados.

Grupo da adaptação (L): bem explicativas.

Grupo da adaptação (FG): são normais. Alguns são largos, mas não diferentes.

Grupo da adaptação (CL): normais.

Comentário: durante a sequência didática sobre os quadrinhos, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer formatos diferentes de vinhetas, como em diagonal ou assumindo valor expressivo. Porém, observaram que os tipos mais usados são o retangular e quadrado, que, inclusive, são os que prevalecem em todas as adaptações analisadas. O grupo da adaptação (V) mencionou haver algumas vinhetas onduladas, porém, na verdade, o são apenas levemente, como pode se observar abaixo.



Figura: 172. (ASSIS, 2006, p.05)

Pergunta n ° 13: Os recordatórios (legendas) são simples ou possuem algum diferencial? Qual (is)?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): São simples.

Grupo da adaptação (L): São simples.

Grupo da adaptação (FG): São simples e não vemos um diferencial.

Grupo da adaptação (CL): são simples.

Comentário: todos os grupos identificaram o recordatório como a caixa de texto. Embora tenham afirmado que os recordatórios são simples, na adaptação (FG) há um diferencial, que posteriormente, lhes aponte. Alguns são desenhados em linha reta e sem detalhes. Outros são desenhados como se fossem papéis com partes rasgadas, como um documento velho.



Figura: 173. (ASSIS, 2007, p.19)

Pergunta n ° 15: Além do balão-fala, há outros tipos de balões? Quais?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): balão-pensamento. Encontramos um balão diálogo que o rabicho indica “grito” na página 32.

Grupo da adaptação (L): balão-pensamento.

Grupo da adaptação (FG): Sim, linhas cinéticas.

Grupo da adaptação (CL): balão-pensamento e balão-duplo.

Comentário: a maioria dos grupos fez a identificação correta dos balões. O grupo (V) ainda destacou o efeito grito que o rabicho deu ao balão-fala, porém as letras em caixa alta e em negrito também ajudaram a compor este efeito. O grupo (CL) indicou o balão-duplo, além do balão-pensamento, o qual também foi encontrado pelos grupos (L) e (V). Somente o grupo (FG) se equivocou, respondendo que há linhas cinéticas, sendo que a pergunta se referia a balões e não a este recurso expressivo. Na diagnose, o balão-fala e o balão-pensamento são alguns dos que os alunos, em sua maioria, já conheciam. Porém, a maioria dos balões, como o balão - duplo e o balão uníssono eles desconheciam. A aula sobre os recursos quadrinístico durante a sequência didática, neste sentido, mostrou-se muito importante, pois a partir dos conhecimentos compartilhados, os alunos não somente passaram a conhecer os vários tipos de balões, como também a os reconhecer dentro das histórias em quadrinhos.

Balão-fala com rabicho indicando grito.



Figura: 174. (ASSIS, 2006, p.32)

Pergunta n ° 17: Em relação às letras, em algum momento vocês notaram mudança em seu tamanho ou espessura? Isto é, ficaram maiores e mais volumosas em determinados momentos?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Sim, na página 32. No momento em que o moço gritou (ver figura 174).

Grupo da adaptação (L): Sim, página 177. Ocorreu quando falaram assim: “Morra o Dr. Bacamarte! Morra o tirano!”

Grupo da adaptação (FG): Sim, página 31.

Grupo da adaptação (CL): Sim, nas páginas 13, 41, 46 e 51.



Figura: 175. (ASSIS, 2007, p.31)



Figura: 176. (ASSIS, 2013, p.41)

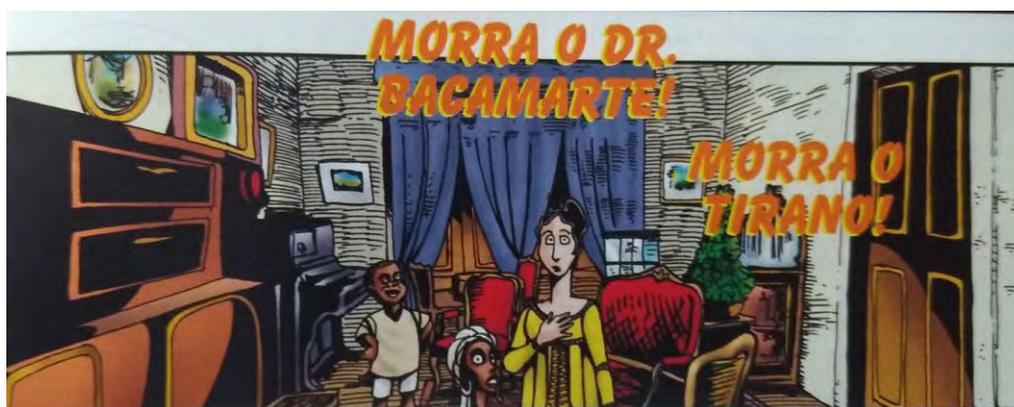


Figura: 177. (ASSIS, 2008, p.37)

Pergunta n ° 18: O que podem dizer sobre os rabichos dos balões? Como eles são?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Eles não têm nada de diferentes. São normais.

Grupo da adaptação (L): Eles são normais. Alguns têm bolinhas para expressar pensamentos.

Grupo da adaptação (FG): Não responderam.

Grupo da adaptação (CL): Normais. A maioria é de falas.

Pergunta n ° 19: Há onomatopeias? Transcreva as que encontrarem e que sons elas procuram reproduzir.

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Não tem onomatopeias.

Grupo da adaptação (L): Não tem onomatopeias.

Grupo da adaptação (FG): Sim. *Clap! Clap! Clap! / Kapow!*

Grupo da adaptação (CL): Sim, *Clect! Clect!*

Comentário: foram encontradas onomatopeias apenas nos grupos (FG) e (CL), porém, poucas. Os dois outros grupos não encontraram porque, de fato, não há. Os desenhistas, Francisco *Vilachã* e Lailson poderiam ter usado a onomatopeia como recurso expressivo em vários momentos, porém não a utilizaram. Os que lançaram mão deste recurso optaram por fazê-lo com muita economia; Cesar e Luiz, por exemplo, só a utilizaram uma única vez.

Pergunta n ° 20: Há linhas cinéticas? Em qual (is) página (s)? Que movimentos elas procuram indicar?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Sim, página 06. Mexendo a mão.

Grupo da adaptação (L): Não tem linhas cinéticas.

Grupo da adaptação (FG): Sim. Falando juntos

Grupo da adaptação (CL): Sim, página 41. Indica o movimento das pedras.

Comentário: as análises dos grupos foram corretas, com exceção do grupo (FG) que apontou o estreitamento dos balões-duplos como linhas cinéticas. Os alunos desconheciam, na ocasião da diagnose, que a esta linha de movimento dá-se o nome de linha cinética. Porém, o mais importante é a compreensão do efeito que elas podem produzir, e isso foi bastante trabalhado durante a sequência didática, através de busca deste recurso em revistas em quadrinhos e nos vários exemplos expostos nos *slides*. Na diagnose sobre os quadrinhos após observação da figura número 125, o aluno deveria responder à pergunta: “Além da linguagem verbal, quais outros elementos há nestes quadrinhos”?

Foram dadas as seguintes respostas:

Disseram haver ação: A13/37, A29/37, A12/37, A32/37, A34/37, A30/37, A11/37, A11/37, A18/37, A26/37.

Disseram haver imagens: A31/37, A07/37, A22/37, A25/37, A37/37.

Deixaram em branco: A24/37, A28/37, A17/37, A23/37, A16/37, A03/37, A36/37.

Disseram haver onomatopeias: A09/37, A10/37, A15/37, A19/37, A33/37, A05/37, A01/37, A27/37.

Disseram haver personagens: A21/37.

Comentário: nenhum dos alunos conseguiu perceber as linhas cinéticas. Mesmo não conhecendo a nomenclatura, poderiam ter comentado, por exemplo, a existência de um desenho indicando a movimentação ou as ações. Após a sequência didática, as linhas cinéticas não passaram despercebidas durante esta atividade com o conto “O Alienista”.

Indicando movimento circular do dedo.



Figura: 178. (ASSIS, 2006, p.06)

Indicando movimento e trajetória das pedras.



Figura: 179. (ASSIS, 2013, p.41)

Pergunta n ° 20: Quanto às cores, existe alguma que predomine ou há riqueza de cores nas ilustrações?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Existem muitas cores, mas tom pastel.

Grupo da adaptação (L): Sim, o amarelo tem bastante.

Grupo da adaptação (FG): Sim, areia quente.

Grupo da adaptação (CL): Sim.

Comentário: a identificação das cores está correta, com exceção do grupo (CL), que está incompleta. O grupo (FG) classificou a cor fúcsia predominante nesta adaptação como “areia quente”, mesmo assim, não deixa de fazer sentido.

Pergunta n º 23: Há mudança de cor em determinadas situações? Se sim, em que situações e mudam para que cor?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Toda vez em que aparecem os loucos a cor muda para preto e branco.

Grupo da adaptação (L): Sim, há páginas que estão amarelas e mudam para cinza ou qualquer outra cor.

Grupo da adaptação (FG): Sim. Situações de reencontro e de partida. Passa para branco e preto.

Grupo da adaptação (CL): Sim, mudam para preto e branco quando a situação fica tensa.

Comentário: na adaptação (V) de fato, quando o desenhista caracteriza os loucos, muda as cores e as reveza entre cinza, marrom e em alguns casos mantinha a mesma coloração dos outros personagens, talvez para dar destaque ao estado dos doentes. No comentário do grupo (L) há um equívoco quanto à cor, pois as páginas não mudam de amarelo para cinza como os alunos componentes deste grupo afirmaram, mas sim uma ou outra cor se destaca nas vinhetas da adaptação dependendo do cenário que se queira produzir e do efeito que se queira dar à ação. O grupo (CL) fez uma interessante observação quanto à mudança de cor na partida e na chegada de Dona Evarista. De fato isso ocorre quando a mulher de Simão Bacamarte viaja para o Rio de Janeiro e quando ela retorna, porém, não fica branco e preto, mas apenas o fundo da vinheta fica branco.

Figura indicando cor de fundo branco.



Figura: 180. (ASSIS, 2007, p.20)

Figura: figura indicando cor de fundo branco.



Figura: 181. (ASSIS, 2007, p.31)

Pergunta n ° 24: Em relação ao tempo astronômico (dia/noite) há elementos que o caracterize?
Quais?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): As nuvens, praticamente em todas as páginas.

Grupo da adaptação (L): Sim, na página 42 é dia. Na verdade na maioria das páginas fica mais dia que noite.

Grupo da adaptação (FG): Sim. Página 60.

Céu escuro como índice de noite



Figura: 182. (ASSIS, 2007, p.60)

Grupo da adaptação (CL): Sim, a lua na última página.

Comentário: a cor, como afirma Cagnin (p.71): “[...] empregada como fundo nos quadrinhos pode muitas vezes desempenhar a função de índice”. O grupo (FG) citou a página 60, pois nela há uma vinheta com indicação de noite, por causa do céu escuro. O grupo (V) citou as nuvens, porém, em relação à caracterização do tempo astronômico, deveria mencionar a existência ou não de elementos que sirvam de índice para tarde, manhã ou noite, como o sol, a lua, escuridão, claridade etc.

Figura: lua e escuridão como índice de noite.

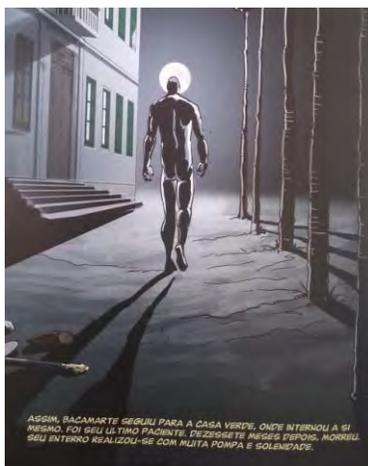


Figura: 183. (ASSIS, 2013, p.66)

Pergunta n° 25: Em relação ao tempo meteorológico (chuva, trovoada, etc.), há elementos que o caracterize? Quais? Em que página (s) está (ao)?

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Não tem.

Grupo da adaptação (L): Não tem. O céu só vive limpo.

Grupo da adaptação (FG): Não.

Grupo da adaptação (CL): Sim, a chuva na página 56.

Para responder as questões n°26 e n° 28, os alunos puderam usar folhas com as definições e exemplos dos tipos de planos e ângulos de visão.

Pergunta n ° 26: Em relação aos planos de visão, quais foram utilizados nesta adaptação?

Respostas:

Grupo	Panorâmico	Americano	1° Plano	Total	Médio	Close-up
(V)	x	x	x	x	x	x
(L)				x		
(FG)	x	x	x	x	x	x
(CL)	x	x	x		x	x

Pergunta n ° 28: Quanto ao ângulo de visão, quais foram utilizados nesta adaptação?

Respostas:

Grupo	Médio	Superior	Inferior
(V)		x	
(L)		x	
(FG)	x		
(CL)	x	x	x

Comentário: em relação aos planos de visão, o grupo (V) encontrou todos os planos de que esta linguagem dispõe para dispor seus personagens e as cenas narrativas. Exemplos:

Primeiro plano



Figura: 184. (ASSIS, 2006, p.29)

Plano geral ou panorâmico

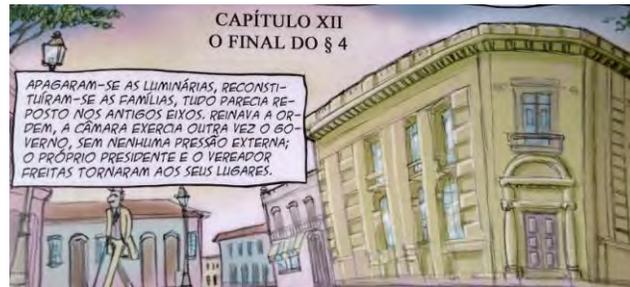


Figura: 185. (ASSIS, 2006, p.47)

Plano americano



Figura: 186. (ASSIS, 2006, p.25)

Plano total



Figura: 187. (ASSIS, 2006, p.25)

Plano de detalhe



Figura: 188. (ASSIS, 2006, p. 32)

Plano médio ou aproximado



Figura: 189. (ASSIS, 2006, p.29)

Havia, também, na adaptação de (V) todos os outros tipos de ângulos de visão, porém, talvez por causa do tempo, ou por falta de ânimo ou interesse, pois estávamos no final do quarto bimestre e muitos já estavam até aprovados por nota, os alunos deste grupo só assinalaram haver o ângulo de visão superior, porém também havia vinhetas desenhadas pelas perspectivas inferior e média.

Ângulo de visão médio



Figura: 190. (ASSIS, 2006, p.32)

Ângulo de visão superior



Figura: 191. (ASSIS, 2006, p.20)

Ângulo de visão inferior

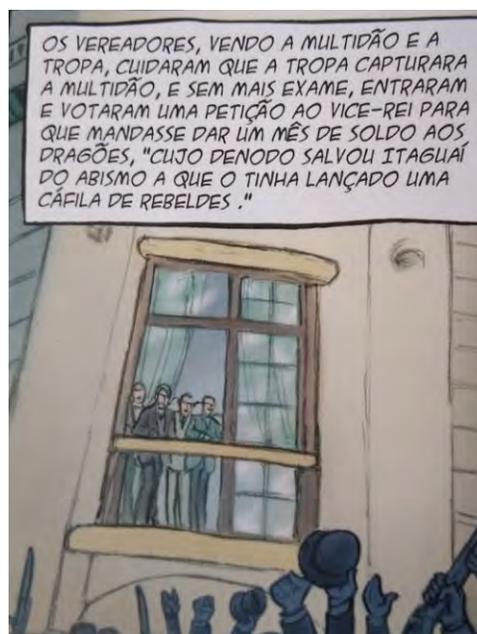


Figura: 192. (ASSIS, 2006, p.34)

O grupo (L) só marcou a existência do plano de visão total, o que não procede, pois há todos os tipos de planos nesta adaptação. Quanto ao ângulo de visão, marcaram apenas o superior, porém, o que predomina, como em qualquer outra adaptação ou quadrinhos em geral, é o médio.

Plano total



Figura: 193. (ASSIS, 2008, p.29)

Ângulo superior



Figura: 194. (ASSIS, 2008, p.38)

O grupo (FG) assinalou a existência de todos os planos de visão e apenas o ângulo de visão médio.

Plano de visão geral ou panorâmico



Figura: 195. (ASSIS, 2007, p.61)

Plano de visão americano



Figura: 196. (ASSIS, 2007, p.24)

Plano de visão médio



Figura: 197. (ASSIS, 2007, p.66)

Plano total ou de conjunto

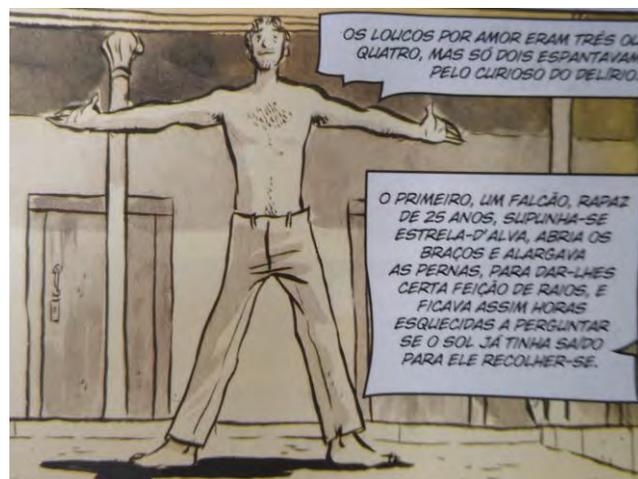


Figura: 198. (ASSIS, 2007, p.13)

Primeiro plano



Figura: 199. (ASSIS, 2007, p.19)

Plano em detalhe



Figura: 200. (ASSIS, 2007, p.38)

Ângulo de visão médio



Figura: 201. (ASSIS, 2007, p.16)

O grupo (CL) marcou todos os planos como existentes na sua adaptação, menos o total, porém, existe e se encontra na página 20. Em relação ao ângulo de visão, apontaram a existência dos três tipos.

Plano geral ou panorâmico



Figura: 202. (ASSIS, 2013, p.46)

Plano total ou de conjunto



Figura: 203. (ASSIS, 2013, p.20)

Plano americano



Figura: 204. (ASSIS, 2013, p.31)

Plano médio ou aproximado



Figura: 205. (ASSIS, 2013, p.11)

Primeiro plano



Figura: 206. (ASSIS, 2013, p.14)

Plano em detalhe ou pormenor



Figura: 207. (ASSIS, 2013, p.25)

Ângulo de visão médio



Figura: 208. (ASSIS, 2013, p.18)

Ângulo de visão superior



Figura: 209. (ASSIS, 2013, p.63)

Ângulo de visão inferior

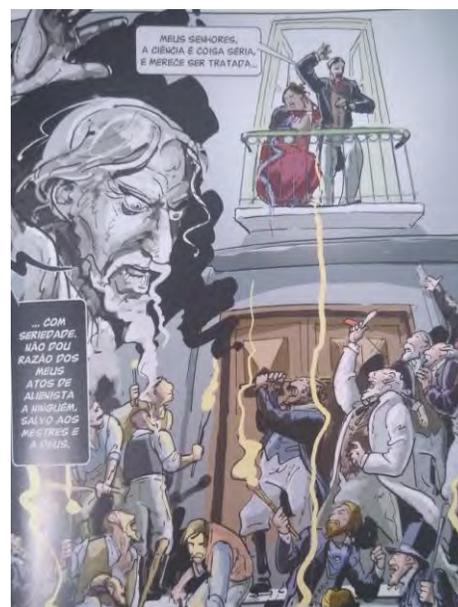


Figura: 210. (ASSIS, 2013, p.33)

Pergunta nº29: Quanto às expressões corporais, vocês consideram que os personagens conseguem expressar seu real sentimento? Anote o número da página onde um personagem, através de sua expressão corporal, demonstre de forma enfática seu sentimento.

Respostas:

Grupo da adaptação (V): Página 10. (Figura 211)

Grupo da adaptação (L): Página 38. (Figura 212)

Grupo da adaptação (FG): Sim. Página 37. (Figura 213)

Grupo da adaptação (CL): Sim, página 35. Sentimento de desespero. (Figura 214)

Imagens correspondentes às páginas anotadas pelos grupos:



Figura: 211. (ASSIS, 2006, p.10)



Figura: 212. (ASSIS, 2008, p.38)



Figura: 213. (ASSIS, 2007, p.37)



Figura: 214. (ASSIS, 2013, p.35)

Ao final da análise, fiz a seguinte pergunta para os alunos: “Qual a opinião de vocês sobre as contribuições destas adaptações para a melhor compreensão da obra em seu formato original”? Mantive as respostas como os alunos as escreveram.

Respostas do grupo (FG):

- ✓ (A03/37): “Na minha opinião, os quadrinhos me ajudaram entender melhor a história”.
- ✓ (A35/37): “A minha opinião é que os quadrinhos *teve* mais expressão, mais facilidade, mais *maginável*”.
- ✓ (A31/37): Não respondeu.
- ✓ (A01/37): “Uma forma bem simples de interpretar”.
- ✓ (A27/37): “Eu prefiro em quadrinhos, pois com eles tenho mais facilidade de entender a história”.
- ✓ (A14/37): “Os quadrinhos são muito bons, mas o conto original *pra* mim é melhor. O bom de ler é poder imaginar a situação”.

Respostas do grupo (CL):

- ✓ (A37/37): “As figuras *deixa* mais interessante.”
- ✓ (A21/37): “Ajuda a compreender melhor a história”.
- ✓ (A15/37): “Achei melhor a escrita e a interpretação”.
- ✓ (A07/37): “Gostei da ilustração e interpretação”.
- ✓ (A10/37): “As cores estão mais vivas”.

Respostas do grupo (L):

- ✓ (A33/37): “Minha opinião é que está mostrando um pouco como foi o passado”.
- ✓ (A05/37): “Eu acho que foi bom porque sempre uma leitura é boa, mais *pra* entender algumas coisas que você não sabia”.
- ✓ (A25/37): “Achei o conto muito bom e uma história boa *pra* se ler”.
- ✓ (A17/37): “Achei o conto ótimo! Muito engraçado e bom de se entender. Foi *maneiro* ler.”

Respostas do grupo (V):

- ✓ (A29/37): “É melhor ler em quadrinhos porque é mais legal”.
- ✓ (A34/37): “É melhor ler em quadrinhos”.
- ✓ (A32/37): “Gosto de todos os tipos”.
- ✓ (A06/37): “Gosto de todos”.
- ✓ (A22/37): “Gosto de ler em quadrinhos”.
- ✓ (A13/37): “Prefiro ler direto”.
- ✓ (A20/37): “Prefiro ler direto”.
- ✓ (A02/37): “Em quadrinhos”.
- ✓ (A11/37): “Em quadrinhos”.

Durante e, principalmente, após as análises realizadas pelos alunos, conversamos sobre as possíveis contribuições das imagens, cores, traços, planos, ângulos, enfim, todos os recursos dos quadrinhos que identificaram nas adaptações de “O Alienista”. Percebi que os aportes dos elementos que constituem as HQ’s foram significativos, até mesmo para os alunos que preferem textos sem imagens, como no caso de uma aluna (A09/37), que disse: “Minha opinião é que os quadrinhos ajudam a entender um pouco da história, mas prefiro o conto original”.

Ainda sobre estas contribuições, em relação a melhor compreensão do texto devido aos recursos quadrinísticos, um aluno afirmou (A10/37): “O desenho é super bem feito. *Tem* várias adaptações e todas elas são ótimas, cada detalhe, cada traço não tinha defeito, e isso me ajudou entender mais sobre o conto”. Outro aluno enfatizou as expressões físicas dos personagens, resultado da técnica e do talento de cada desenhista. (A07/37) “Dava pra ver as expressões do rosto dos personagens e os movimentos mais relistas, entendeu? Mais naturais e me *ajudou* bastante para entender”.

Sobre a caracterização do momento histórico, as adaptações foram bastante elogiadas pelos alunos, os quais asseveraram ter colaborado para o melhor entendimento do conto. Elementos como vestimentas, mobiliário, ruas e casas, entre outros, podem ser representados pelo desenho e ambientar melhor o leitor, que, no caso da obra original, apenas com o código linguístico, depende apenas da descrição. Sobre isso, um aluno (A01/37) disse: “Os desenhos são muito bons, *ilustra* muito bem a nossa realidade de outro século, [...] assim é bem mais fácil entender a história”.

Quando contei a história para a turma, falei qual era o significado de todas as palavras que lhes eram desconhecidas, como “matraca”, “mofinos”, “alvitre”, “boticário” e “frontispício”, porém, na ocasião da análise, eles já haviam se esquecido. Assim, ao folhearem as adaptações, puderam não somente ler novamente estes nomes e lembrar seus significados ao me perguntarem novamente, como ver a imagem da matraca, um instrumento utilizado para chamar à atenção do povo para alguma notícia ou acontecimento na época do Brasil colônia, em pelo menos duas das adaptações (V) e (CL). Sobre a pertinência das imagens no sentido de ajudar na compreensão do conto, a aluna (A07/37) afirmou: “Sobre as imagens, eu particularmente prefiro livro sem imagens, mas nesse caso de coisas que a gente pouco escuta hoje em dia eu gostei bastante das adaptações”.

Matraca



Figura: 215. (ASSIS, 2013, p.44)



Figura: 216. (ASSIS, 2006, p.15)

Interessante ressaltar que em uma das adaptações (CL), alguns vocábulos foram substituídos por outros mais usuais atualmente. Nesta obra a palavra “boticário” foi substituída por “farmacêutico” e “mofinos” por “doentios”.

Mofinos = doentios



Figura: 217. (ASSIS, 2013, p. 09)

Boticário = farmacêutico



Figura: 218. (ASSIS, 2013, p. 09)

Sobre estas palavras de uso mais antigo e a contribuição dos desenhos para entender seus significados, uma aluna (A07/37) disse: “Como a gente não tá acostumado a ler coisas assim com palavras meio antigas, então os atos que aparecem nas imagens ajudam bastante a entender. Acho que ajudou bastante sim”. Outra aluna (A04/37) fez a seguinte afirmação: “Eu achei bem diferente algumas palavras e um pouco difícil de entender, porém com as figuras ajudou bastante a entender melhor”.

Em conversa informal, após a entrega das análises, um aluno (A10/37), se referindo a esta atividade, me disse: “Eu simplesmente adorei. Ainda mais que foi em grupo e todo mundo se juntou para ajudar. Eu achei ótimo”. Uma aluna acrescentou (A07/37): “Eu achei muito legal a análise, e gostei tanto da que a senhora fez na sala como quando leu *pra* gente. A gente treinou um pouco também os quadrinhos, eu me enrolava um pouco e fui aprendendo”.

Após esta sequência didática, apliquei um pequeno questionário em que uma das perguntas buscava saber a opinião dos estudantes sobre as atividades realizadas com as adaptações. A pergunta foi a seguinte:

Em sua opinião as adaptações dos contos clássicos para os quadrinhos favorecem a leitura e aproximam mais o leitor dos clássicos de nossa literatura e da leitura de livros de forma geral? Justifique.

Segue a descrição de algumas respostas:

- Sim, pois as figuras e algumas imagens acabam chamando mais atenção do que a leitura. (A06/37).

-Sim, por que faz com que a gente entenda mais fácil com ilustração do que apenas com texto. (A31/37).

-*Na* minha opinião, adaptar *pra* quadrinhos é uma ideia muito boa porque dá para interpretar muito melhor por eles. (A10/37).

-Sim, porque as imagens facilitam a leitura e *ajuda* a compreender melhor. (A21/37).

-Sim, porque ajuda a entender bem melhor a história. (A20/37).

-Sim, deu outro olhar para as histórias como elas representam as cenas em imagens. (A15/37).

-Sim, porque com as adaptações nós podemos entende melhor. (A29/37).

-Sim, fica muito mais interessante. Fica parecendo um filme em nossas mentes. Mais difícil de esquecer e melhor para aprender. (A36/37).

-É uma boa adaptar porque *intrete* (entretém) o leitor e aprofunda a história. (A24/37).

Todas as atividades realizadas com os quadrinhos ao longo do projeto, e em especial, aquelas em que trabalhamos com as adaptações dos contos machadianos, ainda que não garantam que os estudantes continuarão a ler os clássicos, contribuíram principalmente no sentido de proporcionar aos alunos, além da experiência estética proporcionada pelo contato e da aproximação com alguns destes contos consagrados, para promover a sua aproximação do texto literário, de forma que os muitos recursos das HQs, se usados de maneira criativa e diversificada, apresentam-se como um suporte viável para promover não só a aproximação como a formação leitora dos discentes.

Diante de um quadro de circunstâncias adversas, de distanciamento e pouco ou quase nenhum contato com textos, principalmente de obras canônicas de nossa literatura, trabalhos como este, ainda que não se disponha de tanto tempo e recursos, precisam continuar sendo realizados, pois os reflexos na vida dos alunos podem ser ainda maiores e mais significativos do que imaginamos. Não sabemos que frutos darão as sementes que hoje lançamos nestes campos tão despovoados por falta de cuidados, mas sabemos que as chances destas terras frutificarem são muitas. Posso afirmar que este trabalho proporcionou aos alunos acesso e oportunidade de construção de uma experiência leitora, ainda que esta concorra com tantos outros meios de entretenimento disponíveis. O importante é que não desistamos diante da secura da terra, mas que avancemos em seu cultivo, pois pode ser que um dia os frutos surjam e até mesmo de forma abundante.

Como afirma Raquel Villardi, em sua obra *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*: “[...] é fundamental – afora a luta para que se criem condições ideais - que o professor se disponha a não abrir mão do trabalho com a leitura. Porque isso é possível, mesmo com um mínimo de recursos, desde que se tenha muita determinação (1999, p. 108)”.

7 CONCLUSÃO

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outra possibilidade, a sonhar. A encontrar sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social.

Michèle Petit

Nessa medida é que a leitura assume a forma de uma diferença e o leitor de literatura ganha um traço distintivo: o do sujeito que busca no livro um modelo de construção de sentidos, e nele encontra também um refúgio.

Ligia Cademartori

A gênese deste estudo deu-se após reflexões motivadas por minha prática como professora de literatura para as séries finais do Ensino Fundamental, e pelas leituras que realizei, e em especial, do livro *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov, e do artigo “O Direito à literatura”, de Antonio Candido, o qual afirma que “A literatura é uma necessidade imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade [...]” (1988, p.180).

Entendendo que a literatura se faz presente nesta etapa escolar, uma vez que alguns gêneros literários são estudados, e tendo ciência da precariedade de seu ensino, já que esta etapa da Educação Básica não dispõe sequer de uma sistematização do ensino literário, fiz algumas indagações, tais como: “Qual é a forma mais adequada de abordar o texto literário para este nível de ensino?”, “O que priorizar nesta disciplina?”, “É possível desenvolver um trabalho de leitor de literatura no Ensino Fundamental?”

A partir destas considerações e das contribuições do conteúdo das aulas ao longo do Mestrado Profissional, realizadas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, procurei pensar se seria possível realizar um trabalho de iniciação da formação de leitores de literatura no

Ensino Fundamental, e de que maneira realizar a abordagem do texto literário em sala de aula para este nível de ensino. Continuar a conduzir as aulas de literatura apenas pelos aspectos formais do texto, com pouca ou quase nenhuma leitura, não seria mais possível pois assim, estaria negando aos estudantes, como afirmou Cândido, o que pode ser considerado um direito por ser uma necessidade universal, que é o a fruição da literatura (CANDIDO, 1988, p.179-180).

A partir destas considerações pensei, assim, em algumas estratégias que resultaram na elaboração de um projeto de mediação didática com a turma do 9º ano, para a qual lecionei no ano de 2019, com o intuito de tentar fazer com que os alunos entrassem em contato com o texto literário, entendendo que a literatura, além de ser um direito, é necessária para a sua formação.

Apesar de ter a consciência de que a formação literária não ocorre com apenas algumas atividades ou em alguns poucos anos de escolaridade, e que se o estudante não desejar, pode ser que esta formação não aconteça, este estudo se mostrou eficaz no sentido tanto de apontar caminhos para que novos rumos sejam tomados, como para aproximar os alunos do texto literário, que é o que, de fato, deve ser tomado como centro das aulas de literatura nas escolas, revelando a real importância dos estudos literários que é a leitura dos textos e não atividades que não transmitem significado algum para o aprendiz.

O processo de formação de leitor, além de exigir uma ampla discussão, é longo e acontece já no presente, não é algo que se deva esperar apenas para algum momento do futuro, mas vai se construindo ao longo do tempo à medida que o aluno tem a oportunidade de ter o contato contínuo com os textos no ambiente escolar, por meio da mediação de seus professores. Assim, esta proposta buscou justamente desenvolver um processo didático-pedagógico que relacionasse teoria e prática visando ao contato e ao envolvimento dos estudantes com o texto, tanto em sua forma original, como na adaptada para os quadrinhos, através da partilha de experiências proporcionadas pelas diversas atividades e leituras que foram realizadas.

Para alcançar os objetivos propostos, desenvolvi com os estudantes, para a realização deste projeto, uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985), amparando nossa mediação didática nos métodos previstos por esse tipo de pesquisa, que propicia uma relação participativa entre pesquisador e pessoas envolvidas com a situação pesquisada, cujo escopo principal é o de produzir conhecimento útil para os discentes e docentes que desejem transformar seu exercício pedagógico.

Este estudo desencadeou reflexões importantes sobre a prática de ensino de literatura nas escolas, entre as quais e, a mais relevante, pode-se apontar a necessidade de se colocar o texto como centro das aulas, não apenas como fonte para se responder a questionários, fichários, resumos etc., mas, principalmente, como meio de abertura ao imaginário, à ampliação de horizontes e a construção de sentidos. Petit nos diz que, ainda que não se resolva os problemas do mundo com a leitura e as pessoas não se tornem melhores por isso, é importante que se tenha acesso aos livros, “[...] pois a leitura [...] parece uma via por excelência para se ter acesso ao saber, mas também à fantasia, ao distante e, portanto, ao pensamento” (2013, p.146).

A pesquisa-ação descrita neste estudo foi realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro no município de Belford Roxo e consistiu na realização de atividades em uma turma do 9º ano, em 2019. Compreendeu a leitura de contos de Machado de Assis, estudo do gênero conto (já previsto no conteúdo programático de ano escolar nesta rede de Ensino para esta série), com destaque para o narrador, a leitura compartilhada em voz alta pelo professor, a leitura e reescrita do conto machadiano “Uns Braços”, e a leitura e realização da análise comparativa do estilo dos desenhistas entre as adaptações do conto “O Alienista” de autoria deste mesmo autor. Na reescrita de “Uns Braços” os estudantes tiveram que modificar o foco narrativo de terceira para primeira pessoa; Já na análise das adaptações, precisaram realizar, em grupos, uma atividade de apreciação e comparação do modo como os desenhistas representaram os personagens, os cenários, a linguagem, enfim, o conteúdo do texto-fonte transposto em suas respectivas adaptações.

Para que a formação leitora de nossos estudantes possa acontecer, é necessário que se tenha em mente que se trata de um processo contínuo, e, como tal, embora seja subjetivo, não acontece de forma espontânea, requer trabalho constante, em que o contato dos alunos com o texto literário seja frequente e não algo esporádico e realizado sem um planejamento. Por isso, a escola precisa oferecer oportunidade para que esta formação possa se desenvolver, ainda que para isso encontre muitas dificuldades pelo caminho. Petit, sobre a necessidade de que os alunos tenham acesso aos livros, diz que: “Eu lhes dizia que a leitura sempre faz sentido se tivermos a sorte de ter acesso a ela. Mas, para muitas pessoas, existe aí um mundo que não está ao seu alcance [...]” (2013, p.32).

No contexto escolar onde leciono a maioria dos alunos não teve acesso aos livros no seio familiar, tendo seus primeiros contatos com o texto literário na escola e geralmente de uma forma

que, em vez de promover sua aproximação dos livros, têm provocado um significativo distanciamento. Quando apresentei a proposta de trabalhar textos de um autor canônico para a turma, ainda que usando um gênero de extensão curta como o conto, sabia que teria um grande desafio pela frente, pois a linguagem do texto literário canônico exige, muitas vezes, uma leitura diferente daquela que os alunos estão acostumados a fazer em seu cotidiano. Além disso, o vocabulário, as sutilezas do texto, como as ironias, a linguagem conotativa, expressiva e mais elaborada demandam uma habilidade que muitas vezes os estudantes ainda não adquiriram e que dificulta ainda mais a realização das atividades.

Imaginando que os textos poderiam ser rechaçados pela turma, ou, pelo menos pela maioria dos alunos, realizei a leitura em voz alta de todos os contos usados no projeto, pois considerei que, assim, poderia chamar mais a atenção dos alunos para o texto, ajudando-lhes a apropriar-se de seu ritmo e do universo do autor. Quando crianças, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, os alunos demonstram grande interesse por este tipo de leitura e ela costuma acontecer com bastante frequência nas aulas, porém quando chegam às séries finais do Fundamental, a leitura em voz alta realizada pelos professores, quando não cessam, passam a compor as aulas apenas de modo esporádico, quando acontecem.

Destaco que a sequência didática que realizei com minha turma do 9º ano foi muito positiva, pois apesar da inquietação da turma e da grande quantidade de alunos, que fez com que as leituras tivessem que ser interrompidas várias vezes, permitiu que eles se esforçassem para realizar a escuta e a compreensão do enredo de cada conto. A experiência de reescrita também foi muito importante, no sentido principal de que mesmo com dificuldades quanto aos aspectos formais da produção textual, e sem terem o hábito de escrever textos, muito menos literários, os estudantes criaram suas versões, em uma atividade autoral em que puderam usar sua criatividade dando voz à D. Severina, personagem protagonista, que passou a narrar a história a partir de seu ponto de vista.

Aconteceu com estes alunos o que Petit nos declara: “Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda uma alquimia da recepção” (2008, p.26). E assim, o fizeram, pois uma vez que foram induzidos a repensar o enredo criado por Machado e suas implicações, flexionaram o ponto de vista e deram voz à D. Severina. Suas produções textuais demonstraram que, com exceção de alguns poucos alunos, a maioria conseguiu realizar a

principal solicitação, que foi a conversão do ponto de vista de terceira para primeira pessoa. Muitos alunos acrescentaram novos acontecimentos e informações ao enredo, e fizeram mudanças quanto à origem, profissão e comportamento de alguns personagens, expressando assim a subjetividade da leitura que fizeram.

Apesar disso, tive muitas dificuldades tanto para que eles escrevessem, como para que tivessem cuidado com os aspectos importantes para a escrita de um texto como pontuação, acentuação, sem rasuras, recuo do parágrafo etc. Porém, mesmo eu pedindo que tivessem esse cuidado, a maior parte dos textos retornou sem a devida correção, e não tivemos tempo hábil para acertá-los posteriormente.

Outro aspecto positivo que destaco, foi a sequência didática sobre os quadrinhos que culminou com a análise das adaptações de quatro desenhistas do conto “O Alienista”. Durante a análise os alunos puderam ver materializados muitos dos recursos quadrinísticos que aprenderam durante o projeto, e, o principal, a partilha de experiências e o estilo de cada artista conferindo valor expressivo através das imagens e demais recursos, de forma a promover a aproximação dos alunos do texto literário pelo caráter atrativo dos elementos que constituem os quadrinhos.

As análises da produção final das sequências didáticas, tanto a do conto no formato original como no transposto para os quadrinhos, me fizeram considerar que as atividades, tanto a reescrita de “Uns Braços”, como a análise de “O Alienista”, constituíram-se em experiências produtivas para a turma, pois em uma prática concreta com os textos machadianos, que exigem um esforço maior para seu entendimento, os estudantes que, no início do projeto, desconheciam que havia tipos de narradores, neste momento da reescrita conseguiram em sua maioria adaptar seu texto para corresponder à perspectiva solicitada.

A escolha do gênero conto para a realização desta pesquisa deu-se devido a ser um gênero de curta extensão, que facilitou a reprodução dos textos para todos os alunos e sua utilização para a leitura em voz alta em apenas uma aula, pois como não dispúnhamos de muito tempo para a realização do projeto, um gênero mais extenso poderia inviabilizá-lo.

Os quadrinhos se mostraram muito pertinentes como instrumento para a aproximação dos alunos do conto no formato original. Os recursos oferecidos pelas HQs chamaram à atenção dos alunos, que se debruçaram com entusiasmo sobre as revistas e passaram, durante as aulas, a conhecer muitos recursos quadrinísticos os quais foram identificados posteriormente dentro das adaptações dos contos no dia da análise de “O Alienista”.

Este trabalho pretende assim, colaborar com os debates sobre este tema tão necessário que é a formação do leitor literário. Está claro que mudanças são necessárias, e esforços precisam continuar a ser empreendidos no sentido de que elas aconteçam, ainda que tenhamos que transpor muitas barreiras e, como se trata de um processo, é preciso que seja continuado, sempre buscando encontrar espaço e oportunidade de, mais do que ensinar sobre literatura, ler literatura, e que as leituras sejam feitas de modo que possam alcançar os estudantes, atraí-los e levá-los a um possível encontro com o mundo da imaginação.

Portanto, por tudo o que foi observado e analisado durante as sequências didáticas deste trabalho, pode se considerar que ele tenha sido exitoso, pois os aprendizes demonstraram que compreenderam o conteúdo e tiveram a oportunidade de ter uma experiência estética a qual, antes ainda não tinham vivenciado.

Quanto a minha forma de ensinar literatura? É claro que nunca mais será a mesma. Consegui, ao realizar o curso de mestrado do ProFLetras, a formação de que necessitava, mas que, infelizmente, não ocorreu no período da graduação. Encontrei, durante as aulas e, em especial, durante todo o processo de construção e aplicação deste trabalho, o caminho que procurava muito antes de ingressar no curso, para iniciar as mudanças necessárias que me levaram a pôr o texto literário no centro das minhas atividades pedagógicas nas aulas de literatura. Isso não quer dizer, obviamente, que deixarei de contextualizar a obra ou de apresentar perfis biográficos dos autores, mas certamente já não ocuparão a maior parte do tempo. Caio Meira, prefaciando a edição brasileira do livro *A Literatura em perigo*, disse a respeito da proposta de Todorov, o que hoje faço também minhas palavras:

Sua proposta é a de restabelecer o equilíbrio entre as contribuições do texto literário com o mundo real e com a vida contemporânea, e que isso tenha reflexo na formação dos professores e alunos de literatura. Ou seja, o que Todorov reivindica é que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional (e, por conseguinte, da nossa formação como cidadãos) (TODOROV, 2009. Pág.11).

Este é meu desejo e hoje tenho as ferramentas necessárias para começar este trabalho com tantas outras turmas para as quais eu venha a ter a oportunidade de lecionar. Tenho convicção de que projetos como este, ao serem lançados como sementes em terras tão áridas, se forem aplicados de forma continuada, buscando promover variadas e significativas experiências com o

texto de literatura, poderão dar muitos frutos. Não foi fácil romper com um modo de lecionar literatura como eu vinha praticando há anos. Tive que soltar as amarras que me prendiam e avançar, mesmo sendo mais trabalhoso. Aliás, não foi fácil também para os alunos, pois tiveram que deixar de ser passivos receptores de conteúdos e passaram a ser autores quando atuaram na reescrita do conto. Todas as experiências que tivemos e tudo o que foi produzido por mim e pelos alunos me fizeram crer que valeu muito à pena.

Todo o trabalho realizado demandou uma quantidade de tempo considerável em que muito foi produzido em sala de aula, de modo que uma análise mais profunda do conteúdo não foi possível, o que, no entanto, não compromete seus resultados e tampouco impede que esta pesquisa se desdobre e seja aprofundada em trabalhos posteriores. Espero, ainda, que as experiências e resultados obtidos colaborem para promover reflexões acerca da formação do leitor literário nas escolas desde o Ensino Fundamental, e principalmente nas séries finais, que carecem tanto de contato com a literatura. Em um mundo em que se procura promover a inclusão, saber que há alunos de uma etapa tão importante da escolarização, praticamente à margem da possibilidade de um contato mais estreito e presente com a literatura, é algo que não se pode mais aceitar e que precisa ser mudado. Que as barreiras que têm nos dificultado não sejam mais fortes e resistentes que nossa vontade, como professores, de transformar esta realidade.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.

ASSIS, Machado de. *50 Contos / Machado de Assis: seleção, introdução e notas / John Gledson*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*. In: .
Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar Ltda., 1959. v.III.

_____, Machado de Assis. *O alienista*. Roteiro, desenhos Francisco S. Vilachã; cores Fernando A. A. Rodrigues, Série literatura brasileira em quadrinhos. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

_____, Machado de. *O alienista*. Adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá: apresentação de Flávio Moreira Costa. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____, Machado de. *O alienista*. Adaptação, roteiro e desenhos de Lailson de Holanda Cavalcanti. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2008.

_____, Machado de. *O alienista*. Adaptado por Cesar Lobo, arte; Luiz Antonio Aguiar, roteiro. São Paulo: Ática, 2013.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARROSO, Fabiano Azvedo. *Quadrinizar a Literatura ou literaturizar o Quadrinho? In.: Pescando Imagens com Rede Textual/HQ como tradução*. São Paulo: Peirópolis. 1ª edição. 2013.

BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza” in *Obras escolhidas*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. V. 1: magia e técnica, arte e política.

BLOOM, Harold. Prefácio e Prelúdio. In: BLOOM. *O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOSI, Alfredo. *O Conto brasileiro contemporâneo*. (org). São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

_____, Alfredo. Machado de Assis: *o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 12 junho 2019.

_____. (1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF.

CADEMARTORI, Ligia. *O Professor e a Literatura: para pequenos, médios e grandes*. Autêntica, 2012.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os Quadrinhos - linguagem e semiótica: um estudo Abrangente da arte sequencial*. São Paulo: Criativo, 2014.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

_____. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 3.ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CIRNE, Moacy. *A Explosão Criativa dos Quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1977.

COENGA, Rosemar. *Leitura e Letramento Literário: diálogos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

- _____. *A formação do Leitor Literário*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo, Global, 2003.
- CORTÁZAR, Julio. Poe: *Alguns aspectos do conto*. In: _____. Valise de Cronópio. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp. 147-165.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/canone/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- DIXON, Paul. Modelos em movimento: os contos de Machado de Assis. In: Teresa Revista de Literatura Brasileira [6/7], (2004/2005); São Paulo, 2006, p.187.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FILHO, Barreto José. *Introdução a Machado de Assis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.
- FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler*. 43ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do conto*. 10ª ed. São Paulo, Ática, 2001.
- GUERINI, Andrea; BARBOSA, Teresa (org.). *Pescando imagens com rede textual-HQ como tradução*. São Paulo: Peirópolis. 1ª edição. 2013.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: Belford Roxo, RJ. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/belford-roxo/panorama>>. Acesso em: 04 de agosto de 2018.

LAROSSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 15-34.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 5ªed. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima. A trajetória da obra machadiana e suas adaptações 2017. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/23/002.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

McKENNA, Michael C. Em direção a um modelo de Aquisição de Atitude de Leitura. In: *Incentivando o amor pela leitura*. (Org.) Eugene H. Cramer e Marrieta Castle; trad. Maria Cristina Monteiro – Porto Alegre: Artmed, 2001.

MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Busca de palavras. 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=c%C3%A2none>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: prosa*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MOREIRA, Maria Eunice. “Cânone e cânones: um plural singular”. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11883>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

PENAC, Daniel. *Como um Romance*. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro, São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1936.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

POSTEMA, Bárbara. *Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos*; traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Contos de Machado de Assis – Volume 2 – Adultério e ciúme*. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2008.

_____, João Cezar de Castro. *Contos de Machado de Assis – Volume 4 – Dissimulação e vaidade*. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2008.

_____, João Cezar de Castro. *Contos de Machado de Assis – Volume 5 – Política e escravidão*. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2008.

_____, João Cezar de Castro. *Contos de Machado de Assis – Volume 6 – Desrazão*. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2008.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Cadernos de pesquisa*, v.42 n.145 p.274. Jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

SILVA, Eliane da Conceição. O conto de Machado de Assis a partir de uma perspectiva sociológica. *Revista de Pós-Graduação em Letras da UNESP*. Vol. 4, jun./Nov.2008.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro (org.); SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). *A Linguagem dos Quadrinhos: Estudos de estética, linguística e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2015.

_____, Waldomiro. *Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya. 1999.

APÊNDICES

Apêndice A – Diagnose sobre Quadrinhos



C. E. Márcio Dias / Avaliação diagnóstica de Literatura Brasileira /

data: ___/___/___

Professora Elizabeth. Aluno (a): _____ Turma: _____



- A figura acima faz parte de um gênero textual que a maioria de vocês afirmou na pesquisa que realizei já ter tido contato em algum momento de sua vida. Que gênero é este? _____
- Você afirmaria que este é um texto narrativo? Por quê? _____

- Além da linguagem verbal, quais outros elementos há nestes quadrinhos? _____

- Para você estes elementos são importantes para a compreensão do texto? Por quê? _____

- As HQs (histórias em quadrinhos) também conhecidas como “arte sequencial” ou “nona arte” apresentam diversos recursos que são muito úteis para o desenvolvimento e compreensão da história. Abaixo há alguns destes recursos expressivos. Escreva na linha abaixo de cada um o que você acha que significa ou para que servem. O primeiro já está pronto.



1) Balão que representa a fala dos personagens.



2) _____



3) _____



4) _____



5) _____



6) _____



7) _____



8) _____



9) _____



10) _____



11) _____



12) _____



13) _____



14) _____



15) _____



16) _____



17) _____

TOC! TOC!

18) _____

DLN! DÓN!

19) _____

TÓNG!

20) _____



21) _____

GRASH!

22) _____



23) _____

SPLASH!

24) _____

VUPT!

25) _____

CABRUM!

26) _____



27) _____

f) Você acabou de ver alguns tipos de balões e onomatopeias que podem ser usados como forma de apresentação dos textos nas histórias em quadrinhos. Agora analise os quadrinhos abaixo retirados da HQ *Turma da Mônica* de Maurício de Souza e responda às questões seguintes:



1) Narre a história tal como você a compreendeu.

2) Que tipo de linguagem foi usada nesta história em quadrinhos? _____

g) Há na figura abaixo retirada dos quadrinhos *Turma da Mônica* algum elemento (recurso visual) que represente o estado de espírito de algum personagem, isto é, como ele se sente na história? Qual (is)? _____



h) Analise as vinhetas* abaixo de parte de uma história em quadrinhos do *Homem Aranha* e responda:



Este texto apresenta quais recursos expressivos, isto é, quais elementos são usados em sua elaboração? _____

*Vinheta: cada momento de uma história em quadrinhos expresso por meio de uma ilustração. Na maioria dos casos é circundado por linhas, formando os requadros (cada quadro da história dispostos em uma sequência)

i) No texto abaixo, retirado dos quadrinhos de *Batman*, há um texto na parte inferior à esquerda que não é deste personagem. De quem é? _____



j) Nas figuras abaixo o que as linhas cinéticas (traços paralelos) indicam? _____



k) Crie o diálogo destes quadrinhos. Se não couber dentro dos balões escreva no espaço ao lado.



Apêndice B – Roteiro usado na diagnose sobre o conto e os elementos da narrativa.

Em seu caderno, após leitura do conto ‘A Carteira’, responda às perguntas abaixo. Por favor, não deixe nenhuma em branco.

- 1 - O que é um conto?
- 2 - Ao ler o título “A Carteira”, como você imaginou que o conto seria, isto é, qual ação principal iria se desenvolver em torno da carteira?
- 3 - Qual é o foco narrativo deste conto (1ª ou 3ª) pessoa?
- 4 - Que tipo de narrador possui – narrador-personagem ou narrador-observador? Justifique.
- 5 - Qual é o personagem protagonista?
- 6 - Há personagem (s) oponente (s), isto é, antagonistas? Quem?
- 7 - Há personagens secundários? Quem são eles?
- 8 - Quais são os espaços onde se desenvolvem o enredo deste conto?
- 9 - Em um primeiro momento, qual foi o drama do protagonista?
- 10 - O que o desconhecido quis dizer com “-Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.”?
- 11 - O que você acha que quer dizer a expressão sublinhada no trecho: “[...] baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro.” ?
- 12 - O que o narrador quis dizer com “[...] todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias [...]”?
- 13 - O que dizia a consciência de Honório em relação ao dinheiro que achasse na carteira?
- 14 - Você já se encontrou em situação parecida? O que fez?
- 15 - Qual momento pode ser considerado o clímax deste conto?
- 16 - Você gostou do desfecho? Qual foi a sua impressão sobre ele?
- 17 - Qual outro desfecho você daria para o conto?
- 18 - Qual a sua impressão sobre a linguagem do conto?
- 19 - Existe diálogo neste texto? Quais recursos indicam isso?
- 20 - Qual outro título daria ao conto?
- 21 - Que tipo de sentimento foi decisivo à mudança de opinião de Honório quando pensou em ficar com o dinheiro?
- 22 - Quando ocorre a história? Existe alguma indicação de tempo, isto é, de quando ela ocorreu?
- 23 - Você notou alguma semelhança com a realidade de nosso cotidiano? Justifique.
- 24 - Qual palavra resumiria todo o seu enredo?
- 25 - Ao término da leitura do conto percebe-se que Honório interpretou a desconfiança do amigo de forma errada. Por quê? Qual foi, na verdade, a desconfiança de Gustavo?
- 26 - O que você sugeriria a um amigo, caso o visse a endividar-se por conta de excesso de coisas banais?
- 27 - Comente a atitude final de Honório em relação ao dinheiro encontrado. Caso você tivesse vivenciando situação semelhante, o que você faria?
- 28 - Com base no texto, pode-se dizer que Honório é leal? Por quê? E Gustavo? Comente.
- 29 - Em sua opinião, por que Honório não leu os bilhetinhos que encontrou na carteira de Gustavo? No lugar dele você teria feito o mesmo? Justifique.
- 30 - Hoje em dia, que modalidades de traição você vê acontecer com maior frequência?

Apêndice C – Roteiro para o seminário (Trabalho bimestral)

TRABALHO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura de contos de Machado de Assis

Nome do grupo: _____

Componentes: _____

A) Leia o conto indicado para seu grupo e responda às seguintes questões:

1- Quem foi Machado de Assis? (Pesquise e faça um resumo de sua biografia.)

2- Explique as características do gênero textual conto. (Pesquisa)

3- Identifique no conto designado ao seu grupo os seguintes elementos:

a) Qual é o título do conto?

b) Qual é o foco narrativo?

c) Onde se passa a história?

d) Quais são os personagens?

e) O narrador é personagem ou observador?

f) Qual a temática principal do conto?

g) Qual é o principal conflito do protagonista?

h) Quais são as características físicas e psicológicas dos personagens?

i) Escreva outro desfecho para este conto.

j) Faça um resumo da história.

B) Entrega do trabalho escrito será no dia da apresentação do seu seminário dia: __ / __ / __

C) valor: até 3 pontos.

Apêndice D – Questões sobre o conto “Uns Braços”.

Questões sobre o conto “Uns Braços”.

1. Qual o foco narrativo do conto? Narrador observador (não participa) ou narrador personagem (participa)?
2. Qual é o assunto do conto?
3. Ao ler o título “Uns braços” como você imaginou que o conto seria, isto é, qual ação principal iria se desenvolver?
4. Qual é o personagem protagonista?
5. Há personagem (s) antagonista(s)? Quem (ais)?
6. Qual o espaço onde se desenvolve o enredo deste conto?
7. Qual é o principal conflito do protagonista?
8. Apresente os personagens contidos nessa narrativa e suas características físicas e psicológicas.
9. Onde e quando se passa a história narrada?
10. Em que parte do texto, verificamos uma justificativa para o título dado ao conto?
11. De acordo com o texto, como pode ser caracterizada a relação do solicitador Borges com a esposa?
12. O que achou da maneira como o solicitador Borges tratava Inácio?
13. Retire do texto um trecho que retrata a rotina de Inácio.
14. Apesar de desejar e pensar várias vezes na ideia de deixar a casa do solicitador, Inácio não tem coragem e permanece ali. Por quê?
15. Qual é o momento de maior tensão na narrativa (ápice)? Transcreva o trecho.
16. Em relação ao beijo presente na história:
-Para qual dos personagens, ele aconteceu apenas no sonho?
-Para qual, ele aconteceu na realidade?
17. Há discurso direto neste conto? O que mostra isso?
18. Por que será que Dona Severina passou a tratar mal o jovem Inácio?
19. Você gostou do desfecho? Qual foi a sua impressão sobre ele?
20. Qual outro desfecho você daria a este conto?
21. Você notou alguma semelhança com a realidade de nosso cotidiano? Justifique.
22. Qual palavra resumiria todo o seu enredo?

Apêndice E – Roteiro para a análise do conto “O Alienista”.



Análise do conto “O alienista” em quadrinhos de Lailson de Holanda Cavalcanti. Editora Ibep Jovem. Ano: 2013.

Nome dos componentes do grupo: _____

01) O conto está dividido em capítulos? () sim () não. Se não, como está? _____

02) Quantidade de páginas? _____

03) A sequência de acontecimentos é igual a da obra original? _____

Se não, como é? _____

04) A linguagem é a mesma do conto original? () sim () não. Há alguma mudança? Qual? _____

05) Os cenários caracterizam a época em que o conto foi escrito? () sim () não.

06) Se sim, quais elementos mostram este tipo de caracterização? _____

07) Como é descrita a Casa Verde nesta adaptação? _____

08) Houve mudança de foco narrativo? () sim () não. Se sim, mudou para qual foco? _____

09) Há algo novo em relação aos personagens, ao cenário ou de sentido em relação ao conto no formato original? _____

10) Leia o trecho abaixo, retirado do conto original e escreva nas linhas que seguem como ficou a caracterização do ato de implorar de dona Evarista para morrer ao lado de Simão. Esta parte está na página 38.

— Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte; e ainda que fosse, intimava-lhe, em nome da vida, que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa. (ASSIS, 1994, p. 30)

11) Em relação às vinhetas, como são os quadros e requadros? _____

12) E as sarjetas, como são? _____

13) Os Recordatórios (legendas) são simples ou possuem algum diferencial? Qual (is)? _____

14) Existem poucas ou muitas legendas? _____

15) Além do balão de fala, há outros tipos de balões? Quais? (coloque o nome do tipo de balão e a página onde estão). _____

16) Há balões sem falas, apenas com imagens? Se há em que página está? _____

17) Em relação às letras. Em algum momento vocês notaram mudança em seu tamanho ou espessura? Isto é, ficaram maiores e mais volumosas em determinados momentos? Se sim, anote o número da página de alguns exemplos e diga em que momento isso ocorreu.

18) O que podem dizer sobre os rabichos dos balões? Como eles são? _____

19) Há onomatopeias? Transcreva as que encontrar e que sons elas procuram reproduzir. _____

20) Há linhas cinéticas? Em que páginas? Que movimento elas procuram indicar? _____

21) Que outras metáforas visuais, além das linhas cinéticas, há nesta adaptação? _____

22) Quanto as cores. Existe alguma cor que predomine ou há riqueza de cores na ilustrações? _____

23) Há mudança de cor em determinadas situações? Se sim, em que situações e mudam para que cor (es)? _____

24) Em relação ao tempo astronômico (dia/noite) há elementos que o caracterize? Quais? Em que página (s) está (o)? _____

25) Em relação ao tempo metereológico (chuva, trovoadas, etc.) há elementos que o caracterize? Quais? Em que página (s) está (o)? _____

26) Em relação aos planos de visão, quais foram utilizados nesta adaptação?

- a) () plano geral ou panorâmico b) () plano total ou de conjunto
c) () plano americano d) () plano médio ou aproximado e
e) () primeiro plano f) () detalhe/ pormenor/*close up*

27) Destaque o plano de visão mais utilizado e o que ele procura destacar.

28) Quanto ao ângulo de visão, quais foram utilizados nesta adaptação?

- a) () médio b) () superior c) () inferior/ *contra-plongê*

29) Quanto às expressões corporais, vocês consideram que os personagens conseguem expressar seu real sentimento? Anote o número de uma página onde um personagem através de sua expressão corporal demonstre de forma enfática seu sentimento.

30) Há alguma narração que foi transformada em discurso direto? Se encontrar, cite a página. _____

31) Qual a opinião de vocês sobre as contribuições desta adaptação para a melhor compreensão da obra em seu formato original?

Resposta: _____

Resposta: _____

Resposta: _____

Resposta: _____

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título do projeto: Um clássico fora de seu quadrado: contos de Machado de Assis dos originais aos quadrinhos lidos por estudantes do Ensino Fundamental.

Coordenador: Marcos Estevão Gomes Pasche.

Pesquisador participante: Elizabeth Vicente Monteiro dos Santos.

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Telefone celular dos pesquisadores para contato (inclusive a cobrar): (21) 993491691 (Marcos); (21) 994026347 (Elizabeth).

Prezados responsáveis dos(as) alunos(as) da turma 901 do C.E.Marcílio Dias, turno da manhã, ano 2019,

Sou professora da Área de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) no município de Belford Roxo, atuando no Colégio Estadual Marcílio Dias e, atualmente, estou realizando curso de pós-graduação em nível de Mestrado do Programa PROFLETRAS na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), por meio do qual desenvolverei a pesquisa **Um clássico fora do seu quadrado: contos de Machado de Assis dos originais aos quadrinhos lidos por estudantes do Ensino Fundamental**, cujo objetivo é estimular nos alunos do Ensino Fundamental o gosto pela leitura e promover a formação do leitor literário a partir da leitura e reescrita de contos de Machado de Assis.

Para realizar minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados que incluirá leitura de contos variados, a análise das produções textuais dos alunos e seus depoimentos sobre as atividades realizadas. Também pretendo realizar chás literários, projeções de vídeos sobre o tema, slides e registros em fotografias dos alunos e das atividades realizadas em sala por eles, bem como os textos por ele (s) produzidos.

Nesse sentido, solicito a autorização dos senhores para utilizar os dados acima mencionados coletados em sala de aula nas atividades planejadas para a pesquisa, que têm, por meta principal desenvolver no aluno o gosto e o hábito pela leitura, principalmente dos textos literários, tão importantes para a formação acadêmica e cidadã dos estudantes. Esclareço que os dados coletados serão utilizados estritamente para análise e os nomes dos (as) alunos (as) não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles (elas), utilizarei as iniciais do nome, resguardando totalmente a identidade dos (as) participante (s) da pesquisa. Esclareço ainda que não haverá nenhum tipo de cobrança financeira para a participação dos alunos, nem riscos na sua participação neste estudo. Também não receberão nenhum tipo de pagamento. Gostaria também de deixar claro que sua participação é voluntária.

Desde já agradeço sua atenção e participação e coloco-me à disposição para melhores informações.

Ao final deste estudo, a minha intenção é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa e Literatura nas escolas de Ensino Fundamental.

Desde já, agradeço a atenção dispensada e a colaboração.

Atenciosamente,
Elizabeth Vicente Monteiro dos Santos.
Profª Área de Língua Portuguesa/ SEEDUC.

Autorizo à professora Elizabeth Vicente Monteiro dos Santos a coleta de dados das atividades realizadas por meu filho (a) _____ em sala de aula, para utilização em seu trabalho de pesquisa, cujo título provisório é UM CLÁSSICO FORA DO SEU QUADRADO: CONTOS DE MACHADO DE ASSIS DOS ORIGINAIS AOS QUADRINHOS LIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL, desde que de forma a resguardar a identidade do menor acima mencionado. Confirmo que a professora explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação de meu filho (a). Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em dar meu consentimento para que meu filho (a) participe como voluntário desta pesquisa, da qual ele também concorda em participar.

Ciente (pai/mãe/responsável): _____

Concordância do aluno: _____

Belford Roxo, _____ de _____ de 2019.

Anexo B – Termo de Anuência

TERMO DE ANUÊNCIA

Senhor Diretor,

Eu, Elizabeth Vicente Monteiro dos Santos, professora de língua portuguesa desta conceituada instituição de ensino, o Colégio Estadual Marcílio Dias, venho por meio deste termo solicitar a sua autorização para o desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado intitulada *Um clássico fora de seu quadrado: contos de Machado de Assis em quadrinhos lidos por estudantes do Ensino Fundamental*, vinculada ao PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, especificamente na área na Área de Concentração de Linguagens e Letramento, seguindo a linha de pesquisa **Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes**, a fim de contribuir com os estudos acerca do incentivo do gosto pela leitura e a formação do leitor literário dos estudantes do Ensino Fundamental.

A coleta de dados será realizada através de um Teste Diagnóstico, onde as informações obtidas acerca das dificuldades apresentadas no âmbito da leitura e produção textual servirão de base para a elaboração de atividades didáticas, numa perspectiva da aprendizagem colaborativa, perpassando pelas etapas de planejamento, escrita, revisão e reescrita, com a finalidade de tentar solucionar os problemas apresentados na diagnose.

As informações coletadas coma referida pesquisa serão apresentadas somente para fins acadêmicos e científicos do curso de Mestrado Profissional – PROFLETRAS, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. A divulgação dos resultados ocorrerá de forma anônima, ou seja, nomes dos alunos não serão divulgados em nenhuma circunstância, durante as etapas da pesquisa. Esse procedimento suscita sigilo, sinalizando ética por parte da pesquisadora durante o processo da coleta dos dados.

Local e data _____, _____ de _____ de 2019.

Nome:

Diretora do Colégio Estadual Marcílio Dias

Os Lábios

Olá, meu nome é Selbina de Bellmond, nasci em 24/11/1893, nasci e cresci no Rio de Janeiro; Rua da Lapa. Com 20 anos me casei e fui esposa de casa, fui morar com meu marido "Borges", meu marido era um ótimo companheiro, trabalhava de solicitador. Hoje dia 08/04/1970 estava preparando o jantar e meu marido entrou pela porta e do lado dele estava um garoto, muito formoso a vista.

-Borges; Boa noite querida, Conlega Inácio e meu afilhado ele irá morar conosco a partir de agora.
"Fiquei muito sem jeito, aquele jovem não parava de me olhar, e andava lá e cá, lá e cá e os olhos dele estavam fixos em mim não entendia o por que, achei que estava com a imaginação mal feita... mais foram se passando os dias e ele continuava a me olhar, dei um jeito a ele para tentar pegar uma intimidade, Borges começou a tratá-lo diferente, não entendia o seu comportamento. Um belo dia estava o jovem um pouco deitado na rede com o livro na mão aparentemente dormindo. Cheguei bem perto a olhá-lo, quando o vi estava dormindo e bem bonito, muito bonito dormindo, cheguei bem perto dele e lhe dei um beijo, no mesmo momento meu coração ficou a milhas não sabia o que fiz, muita lembranças me cercaram, o primeiro foi "ele estava fingindo dormir na hora do beijo" aí se o Borges ou outro está morto só tendo 27 anos, sou imatura.

05/09/58

deite a dormir Borges chegou muito irritado
por causa de Inácio.

Perguntei: o que houve amor?

- Inácio não quer fazer mais nada, tirou um
vagalundo. Expliquei ele para casa ainda essa semana.

"Esqueci a lixada" chegou o dia da partida de Inácio,
uma quinta-feira, Inácio se despediu de mim muito triste,
mas não mais o vi.

Os Sábios

Conto uma história que aconteceu comigo 12. 8'0"
cristava na rua da Lapa, tinha apenas 7'6"
27 anos, mas já era casada, ele se chamaria 7'0"
Borges. Ele era solteiro. Um dia um grande 6'6"
amigo de meu marido pediu-lhe que Borges 6'0"
arrumasse um emprego para seu filho. Pais 5'6"
sem, Borges levou o menino para ele 5'0"
ajudar, então foi morar com agente. 4'6"
Ele se chamaria Inácio, tinha apenas 4'0"
15 anos (uma criança ainda). 3'6"
Borges sempre muito gostoso com o 3'0"
menino. Eu separava que o menino 2'6"
não parava de falar para meus pais 2'0"
sempre que falava, não levava maldade 1'6"
pais era apenas uma criança, um dia 1'0"
pela manhã tomamos café como sempre 1'0"
e Borges foi ao trabalho, Inácio se deitou 1'0"
e dormiu, fui ao meu quarto e ali aquele 1'0"
do meu menino e me senti muito atraído 1'0"
por ele, tudo sem eu que ele era apenas uma 1'0"
criança, vái para arrumar a mesa do café, mas 1'0"
logo valti ao quarto do menino Inácio, e fui 1'0"
logo lhe apreciando de mais perto e toda vez 1'0"
mais perto e lhe beijei, logo acordou e 1'0"
pedi logo logo 1'0"
beisupas a ele e pedi que fingesse que nada 1'0"
aconteceu e logo fui para o meu quarto, era 1'0"
tudo mas logo dormir.



8'0" Barques chegou, e foi direto ao meu
quarto e perguntou lhe porque tudo
7'6" estava como dissei. disse-lhe que
não passaria assim.
7'0" foi até iracô e está ao mesmo
jeito, estranhou.
6'6" no dia seguinte Barques disse que
não precisaria mais do menino e deixou o
6'0" embraxa, nem sequer deixou me despedir.
3 semanas se passaram, com muitas
5'6" pensamentos a mente decidir me
separar de Barques e viver uma vida
5'0" mais feliz, fui embraxa para Minas Gerais
ocomeçar minha vida e até hoje
4'6" não sei de Barques, mais está muito
feliz e também espero que o menino
4'0" iracô esteja.

3'6"

3'0"

2'6"

2'0"

1'6"

1'0"



Selts Ellros

Eu cantava e dançava enquanto fazia os afazeres domésticos, comecei a ouvir vozes vindo da rua, me apressei e olhei pela janela, avistei Berges, meu marido com quem estava casada há anos; nosso relacionamento mudou bastante nos últimos anos, estávamos tão distante um do outro, mas eu a amava, acreditava que isso era só mais uma fase difícil. Vinha com ele também um rapaz Inácio, ele tem 15 anos, seu pai o enviou como agente ou alguma coisa parecida, a única coisa que eu sabia era que o rapaz iria passar alguns dias na minha casa. Assim que eles entraram, a menina não abriu a boca em nenhum momento, acredito que seja pela coarção.

Assim que comecei a servir a jantar, Berges começou a falar um monte para o rapaz, o chamou de maluco, estúpido, malandro, entre outras coisas, eu olhei para Inácio, nossos olhares se encontraram, ele me olhava de um jeito tão diferente, parecia que tudo tinha parado e estava somente eu e ele ali se encarando, eu não sei explicar como eu me senti nesse momento, eu desviei o olhar e tudo voltou ao normal. Um tempo depois Berges ainda estava insultando Inácio, não aguentava mais ouvir esse bromem, então por debaixo da mesa, chutei o seu pé para que parasse de falar. Funcionou, ele se retirou da mesa e foi dormir, deixando eu e o menino

sozinhos, mas não durou muito ele me encarou por 1 segundo e se retirou disse que estava cansada por causa da viagem, não acreditei muito, acho que ele não queria ficar a sós comigo, não ocupa, eu também não iria me sentir confortável, depois do que aconteceu no jantar.

Eu não consegui dormir, não conseguia tirar a cena do jantar da minha cabeça, a forma como ele me olhou foi tão diferente, tão intensa, como é possível alguém te olhar dessa forma com apenas um olhar? Fiquei chorando pensando, como eu não consegui dormir, fui até a cozinha tomar um copo de leite, enquanto ligava a fogão comecei a ouvir passos vindo pra cozinha, quando me virei lá estava ele, com a roupa amarratada, o cabelo todo bagunçado e com os olhos arregalados, como se estivesse vendo um fantasma, ele ficou paralisado, resolvi perguntar a porquê dele parecer estar tão assustado.

- Está tudo bem? perguntei
- tá... gaguejou - tá sim
- Por que o rapaz está acordado a essa hora?
- não estou conseguindo dormir nenhuma
- humm, respondi descompada - se quiser pode ficar e tomar um copo de leite.

- Clara, ele respondeu já sentado na cadeira. Eu me sentei em sua frente, enquanto estávamos conversando sobre coisas aleatorias. notei que ele é bem gentil, e esperto também, reparei que ele me olhava fixamente para os meus olhos, foi quase igual da primeira vez, mas dessa vez eu não desviei o olhar, eu me permiti ver além de seus olhos. Ficamos ali um bom tempo apenas nos olhando, a forma como ele me fazia viajar em seu olhar era diferente eu me sentia tão bem, mas então quando eu voltei pro mundo Real a minha ficha caiu, eu sai dali rapidamente fui para o meu quarto desesperada.

- O que eu estou fazendo! Eu tenho marido, eu não posso ficar me arrastando com outras pessoas!! - Ele tem 15 anos severina e você tem Briguei comigo merma no pensamento.

Passsei a noite em claro, pensando em como eu vou me porta quando o encontro, não consegui sair de lá do quarto, passei a tarde e a manha pensando no Inácio, o olhar dele ficou na minha esbice, o jeito dele, a gentileza tudo, eu não conseguia parar de pensar e me sentir culpada ao mesmo tempo. Eu não posso me apaixonar por uma

criança de 15 anos, isso é um absurdo! eu não podia ficar no quarto trancada o tempo todo, resolvi começar a prepara o jantar, Berger estava na cadeira lendo jornal, eu não conseguia olhar pra ele sem me sentir mal, mesmo com o nosso relacionamento abalado, ele continua sendo o meu marido. Minutos depois Inácio se juntou a nós, no jantar não olhei para o garoto em nenhum momento, não conseguia, estava com muita vergonha da situação. eu não o olhei, mas isso não me impediu de pensar, então eu pensei, as olhas dela não saia da minha cabeça, então eu fiquei ali perdida nos meus pensamentos.

À noite cheguei, comecei a sentir uma coisa estranha, uma angústia, levantei da cama, e automaticamente eu fui direto para o quarto de Inácio, eu tentei não ir, tentei mesmo, mas esse desejo era mais forte. então eu fui, chegando me deparei com ele deitado em sua cama, com um jornal em cima de seu rosto, fiquei ali de pé o encostando, olhei seu cabelo, seus olhos, por fim olhei seus lábios, eram tão brancos, carnudos, fiquei com vontade de beijá-lo mas logo me vinha na mente - ele é mais morto que eu, eu tenho marido, isso nunca poderia acontecer, eu tentei lutar

contra essa vontade, mas não consegui chegar mais perto da cama me inclinei e o beije, o beijo foi tão suave, meu coração quase explodiu, me apertei de seus lábios tão confusa, com medo, comecei a pensar em um milhão de coisa, - como eu fui capaz de fazer isso. ele tem apenas 15 anos, sei correndo eu não sabia que fazer, sera que ele estaria acordado? eu não queria nem pensar nessa hipótese.

De manhã cedo tomar café num clima tenso, eu lá consegui ficar ali muito tempo, me retirei falei que não estava me sentindo bem, fui e me tranquei no quarto, eu pensei em cantar para largar, mas eu era covarde demais pra isso.

Borges havia saído, então eu estava a sós com a criança que eu havia beijado. não me aguentei fui ao quarto do menino, e lá estava ele na sua cama alheio pra nada, bati em sua porta, eu não dei tempo pra garoto falar, comecei a falar rapidamente sem parar, falei tudo que havia acontecido ontem a noite, eu vi seu rosto enquanto falava, o menino ficou sem reação, depois de um tempo, ele começou a falar, disse que não estava acreditando, falou que na mesma noite havia sonhado comigo, falou que não conseguia ficar sem pensar nos meus olhos. disse que esta-

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

va apaixonado por mim, foi a minha vez de ficar sem reação. falei que não era possível isso acontecer, era tão errado tudo isso. conversamos bastante tempo sobre o que íamos fazer, como a gente ia lutar contra esse amor proibido, propus sermos somente amigos, ele concordou disse que pra isso ser mais fácil, ele iria embora. Eu fiquei com o coração partido, ele me pareceu está triste também.

Na manhã seguinte acordei já recebendo a notícia de que Inácio tinha ido embora, eu não consegui me despedir, eu queria dizer um último adeus.

Já passou dias e continuo pensando em Inácio comecei a entender que eu tinha que tira-lo da meu coração, e toda a sua paixão pelas meus olhos existiriam apenas em minha memória.

Seu linda noivosa

Meu nome é D. Sertelima, tenho 27 anos e já sou casada com um noivo chamado chamado Borges, somos casados há quase 10 anos. Desde que nos casamos, moramos na rua da Lapa.

Somos um casal que não queremos para ter filhos no momento, mas isso é o que ele diz, porque já eu sou deitada para ter um menininho. Para ter uma companhia para os dias que eu passo sozinho nessa casa enorme há quase 10 anos. Já mãe é de hoje que já mãe está noivada com esse "casamento" que já está mais para um colega de quarto.

Um dia meu marido trouxe sua mãe uma chamada Inácia de apenas 15 anos para ajudar nos trabalhos que estavam bem atrasados e também para formar um homem bem sucedido. Borges sempre foi um homem chato para tudo e todos e com a rapaz mãe foi diferente, assim que o menino colocou os pés na nossa casa, o Borges já foi ditando as regras que ele queria que seguir no caso que sua realmente ficar ali.

Inácia era um menino bem tímido quase não fala muito e é raro de olhar no olho da pessoa que ele conversa. Depois que Borges ditou todas as regras, Inácia apenas fez um gesto de postura com a cabeça e ali ficou esperando alguém voltar de fora um quarto. É como me lixei nisso, logo disse que o voltar de fora para um quarto para poder dar um presente que eu gostaria guardado lá no quarto.

Assim seguimos, e desde a sala que entramos, Inácia não disse nada comigo nem um olhar sequer, eu já sabia que se eu não falasse ele também não iria falar, tomei a atitude de dar o tal presente a ele, e ali ele me olhou mais olhos com um sorriso lindo na rosto, agradeceu pedacinho e eu apenas respandi com um sorriso e sai do quarto para que ele fosse-se me trocar e descansar para o jantar.

Foi logo preparar um delíssimo jantar para receber o rapaz bem, já que o Borges não fez entrar a cabeça do rapaz assim que desci, me deparei com o Borges em pé na cozinha me esperando para me dar uma bronca por ter tratado bem o irmão dele, que na cabeça dele não precisava tratar tão bem assim uma criança.

Para mãe criar consciência, apenas me
cabe e fui fazer o jantar.

Eu estava muito feliz com a inocência
de Camasca e por isso dediquei toda
meu tempo para ele. E o Bergues mãe
estava gostando nada disso, e com
isso toda noite virava comida
e eu a cada vez mais perdia a vam-
tade de continuar naquela casa
com o Bergues. Certo e chamei
a inocência para jantar, ele desceu e
pediu permissão para levar o celular
dele para mesa, e claramente Bergues
mãe deixou porque a inocência já esta-
va levando o celular todos os di-
as para mesa.

Daquela noite em diante, o Bergues
pegou mais no pé de mãe dois por
está muito amigos e naquela noite
eu tentei convencer o Bergues a
deixar a inocência com o celular na
mesa porque eu e ele não vir problema
nenhum nisso, mas por essa
causa ele via.

É a cada dia que se passava, eu
estava mais cansada com aquela
relação, e eu estava vendo que a inocência
também estava bem cansada também.
Depois daquele jantar eu e a inocência
como de costume, ficamos para arrumar
a cozinha e conversar sobre qualquer
coisa para passar o tempo.

kajoma

É nessa conversa o início que me confessou, que, ela apaixonada pelo meu sorriso e que não tinha pedido para ir embora para casa dele, por causa dele, porque ele afirma que nunca tinha visto um sorriso tão lindo e perfeito. E eu em choque com aquilo, porque eu tinha criado um sentimento igual de uma mãe por ele, e não um romance.

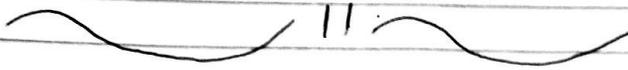
Eu não brigui com ele nem nada por consideração e medo de magoar a menina que estava sendo meu melhor amigo. E passei a pensar: na possibilidade de fugir com ele para São Paulo, passei uns dias pensando nisso e cheguei a conclusão que sim, nós iríamos fugir para lá.

Brigou o dia que marcamos, e durante o dia se comportamos normalmente e quando chegou a noite esperamos o Berguês dormir profundamente, e saímos para rodoviária e partimos para São Paulo tendo uma vida mais feliz e conseguimos, estamos moramos como Mãe e filha.

Claro que a mãe biológica do início ficou desapercebida quando o Berguês ligou para avisar que nós dois tínhamos fugido, mas como não estávamos ligando para mais nada, não respondemos a nenhuma mensagem e nem

Ligação.

Porque continuou ligando para tentar
entender a matéria da minha fuga
com a inácia.



OS CABELOS

EU NOME É DORA SEVERINA, TENHO 29 ANOS, SOU CASADA COM UM HOMEM CHAMADO GONÇES, ELE TRABALHA COMO SOLICITADOR, EU E ELE JÁ ESTAMOS CASADOS A 5 ANOS JUNTOS.

TINHA UM MENINO QUE TRABALHAVA PARA NÓS E O NOME DELE ERA MANO, E ELE TINHA 75 ANOS, EU TODOS OS DIAS CONVERSAVA COM ELE, MAS UM DIA EU PERCEBI QUE ELE FICAVA OLHANDO PARA OS MEUS CABELOS.

EU PERCEBTEI A ELE PODIA ELE FICAVA OLHANDO PARA OS MEUS CABELOS ELE NÃO ME RESPONDE. MAIS UM DIA ELE FALOU QUE ESTAVA ATRAÍDO POR MIM E QUE NÃO PODIA DE PENSAR EM MIM, AI EU FIQUEI POR MUITO TEMPO PENSANDO NISSO.

TEVE UM DIA QUE EU PERCEBI QUE ELE ESTAVA DORMINDO, AI EU SUBI EM UMA DA UAMA E SEM PERCEBER EU LHE DEI UM BEIJO NA BOCA DELE, ANTES QUE ELE ACORDASSE, VOLTEI PARA O MEU QUARTO E ATES QUE MEU MARIDO VISSE TAMBÉM.

MAS UNS DIAS DEPOIS MEU MARIDO MANDOU ELE IR EMBORA

FIM

"Sorrindo bonito"

♦ Sou D. Serrinha, tenho 27 anos, meu marido é o Borges. Ele é muito mais velho que eu, também muito ignorante. As vezes me sinto muito mal pelo fato de eu querer bastante carinho e ele me tratar somente com ignorância. ♦

Um dia chegou um menino chamado Inácio em minha casa, ele é filho do barbeiro de meu marido. Os dias foram passando e eu percebi que o menino Inácio me olhava diferente. Eu fui percebendo e comecei a sentir algo diferente por ele, pelo fato de ele me olhar daquele jeito, olhar de carinho e meu marido me tratando somente com ignorância. Inácio ficava pedindo para eu sair sempre. Percebi que estava gostando de me ver sorrindo.

♦ Quando olhei ele pela primeira vez me senti apaixonada e um dia, quando ele estava dormindo na rede eu beiji ele e me senti muito mal. Corri desesperada, porque ele era muito novo. No outro dia ele acordou meio estranho comigo e eu não estava entendendo muito. Borges e meu marido viu que a gente estava próximo e ligou comigo. Ele disse que sabia que tudo isso ia acontecer entre eu e Inácio. Acaba-
mos terminando e minha vida ficou fússima. 

.....

1) Samba da Amare

Essa é uma história, na verdade um gaúcho que me contou, meu nome é Senozimo, tenho 27 anos, sou casado com Berges, meu marido é um contador, tem 45 anos, 18 anos o mais que eu, porém isso nunca foi somente o problema do nosso casamento.

Berges e eu vivíamos na rua da Lapa, como Berges nunca quis ter filhos sempre foi só ele e eu em nossa casa. Berges até tinha fantasias gonistas mas nunca foi muito de sair e por isso eu também ficava em casa, apesar que depois disso tudo ele era chegado a um irmão, que era o seu irmão mais velho, eu nunca acompanhava Berges quando ele ia visitá-lo, mas não por não querer acompanhá-lo, e sim por ele sempre dizer "é coisa rápida não vou demorar".

Um dia de sábado a mesa fômade, Berges comentou que

kajoma

na sua última visita ao Simão, ele Simão pediu para que Berguis deixasse seu filho para trabalhar com ele, e que ele Simão aceitasse a coisa para aquela casa, e que só não fosse mesmo.

Passou os dias a seguir chegou o salgueiro de meu marido, eu fiquei surpreendida com o rapaz, não achei que fosse João Jensen e João Simão, mas para mim era apenas um criança.

João Jensen que se chamava Simão tinha apenas 15 anos, era de altura média, cabelos cacheados e claros e era de pele morena, não sei o que mais me chamou atenção. Porém ele era apenas uma criança. Certo dia Berguis depois de um almoço que deu no Simão saiu para trabalhar sem agradecer, sempre me tratava de uma maneira grosseira não agradando eu não dava no mesmo, não se dava o para, desonrei meus olhos mais não dava para disfarçar mais isso que estava acontecendo para Simão?

Entrei no quarto de Simão para arrumar como era de costume, entrei e vi ele a dormir com

kajoma

D S T Q Q S S

• 3 •

com um caderno em mãos, que chegando perto, parou meu corpo e ali ele parou também, preparado.

"Início do minuto sem saber que ele estava ali, saindo com aquele sujeito."

Tu chegando mais perto e ocom-
teu o sac esperado sujeito.

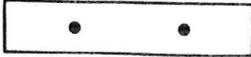
"O que Senzima não imaginava era que Início estava saindo com ela, no mesmo dia o sujeito e o acariaria, as duas sem fumaça ao dele e com uma roupa que mostrava bastante o corpo, "em visto do que ele dificilmente via no seu dia-a-dia."

No dia seguinte não parava de pensar no que tinha acontecido, para e pensou "para meu nome, por que ele não vir me olhar?"

"Senzima é de altura médio, cabelos longos e pretos, seu corpo era bem bonito, apesar de não poder mostrar muitos pontos, era dele seu sorriso o que mais gostava e era de pele morena"

Os dias passaram e Bergen percebendo como as duas se olhavam. No mesmo seguinte quem cedo, chamou Início e disse que iria levar ela para casa.

kajoma



D S T Q Q S S

sem muitas explicações, servindo
como guia.

Os dois capítulos que num-
co têm a ver com aqueles dois
e aquele sentimento.

kajoma

Título: Vida de Casado

Eu sou dona Sereirina. Sou casada com o Solicitador Borges. Sou uma mulher de 27 anos e meu marido tem 36 anos. Casamos 5 anos de casamento e não penso desde que meu casamento está indo bem, porque dirigimos muito e ele foi me ameaçar de que quer me deixar mas se foi ameaçar. Tudo isso é coisa que se vem quando acordamos.

Depois de muito tempo um Rapaz chamado Inácio, de 23 anos muito bonito, veio trabalhar com Borges. Quando eu me senti atraída por ele, mas como ainda estou casada com meu marido e não queria trai-lo.

Eu me apaixonei por aquele Rapaz, que então depois ficou me reparando meu sorriso, meus braços e meus cabelos e dormia na sala da sala onde agente morava, em nossa casa, o Rapaz Inácio ditado e eu dei um beijo nele e o Inácio como estava desarmado e pensando que eu estava beijando ele. Ele imaginava que na própria vida Real eu teria feito aquilo com ele. Ele acordou meio sereno, feliz, muito feliz e não parava de pensar nela e eu O. Sereirina não parava de pensar nele e então ela se separa do Solicitador Borges, que veio da vida do Rapaz Inácio.

Os olhos

Sou dona Serejina, uma mulher de 27 anos. Sou muito bonita, tenho os olhos bem encantadores, parecem um mar negro de tão lindos que são. Sou casado com o Berges, um homem rude que praticamente não me tratava do jeito que eu merecia.

Um belo dia Berges precisava de um ajudante, então o menino escolhido para esta função foi Inácio, um menino de 15 anos, de boa índole, amava ler mas pensavam que ele era apenas um preguiçoso. Quando ouviu os gritos do solicitador estremecia.

Um dia recebeu o prato de comida e logo depois o solicitador mandou ele fazer o que era de obrigação e ficou furioso com ele.

Confunde-me os papéis todos, erra as letras, vai a um escritório em vez de outro, troca os advogados: é o diabo!

Uma vez quando Inácio chegou para comer na mesa, me viu e abriu meus olhos negros e profundos, ele não parava de olhar. Como ele amava ler, acabou pegando num livro bem profundo.

No dia seguinte ele acordou bem feliz porque tinha sonhado comigo e com meus belos olhos. Berges como sempre tratando-o bem rude, perguntou se Inácio queria beber, e Inácio disse que não bebia. Disse o Berges:

— Ha, se você fosse meu filho, Felipe meu tio-
-ria que ser que nem o pai, mas como um
-menino que só sabe ficar em casa... Eu
-peço que ele desista de mim.

Berges saiu para beber e logo Inácio
-foi se deitar. Eu fui até o quarto dele, por
-coincidência ele parecia estar cochilhando
-comigo. Eu acabei beijando ele enquanto
-ele dormia, mas logo depois me surpreendi.

— meu Deus eu beiji uma criança! uma crian-
-ça.

No dia seguinte o tratei bem ruim, ele sem
-entender nada ficou sem reação. Eu o tratei
-assim porque pensei que ele estava fingin-
-do dormir e que tentasse para o Berges,
-mas meu marido já desconfiado mandou
-Inácio embora. Inácio ficou triste e eu
-aparelhada e confusa fiquei triste também.

Dois anos depois eu já não aguentava
-mais meu marido e me separei. Sem
-nada de nada mais, fui atrás do Inácio
-e me declarei para ele. Inácio sem reação
-fiz várias perguntas de que aconteceu na-
-quele dia e eu expliquei tudo.

Certa que ele ficou feliz então sem ligar
-para o que os outros vão pensar, fiquei
-com Inácio e fomos morar juntos e depois
-de uns anos nos casamos, e aquele sonho
-um simples sonho se tornou realidade.

Um Calceão

Olá, meu nome é dona Serequina, tenho 26 e moro na Rua da Sopa.
Como entendi em 2019, quase ninguém me chama pelo meu nome, eles continuam me chamando como: Calceada, Papunji, dona Rina, etc... O único apelido que eu respeito é dona Rina, pois não discriminam meu nome pela metáfora.

Em minha casa vivem só eu e meu marido Berger. É bom viver só eu e ele, mas não fico com medo quando ele lava a máquina e volta para casa bêbado, falando isso acontece eu tenho a sensação que não vou ser pontuada até a morte, mas tirando isso é maravilhoso viver só eu e ele.

Hoje recebi a notícia que meu netinho iria vir visitar, acho que ele deve vir para ajudar, para ficar mais fácil o trabalho de meu que sou solteira. Uma hora veio ele em minha vida. Estou ansiosa para isso acontecer.

Alguém bate na porta. - Quem bate? Grito da vizinha.

- Sou eu, Berger!

Ansiosa, vou deixando o celular em cima da mesa e vou correndo abrir a porta.

- Olá Berger. Chega perto da suicida e sussurro para a mesma - Quem é o paião?

- É o nome netinho, o do Balan! Eu te falei que ele iria vir hoje, o nome dele é Imácio. Diga oi Imácio!

- O... Oi Tia. Ele diz "oi" com a calça branca e está com o rosto vermelho.

- Oi Imácio, tudo bem? Então quer dizer que você é meu netinho? E eu não fui te conhecer hoje? Que coisa... Tento falar mais educadamente com ele para ver se ele se sente mais a vontade.

- É, pois é.

Ele sorri um pouco a calça falando.

- Umas, ah, ah!

Quando vi Imácio de primeira, jurava que era um gelado de manga e me perguntava como alguém tão novo pode ter uma aparência deste modo, era impossível.

- não dá eu achar este menino. Outra coisa que me pergunto é: qual matéria de ele ficar olhando para o meu cabelo. Vou ter de descobrir.

- Inácio, lembra aí!

Inácio nem para onde eu estou ele sabe lá não e diz: - Digo tia

- Me explique uma coisa, por que você fica olhando pro meu cabelo sempre, que tem chance?

- Me desculpa, mas não posso cantar tia.

- Ué, mas por que?

- É negredo...

- Não me cantou Inácio. Eu não sou cantar pra ninguém.

- Não tia, disse eu ir dormir que é mais fácil para não falar.

Inácio se dirige ao quarto, deita-se na cama e vai pra dormir.

- Vai entender essas crianças de hoje... Espere, tia, uma ideia!

Espera um tempinho para que Inácio pegue em um sono profundo até lembrar. Desprende-se daí para controlar uma pessoa pelo sono dela. Vou tentar isso! Me dirigi ao quarto que está dormindo. Fico observando ele e me sinto um pouco arrepiado por estar vigiando uma criança e quando até arlimaba para não um negredo, mas a curiosidade matou o gato.

Vou e me sento ao lado de Inácio dormindo, então decide dar um beijo em sua bochecha. Quando me aproximo para dar o beijo Inácio acorda e coloca imediatamente as pernas no chão em minha direção.

- Inácio! Como assim!?

- Tia, me desculpa, mas foi de propósito!

- Meu Deus! O que digo para o Bergir agora?

- Tio... Que... que a senhora está fazendo, me acordou dormir

- Eu?

- Sim.

- É negredo...

data / /
[9] [1] [0] [0] [5] [5] [0]

Os lábios

Meu nome é D. Sencercino, tenho 27 anos. Moro na Rua Da Lapa, 1470, São Cosada, meu marido se chama Borges e ele é solteiro.

Meu marido nunca ligava pra mim sempre dava atenção pra trabalho, me tratava mal, quase não conversávamos direito. Pedi a ele que procurasse um ajudante pra ele poder me dar atenção já que sou mulher dele, passou meses e meses e ele continuava com a mesma atitude, até que o amigo dele queria que o filho procurasse um emprego. Então Borges aceita a menina como ajudante. O menino se chamava Inácia, tinha 15 anos e muito bonita. Desde então Inácia via ficar na minha casa. O pai dela era tímido, e eu ficava o admirando, admirando seus lábios de chegar a dá saudades!

Inácia quase não falava nada, só ficava pelo canto mais pensativa, até que um dia Inácia adormeceu no sofá e não pude me conter, e desejo de beijar aqueles lábios era mais forte que eu, fui me aproximando e Inácia acordou me olhou e disse:

- Que você está fazendo?
- Eu estava te admirando.
- Me admirando?
- Sim.

Então Inácia veio me acariciando e me deu um beijo passivo até que eu estava sonhando, foi quando um sentimento veio pelos lábios de Inácia. Depois do acordado, Inácia nem se quer voltou na minha casa, quase não deixava eu admirar seus lábios.

continua

data / /

S T Q Q S S D

Até que numa madrugada ele resolveu ir embora, sem ao menos se despedir. Nem ao Borges ele se despediu.

E tudo isso não passou de um simples conto de fadas pra mim.

O sorriso

Eu dona Genesina tenho 27 anos, moro na hapa com meu marido. Ele trabalha de vendedor e eu lucho da casa, enquanto meu marido trabalha mora na hapa e muito bom lá eu caso, fico na praça, e tal, meu marido não fica muito em casa, então as vezes quando ele estava em casa nós sai, e se divertir.

O senhor Borges meu marido, está precisando de um ajudante, então ele foi na casa do seu amigo e chamou Inácio para ajuda ele, como o Inácio não trabalhava ele aceita, aí ele trouxe o Inácio chegou em sua casa e Inácio ficou trabalhando com o sorriso da dona Genesina, ficou muito e ele ficou alheado o sorriso dela, seu marido não gostou muito por que, o Inácio ficou apaixonado no sorriso dela, Ela sonhou onde ele ia dormir, Ela pegou e deu um beijo pra ele, ele ficou melado, e foi dormir pensando no sorriso da Dona Genesina, o Borges chegou no quarto pra chamar ele, e seu Borges se irritou por que o Inácio não estava querendo acordar, aí ele se irritou foi pra mesa tomar café O Borges começou a falar de Inácio, que ele não presta atenção, no trabalho fica com a cabeça na rua aí D. Genesina falou que ele tinha que se paciência que ele se vai ~~acostumar~~ acostumar **credeal**

18/11/19 no trabalho, isto quer a o Inácio não
da trabalho hoje com o Borges, então ele
fica em casa pensando no serviço da sua esposa
Dona Geruina foi então pensado que estava gostando
dele, ele estava falando no celular e acabou dormindo e
D. Geruina ficou pensando no Inácio e ficou morosa to
gostando de uma burocracia. Ela foi ao quarto e
viu que ele estava novamente dormindo, então ela se
aproximou dele e acabou beijando ele e no mesmo dia
estava a Bejada, ele ficou surpreso no que fez e foi
por quatro, seu Marcelo chegou e percebeu que estava
tudo igual assim ele foi ao quarto e viu que ele
estava dormindo e acordado, foi ao quarto da sua esposa
e viu que ela estava dormindo, ele decidiu que o
Inácio ia voltar pra onde morava com seu pai
Então ele se despediu e foi embora pensando no
serviço, o Borges e a Geruina e seu esposo ficou
mas perto um do outro e ficaram felizes

Os Yernozelos

Olá meu nome é D. Helena eu tenho 27 anos
sou casada Boyes de Tralcalba e como solicitei
o meu casamento não está muito bem
meu marido é muito arrogante, um filho
de amigo de meu marido veio passar um tempo
e qui em casa o nome dele Inacio e o menino
casamente tem 15 anos.
ao passar alguns dias eu percebi que o menino
é simpático, Bem educado, tem um sorriso lindo,
caraleiro, o menino fica olhando para os meus
Yernozelos e eu não posso dar confiança para
ele porque eu sou uma mulher casada, mas eu
estou sentindo algo diferente pelo menino, mas eu
não sou dar atenção deve ser coisa da minha
collega porque eu estou um pouco carente.
já se passaram uns dias e eu não posso de
deixar o menino fora, é o último dia do menino
e qui em casa e aconteceu algo surpreendente
eu morei na casa a noite é muito maravilhosa
meu marido mandou o Inacio dormir e sair
de casa e eu não aguentei e dei um beijo
no menino e eu vou gostando dele.
em fim amanheceu e o menino já foi embora
e a minha vida voltou ao normal

Minhas pernas,

Me chamo Teresina, tenho 27 anos. Moro na rua da Lapa, o ano que me aconteceu o maior conflito de minha vida foi 1870.

Sou casada com o Solicitador Bergers, meu marido é muito rígido, meu casamento com ele não é muito feliz, acho que não sinto mais o imenso amor que sentia quando nos casamos.

Um certo dia meu marido trouxe pra viver conosco o filho de um amigo que também o ajudaria no trabalho.

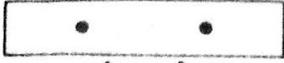
Assim que ele chegou em minha casa, fiquei um pouco mais envergonhada. Ele tinha apenas quinze anos mas tinha uma aparência madura, de alguém mais velho.

Meu marido era muito exigente em relação a Inácio e tratava muito mal, porém eu não reclamava.

O pequeno Inácio sócia observando minhas pernas, como eu não usava muito, não as escondia. Só nos víamos nas horas das refeições mas isso era suficiente para que ele me observasse.

No cair de uma tarde meu marido saiu com seus amigos, eu estava na varanda, sentada em minha cadeira

Kajoma



de equilíbrio, tricotaria um lindo corset verde. Inácio dormia em seu quarto.

Por mais que eu tentasse evitar Inácio me chamaria atenção, mesmo sendo tão novo. Sem perceber eu me pegava pensando nele. Acho que estava me apaixonando por ele.

Enquanto Inácio dormia, fui em seu quarto. Quando cheguei, fiquei alheio de longe, logo depois me aproximei de sua cama e fiquei admirando seus lábios rosados e carnudos. Por um impulso eu não me aguentei e o beijei.

Inácio acordou assustado, ficaria me alheio, em seguida me puxou e retrubeiu o beijo, milhares de emoções tomaram conta de mim. Foi incrível.

Uns cinco anos depois eu não aguentei e pedi adivórcio à Borges.

Por mais que tivesse passado tantos anos não tirava Inácio de minha mente.

Fiz de tudo para reencontrar Inácio e consegui. Depois de muito tempo namorando, ele me pediu em casamento e é claro eu aceitei. Como de costume minhas pernas ainda eram a parte de meu corpo que ele mais admirava.

Meu casamento com ele foi muito feliz, finalmente estava com quem eu amava.

Nome: Alunos

Com tudo começou em uma rua, rua da Igreja Mariana lá, um casal Sr. Borges e sua mulher D. Severina ela era bonita, deslumbrante, gentil, uma ótima pessoa e tinha um belo corpo com apenas 24 anos. Então tudo correndo bem até que Dona chegou com o filho de seu Boberio, o seu nome Inácio. Dona pensou quando o viu ficou encantada, percebeu que tinha algo diferente no menino, tipo um "Bilhão".

O oposto só estava lá para ajudar com os trabalhos, mas dona Severina estava admirando sua bondade e gentileza. E' levou o menino ao seu quarto temporário, e menina amava ler quadrinhos ela viu os livros ficou doida, Dona Severina fez um lanche para recheio o menino, para o lanche D. Severina colocou sua melhor roupa, seu melhor perfume.

Os 3 tomaram o lanche que ela, Borges não poderia chegar do trabalho como é costume, só poderia descansar mas Inácio pediu ela fosse o lanche que D. Severina fez.

A noite chegou e todos foram dormir mas D. Severina esqueceu de fechar a porta e levantou para lavar, mas a porta abriu e quem ajudou, elas conversaram por horas e horas e todos ficaram felizes indo a noite, porque Borges não poderia voltar, os comunistas foi mais que isso...

Dona Severina começou a sentir mal e começou a dormir mais cedo, também Borges estava desconfiado.

Depois de semanas, o fim do trabalho de Inácio, ele foi liberado para voltar para sua casa e a D. Severina como ele ficou? com desejo das últimas noites? será arrependimento por ter algo com uma menina tão nova? Mas esta história foi contada.

Emerson Pauly

Meu nome é Gervina, tenho 27 e sou casada com um solitário chamado Borges. Borges era um homem sério e reservado, mas os vezes era um pouco carinhoso em seu tempo vago, já que vivia de cabeça cheia e ocupado na maior parte do tempo. Alguns dias se passaram e percebi que já não recebia aquele carinho de Borges, ele quase não faltava mais, chegava e ia direto para a quarto. Borges estava me tratando de forma tão seca, eu nem o reconhecia mais...

Alguns meses se passaram e Borges continuava a me tratar como se eu não existisse, eu já não sabia se o amava mais, e não poderia me separar dele depois de anos casada, e isso também poderia machucar a imagem da nossa família. Aguentei ele por mais uns meses. Foi na rua para comprar alguns alimentos quando me deparei com Borges ao lado de uma mulher jovem de pele branca e cabelos negros. Eu voltei para casa sem acreditar que tinha ocorrido de ver... eu não poderia imaginar que Borges faria tal coisa comigo. Logo depois Borges chegou em casa e eu tentei disfarçar a dor e a decepção no meu olhar.

Mais alguns meses se passaram e eu já estava completamente a 8 anos, eu não aguentava mais tanto sofrimento ao lado de Borges, então quando eu resolvi falar o que tinha acontecido Borges me chamou ali a quarto. Ele finalmente depois de muito tempo me contou toda a verdade, ele me disse que iria se casar em breve com outra mulher, me deu um abraço e se despediu.

Anos depois da ocorrência, eu já estava com meus 31 anos, eu sentia muita saudades, sentia vontade de contratar alguém para cuidar da casa por mim, já que, com essa idade nenhum homem casava...

camigo, pelo menos. Tinha um empregado novo, me fazer companhia.
Contratei um menino de 15 anos, filho do Barbeiro da esquina. Ele
chegou em minha casa e se apresentou, seu nome era Inácio, ele
era um rapaz belo, de pele litanca, cabelos curtos e cacheados no
autano e olhos azuis como as águas de um lago cristalino. Quando
olhei para Inácio, meu coração disparou como se eu tivesse me
apaixonado novamente. Inácio era um rapaz tímido então quase não
falava e não fazia nada a não ser que eu pedisse. Pedi para que
entrasse e arrumasse as coisas em seu quarto. Então ele arrumou
suas coisas e foi dormir mesmo sem jantar. Inácio acordou e comeu
há mais de um tempo, percebi que Inácio não tirava as alhas de
meus delicados pés, já que eu era bem alta, as vestidas não cobriam
meus pés por completo. Eu também não tirava as alhas de Inácio.
Um dia eu convidei Inácio para tomar um chá comigo, sentamos
e conversamos muito, demos muitas risadas juntos, logo depois Inácio
adormeceu pois o chá era de camomila, eu adormeci também. Ficamos
horas depois e Inácio continuou dormindo, levei Inácio até seu
quarto e ele permaneceu lá até o amanhecer.

Inácio acordou e arrumou a casa, logo depois foi fazer compras
quando voltou me ajudou a preparar o almoço, depois foi
descansar, já que estava exausto, Inácio dormiu até o meio dia, logo
depois acordou, foi ler um livro que lia diariamente. Ele levantou
e veio até a sala de jantar, se sentou e comeu, conversamos até
a hora chegar. Quando terminamos de comer, Inácio foi se
deitar, logo depois adormeceu novamente, então fui até seu
quarto, peguei um cobertor para cobri-lo, e então apaguei as
luzes. Fiquei em meu quarto lendo um livro romântico que
contava a história de uma mulher de 27 anos que se apaixonou
por um jovem rapaz de 15 anos. Me identifiquei muito, pois
parecia a que eu estava vivendo. Toda vez que pensava nas manin-
has que tive com Inácio meu coração acelerava de tanta paixão.

Enquanto lia o meu livro e pensei em ir no quarto ver Inácio. Fui até lá, fiquei na porta admirando a sua beleza, Inácio parecia um anjo dormindo. Fiquei na porta por alguns minutos, quando percebi já estava perto de sua cama, então eu me curvei e aproximei minha face perto do rosto de Inácio, então eu o beijei, seus lábios eram doces e macios. Eu percebi que o que eu tinha feito era errado, então me afastei e fui para o meu quarto, fiquei a noite toda pensando no que eu tinha feito. No amanhecer lutei muito para que Inácio não acordasse. Inácio parecia animado, parecia que ele sabia o que tinha acontecido naquela noite. Eu sendo aquilo me senti mais culpada ainda, então resolvi conversar com Inácio, disse que iria me mudar para outra cidade, então Inácio que demitiu. Então o demiti e pedi para que pegasse as suas coisas e fosse embora. Inácio confuso, pegou suas coisas e foi embora com um rosto triste. Eu estava com a consciência partida mas sabia que era certo a fazer. Inácio era apenas uma criança.

Os pernos

Meu nome é dona Severina, tenho 26 anos e sou casada com um meu deus chamado Borges. Se ele me chama ele me trata bem mais hoje em dia ele só se preocupa com seu trabalho de salarido.

Hoje pelo mundo ele foi cada a cabeça e fiquei fazendo meus afazeres em casa, quando terminei fui até a cozinha para fazer o café e quando fui lá ele estava em sua cadeira tinha uma grande surpresa. Borges tinha contratado um jovem aprendiz de apenas 15 anos chamado Inácio. O mesmo morava conosco enquanto trabalhava. Não pude deixar de notar que o jovem era muito reto e encaixado mesmo não falando muito.

Após os dias passarem muitos amigos aconteceram para Inácio tinha muito sono e era muito distraído e os dias fazia mal o seu trabalho. O Borges não queria que ele fosse embora.

Um belo dia eu estava na sala lendo e tive a sensação de alguém me olhando e dei rapidamente a mão que Inácio estava olhando distraído e achei que era coisa da minha cabeça. No tempo foi passando e notei que ele tinha uma admiração pelas minhas pernas, confesso que também o admirava mais ele era um "criança" e não devia se preocupar! mais já não conseguia tirar-lo do pensamento. No dia seguinte Borges saiu para um futebol com os amigos, mais Inácio preferiu ficar em casa para ler um livro...

Após algumas horas pensando nele fui até o meu quarto ver se estava tudo bem. Inácio dormia como um anjo e eu fiquei ali admirando, sendo ele dormia do que um...

que não ele era bem novo, só tinha 15 anos, mas
aquele corpo de homem, aqueles olhos azuis e olhos
tão sedutores, meu Deus! Ele chegou chegando, eu
tive que me controlar muito, por causa de meu
marido, pois eu era casada.

Aquelas olhas azulinhas, aquele ser moreno, marromilhoso,
em fim, Inácio era tudo de bem. Ele começou a
fazer perguntas sobre minha vida, quanto tempo
eu morava ali, quanto anos de casada com Borges.
Eu disse que sou em uma igreja na Trança e eu era
muito nova. Eu achava muito bem pois vivia numa
fantasia bem romântica. Ele perguntou minha idade
e eu disse que tinha 24 anos.

Eu pedi para que ele falasse um pouco sobre sua
vida. Quando ele disse que só tinha 15 anos eu gulei e pensei:
"O que? 15 anos? Uma criança? mas como parecia
mais velho. Logo parei de pensar na pouca idade
do rapazinho."

Inácio falou que vinha trabalhar como redator
Borges para aprender e ter as coisas que precisava,
pois já não estava mais morando com seus pais.

Logo depois Inácio disse que iria chamar Inácio
quando fizesse a troca na corda e entreguei a ele, ele
deu um sorrisinho e um olhar que meu Deus! aquele
olha tão azul que me encantou com o meu
marromzinho. Ah! Mas ele é uma criança. Aquela
criança não dá a mínima ideia. Aquela criança
não sabe do meu pensamento.

Quando o almoço ficou pronto eu me senti
solitário dele na mesa, eu não conseguia conversar
meu Deus! Eu não não conseguia resistir aquele
olhos, sentamos juntos e me deixei de dormir

Snácio dormiu na sala e eu fiquei olhando
ele dormir. Ele estava tão lindo como pode?
Cheguei muito perto dele, sorri o resto e depois
a Sora e ele acordou e ruiu.

Quando ele ruiu eu vi que ele acordou e rai
correndo com vergonha, mas pela manhã nós
ficamos juntos na sala conversando abraçados, eu
acabei esquecendo que o Borges ia chegar cedo e
aquele momento e ele chegou na hora exata.

- U que está acontecendo aqui Serexina?

Eu tente explicar mas o Borges expulsou. O Snácio
da Sora e falou muitas coisas, disse que o Snácio
era um traidor. O Snácio tentou ficar calado como
sempre, mas disse:

- Tô sozinha, vou embora, a Sora e eu, mas você não
trata a Serexina mal, vamos comigo Serexina!

Então eu disse que sim. Eu não queria mais

viver com o Borges, queria acompanhar o Snácio.

Snácio e Serexina foram embora e iniciaram feliz
para sempre. Borges foi para mimos gerais e se
saraou novamente.

11/12/88
"Conto o resto"

Boa mais um dia se passou, eu sou dona Serejima, me so ma
uma da Lapa, tenho 27 anos. Meu marido Borges que tem 35 anos,
trabalha como solicitador, me somos juntos há 5 anos, um belo dia
ele levou um filho de um amigo dele para morar com a gente e
o menino tinha 15 anos e chamava Gacis, ele era bem fofo.
Assim que ele chegou vi que era um "disservidor", fiquei encantada com
o meu resto não parava de me olhar, tivemos mais que uma paixão
repentina, um belo dia eu fui ao quarto dele ele estava dormindo eu
dei um beijo na boca dele e logo fui deitar, meu marido chegou
do trabalho e logo descobriu de tudo, e logo mandou Gacis embora
sem deixar ele se despedir de mim, e assim acabou nesta história
de amor, e nunca mais vi ele, sim!

kajoma

Um sorriso

Eu sou dona Berlicina, tenho 27 anos, sou casada com um homem chamado Borges. Ele é muito carinhoso comigo, atencioso, ama me agradar com presentes como flores, chocolate, ler para fantasias românticas.

Esses dias um menino muito bonito chamado Inácio veio passar um tempo aqui em casa para ajudar meu marido, eu percebi que ele olhava muito para o meu sorriso, ficava admirando, e admirando. De repente eu percebi que estava criando um tipo de sentimento por ele e resolvi conversar com meu marido sobre isso e resolvemos que era melhor ler Inácio para a casa de um primo próximo da gente.

Mas eu me apaixonei muito a ele e ia ficar triste sempre que ele não podia ver meu marido sair, até que um dia ele disse, quando foi ler ele, estamos sozinhos na casa desse primo, e acabou "rolando" um pouco, não foi aquelas coisas, mas foi bem, passamos a tarde juntos.

Quando aconteceu eu fui para casa, quando cheguei meu marido estava em casa, e sentado no sofá ele me perguntou onde eu estava, eu de cara disse que estava na casa de uma amiga, ele não acreditou muito, mas passou.

Fui deitar e fiquei pensando que realmente era melhor eu me afastar de Inácio, pois eu amo muito o meu marido e não queria perder de fato nenhum ele, então tirei Inácio da minha vida para sempre!

Um Sesião

Mãe chama Sesião, Jimão 17 anos, sou casada com Bergas e moramos na Rua da Baía, em 1870. Bergas trabalhava como Solicitor, sua personalidade era forte, sempre vivia irritado e nunca me dava atenção ou carinho. Já estávamos casadas há alguns anos, nesse casamento já não era a mesma que antes, todo dia via a mesma rotina, acordava e eu fazia a massa de café e logo em seguida ele ia para trabalhar, e eu ficava fazendo os serviços da casa, me sentia muito sozinha, triste, sem nenhum amigo para conversar.

Um dia tudo começou a mudar em casa, o filho de Sesião de Bergas foi morar lá em casa, ele se chamava Sesião, Jimão 15 anos, Jimão os olhos de quem trabalhava muito, andava mal vestido e seu pai era Sesião na cidade nova. Sesião começou a trabalhar com Bergas, ele ia em audiências e cartórios, levava papéis de papel, de distritado, e aos oficiais de justiça, mãe era de fazer muito, jogava em casa na para o quarto, até a hora da janta, ele jantava e ia dormir. Bergas não deixava ele se aproximar da família.

Já fazia cinco semanas que ele morava lá em casa, eu comecei a perceber algo estranho, todo vez que eu queria ele parecia mais desmoralizado, amarelado, mas achei que era coisa da minha cabeça, até porque ele só Jimão 15 anos, era uma criança!

11/11/11

Ja fazia cinco semanas desde da mãe e dos seus irmãos, cinco semanas de solidão, eu via ele poucas vezes, era no hora das refeições, Borges estava começando a suspirar, toda vez que Inácio via meu sorriso ficava diferente, e eu não queria aceitar que estava sendo verdadeiramente por ele, até que um dia Borges tinha ido trabalhar com Inácio, mas Inácio chegou cedo e como todos os dias ele foi para o quarto descansar, eu estava na cozinha desfrutando a ansiedade quando eu dei conta de mim, eu estava suspirando Inácio no quarto, nem eu mesmo estava acreditando nisso, logo em seguida Borges chegou em casa e falou que estava acontecendo algo diferente, ele percebeu que eu estava diferente com Inácio. Alguns dias passaram, e Inácio cada vez mais carinhoso e compreensivo comigo, Borges já estava mais irritado do que o normal decidiu mandar Inácio embora da minha casa eu fiquei arrebatada e suspirei com o malício, Inácio ficou sem entender o motivo da mudança mas aceitou e foi embora, ele vai voltar que dentro de si, um sonho se tornou realidade, e vai levar contigo o meu sorriso.

Permas Atraentes

♥
Oi, Sou da na Sessões de 29 anos, morei na Rua da ...
com meu marido Barges, Ele trabalha com ...
um belo dia ele se retirou um garoto chamado Inácio ele
tinha 15 anos.

O Senhor Barges ele foi muito bom comigo, quando chegou em
casa me abraçou e depois comigo e eu com ele. Ele ficou
atrasado para os meus filhos Permas senti uma coisa diferente
com ele, ele me abraçou com um abraço diferente, me abraçou e eu fiquei
muito feliz. Barges era muito exigente e queria
muito. Inácio era muito calado não falava muito, sentava
na mesa e sóia falando os dias foi passado e não se esqueci
evitar meu marido era muito sério queria porque queria
que inácio falasse alguma coisa mais inácio só queria ficar
ditando lendo livros, dormir e trabalhar sozinho.

Um dia Barges saiu e deixou inácio em casa, com
migo, ele tomou o café e se retirou da mesa foi para
o quarto e foi ler, Barges chegou e falou para inácio
- Levante desta mesa e vá lavar uma louça,
Deu um mês mais ainda não parou de trabalhar Barges.
e Barges saiu e levou inácio para trabalhar.

Passaram para casa e inácio foi lavar também para
fazer, e ficou falando para meus filhos, eu era a
única que cuidava com os filhos para por necessidade
de roupas, temperos que foi estendendo a roupa.

No dia seguinte Barges saiu e deixou inácio em casa
e ele foi para seu quarto de ler e ler, que eu sei
e dormir lendo o livro. Eu cheguei até o quarto de quarto
e foi até a cama e deu um beijo na boca dele.

♥
meu marido Barges chegou e assim ele inácio

ele não entendeu nada.

Borges teve desconfiança com o que estava escrito sobre ele e decidiu deixar de embarcar, ele ficou lá muito triste e eu também que estava gostando dele.

Os mÃos

Meu nome é Gerceira, tenho 27 anos e sou casada com um salteador chamado Berges. Em minha casa moram eu, meu marido e um menino chamado Inácio, filho da barbeira da esquina. Inácio era ajudante do meu marido e por isso morava na minha casa.

Inácio era um menino delicado, gentil e quase não falava. Ele era um menino de pele clara, os seus olhos eram grandes e tinham um olhar encantador, seus cabelos eram macios e lisos, seu sorriso também era encantador. Inácio tinha apenas 15 anos, mas seu olhar me fazia esquecer que ele era apenas uma criança!

Em uma tarde às 13:00, chamei meu marido e seu ajudante Inácio para almoçar, com o costume. Eles almoçaram e saíram para o trabalho, e eu sempre ficava em casa fazendo minhas tarefas.

Os dias foram se passando e notei que Inácio não tirava os olhos das minhas mãos, mas não era um olhar qualquer, era um olhar apaixonado. Seus olhos brilhavam quando ele olhava para minhas delicadas, e eu sabia aquilo e passava na minha cabeça que ele poderia estar apaixonado. Ele era um rapaz encantador, mas ele era apenas uma criança!

Passaram meses e meses e não parava de pensar que o menino poderia estar apaixonado por mim. Até que teve 

— ♥ — ♥ —
uma noite de lua cheia, meu marido
tinha saído e eu estava sozinha com
Inácio. O menino estava em seu quarto
dormindo e eu estava na sala lendo li-
vros, mas toda hora eu pensava naquele
rapaz.

Pensei se eu ia ou não no quarto de
Inácio para ver seu rosto, mas alguma
coisa me impedia. Até que tive coragem
e fui no quarto de Inácio em silêncio
sem fazer nenhum tipo de barulho, e
olhei pela frestinha da porta e vi Inácio
dormindo como um anjo. Meu coração ac-
celerou quando vi seus lábios rosados. Não
consegui me conter e fui até sua cama.
Admirei seu rosto e toquei nele rapidamen-
te, pensei que ia acordar, mas ele tinha
um sono profundo por causa de seu
trabalho. Enclinei-me e dei um delica-
do beijo em seus lábios. Senti seus
lábios sobre os meus. Seus lábios es-
tam macios. Eu nunca senti assim an-
tes.

Depois disso eu me assustei e me
perguntei: porque eu fiz isso? Por que eu
o beijei? Sai de seu quarto desesperada
e corri para o meu quarto. Chegando lá
senti uma excitação e me olhei sobre o
espelho e dei uma leve risada.

Se pensava o toda hora em minha cabeça
a lembrança dos seus lábios. Até que
eu fui interrompida com o barulho da
campainha e corri para atender. Era
Borges. Esqueci sua comida pen-

sando em Inácio. Até que ele per-
guntou o porque de eu estar tão
pensativa. Eu lealamei minha calce-
♥ça e falei que era nada.

Depois que Berges fanteu recolhi as
pratos e perguntei para Berges se
Inácio não iria fanteu. Ele disse
que o rapaz poderia estar muito ca-
nsado e que não iria fanteu. Depois
disso fomos para o quarto de dormir.
Eu não tirava Inácio da minha
mente e fiquei sem dormir.

Na manhã seguinte Berges depois
do café deu a notícia que mãe pre-
cisava mais da ajuda de Inácio
e falou que depois do café era
para ele arrumar suas malas. Inácio
ficou um pouco desanimado e eu
fiquei sem reação. Fui para o meu
quarto e fiquei pensando quando eu
poderei ele de novo.

Depois de Inácio ter arrumado suas
coisas, vi pela janela Inácio entrando
em um carro junto com Berges. Pela
janela do carro, ele me viu na jan-
ela do segundo andar. Seus olhos
lelharum como da primeira vez que
viu minhas mãos. E ele partiu. Sen-
ti que eu poderia estar apaixonada
por ele, mas Inácio era apenas uma
criança.

OS OLHOS



Oi, meu nome é Severina, tenho 30 anos, moro numa cidade pequena chamada IAPA. Moro com o meu marido chamado Borges, conheci um rapaz chamado Inácio, ele tinha 23 anos, e logo percebi que ele se encantou com o meu olhar. Inácio tinha seu jeito meio quieto e misterioso, e um certo dia, Inácio estava dormindo em sua cama, sum fazer muito barulho, me aproximei e dei um beijo de Boa noite nele, mas antes que eu fosse embora do Quarto de Inácio percebi que o celular dele estava ligado, logo foi desligar quando vi que a foto de Perfil que estava no celular de Inácio era minha, não aguentei de vergonha e sai correndo, não sei porque, mas acho que ele estava sonhando comigo e provavelmente com os meus olhos. Depois disso nunca mais mechi no celular de Inácio e nunca mais dei beijo de Boa noite.

FIM!

S T Q Q S S D

Um Suspeito

Chegou meu marido Berger com um menino muito bonito. Eu perguntei o nome dele. Ele falou que era Inácio. Era um garoto muito meigo mas era bonito. Ele tinha olhos azuis com certo reflexo, forte.

Um dia eu passeava pela casa e senti que alguém me olhava. Eu fiquei procurando quem era mais não achei quem era, mas eu estava imaginando quem era, o menino Inácio. Eu fiquei flexando. Eu comecei a reparar nela em casa. ficava olhando para ele e ficava sentindo, achando ele muito bonito mas achei que não podia acontecer nada entre eu e o menino.

Um belo dia perguntei porque ele ficava olhando meu sorriso, ele disse que estava achando bonito. Um dia eu me precipitei toda para ele chegar. Ele me deu um beijo dia e me deu um beijo no rosto e um sorriso bonito. Um dia fiquei ele dormindo na rede e fiquei pensando se eu que ele está dormindo ou está fingindo? ai eu dei um beijo nele e no meu pensamento pensei se eu que ele está dormindo.

Eu fiquei pensando nele. Um dia marido Berger chegou e falou para o Inácio acabou seu trabalho aqui em casa pode ir embora. Inácio ruborizou e arrumou sua mala triste.

Amo Prorox

marcio estremeren curvado os olhos de solicitação. Recebeu o Prato
que este lhe apresentava e deitou de comer, alheio de uma travessa
de nome. malandru. cabeça de vento e sôfrego. maluco

- Onde anda que mimos ouve o que lhe digo? Hei de contar tudo
a seu pai morto que lhe digo? Hei de contar tudo seu pai
nao que lhe conta a pesquisa do corpo com umos bono vado
de mamelo. eu um ven; sim. onde vouli asenbrai. não
venh que não Estupida! maluco!

- Olhe que lo para e nito mesmo que voce vi aqui. continueu.
vultando - si para D. Severino e Sombra que vulto com ele maritalmente
há anos confundi-me os haplus tudo. esto os coras. vai a um
excursão em vez de m a centro. prova os adreogalio; e o diabo!
e o tal soma verdade e unteu. De oracões é o que se vê:
Pimente que avorde e Peseu quibet - lhe os oras...

Desta; amandá lhe de acorda-lo a non de Karavita:
D. Severino teve - lhe mo ni; como redondo que avaleme. Porco
espetadois amos alguns improprios. e trau em way com Dm) e os
lunmas não Dixo que trau em way com os milamas. Porco
e nimo marco não era rapelmente mesmo. finto fuzi on
feto e Blm teito. cabeça uncaita. moito bela. allon de Xany que
vendra; que avadria. que avadria. que midorger. que

A Boca

Eu sou Getúlio, morei em uma casa humilde com meu marido Borges, ele trabalhava como funcionário judiciário, mas vendemos uma vida normal, mas ultimamente tenho me sentido mais insatisfeito com tudo, e Borges é um homem meio frio as vezes. Recentemente ele tem conversado com um amigo sobre trazer o filho desse amigo por ficar um tempo com a gente, e esse menino tem o seu próprio negócio na profissão de procurador judiciário. No começo eu não queria ser uma boa ideia, pois não conheço o menino, e eu e Borges não tinhamos filhos, nunca cuidamos de um antes, apesar dele não ser um bebê, mas mesmo assim eu não quero como ele disse que era filho de um amigo eu concordei.

Um dia quando eu estava em casa, Borges tinha chegado, mas ele não tinha ido pro trabalho, logo depois que ele entrou, entrou mais um menino, eu olhei e pude ver, ele era gordinho, tinha o semblante de alguém inocente, ele estava todo bem tranquilo, meu marido não apresentou e eu fiquei bem mesmo, Inacreditavelmente ele tinha apenas quinze anos, era realmente muito gordinho. Eu pude perceber que as vezes ele me olhava de um jeito estranho, ele me olhava

por muito tempo, e quando eu via a direção em que ele estava, muitas vezes eu fui muito longe, eu não entendi o porque, mas ele é fofo, está desobedecendo os meus sinais, não deve ser nada demais.

Inac acaba de me mostrar os fundos, há tem alguns dias em que ele está muito contente, Bouge, chama muito a atenção de mim, está muito que ele não gosta de mim e o menino não demonstra muita hostilidade para o pai, mas apesar de tudo, eu acho de fato de ele estar muito, não sei porque não desde quando ele chegou, eu não sei se há algo que não tenha o muito tempo, eu fico nervoso quando ele está por perto, eu gosto de fato que ele me abraça, ele tem um olhar inocente e de uma certa forma, isso me atrai.

Com um certo momento eu comecei a pensar muito sobre isso, eu sou muito, e sinto-me sentido quando por uma criança, mesmo ele não tendo feito nada demais, ele consegue fazer eu me sentir de um jeito que meu mundo não consegue.

Um dia o Inac não quis ir para o trabalho com o Bouge, então ele foi sozinho e o menino ficou em casa sozinho. Em um momento que estava na cozinha, eu não queria estar fazendo e fui até a porta do Inac, ele estava dormindo, eu fiquei o observando e em alguns momentos, ele acordou.

entre o sono, sentiu estar roncando
com algo bom. De repente eu me aproximei
de mim mesmo, cheguei mais perto de sono bom,
eu abri os olhos, a forma de sono res-
pirando enquanto dormio, abri meus olhos,
Nesse momento me veio uma vontade de brigar
comigo, mas tambem me veio a mente a
fato de eu ter um esposo e eu estava trair
do ele, eu estava resentindo mas depois eu
nao pude mais suportar, eu precisei fazer
algo, eu me aproximei mais de sono bom
e finalmente gritei meus olhos, como um
briga com Inacio, depois de ter a briga eu
e abri e sei que tinha errado, eu voltei
pensando no fato de que ele estava acordado
e sei que imediatamente, fui para meu
quarto com a consciencia pesada, e me dei-
tei no sono, e se ele estivesse acordado?
e contone a Borges? Meu Deus...

Depois que me dei, voltei pensando
no sono, e me vi quando Borges tinha
chegado do trabalho, depois que voltei fui
em outro dia, abri os meus olhos e Bor-
ges nao estava la, fui até o quarto de
Inacio e ele tambem nao estava la, eu
abri pelo janela e pude ver o sono de
Borges parado, ele estava entrando no sono
junto de Inacio, eles nao estavam mais por
o trabalho pois era final do dia, Borges
estava lendo Inacio por um. Por um
hora eu bom, pois o menino ia voltar a
ter seu vida normal, mas pelo outro lado
o meu vida ia voltar ao normal.

Os Calvelos

Então dona Sereuxima uma mulher alta, Sereudente mas aque chamava atenção para os Calvelos, Sim! Os Calvelos longos e lisos.

Estava como falucicpica, na janela estava reparando as paragens, e pensando sera que um dia vai encontrar um Amor.

Até que um dia estava lá Imacio o nome dele um cara alto de Calvelos aparados, e então abriu a porta de dona Sereuxima, e ela vai e Sereuxima e abriu a porta e então trouxe e ela Sereuxima diz

- Oi, sou Imacio muito prazer.

- O Sereuxima é o meu nome.

E então Imacio veio e disse Amei os Calvelos.



Um certo beemito

Meu nome é Severina, meu carada. Tenho 27 anos. Moro na rua da Sopa. Meu marido é solitário e estaria muito atrapalhado com um dos seus trabalhos. Vivia estressado, me tratava mal, meu marido era muito ruim comigo.

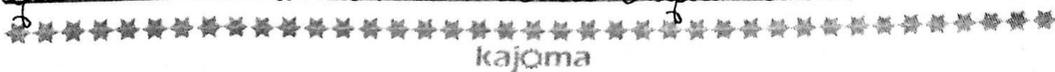
Um belo dia chegou um rapaz na minha casa. Ele estava muito beemito, sabe que por sinal me chamou muita a atenção. O nome dele era Snácio, tinha 35 anos e ele veio para ajudar meu marido com os trabalhos, e mesmo assim ia ficar um bom tempo na minha casa.

Teve um belo dia que meu marido foi trabalhar e se deixou em casa sozinho. Foi olhar a janela para tomar um pouco de "ar" numa terça-feira às 11:30 da tarde e senti que tinha alguém me olhando. Virei a minha direita e Snácio estava me olhando e deu para sentir que ele estava imaginando algo.

Fiquei vários dias pensando se que se passava na mente de Snácio. Se passaram dias e dias e eu não consegui descobrir se que ele estava pensando, se porque ele estava tanto se meu certo. Até que um simples dia qualquer fui arrumar o quarto de Snácio e achei uma carta, na carta dizia sobre o certo beemito de alguém. Então percebi que o certo beemito que Snácio estava admirando era meu, fiquei surpresa por achar que era mesmo e não ser, ser realidade.

Então, enquanto eu dormia Snácio admirava eu dormindo, senti as mãos dele sobre meu certo e então se esperando momentaneamente, ele me beijou.

Depois disso, ele foi embora com medo de que fiz o que eu sentasse ao meu marido e que acontecesse



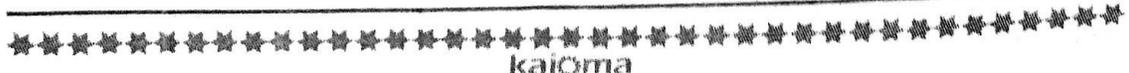


Imácio foi embora sem eu nem me dizer tchau.
Então perguntei ao Berger:

- Onde está Imácio?
- Ele foi embora nessa madrugada, recebeu uma proposta de trabalho.
- Sem se despedir?
- Ele disse que um dia voltaria para uma visita.

Desde então Imácio nunca mais apareceu e eu percebi que todo esse tempo me iludi achando que eu iria ficar com Imácio, que ele tinha sentimentos por mim.

E isso foi apenas uma ilusão, uma simples ilusão.



ANEXO



O elpis Aus Reis (Ulla)

Ulla, meu nome é Severino e eu tenho 23
anos. mas eu não sei a data exata de meu aniversário
de aniversário, eu era nascido com um amigo no
dia uma. O tempo foi passando e mais tarde
mãe deu mais um. algum tempo depois veio
Severino encontrar um rapaz chamado Borges.
Ele tinha conhecido pelo pai por uma
fruta, e os amigos de um dia ele encontrou
Borges, ele tiveram um filho de Ulla e
o Severino acabou se apaixonando pelo pai

O primeiro encontro deles foi dia 10/09/18 e
e aquele dia foi muito especial para
o Severino. O rapaz Borges, conheceu um dia
e ele não parava de falar sobre Ulla e
etc., falando que ele era muito bonito.

Com Severino sempre teve desejo de ter um
filho, e tempo foi passando e Severino e
Borges se conheceram e um dia depois Severino
foi obrigado de Borges e eles tiveram um
filho, porque era o filho de um dia.

As Sardas

Eu me chamo D. Serecira tenho 27 anos more na Rua da Lapa com o meu marido Borges que tem 54 anos ele é brasileiro, já temos muitos anos de casados Eu fui obrigada a casar com ele quando a minha mãe morreu eu morava na rua grande come um belo dia ele me viu deitada em cima do tapete na calçada ele teve muito elegância veio falar comigo muito educado e romântico ele falou que eu tinha As Sardas mas lindas que ele já viu falar também que a ele dele também tinha depois que ele falou isso ele começou a chorar falou que ela terminou com ele não faz nem uma semana e ele estava se sentindo muito sozinho que agora ele tá morando sozinho e me perguntou se eu queria ir morar com ele falou que tá eu ia tá tudo, eu fiquei alegre e também com medo as vezes tempo e pensei assim eu já tá na merda mesmo vi que depois ele não para mim e eu já com ele depois dois anos ele morreu e ele ficou diferente comigo não me elogia mais não falava que acha As minhas sardas lindas agora ele sente chego em casa deitado e me beija, ele tem um amigo que é brasileiro e que tinha um filho que se chama Márcio que tem 15 anos ele trabalhou por Borges por algumas anos depois Borges falou tá bom mas não isso ele vai ter que ir morar lá em casa, depois disso Márcio pagou os seus custos e foi com Borges para a rua essa eles chegaram lá de noite e já se sentou para jantar e Márcio chegou para o D. Serecira e viu as lindas sardas que ela tem ele se apaixonou e ela também gostou dele, depois um mês e Borges foi trabalhar e Márcio não foi por que ele tinha passado mal mas em seguida depois ele veio morar com a mãe e já mudou Márcio e D. Serecira ficaram felizes por sempre...

11/10/99

1103138

Um sorriso

Olá, meu nome é Sereima. Tenho 27 anos e morei na rua da Lapa. Tive dia 09 de dezembro de 1992 e sou casada com o Borges, que trata-
lha como salvador e me trata muito mal.
Eu não sou feliz com ele, pois ele só reclama de tudo.

Um dia chegou uma visita em minha casa. Era Inácio, filho do amigo de Borges, meu marido. Quando fazia as faxas de casa me sentia desconfortável. Percebi que Inácio estava para mim o tempo todo. Percebi que ele estava para meu marido, reparava meus lábios e seus olhos brilhavam com meu sorriso.

Certo dia meu marido saiu e eu e Inácio nos aproximamos, dançamos e acabamos nos beijando. Fiquei muito confusa e Inácio dormiu na sala. Borges chegou e matou a alguma coisa. No dia seguinte meu marido fugiu para o pai de Inácio para busca-la. Inácio foi embora e Borges não sabia de nada que havia acontecido. Eu depois de uma semana não queria mais fazer nada. Estava desanimada. Borges não sabia reclamar e me irritar. Tive coragem e acabei com o meu casamento.

Tudo acabou triste. Foram dois anos juntos. algum tempo depois comecei um emprego, minha casinha e hoje sou feliz. não tive mais notícias de Inácio, mas nunca

1 / 1

me esqueci daqueles abracos e beijos. O Berger
está bem. Cateu-se de mano e assim tudo
somos felizes.

As pernas

Meu nome é P. Severina, tenho 21 anos sou casada com um homem chamado Berger, de Brasília como radicada

Um dia cheguei um menino chamado Inacio que tinha 15 anos. Tive uma vez que pareli que ele estava se apaixonando por mim

Tive uma vez que ele estava dormindo e meu marido tinha saído e nem eu estava dormindo e eu fui em sua cama e sem pensar se dei um beijo e fui para minha cama com medo que meu marido descobrisse e que menino estivesse acordado e falou com ele e isso que eu me senti muito mal

UNS CABELOS

OLA MEU NOME É DONA SEVERINA TENHO 27 ANOS. MORO NA RUA DA LAFIA TENHO UM MARIDO CHAMADO BORGES. ELE É SOLICITADOR ELE NÃO ERA MUITO SENSÍVEL CO. CARINHOSO E GENTIL... POIS DAVA MAIS ATENÇÃO AO TRABALHO E ESTAVA SEMPRE DE MAU HUMOR.

Um dia chegou um menino chamado Inácio tinha apenas 15 anos uma "criança" ainda. Seu pai é Barbeteiro na cidade Nova. Seu pai é pai de agente, presencente, ou que quer que seja do Solicitador Borges.

O menino morava comigo e com meu marido Borges. Meu marido tratava mal o menino sempre criticando e o chamando por nomes muito capadantes tipo malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco etc...

Inácio todas as manhãs olhava muito para o cabelo de D. Severina pois nunca havia visto cabelos tão bonitos quanto o dela.

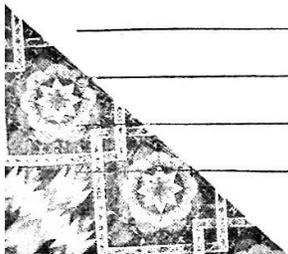
Eu D. Severina um dia percebi que Inácio olhava muito para meus lindos e bonitos cabelos então a partir daquele dia passei a me tratar diferente.

Com mais carinho, porém eu sabia que ele estava tentando de alguma coisa a mais por mim, quando me via seus olhos brilhavam e depois olhava um sorriso.

Mas ele que eu achava o menino legal com um tempo fez me desasturando com ele. Meu marido não se aguentou com o menino por causa que Inácio molhou um de seus documentos importantes. Foi ali o quarto do menino, e pedi para que ele não aparecesse para o jantar de preferência que passasse a mesa só no café, pois meu marido estava muito irritado com ele.

1 1

Um dia de noite que Inácio não havia apressado
para o almogar e poderia estar no quarto ao lado.
Então Resolvi ir até o quarto do menino e lá
Estava ele dormindo. Soltei meu cabelo e dei um
aproximando do menino e dei paradas que ele se
de na banha muita mais bonita dormindo do que
acordado! Puxei um barulho e logo Prendi meu
cabelo e Sai do quarto de Inácio. Percebi que meu
movido tinha chegado, mas não, foi apenas um gato
que havia derrubado um objeto então voltei de novo
ao quarto do menino e o logizei me aproxime
de novo, percebi o menino acordou e se deitou
carrigo no quarto dele. Levantei da cama e dei
combinando até mim ele ficou abertando meu cabelo
foi chegando cada vez mais perto de mim eu
já não sabia o que fazer fiquei parada e quando
ele chegou bem pertinho de mim tocou em meu
cabelos e deu um sorriso. foi aproximando seu
rosto de meu e finalmente ele me beijou. FIM



Olhos Abertos

Recordo um belo dia lindo com meu esposo chamado Borges, e o Meu esposo Borges tinha que trabalhar, ele era um solitário. Em um belo dia o Borges foi ao Barbearia, e esse Barbearia era o Pai de uma menina chamada Lúcia, era uma jovem de 15 anos que morava com seu Pai "O Barbearia". O Barbearia pediu que o Borges lhe ensinasse um pouco de ser um solitário para a Lúcia, e o Borges levou a Lúcia para casa para aprender com o Borges a como ser um solitário. Em o dia seguinte, o Borges chegou em casa com a Lúcia, e eles estavam tomando a companhia e eu fui abrir a porta estava ele e a Lúcia, e quando eu vi a Lúcia, ele estava olhando para os meus olhos pressionando e eles entraram e eu fui preparar o jantar e levei à mesa, e a Lúcia e Borges estavam sentados na mesa esperando pelo jantar, e a Lúcia não dizia nem uma palavra sequer, nem comigo, nem com o Borges, ele só balançava a cabeça. E já era a hora de dormir, e ele já estava dormindo no quarto de hóspedes, e nesse quarto só tinha a guarda-roupa velha e uma rede mal lavada para ele dormir. E eu fui ao quarto de hóspedes e ele ainda estava dormindo, e ele estava segurando um livro, esse livro foi eu que dei a ele, e esse livro era muito

1 1 2

interessante para ele, mas eu não me lembro do livro, ele lia todos os noites e ele dormia silenciosamente, sem nenhum barulho. E no dia seguinte o Borges levou a Luísa para com ele ao trabalho, para ensinar, o Borges estava explicando a como ser um solicitador, no primeiro dia de Luísa a ser um solicitador, ele era muito rígido, diligente, inteligente e etc. E eu estava em casa procurando os cômodos, e depois chegando a carteira na casa dos vizinhos, perguntando a eles onde mora o solicitador Borges.

— Onde mora o solicitador Borges?

— E eu escutando eu o chamei e disse:

— O solicitador Borges mora aqui!

— Lá ele veio em minha casa perguntando se ele estava em casa, e eu disse:

— Ele vai trabalhar, mais tarde ele chega.

— E o carteiro veio perguntar:

— Qual é o seu nome?

— E eu disse:

— Meu nome é D. Severina, mas meu nome só de Severina.

— E ele ficou perguntando sobre as coisas da vida, e uma hora ele me perguntou:

— Qual é o nome do Rio?

— E eu disse:

— Rio da Ipa.

— E ele foi embora para sua casa. Lá já era noite e o Borges chegou com a Luísa, eu estava pagando a conta e nós sentamos à mesa para jantar em silêncio. E a Luísa olhando para mim e eu desparadamente olhando para ele, ele continuava olhar para os meus olhos.

! /
! /
e fomos dormir. E passando outro dia o Borges estava
com muita raiva do Inácio. Porque ele era um pouco
lento e ficava só no mundo da lua. Lá o Borges foi
trabalhar com o Inácio, e o Inácio estava dormindo
na quarto de hóspedes e eu estava arrumando a cozinha
quando eu fui ao quarto de Inácio, para chamar a ele
me ajudar a arrumar a casa, mas ele estava dormindo
com uma nariginha, eu estava aliando ele pro, e eu
tentando diz algozinho sem acordar ele, e fui me abaixar
lento e devagar, e abei para os livros dele, e breves
eu fiquei desesperada por dentro e um pouco feliz, por-
que eu gostei do livro, e eu fui dormir, e eu soube um
bocado na sala, eu fui e me levantei, e fui a sala,
e era o Borges sentado na sofá, que parecia que não
tinha suspiro nada, e de repente o Inácio, e já
era manhã, o Borges estava conversando com o Iná-
cio, que agente vai viajar para muito longe e está
tem que voltar para o seu pai. E o Borges levou o Iná-
cio para sua casa e nunca mais se viu, mas eu nunca
esqueci de Buzo.

[D|S|T|Q|A|S|S]

Um Alho

Meu nome é D. Carolina e eu moro com meu marido Borges na Rua da Lixa. Um belo dia um belo dia meu marido chegou em casa com um menino de 15 anos chamado Inácio, ele ia trabalhar com Borges para aprender um ofício e ganhar algum dinheiro extra ou auxiliar.

Quando Inácio chegou o marido veio de Barcelos que ele me falou de um jeito diferente. Ele me falou melhor. Meu marido é bem ignorante e eu não vou bem com ele. Não tinha mais paciência de ficar com a casa fechada pois o menino, mais mesmo assim ele me falou e desparou, eu fui um menino discreto e falou para ele. O filho dele trabalhava nos meus alhos, em dia de trabalho e vive um rapaz inteligente, também com o filho dele, então quando ele foi ao quarto de Inácio e viu que ele estava dormindo em um quarto, ele ficou em um quarto empilhado e começou a me contar coisas dizendo que eu não sei de nada e dei um berço.

Depois do tempo não consegui lavar a roupa ali e descer de dia, isto que ele estava dizendo mesmo, de verdade, que afinal? Borges chegou em casa e viu a roupa na máquina e disse que eu estava a fazer que tinha ali uma máquina. No dia seguinte Borges chegou em casa.

de hās mīenti bāgus eē afai mīdās fām
māllāgus olānīscu e nām qe dīstīngū.

11/11/16

Um marido

Meu nome é D. Sirlene. Tenho 24 anos, vivo na rua da Paqueta, perto do meu marido, Borges, o pedreiro, que tem um sobrinho chamado Inácio. O menino tinha apenas 15 anos.

Um dia meu marido chegou, com Inácio de um carro e disse que ele seria seu ajudante no trabalho. Logo no primeiro dia ele ficou admirado com meu marido, e achou ele bonito, depois dos cumprimentos tomamos café juntos, Borges também brava com o garço no momento.

Eu notei que o Inácio toda hora olhava para meu marido e depois do café o Borges pediu para eu apertar o quarto para o menino e lá no quarto o Inácio:

- O Sirlene e seu marido e já é nota

Eu fiquei muito sem graça e fui para cozinha, os dois foram trabalhar. Quando chegaram do trabalho o Borges estava muito bravo, falando muita besteira sobre o Inácio. Eu parei de falar com aquilo de uma vez e fui para o quarto. Borges não gostou, disse que aquilo "merda" mas meia noite eu fui que meu marido deitou para lá e era o primeiro dia de deitar.

No dia de dormir o Inácio me abraça toda hora. Um dia meu marido estranhou e diz que vai dormir.

Quando acordou fiz o café e ele para Borges ele também foi trabalhar. O Inácio continua dormindo. Eu fui no quarto dele e fiquei ali com ele dormindo, me aproximei dele e ele me abraça em seu abraço, seu abraço, depois ele acordou, fez tomar café com o leite. Eu fiquei preocupada pensando que Inácio podia gostar de mim, fiquei imaginando isso até o Borges chegar.

Quando o Borges chegou disse para o Inácio

- quando vai nos abraçar

Eu, fiquei sem reação. O Borges contou o caso que a hora estava com uma clima muito quente e perguntou se que tinha

MEMÓRIAS

acontecido. Eu não disse o que aconteceu, só fêli que o Ince,
dormiu, e dia Tado. Ele acitou, e fême dormiu.

De repente algo inesperado aconteceu e o início foi
no meu quarto, chegou com cuidado perto de minha cama
e me deixou eu acordar e ele. ~~De~~ ao meu lado ficou sem
respiro e correu para o quarto dele. Eu fiquei pensando que ele
deu-me amor, mas não nunca vai dar certo. No dia
seguinte, ele foi embora e nunca mais eu vi ele.